00141911

THE
ASIATIC SOCIETY OF BOMBAY
Town Hall, Bombay.

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016

141911

# DA ASIA
## DE
# DIOGO DE COUTO.

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

## DECADA SEXTA

*PARTE SEGUNDA.*

Vol 6 Pt 6
1984

LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO M.DCC.LXXXI. 1781

*Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.*

H.H.J-29

00141911

# INDICE

## DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM NESTA PARTE II. DA DÈCADA VI.

## LIVRO VI.

CAP. I. *De como os naturaes da Cidade de Adém se confederáram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir soccorro.* Pag. 1.

CAP. II. *De como D. Paio de Noronha despedio recado ao Governador D. João de Castro: e de como ElRey de Camphar foi soccorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais succedeo.* 10.

CAP. III. *De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceo.* 15.

CAP. IV. *Do recado, que o Governador D. João de Castro teve de Adém: e como mandou seu filho D. Alvaro de Castro de soccorro: e das galés dos Turcos, que sahíram de Moçá em favor dos seus: e do que D. Paio fez.* 22.

CAP. V. *De como D. Paio de Noronha ſe foi ſecretamente de Adém: e os Turcos entráram aquella Cidade, e matáram ao Principe, e ſeus irmãos: e do que aconteceo a D. João de Taíde na jornada: e de como os Turcos lhe corrêram.* 30.

CAP. VI. *De como D. Alvaro de Caſtro chegou aos Ilheos de Canecanim, onde ſoube a perda da Cidade de Adém: e de como foi ſobre a fortaleza de Caxém, e a tomou.* 38.

CAP. VII. *Da Armada de Lourenço Pires de Tavora, que chegou ao Reyno com as novas da vitoria de Dio: e das náos que ElRey deſpedio em Outubro: e das honras, e mercês que mandou ao Governador D. João de Caſtro.* 49.

CAP. VIII. *Que contém a cópia das cartas, que ElRey D. João, e o Infante D. Luiz ſeu irmão eſcrevêram ao Viſo-Rey D. João de Caſtro.* 55.

CAP. IX. *De como o Viſo-Rey D. João de Caſtro adoeceo: e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey ſobre ſua pobreza: e de como faleceo: e em que tempo: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.* 62.

# LIVRO VII.

CAP. I. *De como por morte do Viso-Rey D. João de Castro succedeo Garcia de Sá: e das pazes que fez com o Idalxá.* Pag. 73.

CAP. II. *De como matáram em Dio Luiz Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das Armadas, que ElRey despedio pera a India.* 79.

CAP. III. *De como nesta Armada do anno de 1548. de que era Capitão mór Manoel de Mendoça, trouxeram os Padres da Companhia huma cabeça das onze mil Virgens, que foi muito bem recebida em Goa: e das novas que o Governador Garcia de Sá teve de Dio, e despachou Martim Correa da Silva pera aquella fortaleza: e dos Embaixadores que a Goa vieram dos Reys vizinhos.* 83.

CAP. IV. *De como o Governador Garcia de Sá partio pera o Norte: e das pazes que fez com ElRey de Cambaya, e mandou Francisco de Sá a Surrate.* 88.

CAP. V. *De como ElRey de Tanor na costa do Malavar se fez Christão, e veio a Goa: e do grande recebimento que se lhe fez.* 92.

CAP. VI. *Das cousas, que acontecêram a*

*Francisco de Sá em Surrate com humas náos de Mouros: e de como o Governador Garcia de Sá despachou as cousas de Maluco: e do casamento de duas filhas.* 106.

CAP. VII. *Das cousas, que acontecêram em Ormuz no alevantamento de Bislalá: e de como D. Manoel de Lima o mandou matar.* 110.

CAP. VIII. *Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello em Pegú: e de como foi em companhia daquelle Rey contra o de Sião: e do poder, estado, e ordem com que este Rey caminha: e do que lhe aconteceo até chegar a Sião.* 115.

CAP. IX. *Da descripção da Cidade de Sião: e de como o Bramá a commetteo, sem fazer cousa alguma: e de como foi contra a Cidade de Camambee.* 123.

CAP. X. *De como faleceo o Governador Garcia de Sá: e das partes, e qualidades de sua pessoa.* 133.

# LIVRO VIII.

CAP. I. *De como por morte do Governador Garcia de Sá succedeo na governança da India Jorge Cabral: e da Armada que este anno de 1549 partio do Reyno, de que era*

*era Capitão mór D. Alvaro de Noronha.* 137.

CAP. II. *De como o Rey da Pimenta ſe paſſou á parte do Çamorim, perfilhando-ſe com elle: e do recado que o Governador teve diſſo.* 143.

CAP. III. *De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim: e das couſas que paſſáram naquella Cidade, em quanto nella eſteve: e de como ElRey da Cota lhe mandou pedir ſoccorro contra o Madune.* 148.

CAP. IV. *De outro recado que o Governador Jorge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Jorge de Caſtro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até ſe recolher: e o que aconteceo a Baſtião de Sá no Malavar.* 154.

CAP. V. *De como o Governador Jorge Cabral deſpachou D. Alvaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em ſua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a eſpiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes.* 159.

CAP. VI. *Da diſſimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Caſtro Padres pera ſe fazer Chriſtão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes ſuccedeo na viagem.* 165.

CAP. VII. *De como ElRey da Cota, e Dom Jorge de Caſtro partíram pera Ceitavaca: e dos ſitios dos fortes que por eſte caminho achâram: e de como os ganhâram, e desbaratâram o Madune, e lhe tomâram a Cidade de Ceitavaca.* 169.

CAP. VIII. *De como o Rey da Pimenta ſe tornou pera o ſeu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buſcar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.* 180.

CAP. IX. *De como o Çamorim paſſou ao Reyno da Pimenta pera tomar poſſe delle, por lhe pertencer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da eſpantoſa viagem que fez.* 187.

CAP. X. *Das couſas, que acontecêram em Maluco até chegar Jordão de Freitas: e de como Bernaldim de Souſa entregou a fortaleza a Chriſtovão de Sá: e de outras couſas que mais paſſâram.* 195.

CAP. XI. *Das couſas, que o Governador Jor-*

*Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés se tornáram a desarmar, e despedio Manoel de Sousa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais succedeo.* 201.

CAP. XII. *Do que aconteceo a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautaques: e da desgraça que lhe aconteceo.* 206.

CAP. XIII. *De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim, e de caminho destruio as Cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, e Panane: e de como estando pera dar em Bardela, lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha.* 210.

# LIVRO IX.

CAP. I. *De como ElRey D. João o III. mandou por Viso-Rey da India Dom Affonso de Noronha no anno de 1550: e do que lhe aconteceo na viagem até chegar a Cochim.* 221.

CAP. II. *De algumas cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha provêo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito, sobre que houve differenças an-*

tre

*tre D. Jeronymo de Caſtello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey: e da grande vitoria que os noſſos houveram em Cochim de ſima de oito mil Nayres Amoucos: e de como Jorge Cabral ſe embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de ſua peſſoa.* 230.

CAP. III. *Do que aconteceo a Luiz Figueira no Eſtreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as ſuas galeotas: e de como de deſconfiado inveſtio a Capitania: e de como foi morto, e o ſeu navio tomado.* 238.

CAP. IV. *De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha mandou Dom Antão de Noronha com huma groſſa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que deſpachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha ſe perdeo no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceo até vir a Goa.* 243.

CAP. V. *Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da diſſimulação com que mandou viſitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.* 250.

CAP. VI. *De como os Reys da liga deſembarcáram em Malaca, e ganháram as povoações de fóra, e queimáram as nãos*

que

*que estavam no porto : e do que fez o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.* 257.

CAP. VII. *De como os inimigos começáram a bater a fortaleza : e de como chegou a ella D. Garcia de Menezes : e de huma sabida que fez aos inimigos, em que o matáram.* 263.

CAP. VIII. *Do que aconteceo ao homem que levou o recado do cerco de Malaca : e de como Gil Fernandes de Carvalho, que estava em Quedá, se fez prestes pera a ir soccorrer : e como este recado chegou ao porto grande : e dos soccorros que se ajuntáram : e das cousas que succedêram em Malaca neste cerco.* 270.

CAP. IX. *Do grande assalto que os Mouros deram á fortaleza, de que sahíram desbaratados : e do que os inimigos determináram em damno da fortaleza : e de outro grande conselho que deo o mesmo homem contra o intento dos inimigos; pelo que se alevantáram os Malaios do cerco, e ficáram os Jáos : e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca, e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou.* 279.

CAP. X. *Do que aconteceo na jornada a D. Rodrigo de Menezes até chegar a Maluco : e das differenças que Bernaldim de Sousa teve com Christovão de Sá*

sa-

ſobre aquella Capitanía: e de como Bernaldim de Souſa foi cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceo na deſembarcação. 290.

CAP. XI. *Do ſitio, e fortificação da fortaleza de Geilolo, e de como os noſſos a batêram: e das couſas que ſuccedêram no cerco: e dos ardís de que ElRey de Tidore uſou pera ver ſe deixavam os noſſos o cerco.* 299.

CAP. XII. *De como Bernaldim de Souſa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della ſe entregáram a partido.* 309.

CAP. XIII. *De como o Capitão entrou na fortaleza de Geilolo, e das cruezas que ſe nella fizeram: e de como ſe derribou: e das mais couſas que ſuccedêram.* 31[illegible]

CAP. XIV. *Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada de Catifa: e de como bateo aquella fortaleza, e os Turcos a deſpejáram, e do deſaſtre que alli aconteceo aos noſſos.* 325.

CAP. XV. *De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá, e entrou o rio Eufrates, e tomou huma fortaleza aos Turcos: e do ardil de que o Baxá uſou pera a noſſa Armada ſe recolher.* 333.

CAP. XVI. *Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de como*

mo

*no matáram este Rey por desastre: e da Armada que este anno de sincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha partio pera Ceilão.* 338.

CAP. XVII. *De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota: e do concerto que ambos fizeram contra o Madune: e de como o desbaratáram, e tomáram a Cidade de Ceitavaca.* 345.

CAP. XVIII. *De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceo: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e saco no Chembe: e do que alli lhe succedeo.* 351.

CAP. XIX. *De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitanía de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou ácerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão.* 360.

CAP. XX. *De como Bernaldim de Sousa foi contra ElRey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das desavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das cou-*

*cousas, que mais succedêram até se embarcar pera a India.* 366.

CAP. XXI. *Do que aconteceo ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cafraria.* 379.

CAP. XXII. *Do que fez Manoel de Sousa de Sepulveda depois de estar em terra: e do que lhe aconteceo no caminho: e da muita piedosa, e lastimosa morte de sua mulher, e filhos: e de como elle se metteo pelo mato, onde desappareceo.* 386.

# LIVRO X.

CAP. I. *De como o Turco mandou huma Armada de vinte e sinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceo a algumas galés com os nossos navios naquelle Estreito.* Pag. 404.

CAP. II. *De como Pirbec passou pera Mascate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos desembarcáram em Mascate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro se lhe entregáram a partido.* 411.

CAP. III. *De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram*

*ram á fortaleza: e do que aconteceo em todo o diſcurſo delle.* 415.

CAP. IV. *De como os Turcos alevantáram o cerco: e dos recados que paſſáram antre Pirbeque e o Capitão: e de como os inimigos ſaqueáram a Ilha de Queixome.* 423.

CAP. V. *Do recado que chegou a Goa das galés: e de como D. Diogo de Noronha o Corcôs, e D. Antonio de Noronha partíram pera Ormuz em duas fuſtas: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha ſe preparou pera ir em peſſoa ao ſoccorro: e da falla que fez na Camara de Goa, pedindo-lhes ajuda, e empreſtimo.* 427.

CAP. VI. *Da Armada que eſte anno de ſincoenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria: e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha ſe embarcou pera Ormuz: e das novas que no caminho teve das galés ſerem recolhidas: e de como deſpedio D. Antão de Noronha com huma groſſa Armada pera aquella fortaleza: e de como mandou Franciſco Barreto com poderes de Governador a Cochim a fazer a carga das náos do Reyno.* 435.

CAP. VII. *De como Diogo de Mello, Capitão de Ceilão, prendeo Tribuly Pandar*

*pai*

*pai de ElRey: e das cousas que neste tempo acontecêram em Malaca no principio da Capitanía de Dom Alvaro de Taíde.* 441.

CAP. VIII. *Das cousas, que acontecêram a Francisco Barreto em Cochim: e de como D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Sousa chegáram a Goa: e do que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez.* 450.

CAP. IX. *De huma Armada de Malavares, que foi á costa da Pescaria, e dos damnos que por ella andou fazendo: e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á sua custa, e a foi buscar: e de como encontrou esta Armada, e pelejou com ella, e a desbaratou, e tomou.* 456.

CAP. X. *Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz: e do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorá: e do que mais passou D. Antão de Noronha, até entregar a Armada a Dom Diogo de Noronha.* 465.

CAP. XI. *De como Francisco Lopes de Sousa chegou a Maluco, e das cousas que fez: e de como faleceo: e das differenças que houve sobre quem succederia naquella Capitanía: e das cousas que sobre isso fez o Rey.* 471.

CAP. XII. *Das cousas que este anno acontete-*

tecêram em Ceilão : e de como Tribuly Pandar, que eſtava prezo, ſe fez Chriſtão, e fugio da prizão : e dos damnos que fez, e de outras couſas. 478.

CAP. XIII. De como o Turco teve recado do Baxá de Baçorá, das couſas que Pirbec fez em Maſcate, e Ormuz : e de como mandou Moradobeç, que lhe tornaſſe quinze galés ao porto de Moçá : e de como Pirbec chegou á Corte, e o Turco lhe mandou cortar a cabeça : e de como Dom Diogo de Noronha ſe encontrou com Moradobec : e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque. 485.

CAP. XIV. Da Armada que eſte anno de ſincoenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão de Alvares Cabral : e das couſas em que ElRey mandou prover : e de como o Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha partio pera Cochim. 494.

CAP. XV. De algumas couſas que acontecêram ao Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha até chegar a Cochim : e dos conſelhos que tomou ſobre dar no Chembe : e de como ſe aſſentou darem nas Ilhas alagadas, e de como as deſtruíram. 501.

CAP. XVI. Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude : e de como D. Diogo de Almei-

*meida deo na Cidade de Dio, e a destruio.* 508.

CAP. XVII. *Das pazes que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez com o Rey de Chembe: e das náos que partíram pera o Reyno: e de como se perdeo a náo São Bento na costa da Cafraria.* 518.

CAP. XVIII. *Das cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha proveo: e de como mandou seu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Estreito: e da sentença que se deo contra D. Alvaro de Taíde, Capitão de Malaca: e dos Capitães que foram entrar em suas fortalezas: e do que aconteceo na jornada a D. Francisco de Menezes até chegar a Ormuz.* 520.

CAP. XIX. *De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, tomou a fortaleza aos Mouros: e da gente que Abiscan mandou de soccorro: e do recontro, que com ella teve Fernão de Castanhoso, em que foi morto com dezesete soldados: e de como D. Diogo de Noronha acudio, e lançou os Mouros fóra da Ilha.* 529.

CAP. XX. *De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Alechelubi, por lhe levar as galés de Baçorá a Suez: e de como sahio de Baçorá, e se encontrou com a Armada de D. Fernando de Menezes, e lhe tomou seis galés.* 537.

DE-

# DECADA SEXTA.

## LIVRO VI.

### Da Historia da India.

### CAPITULO I.

*De como os naturaes da Cidade de Adém se confederáram com ElRey de Camphar, e lhe entregáram aquella Cidade: e do recado que mandáram a Ormuz, e a Goa a pedir soccorro.*

NO Cap. IV. do V. Liv. da quinta Decada fica dito, como o Baxá Soleimão Eunuco, depois de se levantar desbaratado de sobre Dio, fugindo á Armada Portugueza, fora ter á Cidade de Adém, onde deixou por Baxá Mir Mostafá, torto de hum olho, com quinhentos Turcos de guarnição. Em seu lugar succedeo depois outro Baxá, chamado Marzão, homem tambem máo, e perverso,

como todos os Turcos o são. Esse com todos os mais usando de suas naturezas, assim avexáram, maltratáram, e perseguíram aos naturaes, e moradores daquella Cidade, affrontando-os em suas mulheres, e filhas, que de não poderem já soffrer mais, tratáram de sacudir do pescoço tão pezado jugo, e izentarem-se de tão tyrannica servidão; e pera isso se carteáram em muito segredo com Alibem Soleimão, Rey de Camphar seu vizinho, promettendo-lhe entrada dentro na Cidade, e de o levantarem por seu Rey. Por tal modo tratáram este negocio, que lhe deo ElRey orelhas, e lançou mão dos cumprimentos. E ordenado antre elles o modo que se havia de ter, depois de tudo assentado, partio ElRey de Camphar com mil homens do seu Reyno, que deixou entregue a seu filho mais velho, levando comsigo dous que tinha mais; hum legitimo, moço de treze, ou quatorze annos; e outro bastardo de vinte e dous, homem mui formoso, e bem disposto, e de muito bom entendimento; e tal ordem teve na jornada, que chegou de noite a Adem, e foi demandar a porta por onde havia de entrar a Cidade, onde já os conjurados o esperavam, que o mettêram dentro sem serem sentidos. E logo commettêram o Castello, que foi entrado a poucos golpes, e mortos os

que

que nelle eſtavam de guarnição, e cativos vinte e ſinco Turcos, os mais delles bombardeiros, ficando ſenhor do Caſtello.

O Baxá Marzão tanto que ſentio o reboliço, ajuntou os Turcos, que ſeriam perto de quinhentos, e ſe fez forte em ſeus Paços, porque não ſabia o que aquillo era, e alli eſteve até amanhecer. ElRey de Camphar, que eſtava no Caſtello, paſſada a noite, ſe poz em ordem pera ir dar batalha ao Baxá, porque já ſabia que eſtava forte nos Paços, mandando-lhe diante hum recado, em que lhe fazia a ſaber, como fora chamado dos moradores daquella Cidade pera ſer Rey, que ſe quizeſſe, que ſe viſſem ambos em campo, e que ſe averiguaſſe aquelle negocio por armas em huma batalha campal, que eſtava preſtes pera iſſo. E que ſe tambem lhe quizeſſe largar aquella Cidade, que era ſua, que elle lhe dava licença pera ſe poder ſahir della livremente com ſuas mulheres, filhos, armas, e tudo o mais que comſigo pudeſſem levar.

Dado eſte recado ao Baxá, como elle, e todos eſtavam medroſos, aſſentáram deixar a Cidade, como logo fizeram, levando cada hum o que pode, ficando ElRey de Camphar ſenhor de tudo, e havido de todos os naturaes por Rey. E logo mandou fortificar a Cidade, e proveo os paſſos, e

baluartes de gente de guarnição, porque bem entendeo que os Turcos não eram homens, que dissimulavam com affrontas. O Baxá Marzão com todos os seus se foram metter em huma fortaleza, que estava pera o certão, quasi oito leguas, donde sahia todos os dias a dar vista á Cidade, occupando-lhe os campos todos, e tomando-lhe os passos do certão, pera que lhe não pudessem entrar mantimentos, no que lhe deo grande trabalho. Vendo ElRey que daquella maneira ficava arriscado a huma desaventura, e fome, chamou a conselho os moradores de Adém, e praticou com elles o modo que se podia ter pera os Turcos os não inquietarem, nem pôrem de cerco, porque hia já sentindo a falta de tudo.

E praticando sobre isto, foram os mais de parecer, que mandassem a Ormuz a pedir soccorro aos Portuguezes, e que se lhes promettesse a fortaleza, pera com seu favor, e protecção ficarem seguros dos Turcos. E que entre tanto mandasse recado a seu filho, que ficava em Camphar, que ajuntasse toda a gente que pudesse, e fosse cercar a fortaleza dos Turcos, e trabalhasse pela tomar, primeiro que fossem soccorridos de Baçorá. Pareceo-lhe a ElRey muito bem aquelle conselho, e com muita pressa escreveo a seu filho, que ajuntasse tres

mil

mil homens, e foſſe cercar os Turcos, e ſe não levantaſſe de ſobre aquella fortaleza ſem lha tomar; e juntamente deſpedio huma terrada com cartas ao Capitão de Ormuz, em que lhe pedia o mandaſſe ſoccorros, offerecendo-lhe os partidos que diſſemos da fortaleza da Cidade, e Alfandega della.

O Principe de Camphar em lhe dando as cartas do pai, ajuntou logo tres mil homens muito bem negociados, e foi com elles marchando pera a fortaleza, em que os Turcos eſtavam, que tendo aviſo de ſua ida, ſe recolhêram dentro, e ſe fortificáram. O Principe lhe poz cerco; mas por ſer mancebo, e pouco experimentado, deixou de tomar a fortaleza nos primeiros dias. Os que levavam o recado pera Ormuz, foram tomar Caxém pera fazerem agua; e ſabendo aquelle Rey como hiam buſcar os Portuguezes pera lhe entregarem a Cidade de Adém, como era grande inimigo dos Turcos, por ſerem aborrecidos de todos, e era muito amigo dos Portuguezes, deſpedio logo trezentos Fartaquins em ſoccorro de Adém, mandando offerecer a ElRey de Camphar tudo o que mais houveſſe miſter até os Portuguezes chegarem. Elles chegáram em poucos dias áquella Cidade, onde foram mui bem recebidos de ElRey, e póſtos nos mais impor-

portantes, e principaes paſſos, e baluartes pera ſua defensão.

A terrada que hia pera Ormuz, entrou em breves dias do Cabo de Reſolgate pera dentro no mez de Outubro paſſado, e alli encontrou D. Paio de Noronha, que andava por Capitão mór daquelle Eſtreito com doze navios de remo. E ſabendo do Embaixador de ElRey de Camphar ao que hia a Ormuz, deſpedio huma das fuſtas da ſua Armada em ſua companhia, com cartas ao Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe pedia por mercê, que ſe elle não havia de ir em peſſoa áquelle negocio, lhe déſſe licença pera o fazer com aquella Armada que trazia. Chegado eſte recado a Ormuz, pareceo-lhe ao Capitão eſte negocio duvidoſo, e houve que não poderia ElRey de Camphar ſuſtentar-ſe contra os Turcos, porque eſtava certo acudir-lhe ſoccorro de Baçora; e que ſe ſe metteſſe cabedal naquella jornada, eſtava arriſcado a ſer de nenhum effeito: pelo que logo deſpedio o Embaixador de ElRey, e a fuſta de D. Paio, a quem eſcreveo, que foſſe em companhia do Embaixador de Adém, em dous navios quaes elle eſcolheſſe, e os mais deixaſſe em guarda daquelle Eſtreito; e que ſe achaſſe ainda ElRey de Camphar naquella Cidade, que ſe metteſſe dentro com ſincoenta homens,

por-

porque esses bastavam pera se defender dos Turcos, em quanto lhe não hia mais soccorro; e que lhe despedisse logo recado pera lhe mandar gente, e navios; e quando não, que se tornasse pera aquelle Estreito.

Dado este recado a D. Paio de Noronha, logo se partio pera Adém na galeota em que andava, que se chamava Santa Isabel, em que levava quarenta soldados escolhidos; e outro navio, de que era Capitão Pero Fernandes de Carvalho com trinta. Os Cavalleiros conhecidos que D. Paio escolheo pera esta jornada foram, João de Alboquerque, Antonio da Rocha, Francisco Vieira, Diogo Correa, Antonio de Figueiredo, Antonio Cornejó, que ainda hoje vive em Chaul, de quem soubemos a mór partes destas cousas, Pero Cornejo seu irmão, Christovão das Neves, Martim Gralho, Francisco Rodrigues, e outros. E dando á véla pera Adém em companhia do Embaixador, foram correndo a costa de Arabia, tomando todas as angras, enceadas, e bahias, por onde encontráram algumas gelvas, e terradas de Mouros da outra costa de Barborá, Zeilá, Mete, que tomáram, humas vasias, outras com seus recheios, fugindo-lhes pera a terra todos, sómente tres que se cativáram. E chegando á fortaleza de Dofar, entrando a bahia, lhe atirá-

rá-

ríram muitas bombardadas; e achando huma huma náo carregada de cifas, lhe puzeram o fogo, que ardeo braviffimamente; e huma terrada que fe foi abicar a terra, a foram tirar a poder de efpingardadas, e affaftando-a pera fóra, armáram nella huma forca, em que enforcáram os tres Mouros, que tomáram nas terradas atrás, e outros alguns que acháram na náo; e depois puzeram fogo á terrada á vifta da fortaleza.

Partidos dalli chegáram a Xaél, cujo Rey foi fempre amigo dos Portuguezes, e eftava fóra em campo contra o Rey de Caxém, que tendo fabido que tinham de Adém mandado chamar os Portuguezes pera lhe entregarem aquella Cidade, receando-fe delles, deixou recado na fortaleza, que fe por alli paffaffe Armada Portugueza, a proveffem de tudo o neceffario, fazendo da neceffidade virtude; porque já que vinham fer feus vizinhos, queria começar a grangear fua amizade. Os Regedores da fortaleza tanto que víram as fuftas em feu porto, mandáram vifitar D. Paio com hum prefente de coufas da terra, e agua em abundancia, offerecendo-lhe o de que mais tiveffe neceffidade. Dom Paio pela que tinha acceitou tudo, detendo-fe alli aquelle dia, e ao outro tornou a continuar feu caminho, e foram tomar o porto de Berrumá antes de Adém, donde partí-

tíram á meia noite, e foram tomar de madrugada a bahia daquella Cidade, onde surgíram. Foram logo dadas a ElRey novas, que eram chegadas fustas dos Portuguezes, com o que toda a Cidade se alvoroçou, e despedio pessoas principaes de sua casa, pera que fossem desembarcar o Capitão, a quem mandou os parabens de sua vinda, e muito refresco de carneiros, gallinhas, e de outras cousas que havia na terra.

D. Paio se negociou logo, e desembarcou com só quatro homens que escolheo, e na praia achou alguns cavallos, mui bem concertados, e acubertados pera sua pessoa. E cavalgando em hum, os mais levou diante de si, e os soldados derredor delle, e entrou em casa de ElRey, que o recebeo com muita honra, deitando-lhe aos hombros huma formosa Xamata, que são huns pannos de seda, e algodão lavrados de ouro, que aquelles Reys costumam a trazer por capas, e he a mór honra que podem fazer a huma pessoa grande, quando a querem muito festejar, e honrar. Alli logo praticáram sobre as cousas daquella Cidade, dizendo-lhe, que era de ElRey de Portugal, e que como sua lha entregava, pera tratar de sua fortificação, e defensão. E por serem horas de jantar, o mandou agazalhar em humas casas, que pera isso tinha despejadas, e se lhe deo

to-

todo o neceſſario. Aqui eſteve D. Paio até noite, que ſe recolheo ao ſeu navio, e ao outro dia deſembarcou com toda a gente das fuſtas poſta em armas, que ainda que tão pouca, luſtrava muito, e foi ver ElRey que o levou pela mão, e lhe foi a moſtrar o muro, e fortificação da Cidade da banda do certão, entrando nos baluartes, em que eſtavam os dous filhos, que recebêram Dom Paio com muita honra. Alli deixou em companhia do legitimo Pero Fernandes de Carvalho com dez ſoldados, e com o baſtardo Antonio de Figueiredo com outros tantos, e os outros repartio por eſtancias mais perigoſas: com iſto ficáram os naturaes mais deſcançados, por deſcarregarem ſobre os noſſos todo o trabalho da fortificação, e vigia.

## CAPITULO II.

*De como D. Paio de Noronha deſpedio recado ao Governador D. João de Caſtro: e de como ElRey de Camphar foi ſoccorrer o filho, que tinha os Turcos cercados: e do que mais ſuccedeo.*

ANtre as couſas que D. Paio de Noronha tratou com ElRey, das primeiras foi, que devia mandar Embaixador ao Governador a dar-lhe conta do que era paſſado, e pedir-lhe ſoccorro, porque elle de-

ter-

terminava de mandar hum navio com recado, de como ficava naquella Cidade. A ElRey pareceo bem aquelle conselho, e mandou logo embarcar hum seu cunhado, irmão de sua mulher, no navio S. Francisco, em que tinha ido Pero Fernandes de Carvalho, de que D. Paio de Noronha deo a Capitanía a Diogo Correa, e por elle escrevêram ambos ao Governador todas as cousas succedidas até então, pedindo-lhe, que lhe mandasse gente, e munições pera segurança daquella Cidade, que ficava a devoção, e serviço de ElRey de Portugal, dando ElRey a seu cunhado todos os seus poderes pera tudo o que assentasse com o Governador.

Este navio se fez á véla tres dias depois de D. Paio chegar áquella Cidade, e de sua jornada adiante daremos razão, porque he necessario continuarmos com o Principe de Camphar, que estava sobre a fortaleza dos Turcos.

Este Principe se houve tão floxo neste negocio, pela pouca experiencia que tinha das cousas da guerra, que deo atrevimento aos Turcos pera lhe sahirem algumas vezes, e dar-lhes alguns assaltos com perda, e affronta sua, do que o pai foi logo avisado; e receando que a pouca disciplina militar do filho désse occasião aos Turcos pera o desba-

fartarem de todo, determinou de lhe foccorrer. E porque tinha a Cidade de Adém fegura em poder dos Portuguezes, quiz elle em peffoa acudir áquelle negocio primeiro, que vieffe a maior mal. Difto deo conta a D. Paio, pedindo-lhe, que em quanto elle hia foccorrer feu filho, quizeffe tomar aquella Cidade em fua guarda com os dous filhos que nella deixava, e com os trezentos Fartaquins que lhe vieram de foccorro, porque fe elle não foffe averiguar aquelle negocio, nunca teria fim, que como elle lá chegaffe enviaria feu filho, que lhe pedia muito, que tanto que tiveffe novas de fua chegada, o foffe efperar á porta da Cidade, e o levaffe pela mão até o metter em fua eftancia, e lhe déffe alguns Portuguezes pera fua guarda. Ifto lhe pedio parece, por fegurar o filho que havia de fer o herdeiro, porque devia de fe recear dos outros filhos. Pedindo mais a D. Paio, que fe elle morreffe naquella demanda, o fizeffe logo alevantar por Rey. D. Paio diffe, que o ferviria em tudo como lhe mandava.

ElRey fe defpedio delle, levando dous mil homens comfigo, e no caminho encontrou o filho que fe hia recolhendo, por não poder aturar os affaltos dos Turcos, em que lhe matáram muita gente. E fabendo o que era paffado, ficou enfadadiffimo, e apai-

xo-

xonando-se contra o filho, não lhe querendo escutar razões, tomando-lhe a gente que trazia, lhe mandou, que se fosse pera Adém, e que não entrasse na Cidade sem o Capitão dos Portuguezes o ir buscar, e o levar pela mão até o pôr na sua estancia; e que não fizesse senão o que lhe elle mandasse.

Despedido o Principe, foi ElRey marchando pera a fortaleza dos Turcos, e o Principe pera Adém. Aquella noite que se ElRey partio, se recolheo D. Paio de Noronha nos Paços com alguns Portuguezes, e toda a noite ouvíram por toda a Cidade grande revolta, e muitos gritos, e alaridos, e andar a gente pelas ruas de huma parte pera a outra, o que embaraçou muito os nossos, por não saberem o que aquillo era, e toda a noite estiveram com as armas nas mãos na mór confusão, e temor que podia ser. Tanto que amanheceo, não fazendo D. Paio discurso, nem consideração alguma, e sem mandar saber o que aquillo era, se sahio dos Paços, e se foi embarcar na sua galeota, e della mandou recado a Pero Fernandes de Carvalho, e aos mais que estavam nas estancias, que se recolhessem, como fizeram. Isto sentíram os filhos de El-Rey muito, porque estavam com elles seguros, e descançados.

Ao outro dia chegou á porta da Cidade

do filho mais velho de ElRey, e não quiz entrar dentro, senão pela ordem que seu pai lhe tinha dado; pelo que mandou recado a D. Paio de Noronha, de como era chegado, pedindo-lhe o fosse recolher na Cidade, porque não podia entrar nella sem elle, por assim lho ter seu pai mandado. D. Paio se lhe mandou escusar com se fingir mal disposto, mandando-lhe dizer, que mui bem podia entrar na Cidade, pois era sua. Sobre isto tornou o Principe a lhe mandar dizer, que todavia elle não havia de traspassar os mandados de seu pai, nem havia de entrar sem elle; e sobre isto corrêram recados de parte a parte por quatro vezes, sem D. Paio querer desembarcar. Vendo o Principe aquillo, entrou na Cidade, e se foi metter na estancia do pai com seus criados, e apaniguados. Tanto que anoiteceo, mandou D. Paio a Antonio de Figueiredo, e a Pero Fernandes de Carvalho com os soldados de sua companhia, que se fossem pera a estancia do Principe, e que tanto que fosse manhã, logo se recolhessem ao navio, onde elle se deixou ficar. Isto foi continuando muitos dias, sem D. Paio desembarcar nelles, com ter cada dia muitos recados do Principe, e com alguns Cavalleiros honrados de sua companhia lhe fazerem algumas lembranças de sua honra, determinan-

nando esperar alli no mar recado do Governador, porque houve por sem dúvida que lhe fariam traição.

## CAPITULO III.

*De como ElRey de Camphar commetteo os Turcos: e de como foi morto em hum assalto, e os Turcos foram cercar a Cidade de Adém: e do mais que lhe aconteceo.*

ELRey de Camphar tanto que se apartou do filho, como dissemos no Capitulo atrás, foi marchando pera a fortaleza dos Turcos, que logo foram avisados de sua ida, e estavam recolhidos nella. E chegando ElRey a ella, lhe poz cerco á roda, e a commetteo com muita determinação por alguns dias, havendo sempre mortes, e damnos de ambas as partes. ElRey como era muito animoso, e bom cavalleiro, determinou de averiguar aquelle negocio depressa, e mandou pera este effeito fazer muitas escadas, pera metter todo o cabedal naquelle derradeiro assalto. E tendo tudo prestes, commetteo a fortaleza com grande furia, e animo, rodeando-a de escadas, e commettendo os Camphares a subida mui animosamente; mas todavia como o haviam com Turcos, homens tão experimentados na guerra, e tão cursados nos trabalhos, custoulhes

lhes muitas mortes, e feridas, mas não sem damno seu. ElRey de Camphar andava animando os seus, fazendo-os subir, e acudindo ás partes mais necessarias; e em fim tanto trabalhou, que cavalgáram os seus o muro, travando-se em sima huma aspera batalha. Mas quiz a ventura dos Turcos, que se désse huma espingardada em ElRey de Camphar, de que cahio logo morto. Os seus tanto que o víram assim, perdendo o animo, tornáram a alargar os lugares que tinham ganhado, e se recolhêram a seu arraial com bem de damno. E sem tratar mais de Adém, foram logo caminhando pera Camphar, sem lhes lembrar que deixavam o seu Principe naquella Cidade; porque estavam certo irem os Turcos com esta vitoria a cercallo, ficando tão descoraçoados, que nem mandáram avisar o Principe, nem tratáram de mais, que de segurarem suas vidas.

As novas da morte de ElRey, ou huma fama surda della, chegou a Adém, sem se saber como, nem por onde, e assim chegáram ás orelhas do Principe, que as encubrio o melhor que pode, porque receou que os Portuguezes o desamparasse, e que todos os da Cidade se levantassem contra elle. Não deixou de chegar a D. Paio de Noronha hum rumor deste negocio, com que se embaraçou, e mandou perguntar ao Princi-

cipe, que novas tinha de ElRey seu pai, elle lhe mandou dizer, que muito boas; e todavia indo-se ellas declarando mais, lhe tornou a mandar dizer, que se era verdade que ElRey era morto, lho não negasse, porque soubesse certo, que se tal fizesse, que se iria. Vendo-se o Principe apertado, lhe mandou dizer em segredo a verdade de tudo, e que por lhe parecer assim necessario, e por os seus se não alterarem, o tinha encuberto, e que isso havia elle tambem de fazer, por não darem animo aos naturaes pera tratarem alguma alteração, porque o tempo não estava pera nojos, nem pera desconfianças.

Isto fez algum abalo em D. Paio de Noronha; mas já lhe era necessario esperar recado do Governador, como lhe tinha escrito. Os Turcos tanto que víram o arraial dos inimigos levantado, mandando-os espiar, sabendo de certo que se hiam pera Camphar, foi o seu alvoroço grande, porque bem entenderam que em Adém havia de haver alguma mudança com as novas da morte de ElRey, e alguns desconcertos antre os filhos; e não querendo perder tão boa occasião, foram logo pôr cerco á Cidade, amanhecendo hum dia sobre ella. D. Paio de Noronha foi avisado disto, e mandou dizer ao Principe, que a primeira cousa que

havia de fazer, era mandar arrecadar em boa prizão aos vinte e ſinco Turcos, que ſerviam de bombardeiros, ainda que pera mais ſegurança, era melhor mandar-lhes cortar as cabeças pelos não vigiarem. O Principe os mandou logo metter em huma forte maſmorra, e a chave della mandou entregar a Pero Fernandes de Carvalho.

Os Turcos começáram a dar muitos, e mui continuos aſſaltos á Cidade, ainda que não tinham altilheria, mas tinham muitos, e mui groſſos moſquetões, que aſſeſtavam ſobre pontaletes, amparados com huma rocha que eſtava perto, donde os deſparavam nos muros, e baluartes, com que derribavam muitos; e da banda da praia de baixa mar faziam o meſmo. A todos eſtes rebates acudiam Pero Fernandes de Carvalho, e Antonio de Figueiredo com ſeus ſoldados, que ſuſtentavam o pezo todo, rebatendo os inimigos, e animando aos naturaes. O Principe, e ſeus irmãos moſtráram ſempre muito grande animo, pelejando, e animando os ſeus nas eſtancias em que eſtavam. D. Paio de Noronha a alguns aſſaltos que houve apreſſados, ſahio a terra, e acudio a elles, mas paſſados tornou-ſe a embarcar. Os Turcos, que eram homens que ſe não deſcuidavam de couſa alguma, tiveram algumas intelligencias com alguns dos naturaes, que guar-

guardavam algumas eſtancias, peitando-os grandemente pera lhe darem entrada; e de tal maneira tratáram eſtas couſas, que as leváram ao cabo, concertando de em hum dia limitado lhes darem de noite entrada, como fizeram. E pera divertirem os noſſos, commettêram o baluarte do Principe, em que eſtava Pero Fernandes de Carvalho, com grandes gritas, e eſtrondos. E eſtando a couſa embaraçada na briga, deram os naturaes entrada a Marzam, que com duzentos e ſincoenta Turcos foi mettido dentro na Cidade por huma porta, ſem os ſentir alguem, e deixou-ſe ficar da banda de dentro, ou porque ſenão atreveo a entrar, ou por eſperar pela manhã, porque era já no quarto d'alva.

Na eſtancia do Principe ſe pelejava com muito valor, laborando a eſpingardaria dos noſſos, com que derribáram alguns Turcos. A manhã vinha já eſclarecendo, e os Capitães Turcos, que eſtavam no aſſalto, não ſabiam o que era acontecido a Marzam, porque não ſentiam revolta na Cidade, o que os embaraçou muito. Os que eſtavam dentro foram ſentidos, e correo logo huma voz pelas eſtancias, que eram Turcos entrados na Cidade, a que acudíram alguns Fartaquins pera aquella parte, por onde diziam que eſtavam. Na eſtancia do Principe

foi sentida a confusão, sem se saber cousa alguma; e sahindo-se Pantaleão da Maia pera ir ver o que era, foi ajuntando alguns Fartaquins, e chegando áquella parte, que vio os Turcos dentro, que começavam a arrebentar (porque já esclarecia a manhã) não desmaiou, nem mostrou fraqueza, antes com muito animo remetteo com elles, bradando por *Sant-Iago*; e com isto os embaraçou de feição, que os deteve, sendo mui bem ajudado de sincoenta, ou sessenta Fartaquins, que pelejáram valorosamente. Pantaleão da Maia apertou tanto com elles, que os fez outra vez acuar, e tornar ao lugar em que dantes estavam, pondo-se ás espingardadas com elles, não desparando tiro que não matasse algum. As novas disto corrêram logo por toda a Cidade, a que acudio Pero Fernandes de Carvalho com alguns Portuguezes, pedindo ao Principe, que se não bulisse de sua estancia; e ajuntando toda a gente que pelo caminho achou, foi correndo aquella parte, onde achou Pantaleão da Maia ás espingardadas com os Turcos, e dando nelles com grande furia, os foram levando, matando daquelle primeiro impeto oitenta, e os mais se deitáram pelos muros abaixo sobre as rochas, que daquella parte havia, em que se alguns espedaçáram, ficando-lhes alli suas armas, que

os

os Fartaquins recolhêram, que ainda que todos pelejáram neste trance muito valorosamente, todavia a honra, e gloria desta vitoria se deve a Pantaleão da Maia, porque elle foi a unica occasião della. Os Turcos, que estavam no assalto, tendo as novas do que tinha acontecido ao Baxá Marzam, se recolhêram muito tristes pera suas tendas; e tanto que foi noite, levantáram o campo, e se foram metter na fortaleza, onde primeiro estavam com mais de cento menos.

Tanto que ao outro dia amanheceo, que os nossos tiveram rebate de serem os inimigos recolhidos, disse Pero Fernandes de Carvalho ao Principe, que sahisse ao campo, e seguisse os inimigos, que hiam desbaratados, que estava certa a vitoria. O Principe o fez assim, levando todos os Portuguezes, e foi mais de huma legua sem os poder encontrar. E voltando, chegou ao arraial dos Turcos, onde acháram muitos mortos, e alguns feridos tão mal, que os não pudéram levar. O Principe mandou pôr a tudo o fogo, em que se tudo consumio. D. Paio de Noronha, que estava embarcado, mandou visitar o Principe, e dar-lhe os parabens da vitoria, e dizer-lhe, que os Turcos que estavam prezos lhes mandasse logo cortar as cabeças, porque não ficasse daquella gente, que era perversa, algum vivo. O Principe

o

o fez logo assim, mandando-os matar, e lançar no fogo, que andava no exercito, e se recolheo á Cidade, onde mandou castigar alguns culpados na entrada dos Turcos. Ao outro dia sahio D. Paio a terra, e foi visitar o Principe, e lhe disse, que devia mandar recado a Camphar a fazer gente, pera ir commetter a fortaleza dos Turcos, e acaballos de destruir de todo, e lançallos fóra daquellas terras, porque com o medo que levavam, não haviam de esperar. Ao Principe pareceo bem aquelle conselho, e mandou hum criado seu em huma embarcação pequena, e ligeira, e com elle hum soldado, chamado Francisco Vieira, pera fazer dar pressa áquelle negocio, ficando o Principe provendo na guarda, e defensão da Cidade, que tudo carregava sobre os nossos.

## CAPITULO IV.

*Do recado, que o Governador D. João de Castro teve de Adém: e de como mandou seu filho D. Alvaro de Castro ao soccorro: e das galés dos Turcos, que sahíram de Moçá em favor dos seus: e do que D. Paio fez.*

PArtido Diogo Correa de Adém, com o cunhado de ElRey de Camphar, que levavam recado ao Governador, como fica di-

dito no ſegundo Capitulo deſte ſexto livro, como hiam com monção, foram na entrada de Janeiro tomar a coſta da India; e ſabendo eſtar o Governador em Baçaim, foram demandar aquella Cidade, onde deſembarcaram, mandando o Governador receber o cunhado de ElRey mui bem, e lhe fez muitas honras, e gazalhados. E vendo as cartas, e ſabendo o que era ſuccedido, e como a Cidade de Adém eſtava por ElRey de Portugal, ficou muito alvoroçado, e o houve por grande ventura ſua, tendo muitos cumprimentos de ElRey, mandando-o agazalhar, e dar-lhe todo o neceſſario.

O Governador mandou logo chamar ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, e lhe diſſe, que ſe fizeſſe preſtes pera acudir áquelle negocio com muita brevidade. As novas corrêram logo pela Cidade, que cauſavam em todos grande alvoroço, acudindo todos os Fidalgos, e Capitães a ſe offerecerem ao Governador pera aquella jornada, o que elle eſtimou muito, fazendo logo rol dos que haviam de ir nella, indo-ſe pôr na praia a dar ordem á Armada, que havia de mandar. E antre todos os navios de remo eſcolheo trinta, os melhores negociados, que logo mandou cifrar, concertar, e aperceber de todo o neceſſario, nomeando os Fidalgos que haviam de ir nelles, que eram os ſeguintes:

D.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, Antonio Moniz Barreto, que diziam que hia nomeado por Capitão de Adém, D. Pedro Deça, D. Fernando Coutinho, Pero de Taíde Inferno, D. João de Taíde, Alvaro Paes de Sotto-Maior, Fernão Peres de Andrade, Pero Lopes de Sousa, Ruy Dias Pereira, Pero Botelho o Porca, irmão de Diogo Botelho do Infante D. Luiz, Luiz Homem; Alvaro Serrão, Belchior Botelho, Veador da Fazenda, que hia pera os negocios daquella Cidade, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, Luiz Alvares de Sousa, João Rodrigues Correa, Diogo Correa, o mesmo que veio de Adém, Diogo Banha, hum catur de Pero Preto, Alvaro da Gama, Feitor da Armada, e outros.

E porque o Governador estava falto de dinheiro, mandou carregar huma caravella de drogas pera as despezas da Armada, (porque valiam na costa de Arabia muito,) de que fez Capitão André de Aguiar. E mandou carregar outra caravella de mantimentos, de que fez Capitão Affonso Jorge.

Andando o Governador dando pressa á Armada, chegou áquelle porto hum navio da outra costa de Arabia, em que vinha hum Embaixador de ElRey de Caxém, que o Governador mandou desembarcar, e levar

var diante de ſi. Elle ſe humilhou a ſeus pés, dando-lhe cartas que lhe o ſeu Rey mandou, em que lhe dizia: » Que confiado em ſer » grande ſervidor de ElRey de Portugal, e » muito antigo amigo do Eſtado da India, » lhe mandava pedir ajuda, e ſoccorro pa- » ra tornar a cobrar parte do ſeu Reyno, » que ElRey do Fartaque ſeu vizinho lhe ti- » nha tomado; que lhe pedia puzeſſe os olhos » em ſua neceſſidade, e lhe quizeſſe valer » nella, porque não acabaſſe de perder o » Reyno, em que todos os Portuguezes, que » por alli paſſavam, achavam gazalhado, e » recolhimento. » O Governador diſſe ao Embaixador, que tudo o em que pudeſſe ajudar, e favorecer a ElRey ſeu Senhor, o faria. E que fora ditoſo em ſucceder o negocio de Adém, e em mandar lá aquella Armada, porque teria o ſoccorro mais depreſſa; mandando-lhe que ſe agazalhaſſe, e negociaſſe, porque a Armada havia de partir logo.

O Governador vendo que era muito neceſſario acudir-ſe a Adém com muita preſſa, e que ſeu filho D. Alvaro de Caſtro era forçado deter-ſe alguns dias por cauſa dos provimentos da Armada, deſpedio com muita preſſa D. João de Taíde com quatro navios, de que eram Capitães, a fóra elle, Gomes da Silva, Antonio da Veiga, e outro,

a que não achámos o nome; dando-lhe por regimento, que se mettesse na fortaleza de Adém até chegar seu filho. Estes navios deram á véla, e por lhes dar o Noroeste grosso, desapparelhou hum, de cujo Capitão não achámos o nome, e foi-lhe forçado tornasse pera Baçaim: os mais foram seguindo sua jornada, em que os deixaremos até tornar a elles.

O Governador ficou dando pressa á mais Armada, que despedio alguns dez dias depois de se partir D. João de Taíde, dando grandes regimentos a seu filho, e encommendando-lhe muito, que restituisse ElRey de Caxém a seu Estado; e mandou embarcar ó cunhado de ElRey de Adém com D. Antonio de Noronha, muito satisfeito, e contente, mandando áquelle Rey muitas peças ricas, e curiosas; e o Embaixador de Caxém se foi no seu navio, muito encommendado a D. Alvaro de Castro. Dada esta Armada á véla, foi seguindo sua viagem, em que a deixaremos, porque he necessario continuarmos com as cousas de Adém.

D. Paio de Noronha (como assima dissemos) esteve sempre embarcado, esperando por recado de Ormuz, aonde tinha mandado huma champana com cartas ao Capitão, em que lhe dava conta de todas as cousas succedidas até então, e lhe pedia lhe

man-

mandaſſe gente, munições, e mantimentos. E eſtando alli, ſahio da boca do Eſtreito huma naveta, que ſe foi chegando pera a bahia. D. Paio a foi demandar, e della ſoube ſer do Guazil de Ormuz, e não lhe ſouberam dar razão, nem novas de Moçá; nem de Suéz, porque vinha dos portos do Abexim, e fazendo-a ſurgir em huma enceada, antes de chegar a Adém, ſe tornou ao porto, e mandou recado ao Principe da embarcação, porque já ſe tinha viſto da fortaleza. Eſte meſmo dia ſobre a tarde teve Dom Paio recado, que apparecia outra embarcação, e mandou Pantaleão da Maia, que a foſſe reconhecer de ſima de huma guarita alta, donde ſe affirmou ſer galé, e aſſim o diſſe ao Principe, que logo mandou metter na naveta do Guazil quarenta eſpingardeiros. Pouco depois deram duas almadías recado a D. Paio, que appareciam duas galés de Turcos, com o que ficou ſobreſaltado, mandando pedir ao Principe, que o proveſſe de gente, como fez, com ſincoenta Fartaquins, que mandou embarcar em hum tarranquim, que alli eſtava, de que fez Capitão Chriſtovão das Neves; e fazendo-ſe preſtes na ſua galeota com todos os Portuguezes que mandou recolher, foi buſcar a terrada do Guazil pera a recolher ao porto, e chegando a ella a achou mui creſpa;

e

e póstos os Mouros, que eram perto de cento, em armas pera se defenderem das galés, que já viam, e vendo os nossos, deram grandes apupadas de alvoroço. As galés, que eram pequenas, huma vinha a terra a remo, e a outra ao mar á véla. Esta vendo os nossos navios, com muita pressa ferrando do remo se foi chegando pera a outra, que já a hia demandar. D. Paio deo toa á naveta do Guazil, e foi-se sahindo da enceada, e as galeotas o hiam seguindo; o que visto por elle, poz em parecer de todos os Portuguezes se pelejaria com as galeotas, dizendo-lhes, que eram pequenas, e que naquellas tres embarcações que tinham havia muita gente. Os companheiros lhe disseram, que se recolhesse a Adém, que lhe estava entregue, e que defendessem até morrerem todos sobre ella. Com isto se foi D. Paio recolhendo pera a bahia, vindo já as galeotas a tiro de camello.

Recolhido D. Paio mandou com muita pressa deitar ao mar huma galeota de tres, que estavam varadas de longo da couraça, e a provêo de artilharia, que lhe mandou o Principe, com muitas munições, e a entregou a Christovão das Neves, com os Fartaquins, que lhe o Principe tinha mandado; e ajuntando os Portuguezes todos, lhes disse, que elle sem embargo de tudo determina-

nava de pelejar com as galés, (que foram surgir na enceada, onde estava a naveta,) porque pera isso tinha aquellas duas galeotas cheias de muito boa gente, e a naveta do Guazil, que se offereceo pera o acompanhar. A todos pareceo bem, e toda aquella noite se prepararam de pelouros, e polvora, e tanto que amanheceo, tomáram o remo em punho, e foram demandar a enceada até onde as galés se tinham recolhido; e antes de chegarem, as víram sahir de dentro com huma galé Real mais, que aquella noite se foi ajuntar a ellas. Vendo D. Paio quão desigual partido ficava tendo, se tornou a recolher pera a bahia.

As galés surgíram fóra da enceada, onde estiveram sinco, ou seis dias, em que se ajuntáram a ellas mais oito galés mui formosas, e outras quatro galeotas, que tomáram o remo, e passáram de largo por defronte da Cidade, e foram surgir em outra enceada adiante de Adém, onde havia obrigada dos Levantes, que ventavam rijo, desemmasteando-se, e armando suas tendas, como quem queria estar devagar. Dalli mandou o Baxá, que nellas vinha, recado aos Turcos que estavam na fortaleza, e huma companhia mais de duzentos homens, pera que fossem pôr cerco a Adém, como logo fizeram, tanto que se lhe deo. E partindo della,

la, vieram assentar seu arraial á vista dos muros, commettendo-os por assaltos algumas vezes, achando sempre grande resistencia nos nossos; porque sempre D. Paio mandou assistir Pero Fernandes de Carvalho na estancia do Principe, por não desamparar tudo de todo. O Baxá das galés mandou desembarcar algumas peças de artilheria, pera batarem a Cidade da banda do certão, e antre ellas foi huma, que lançava pelouro de tres palmos e meio de roda, que se assestou em hum morro, que ficava sendo padrasto da fortaleza, donde a começou a bater rijamente, lançando-lhe dentro muitos pelouros, de que recebêram assás de damno.

## CAPITULO V.

*De como D. Paio de Noronha se foi secretamente de Adém: e os Turcos entráram aquella Cidade, e matáram ao Principe, e seus irmãos: e do que aconteceo a D. João de Taíde na jornada: e de como os Turcos lhe corrêram.*

VEndo o Princepe as rijas batarias que lhe davam, e o damno que faziam cada dia de mortos, e feridos, e o medo que todos os naturaes mostravam, se houve por perdido; e mandou pedir a D. Paio, que o quizesse ver, porque tinha muitas cousas

que

que tratar com elle. D. Paio o fez, indo á estancia em que elle estava. O Principe lhe deo conta de tudo o que passava, pedindo-lhe, que passasse com todos os Portuguezes pera aquellas estancias, e que o ajudasse a defender aquella Cidade, que era de ElRey de Portugal. D. Paio lhe disse que si, e deixou-se ficar aquelle dia com elle, em que os Mouros foram continuando com sua bataria, mettendo aquella peça grossa muitos pelouros dentro na Cidade. D. Paio como a não tinha visto, e vio o estrago que fazia todas as vezes que tirava, houve aquelle negocio por muito arriscado; e dissimulando, tanto que foi sobre a tarde, que a bataria cessou, foi-se elle recolhendo pera a sua embarcação, e escreveo hum escrito a hum soldado, por nome Diogo Vaz, de sua obrigação, em que lhe dizia: » Que tanto que » aquelle visse, désse recado em segredo a » todos os Portuguezes, pera que depois que » anoitecesse se recolhessem aos navios de » dous em dous, sem fazerem alvoroço; » o que todos fizeram. Sómente hum Manoel Pereira, que disse que aquella Cidade era de ElRey de Portugal, que a não havia de largar, nem havia por onde, deixando-se ficar no baluarte do filho mais moço de ElRey, onde estavam recolhidos todos os soldados. D. Paio se sahio da bahia de noite sem

sem o ninguem saber, e dando á véla, se fez na costa do Abexim por se desviar das galés. Ao outro dia foi o Principe avisado de sua ida, o que sentio em estremo; mas encubrio-o aos seus o melhor que pode, assim por não haver alteração nos naturaes; como por os Turcos o não saberem, (porque só a fama de estarem os Portuguezes naquella Cidade lha fazia inexpugnavel, e accommettiam com desconfianças.) Não deixáram elles de continuar nas suas batarias, em que Manoel Pereira fez cousas de homem de grande animo, esforço, e honra, correndo as estancias, animando a todos, com lhes segurar, que não tardaria muito o soccorro de Goa; com o que o Principe, e os irmãos já não receavam os inimigos, fazendo tudo o que lhes parecia necessario pera defensão daquella Cidade, repairando-a, e reedificando-a o melhor que podiam, pelejando em todos os assaltos mui esforçadamente, não os largando nunca o Manoel Pereira, que era todo o seu conselho, porque nada faziam sem elle.

E certo, que nos faz perder o gosto desta escritura, não sabermos dar a conhecer este Manoel Pereira por patria, e parentes, porque era muito justo ficasse bem conhecido no Mundo; mas coube-lhe a sorte, e ventura de outros muitos, a quem o descuido

Por-

Portuguez, (de que nos não podemos deixar de queixar muitas vezes,) tem sepultado em perpétuo esquecimento.

E não ficará tambem de todo nelle hum Francisco Vieira, de quem no Capitulo atrás démos razão, que o Principe tinha mandado de Adém a Camphar buscar gente. Este estando-a fazendo naquella Cidade, dando-lhe as novas de como D. Paio se fora de Adém, largando tudo por mão, se embarcou na almadía em que tinha ido, e de noite entrou na bahia por antre as galés, e desembarcou em terra, e foi muito bem recebido na Cidade, dando conta ao Principe, de como deixava alguma gente ordenada pera vir apôs elle, e que não lhe soffrêra o coração esperar por ella; que vinha alli offerecido ao serviço de ElRey de Portugal, e seu. O Principe o estimou muito, e assim elle, e Manoel Pereira fizeram, em quanto durou o cerco, cousas muito notaveis, e dignas de maior galardão, do que ambos tiveram.

Havendo vinte e hum dias que D. Paio se tinha ido de Adém sem os Turcos o saberem, quiz a desaventura que fugisse hum dos naturaes da Cidade, e se fosse ao arraial dos Turcos, e sendo levado ao Baxá, lhe disse como os Portuguezes eram idos, e que a Cidade estava com pouca gente, of-

ferecendo-se-lhe pera os metter dentro nella por hum passo mui escuso. Parece que neste negocio não entrou este só, mas havia de ir concertado com algum dos Capitães de alguma estancia; porque esta mesma noite no quarto da modorra foram mettidos na Cidade, e como áquellas horas estavam todos descuidados, arrebentando pelos baluartes, foram matando, e espedaçando a quantos achavam. Sentindo o Principe a grita, e alvoroço, sem saber o que era, tomou as armas, e com os que o seguíram acudio ao baluarte do irmão bastardo, onde a revolta era grande, porque aquelle Infante pelejava com muito valor, e esforço. E acudindo o Principe alli, deo com os Turcos, que vinham recrescendo; e depois de elle, e seu irmão terem bem mostrado seu esforço, e coração, foram este Principe, e seu irmão mortos com todos os seus, não sem damno, e estrago dos Turcos, de que elles por suas mãos derribáram muitos. O irmão mais moço do Principe, com quem estava Manoel Pereira, e Francisco Vieira no seu baluarte, tambem foi entrado de hum número de Turcos, com quem todos tiveram huma muito aspera batalha, fazendo assim o Principe, como os Portuguezes, cousas muito notaveis, sustentando aquelle baluarte até se perderem todos. E vindo-lhes novas que o Prin-

Principe era morto, e a Cidade toda entregue nas mãos dos Turcos, tomáram Manoel Pereira, e Francisco Vieira o moço Infante, e se foram sahindo do baluarte, o que então pudéram fazer, assim pelo grande escuro que fazia, como pela confusa revolta que havia em todas as partes, andando já tudo misturado sem se conhecerem huns aos outros, e se sahíram fóra da Cidade com alguns da casa do Principe, e foram caminhando apressadamente pera Camphar. Os Turcos andáram pela Cidade fazendo tamanhas cruezas, que foi espanto, não dando vida a cousa alguma que a tivesse, tornando a ficar senhores della como dantes.

D. João de Taíde, que deixámos partido de Baçaim com os tres navios, foi seguindo sua viagem atravessando de largo, e em poucos dias foi haver vista da costa de Arabia, e de longo della foi demandar a Cidade de Adém, cuidando achar nella Dom Paio, porque não tomou falla por toda aquella costa do que lá hia. E entrando a bahia a remo, foram dar de rosto com as galés, que estavam dentro bem chegadas ao baluarte que faz a bahia, e não se embaraçando em cousa alguma, tornáram a voltar pera fóra largando as vélas, porque ventava ainda o levante rijo. Os Turcos em ven-

do os navios leváram ancora com muita pressa, e sahíram após elles tão apressados, que antes de terem andado huma legua os alcançáram. Gomes da Silva, e Antonio da Veiga, que lhe ficáram mais perto, vendo-se debaixo dos esporões das galés, como hiam cozidos com a terra, houveram por melhor partido vararem nella, e salvar suas pessoas, como fizeram. D. João de Taíde, que levava melhor navio, foi mettendo de ló tudo o que pode, escapando algumas vezes debaixo dos esporões de tres galés que o seguiam, ajudando-se da véla, e do remo animando os marinheiros, e dando-lhes muito dinheiro; e quiz sua boa fortuna que sobreveio a noite, e tanto que o ar escureceo, fazendo-se em outro bordo, foi correndo pera a costa do Abexim, e em poucos dias foi tomar o Ilheo de Mete na costa de Barborá, e Zeilá. Alli varou o navio, e o espalmou, e o alimpou, dando huma larga folga aos marinheiros do trabalho passado.

A gente dos dous navios que varáram em terra, foram de longo do mar pera Camphar, onde acháram Manoel Pereira, e Francisco Vieira, que tinham chegado com o Infante, que já estava jurado por Rey, que os mandou agazalhar mui bem, e dar-lhes todo o necessario.

E

E tornando a D. Paio, tanto que se sahio de Adém, foi demandando a costa do Abexim, e della tornou a voltar pera ir esperar a Caxém recado da India. E correndo a costa da Arabia, tomou por ella falla, e soube ficar já a Cidade de Adém em poder dos Turcos, e o Principe, e todos mortos; e indo demandar Caxém, antes de lá chegar encontrou com dous navios, que D. Manoel de Lima, Capitão de Ormuz, lhe mandava de soccorro, de que eram Capitães Aleixos de Carvalho, e Braz Cortez, que levavam gente, mantimentos, e munições, e vendo-se com elles lhes deo conta do que passava, e de como tinha por novas, que a Cidade de Adém era perdida, o que elles muito sentíram, ainda que o não pudéram crer, dizendo-lhes Aleixos de Carvalho, que elle havia de passar a Adém, e saber a certeza do que lá hia, pois elle não tinha outra, que a que lhe deo a gente da terra. D. Paio o quiz tirar disso, mas não pode, pelo que lhe foi forçado tornar a voltar com elles. E chegando a Xaél, querendo entrar no porto a saber novas, lhes atiráram da fortaleza (que tinham os Fartaquins tomada a ElRey de Caxém nosso amigo) tantas bombardadas, que os houveram de metter no fundo. E sahindo-se pera fóra, tomando conselho, assentáram ir es-

esperar recado da India aos Ilheos de Canecanim, (porque por huma terrada que acháram de Caxém souberam como os Turcos estavam em Adém,) e assim os foram demandar, e alli se deixáram ficar.

D. João de Taíde tanto que espalmou, e alimpou o seu navio, determinou de ir esperar na costa de Caxém a D. Alvaro de Castro, que não podia tardar muito, e dando á véla com os Ponentes, se foi assaltando de Adém, e depois foi demandar a terra; e chegando aos Ilheos de Canecanim, achou D. Paio de Noronha com os outros navios, e delle souberam o que lhe tinha succedido com as galés, e assentáram de esperar alli a Armada, como fizeram, tendo grande vigia no mar.

## CAPITULO VI.

*De como D. Alvaro de Castro chegou aos Ilheos de Canecanim, onde soube a perda da Cidade de Adém: e de como foi sobre a fortaleza de Caxém, e a tomou.*

PArtido D. Alvaro de Castro de Baçaim, logo o Governador D. João de Castro o fez tambem pera Goa, pera acudir ás cousas do Sul, e pera de mais perto continuar na guerra do Idalxá, dando despacho a todas as cousas daquellas fortalezas do Norte,

te, deixando na enceada de Cambaya com huma boa Armada D. Jorge Baroche, e eſcuſando-ſe de tudo o mais, deo á véla pera Goa já em Abril. Chegado áquella Cidade, começou logo a entender no deſpacho das couſas do Sul, aviando pera ir entrar em Malaca D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante D. Vaſco da Gama, por acabar Simão de Mello, que lá eſtava, ſeu tempo. E pela meſma maneira deſpachou Duarte de Miranda Capitão da carreira de Maluco, que foi embarcado no galeão Buſara, carregado de gente, provimentos, roupas, mantimentos, e munições, e de caixões cheios de eſquipações feitas, convem a ſaber, calções, chapeos, çapatos, pera lá ſe repartirem pelos ſoldados; porque neſte tempo tinham os Governadores tanta conta com elles, que até os veſtidos feitos lhes mandavam, o que tudo ſe lhes dava; e como chegava o galeão da carreira, mandava o Capitao chamar a todos, e repartia por elles tudo, e com iſſo lhes pagava ſeus quarteis, e mantimentos. O que tudo ſe mudou, porque todas as couſas boas acabam depreſſa, e as más nunca.

Deſpedidos eſtes Capitães, ficou o Governador deſaffogado pera proſeguir na guerra do Idalxá, mandando dobrar as fuſtas, e manchuas, que andavam nos rios, que fize-

zeram grandes deſtruições em ſuas aldêas. E porque he razão que continuemos com Dom Alvaro de Caſtro, deixaremos por ora tudo o mais até ſeu tempo.

Partido de Baçaim, como temos dito no Cap. IV. deſte VI. Liv. com toda ſua Armada junta, como levava os levantes em poppa, foi em poucos dias haver viſta da coſta de Arabia, e ſem tomar porto algum, foi de longo della demandar a Cidade de Adém. Chegando aos Ilheos de Canecanim, lhe ſahíram os noſſos navios, de quem ſoube tudo o que era ſuccedido, aſſim da perda de Adém, como das galés que corrêram a D. João de Taíde. Iſto ſentio D. Alvaro de Caſtro em eſtremo, porque bem entendeo que fora tudo pelo grande deſcuido, e pouco diſcurſo de D. Paio de Noronha. O Embaixador, e cunhado do Rey velho morto de Adém, que hia embarcado com D. Antonio de Noronha, ſe foi ao navio do Capitão mór muito triſte, e deſconſolado pelas ruins novas que tinha ouvido. Dom Alvaro de Caſtro trabalhou pelo conſolar, mas não pode elle: pedio que mandaſſe algum navio a Camphar a ſaber a certeza daquellas novas dos Portuguezes, que lá diziam que eſtavam, porque elle as não podia crer. O Capitão mór lhe pareceo bem, e deſpedio logo D. João de Taíde pera ir

lá a ſaber o que era paſſado, e a recolher a gente das fuſtas de ſua companhia, que já ſabiam que lá eſtava.

D. João de Taíde chegou a Camphar, e os Portuguezes o foram receber á praia com grande alvoroço, e delles ſoube toda a verdade, e em ſua companhia foi viſitar ElRey, que lhe fez muitas honras, e lhe contou por extenſo tudo o que era paſſado, e de como depois de D. Paio ſe ſahir de Adém, ſe ſuſtentára vinte e hum dias, pelo esforço, e animo de Manoel Pereira, e Franciſco Vieira, e de como elles o livráram, e por elles eſtava naquelle ſeu Eſtado. Dom João de Taíde ſentio muito as novas, e pedindo licença a ElRey pera levar todos os Portuguezes, lha deo, e hum tarranquim pera irem, porque não cabiam todos na fuſta, e com elles voltou pera o Capitão mór. D. Alvaro de Caſtro recebeo aquelles perdidos com muitos gazalhados, e de Manoel Pereira, e Franciſco Vieira ſoube muito particularmente todas as novas, de que ficou muito anojado, por ſe perder huma couſa tamanha por culpa de hum Fidalgo tão honrado.

O Embaixador cunhado de ElRey de Camphar, certificado da morte de ſeu cunhado, e de ſeus filhos, ficou em tão grande eſtremo deſconſolado, que pedio ao Capi-

pitão mór, que lhe déſſe licença pera ſe ir pera Camphar, já que fora tão mofino, que foi ſeu trabalho debalde. D. Alvaro, teve com elle muitas palavras de cumprimentos, e lhe deo algumas peſſas, aſſim pera elle, como pera ElRey ſeu ſobrinho, dizendolhe, que ſe conſolaſſe, porque ElRey ſeu cunhado, e ſeus ſobrinhos morrêram como muito bons cavalleiros em defenſão do ſeu Reyno; que quem morria tão honradamente, mais ſe lhe devia ter inveja, que mágoa. A iſto reſpondeo o Mouro, (que era muito aviſado,) que antes eſſa era a dor que levava, de ver morrer em ſerviço de ElRey de Portugal hum cunhado, e dous ſobrinhos, e muitos parentes, e hum Capitão Portuguez não querer fazer outro tanto por ſerviço, e honra de ſeu Rey; com iſto ſe deſpedio delle. D. Alvaro ſentio muito aquellas palavras, pelo que tocava ao crédito, e honra dos Portuguezes, e muito mais as devia pera bem de ſentir D. Paio de Noronha, diante de quem as elle diſſe.

Deſpedido o Embaixador pera Camphar, poz o Capitão mór em conſelho o que faria, e por todos os Capitães ſe aſſentou, que no negocio de Adém não havia que fazer, e que já que ficava de vago, deviam de ir favorecer ElRey de Caxém, e reſtituir-lhe a fortaleza de Xaél, aſſim pelo mandar

dar o Governador, como pera castigarem os Fartaquins que nella estavam, por esbombardearem os nossos navios, quando no seu porto entráram, como dissemos no Capitulo atrás. Assentado isto, deo D. Alvaro de Castro á véla pera Xael, onde chegou na entrada de Abril, e entrou dentro com todos os navios, sem da fortaleza lhe atirarem bombardada alguma, e logo desembarcou em terra com toda a gente, e mandou ordenar algumas escadas dos destures dos navios pera commetterem a subida.

A fortaleza de Xaél era hum Castello pequeno de adobes com quatro cubellos, e tudo tão estreito, que bastava pera o guardar, e defender trinta e sinco Fartaquins, porque não tinha mais dentro em si. O Capitão delles vendo desembarcar os nossos, lançou fóra huma mulher velha, que sabia fallar Portuguez, por quem mandou perguntar ao Capitão, que era o que queria, que elle era servidor de ElRey de Portugal; e se queria aquelle Castello, que logo lho entregaria, e que se iriam com suas pessoas, e armas. D. Alvaro de Castro ouvio a velha, perante os Capitães, e houve alguns de parecer, que lhe haviam de acceitar a fortaleza assim como a offereciam, pois della não queriam mais, que entregalla a ElRey de Caxém; mas os mais disseram, que se entre-

tregassem todos os que nella estavam á mercê do Capitão mór. Ao que a velha disse, que os Fartaquins não eram homens que se entregassem assim. E tornando-se pera a fortaleza, disse de fóra o que se tinha assentado. A isto respondêram os de dentro: *Que chamais entregar á mercê?* E deitando fóra algumas bandeiras, começáram a atirar algumas bombardadas, de que matáram alguns, e feríram muitos. D. Alvaro abalou com todo o poder, e rodeou a fortaleza, arrimando logo algumas escadas, por onde os nossos começáram a subir, franqueando-lhes os outros o muro com a arcabuzaria, que era tanta, que não ousáram os Fartaquins a apparecer. Fernão Peres foi o primeiro que começou a subir por huma escada, levando o seu guião diante, e a poder de golpes o poz em sima do muro. Por outra parte tambem subio Pero Botelho quasi ao mesmo tempo, e diante delle o seu guião, que levava hum Reynol, de hum pelote preto comprido, mui valente homem, que subio ao muro, e com huma mão sustentou o guião, e com a outra pelejou valorosamente, e tudo se notava debaixo mui bem. Como estes dous Capitães foram em sima, e ganháram aquella parte, ficou logo franca pera subirem todos.

Antonio Moniz Barreto, D. Antonio de Noronha, D. João de Taíde, e outros Capi-

pi-

pitães foram demandar a porta, levando os seus soldados destures pera vaivens; e indo Antonio Moniz Barreto diante, deo em huma trapeira, que estava cuberta, onde se escalavrou todo de mãos, e rosto, e todavia levantando-se foi seguindo os mais que chegáram á porta, e a começáram a arrombar. Os nossos, que já estavam em sima do muro, foram accurralando os Fartaquins em dous cubellos, onde se fizeram fortes, e se defendêram valerosamente. Alguns dos nossos descêram abaixo pera abrirem as portas aos que estavam de fóra, e as acháram por dentro entulhadas com fardos de tamaras, de que estavam tão maciſſas, que não davam de si nada aos vaivens; e desentulhando-as, as abríram, e entráram todos, e subidos aos muros, acháram os Fartaquins, que se defendiam nos cubellos, que estavam cercados dos nossos, pelejando como leões bravos, e algumas vezes sahiam fóra a dar nos nossos, ferindo-os bravamente, sem receio de morte, nem de feridas, que todos traziam. De huma vez sahio hum valente Fartaquim de hum destes cubellos, por se ver apertado dos de fóra, e remetteo com Gomes Ferreira, homem Fidalgo, mui bom cavalleiro, que era o que mais o perseguia, e ferrando com elle, o levou nos braços; e como era mui forçoso, e membrudo, deo com elle no chão,

e

e o levou debaixo; mas Belchior Rabello, que eſtava perto delle, ſe lançou logo ſobre o Mouro, e ás adagadas o matou, ficando ferido em huma mão. Em fim, a referta foi grande, e os Fartaquins com ſerem tão poucos, pelejáram esforçadamente; mas como o número era tão deſigual, foram entrados nos cubellos, e mortos todos á eſpada, cuſtando eſta cavalgada ſinco dos noſſos, que ficáram mortos, e mais de quarenta feridos de eſpingardadas.

Deſpejada a fortaleza, a entregou Dom Alvaro ao Embaixador de ElRey de Caxém, mandando curar os feridos, em que havia alguns perigoſos, que o meſmo dia embarcou na fuſta de D. Paio, e o mandou pera Goa, pera ir dar conta ao Governador do que era ſuccedido. D. Alvaro ſe vio com ElRey de Caxém; e porque era o tempo gaſtado, não ſe deteve com elle muito, e ſe fez á véla já em oito de Abril. D. Paio chegou a Goa com os doentes, e deo as cartas de D. Alvaro de Caſtro ao Governador; e ſabendo por ellas o que paſſava, ficou mui magoado, e deſpedio Dom Paio ſem o querer ouvir, mandando deſembarcar os doentes para o Hoſpital, onde logo os foi viſitar, levando dinheiro na algibeira, que repartio por todos, encommendando muito ſua cura.

Cer-

Certo, que antre as virtudes que este Fidalgo tinha, que eram muitas, a que mais resplandecia nelle era a da caridade pera com os soldados da India, porque os não tratava senão como se foram todos seus filhos. As novas de Adém corrêram logo por Goa, ficando D. Paio tão desacreditado com todos, que era vergonha; e assim teve ElRey com elle tão pouca conta, que nunca o despachou, senão depois de velho, e casado, e em quanto viveo ficou com este labéo; porque ainda que estas cousas de si não são pera esquecer, na India andam sempre mais vivas na memoria dos homens, que em toda a outra parte, tanto, que sendo este Fidalgo já velho, passou pela sua rua hum Cidadão rico, e honrado, e achou á sua porta chorando huma moça, e perguntando-lhe de que se queixava, lhe respondeo a moça, que em casa de D. Paio lhe tomáram os seus moços huma gallinha, e que lha não queriam dar. Ao que o Cidadão lhe disse: *Ca-[illegible], filha, não te mates, se fora Adém, [illegible]am-ta; mas gallinha, não ta hão de dar.*

D. Alvaro chegou alguns dias depois de D. Paio, e o Governador lhe fez hum grande recebimento. E porque sabiam todos quanto folgava o Governador de lhe engrandecerem o negocio de Xaél, não se fallava em

Goa

Goa em outra couſa, ſendo ella em ſi tão pequena como temos dito. E porque ſobre iſſo aconteceo huma galanteria, que disse hum Cortezão, não deixaremos de a contar.

Tinha o Biſpo D. João de Alboquerque hum Clerigo aviſado, e de ditos, com que elle folgava de praticar, e a quem fazia muitas perguntas por eſta maneira. Qual he a couſa, que de amarga ſe faz doce, e a que de grande ſe faz pequena, e a que de pequena ſe faz grande? Ao que o Padre lhe reſpondeo mui apreſſado: Que a couſa que de amarga ſe faz doce, foram as bombardadas de maçapães, com que recebêram o Governador D. João de Caſtro, quando veio de Dio. E a couſa que de grande ſe faz pequena, foi a tomada de Baroche, porque a tomou D. Jorge de Menezes. E a que de pequena ſe faz grande, foi Xaél, porque a tomou o filho do Governador. O Biſpo feſtejou muito a reſpoſta, e a galanteria do aludir; mas todavia ambas eſtas couſas foram muito boas; e muito dignas de [illegible]

## CAPITULO VII.

*Da Armada de Lourenço Pires de Tavora, que chegou ao Reyno com as novas da vitoria de Dio: e das náos que ElRey despedio em Outubro: e das honras, e mercês que mandou ao Governador D. João de Castro.*

LOurenço Pires de Tavora, Capitão mór da Armada que partio da India, teve tão prospera viagem, que chegou ao Reyno com todas as suas náos juntas, e surgio na barra de Lisboa, onde ElRey estava, que já tinha sabido as novas da vitoria de Dio, por cartas que da Ilha Terceira lhe mandáram, por huma caravela que foi diante alguns dias. Tanto que ElRey soube das náos, mandou desembarcar o Capitão mór, a quem acudíram todos os Grandes, e Fidalgos da Corte, que o acompanháram até o Paço, onde elle entrou, levando sempre [illegible] mão Rax Nordim, filho do Guazil de [illegible] ElRey os recebeo mui bem; e sabendo do Capitão mór as cousas do cerco, e da vitoria mais particularmente, ordenou de festejar ao outro dia as boas novas, como fez, vestindo-se elle, e os Infantes, e toda a Corte de festa, e houve hum solemne Officio, e Missa em Pontifical, e hum

douto, e grande Sermão em louvor daquella espantosa vitoria, em que se tratou da prudencia, presteza, e esforço do Governador D. João de Castro, em que todos os que se acháram naquelle negocio tiveram mui grande quinhão, principalmente os mortos, affirmando que eram dignos de serem nomeados por Martyres, pois morrêram pela Fé de Christo. ElRey escreveo logo ao Summo Pontifice, e a todos os Reys Christãos, a mercê que lhe Deos fizera na grande vitoria, que o seu Governador da India alcançára dos Capitães do Rey de Cambaya, do que todos lhe mandáram os parabens. Não se fallava em toda a Europa n'outra cousa, senão naquelle temeroso cerco de Dio, e na grande vitoria, que os Portuguezes alcançáram do mais poderoso Rey de todo o Oriente, cuja memoria durou por muitos tempos.

ElRey D. João, depois que assim por informação de Lourenço Pires de Tavo[illegible] como pelas cartas do Governador, fo[illegible] estado em que a India ficava, e que [illegible] sas de Cambaya ficavam ainda prenhes, quiz acudir a ellas com muita pressa, mandando negociar seis náos pera lhe mandar de soccorro, fazendo chamamento de gente por todo o Reyno, que acudio toda a que se houve mister.

E porque se não pode dar expediente a todas as seis náos juntas, despedio ElRey tres, que fez á véla o primeiro de Novembro, dia de Todos os Santos, de que deo a Capitanía mór a Martim Correa da Silva, a quem fez mercê da fortaleza de Dio. Os outros dous Capitães eram Antonio Pereira, e Christovão de Sá. E querendo ElRey gratificar ao Governador D. João de Castro os grandes serviços que lhe tinha feito, e o grande zelo com que arriscou seus filhos na força do Inverno, e a morte de seu filho D. Fernando de Castro, lhe mandou mais tres annos da governança da India, com titulo de Viso-Rey, e lhe fez mercê de dez mil cruzados pera ajuda de pagar suas dividas, que tomaria nos direitos da Alfandega. E a seu filho D. Alvaro de Castro mandou o cargo de Capitão mór do mar da India, com o ordenado que teve Martim Affonso de Sousa, e lhe fez mercê mais de dous mil cruzados pera ajuda de [illegible] e a todos os Fidalgos que se achá- [illegible] cerco, e na batalha escreveo cartas mui honrosas, e lhes mandou honras, e mercês, tendo tanta conta com todos, que nenhum ficou queixoso.

Partidas estas náos, mandou ElRey dar muita pressa ás outras tres, de que deo a Capitanía mór a Francisco Barreto, fazendo-

lhe mercê da fortaleza de Baçaim, a quem deſpachou, e fez á véla entrada de Dezembro. Os Capitães de ſua companhia eram D. Heitor Aranha, Fidalgo caſado em Evora com huma D. Maria Caroche, e Pero de Meſquita, que ElRey deſpachou com a Capitanía do galeão da carreira de Maluco. Todas eſtas náos foram ſeguindo ſua derrota; e porque eſtas da conſerva de Franciſco Barreto partíram mais tarde, quando tomáram Moçambique foi a tempo, que affirmáram os Pilotos, que o não poderiam já paſſar á India, pelo que ficáram alli invernando.

Martim Correa da Silva foi ſeguindo ſua viagem até ſe apartarem as náos de ſua conſerva com alguns temporaes que lhes deram, e em Moçambique ſe tornáram ajuntar, donde partíram meado Março, e acháram na linha muitas calmarias, pelo que ſe detiveram muito. A náo de Antonio Pereira, depois de paſſar a linha, ſe foi encoſtan-do a Sacotorá, onde as correntes o lev[illegible] e por aquella paragem gaſtou todo [illegible] de Abril. E vendo que era tarde pera ir demandar a barra de Goa, ſe fez na volta de Ormuz pera ir lá invernar, onde chegou por fim de Maio, e D. Manoel de Lima feſtejou muito ſua chegada. Antonio Pereira lhe deo as cartas de ElRey, que hiam cheias de

de grandes agradecimentos de ſeus ſerviços. Eſta náo invernou naquelle porto, e não ſabemos ſe tornou pera o Reyno, ou ſe ficou na India.

Martim Correa da Silva, e Chriſtovão de Sá, paſſadas as calmarias, foram ſeguindo ſua derrota, e indo demandar a coſta da India, lhes deram algumas trovoadas, com que Martim Correa da Silva foi deſgarrando, e ſem poder ferrar a barra de Goa, foi tomar Angediva, onde ſe recolheo pera invernar, deſpedindo dalli recado ao Governador, pera que o mandaſſe prover de amarras, e de todo o mais neceſſario, e pera que mandaſſe buſcar os doentes, que trazia muitos. Chriſtovão de Sá, ſoube-ſe o ſeu Piloto marear melhor; porque tanto que tomou fundo na coſta da India, foi mettendo de ló pera ſe pôr a balravento de Goa, como fez, e foi haver viſta da terra por Carapatão, e dalli foi demandar a barra de Goa, onde ſurgio quaſi no meſmo tempo, que Martim Correa da Silva tomou Angediva. O Governador tanto que lhe deram novas da náo do Reyno na barra, mandou com muita preſſa muitos navios pera a deſcarregarem, e metterem dentro, e deſembarcar Chriſtovão de Sá, que recebeo com muitos gazalhados, e lhe deo a via de El-Rey, que o Governador abrio, e achou as

Pro-

Provisões, e Alvarás das honras, e mercês que lhe fazia a elle, e a seu filho, o que estimou muito, por ver que tinha ElRey conta com seus serviços. E ainda houve por mór mercê a carta, que lhe escreveo de satisfações delles; e não estimou menos a carta que o Infante D. Luiz lhe escrevia, porque era Principe que elle muito amava pelas obrigações que lhe tinha, porque elle foi o que o poz naquelle Estado, e o que solicitou com ElRey todas suas cousas.

E porque ambas são substanciaes, nos pareceo bem irem aqui insertas, pera a todo tempo se saber como os Reys de Portugal tratavam os vassallos que os serviam; e para que os Viso-Reys, e Governadores da India vejam quanto os Reys estimam escreverem-lhes os merecimentos dos homens na verdade, sem odio, nem affeição, e não formarem em alguns desmerecimentos, que pela ventura não tiveram, só por paixão, e pera os homiziarem com o Rey, como alg[illegible] fizeram. E tambem foi necessario irem [illegible] as cópias destas cartas por honra de[illegible] Governador, pera que todos saibam quão bem tomou ElRey a batalha que deo aos Capitães de ElRey de Cambaya, porque não faltáram calumniadores, que attribuíram aquelle commettimento mais a doudice, que a prudencia, e esforço.

CA-

## CAPITULO VIII.

### *Que contém a cópia das cartas, que ElRey D. João, e o Infante D. Luiz seu irmão escrevêram ao Viso-Rey Dom João de Castro.*

### CARTA DE ELREY.

» Viso-Rey amigo, eu ElRey vos en-
» vio muito saudar. A vitoria que nos-
» so Senhor vos deo contra os Capitães de
» ElRey de Cambaya, foi de grande con-
» tentamento para mim, como he razão que
» eu tivesse por tal, e tamanho vencimen-
» to, e por quão grandes mercês, e ajudas
» nisso recebestes de nosso Senhor; pelo que
» elle seja louvado. Muito se deve á vossa
» prudencia, e grande animo, que naquelle
» dia mostrastes, e assim no que fizestes no
» grande, e apressado soccorro que mandas-
» tes á fortaleza de Dio em tão desvairado
» tempo, offerecendo o amor de vossos fi-
» lhos, em que se vio bem, quanto mais
» pode comvosco o que importava a meu
» serviço, que o effeito natural de pai, o
» que eu assim estimo como he razão; ven-
» do que não tão sómente desbaratastes tão
» grande poder de inimigos, mas ainda dés-
» tes segurança a toda a India no grande
» re-

» receio que aos inimigos della fica com ef-
» ta tão grande vitoria; e todos eftes fervi-
» ços que me fizeftes, he razão que eu te-
» nha na conta que elles merecem.

» Do falecimento de voffo filho D. Fer-
» nando de Caftro recebi muito grande def-
» prazer, e affim por elle fer voffo filho,
» como porque hia bem moftrando naquella
» idade qual houvera de fer em toda a ou-
» tra; e pois acabou tão honradamente, e
» em tão grande ferviço de noffo Senhor, e
» meu, deveis de fentir menos fua perda, e
» dar graças a noffo Senhor, por como foi
» fervido que acabaffe, o que fei que vós
» fizeftes, moftrando ainda no efquecimento
» de fua morte a lembrança do que com-
» pria a meu ferviço. Destas coufas todas eu
» ferei fempre lembrado, e não fómente vo-
» las conhecerei no grande contentamento
» dellas, mas ainda com muitas mercês, a
» que agora quiz dar principio neffas que
» vos faço a vós, e a voffo filho D. Alvaro
» de Caftro, guardando o remate dellas pe-
» ra o cabo de voffos ferviços, que eu con-
» fio, e tenho por muito certo, que feram
» taes, quaes foram os que até agora me
» tendes feitos. E com efta confiança, e com
» a experiencia que diffo tenho, defejando
» muito nefte tempo de vos fazer em tudo
» mercê, confiderando quanto ifto compria

» a

» a meu serviço, e vendo por vossas obras
» quanta mais conta tinheis com elle, que
» com todas vossas cousas, houve por bem
» de vos não dar a licença pera vos virdes,
» como me pedís: pelo que vos encommen-
» do muito, e mando, que o hajais assim
» por bem, e que nesse cargo me queirais
» ainda servir outros tres annos, e no fim
» delles vos mandarei licença pera vos vir-
» des embora; e eu espero em Deos nosso
» Senhor, que vos dê muito boa disposição
» pera o fazerdes. E porém se por sima do
» que tanto cumpre a meu serviço, como
» he ficardes ainda servindo-me nessas par-
» tes, vos a vós parecer que tendes toda-
» via necessidade de vos virdes, folgarei de
» mo escreverdes, e entre tanto esperareis
» por minha resposta. Pero de Alcaçova Se-
» cretario a fez em Lisboa a 20. de Outu-
» bro de 1547.

## CARTA DO INFANTE D. LUIZ.

» Honrado Viso-Rey. Recebi vossa car-
» ta, que veio nesta Armada de Lou-
» renço Pires de Tavora, em que dizeis, que
» recebestes a minha, que por Luiz Figuei-
» ra vos mandei; e agradeço-vos muito di-
» zerdes-me, que vos parecêram bem as lem-
» branças que vos fazia, e muito mais o por-
» del-

» de-las em obra: e abastava pera o eu crer » que sería assim, ainda que vos eu não co» nhecêra, ouvir o que lá fazeis, e ver quão » á boca cheia me escreveis vossos trabalhos, » pobreza, e abstinencia, cousas com que se » vence o diabo, o Mundo, e a carne, que » nessas partes da India tem tanto poder, o » que he maior vitoria, que a de ElRey de » Cambaya, nem ainda de todo o poder do » Turco. Pelo que em quanto viverdes, não » deveis de temer cousa alguma, mas antes » esperai em nosso Senhor, que vos ajudará, » como agora fez na defensão, e batalha de » Dio. Em cuja vitoria vós tendes muito que » lhe louvar, pois vos fez instrumento de tan» to serviço seu, e de ElRey meu Senhor, » e de tanta honra vossa, e de todos os Por» tuguezes, assim dos que se achάram com» vosco, como dos que estiveram ausentes. » E certo, que vós tendes feito nesta jorna» da, des do primeiro dia que tivestes no» vas do cerco de Dio, até o dia de vossa, » e nossa vitoria, tudo o que entendo que » hum valoroso, e astuto Capitão podia fa» zer, assim na presteza dos soccorros, co» mo em pordes vossos filhos por balisas da » fortuna, e perigos do inverno, e mares » da India, pera que os outros os tivessem » em menos; no que se mostra bem claro, » quanto mais parte tem em vós o serviço

» de

» de ElRey meu Senhor, e obrigação de » vosso cargo, que os effeitos naturaes de » pai, que são os que mais forção a natu» reza; e no soffrimento que mostrastes na » morte de D. Fernando de Castro vosso fi» lho, se confirma bem esta opinião: e cer» to, que eu o senti por mim, e por vós, e » o houve por mui grande perda, por quão » certos sinaes se nelle viam de seu grande » esforço, e creio que nisto lho quiz Deos » pagar com o tirar de vida tão trabalho» sa, por meio tão honrado, e de tanta glo» ria sua, que deve de ser grande causa de » vossa consolação.

» D. Alvaro de Castro vosso filho não » empregou mal sua jornada, pois com tan» tos trabalhos, e perigos soccorreo a for» taleza de Dio, a tempo que sua chegada » foi por então o remedio della; e de co» mo se nisso houve, e no dar nas estancias » dos inimigos, e em tudo o mais, lhe lan» ço muitas bençãos por vossa parte, e mi» nha.

» E tornando a vossa determinação de » aventurardes vossa pessoa, e o Estado da » India, por soccorrerdes Dio, foi mui » boa, pois de o não fazerdes estava tanto » mais aventurado: e o chegardes a Dio, » e ordenardes vossa desembarcação, e man» dardes que os navios commettessem a ter-

» ra,

» ra, ao tempo que havieis de dar a bata-
» lha, e o modo do commetter que nisso
» tivestes, tudo me pareceo digno de agora,
» e sempre darmos muitas graças a Deos
» nosso Senhor, e de Sua Alteza vos fazer
» muitas mercês, a que agora dá principio,
» como vereis ácerca de vós, e de vosso fi-
» lho, e assim o deve fazer, e fará aos Fi-
» dalgos, e Cavalleiros, que nessa jornada
» comvosco o serviram, em especial a Dom
» João Mascarenhas, que se houve no pezo
» desse cerco como honrado Capitão, e es-
» forçado cavalleiro. Folguei muito de ver
» o modo que tivestes no escrever a S. A.
» sobre os serviços que os Fidalgos, e Ca-
» valleiros, que nessas partes andam, lhe fi-
» zeram no negocio de Dio, no que se vio
» que tinheis com seus trabalhos conta: is-
» to fazei sempre por amor de mim, e fol-
» gai de louvar os homens, porque já que
» está certo não faltar quem diga delles os
» males, (que haveis de castigar, os que nel-
» les sentirdes,) razão he tambem que os
» bons os alevanteis, pera que os que lá não
» puderdes galardoar, Sua Alteza por vossa
» informação o faça.

» Eu fallei sobre vossa vinda, como me
» escrevestes, que me elle não concedeo,
» e me deo pera isso duas razões, que a meu
» parecer, ainda que vós tenhais muitas pe-

» ra vos desejardes de vir, Sua Alteza tem
» muitas mais pera vos mandar rogar, que
» o sirvais nesse governo outros tres annos,
» o que haveis de folgar de fazer por ser-
» virdes a nosso Senhor, pela grande mer-
» cê que vos tem feito, e a Sua Alteza pela
» confiança que de vós tem, e contentamen-
» to de vosso serviço. E confiai em Deos,
» que vos dará forças pera poderdes com os
» grandes trabalhos, e desordens da India.
» E eu espero nelle, que fazendo-o vós as-
» sim, venhais encher estes picos da serra de
» Cintra, de Ermidas de vossas vitorias, e
» que as visiteis, e logreis com muito des-
» canço vosso. Nas cousas particulares vos
» não fallo, porque ElRey meu Senhor vos
» escreve o que ha por seu serviço, em re-
» sposta da carta geral, que lhe escrevestes,
» que vinha em muito bom estilo, e em mui-
» to boa ordem. Escrita em Lisboa a 22. de
» Outubro de 1547.

CA-

## CAPITULO IX.

*De como o Viso-Rey D. João de Castro adoeceo: e de huma notavel falla que fez aos Officiaes de ElRey sobre sua pobreza: e de como faleceo: e em que tempo: e das partes, e qualidades de sua pessoa.*

O Viso-Rey D. João de Castro (de cujo titulo logo começou a usar) despedio com muita pressa as cartas de ElRey pera Dio aos Fidalgos que lá ficavam invernando, e pera os Capitães de Chaul, e Baçaim, porque a todos ElRey escreveo; e o mesmo fez pera Cananor, e Cochim. E logo teve o Viso-Rey recado de Martim Correa da Silva. E sabendo estar em Angediva, despedio apressadamente alguns navios de remo, com todas as cousas que Martim Correa lhe pedia, e muitas esquipações novas, e conservas pera os doentes, que mandava trazer, e muito dinheiro, e provimentos pera toda a mais gente, que havia de ficar invernando na náo, pera se lhe pagarem seus quarteis, e darem seus mantimentos. Estes navios voltáram logo, e por elles mandou Martim Correa da Silva as vias de ElRey, e os doentes todos, que foram levados ao Hospital, onde foram mui bem curados. O Viso-Rey se pagou de dez mil cruzados,

de que lhe ElRey fez mercê, que logo pagou a peſſoas que lhos tinham empreſtado pera as deſpezas das jornadas que fez.

Andava o Viſo-Rey neſte tempo achacoſo, triſte, e melancolizado, e com huns faſtios de tudo; porque na verdade depois da morte de ſeu filho D. Fernando nunca mais o víram ſem achaques; e ſobre iſſo era homem, que tratava mal ſua peſſoa nos regalos della, porque o ſeu comer foi ſempre muito moderado, e o ſeu dormir pouco, e os trabàlhos que tinha levados na guerra, foram muitos, e muito grandes, e em fim todas eſtàs couſas o traziam mui fraco, e debilitado. E ſobre tudo lhe deram humas febres, de que logo cahio em cama, com ruim opinião dellas, e elle ſe ſentio de feição, que bem vio que não eſtava pera entender em couſa alguma. Pelo que entregou o governo ao Biſpo D. João de Alboquerque, e ordenou-lhe por Coadjutores o Capitão da Cidade D. Diogo de Almeida Freire, e o Doutor Franciſco Toſcano, Chanceller do Eſtado, e Baſtião Lopes Lobato, Ouvidor Geral, e Ruy Gonçalves de Caminha, Veador da Fazenda, ſobre quem deſcarregou todas as couſas do Eſtado, porque ſe recolheo com ſeu Confeſſor pera tratar ſó de ſua alma.

E porque eſtava tão pobre, que não havia

via em ſua caſa dinheiro com que ſe correſſe com as deſpezas de ſua enfermidade, e com o ordinario de ſeus criados, e elle não ſe queria individar, nem pedir já aos homens empreſtimo, fez hum dia chamamento de todos os Deputados, e de outros Prelados, e peſſoas doutas, e religioſas, como foram o Padre Meſtre Pedro, Vigario Geral da India, Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio de S. Franciſco, o Padre M. Franciſco, da Companhia de Jeſus, e os Officiaes da Fazenda de ElRey. E ſendo todos preſentes, aſſim deitado em ſua cama, já fraco, e debilitado, lhes fez eſta breve falla:

*Falla do Viſo-Rey.*

» MAndei-vos, Senhores, chamar pe-
» ra vos dizer o eſtado, e neceſſida-
» des a que ſou chegado, que não houve
» hoje neſta caſa dinheiro com que ſe com-
» praſſe huma gallinha pera minha peſſoa;
» porque fiquei tão deſpezo, e individado
» pelos grandes gaſtos, que fiz eſtes dous an-
» nos nas guerras paſſadas, que até dos meus
» ordenados eſtou pago adiantado até quin-
» ze de Setembro que vem; e confeſſo-vos,
» que não ouſo a pedir dinheiro empreſta-
» do a peſſoa alguma pera mim, como nun-
» ca fiz, porque o houve por mui grande

» inconveniente pera o homem que está nesse cargo, porque lhe convem que esteja livre, e isento com os homens, pera fazer justiça direita a todos. E pois não tenho outro remedio, peço aos Veadores da Fazenda, e Officiaes de ElRey, que aqui estam, que estes quatro mezes, que ha daqui até virem as náos do Reyno, me queiram ordenar huma despeza honesta da Fazenda de ElRey pera os gastos de minha casa, conforme a minha qualidade, e á pessoa que represento. E se virdes que tenho alguns gastos desnecessarios, e sobejos, vos peço que os corteis; e pera isso não quero que pessoa de minha casa corra com as despezas della, pera que o dinheiro de S. A. seja despendido com muito resguardo. Tambem vos peço que ordeneis hum official pera se lhe dar aquillo que alvidrardes que se póde despender comigo, pera correr tudo por sua mão. E assim vos peço, que algumas dividas que ainda ficáram, que não pude pagar, (que todas tenho feitas em serviço de ElRey nas guerras passadas por mar, e por terra, em dar de comer a muita gente, e sustentar muitos soldados,) que as queirais mandar pagar do dinheiro de ElRey. E assim isto, como tudo o mais, mandareis assentar em hum livro separado, que está-

» rá em poder do Thesoureiro de ElRey, » pera a todo o tempo que eu o puder pa» gar, o faça. E se eu morrer, elle haverá » por bem de me fazer mercê de tudo.

E tomando hum Missal, poz sobre elle a mão direita, dizendo: » Por este jura» mento dos Santos Evangelhos, que até es» ta hora em que estou, não sou em encar» go á Fazenda de ElRey de hum cruzado, » nem a alguma outra pessoa de cousa que » tomasse Christão, Judeo, Mouro, ou Gen» tio, nem nunca, em quanto governei a In» dia, tive genero algum de trato de mer» cadoria, nem por outra alguma via tenho, » ou tive proveito algum; antes até agora » vivi, e gastei de meus ordenados, sem me » ajudar de outra alguma cousa. Nem em » meu poder, nem fóra delle tenho senão » aquillo, que trouxe de Portugal pera o » serviço, e authoridade deste cargo. E ain» da dessa pouca prata de meu serviço he » quasi ametade diminuida, parte por ma fur» tarem, parte por se gastar, e quebrar. E' » de tal maneira, e tão registado fui sempre » em minhas despezas, que fóra do ordina» rio, não tive alguma hora posse pera com» prar outra colcha, além desta que tenho » na cama; nem em minha casa se achará » peça, que eu fizesse deste Estado, tirando » huma espada de ouro, com algumas pe-

» dras de pouca ſubſtancia, e hum capace-
» te guarnecido de prata, que fiz pera meu
» filho D. Alvaro, porque determinava de o
» mandar eſte anno, que embora vem, a Por-
» tugal, a ſervir ElRey noſſo Senhor na
» Corte, e na guerra. E de tudo iſto que
» aqui diſſe, e jurei vos peço que mandeis
» fazer hum Termo, em que todos os que
» aqui eſtais ſe aſſinem, pera que a todo o
» tempo que ſe achar o contrario diſto, que
» aqui jurei, ElRey noſſo Senhor me caſ-
» tigue como a perjuro á fé, e deſtruidor de
» ſua honra, e fazenda. »

Eſte auto ſe fez logo, e hoje eſtá o proprio, em que todas as peſſoas nomeadas ſe aſſináram em hum livro dos regiſtos da Fazenda dos Contos de Goa, donde o nós tirámos, e trasladámos. E certo, que aſſim devia de andar eſcrito nos animos de todos os Governadores, e Viſo-Reys da India. E ſe iſto ſuccedêra em tempo daquelles antigos Gregos, que com muita razão pudéram trasladar eſte Termo em laminas de ouro, e pregarem-nas ſobre as portas do Oraculo de Delphos, junto daquella notavel, e memoravel ſentença, que nellas tinham de *Noſce te ipſum*. Porque não ha mór conhecimento de ſi meſmo, nem mór deſprezo de tudo, que o que teve eſte Viſo-Rey; porque nem aquelle grande deſprezo de ouro,

e riquezas daquelle famoso Capitão Fabricio Romano, nem o de essoutro Themistocles Grego, chegáram a este. E com muita razão pudéra a vida deste Viso-Rey ser regra, e nivel de todos os outros, e os Reys de Portugal darem o traslado deste auto por regimento a todos os que pera a India despachassem, porque nelle lhes mostra bem a pureza, que hão de ter em sua Fazenda, o como hão de ser registados, e desapegados de tudo pera poderem fazer justiça. O como hão de deixar servir aos Officiaes seus cargos, pois lhos ElRey dá por seus serviços, como a elles a governança da India; e não taparem as bocas tanto a todos, como depois alguns fizeram, que os não deixavam comer, sendo a tenção de ElRey que se fartem em seus cargos, (como ElRey D. João o II. disse áquelle Almoxarife, que dizia, que morria de fome, que pois tinha carne, pescado, azeite, vinho, e biscouto, que se fartasse.) Mas foi o Mundo tanto de mal em peior, e assim se trocáram estas bolas depois, que este Viso-Rey pedia aos Officiaes de ElRey que lhe déssem de comer; e hoje não basta pedirem elles aos Viso-Reys que os fartem, porque comem todos tanto por suas mãos por regra, que não levam bocado á boca, que lhes não seja contado. E deixando esta ma-

teria que eſcandaliza, tornemos á noſſa hiſtoria.

Os Veadores da Fazenda com os Deputados do governo, ordenáram ao Viſo-Rey pera deſpezas de ſua caſa tudo abaſtadamente; mas o que lhe limitáram, e o livro em que ſe lançou eſta deſpeza, nós o não achámos, buſcando-o bem. A doença do Viſo-Rey foi tanto por diante, que aos quatorze dias della deo a alma a Deos noſſo Senhor, depois de feitos todos os actos de muito bom Chriſtão, com grande dor, e mágoa de toda a India, que todos o ſentíram em extremo, porque o amavam como pai.

Faleceo a ſeis de Junho de 1548. em idade de quarenta e oito annos, tendo governado dous e oito mezes, em que entráram quatorze dias, que ſó logrou o titulo de Viſo-Rey. Buſcou-ſe ſeu teſtamento pera verem o que mandava ácerca do ſeu enterramento, e achou-ſe em huma boceta do Reyno, cuja chave elle comſigo trazia, e dentro nella lhe acháram humas diciplinas, que moſtravam que uſava muito dellas, e a guedelha da barba, que mandou de Dio em penhor á Cidade de Goa do empreſtimo, que lhe pedio pera reparar a fortaleza dos grandes damnos, que no cerco lhe fizeram, e tres tangas Larins. Aberto o teſtamento, achou-ſe nelle, que ſua mulher, e ſeu filho

Dom

D. Alvaro de Castro eram seus testamenteiros; e mandava que o enterrassem em São Francisco, e que seus ossos fossem depois levados á sua Capella de Cintra. E encommendava a seu filho D. Alvaro de Castro, que logo se fosse pera o Reyno. As mais particularidades do testamento não apontamos, por nos não serem necessarias pera a historia.

Foi D. João de Castro filho do Governador de Lisboa D. Alvaro de Castro, (como no principio da historia dissemos,) foi casado com Dona Leonor Coutinho, filha de Lionel Coutinho, que matáram em Calecut com o Marichal, e de D. Mecia de Azevedo. No estado da moçidade foi bem instruido nas artes liberaes, depois de tão bom Latino, que podia julgar de antre estilo, e estilo, (como se vio naquelle curioso Tratado que fez na jornada do Estreito do Mar Roxo, quando foi com D. Estevão da Gama,) em que muito curiosamente dá razão do porque se chama Roxo, e daquellas manchas vermelhas, que se acham por todo aquelle Estreito, com bem differentes fundamentos do que fizeram outros, que escrevêram sobre isto, cujo Tratado dirigio ao Infante D. Luiz. Foi muito inclinado, e affeiçoado á Mathematica, de que teve por Mestre o grande, e insigne Dou-

tor

tor Pero Nunes, em companhia do Infante D. Luiz, que tambem a aprendeo. Naquella Armada, que ElRey mandou de ſoccorro, de que foi por Capitão mór Antonio de Saldanha, foi elle por Capitão de huma caravela. E conta-ſe delle, que acabada a jornada, mandando o Imperador fazer mercê de dous mil cruzados a cada Capitão daquella Armada Portugueza, ſó D. João de Caſtro os não quiz acceitar, dizendo, que elle fora por mandado de ElRey de Portugal, e que elle lhe faria mercê. Depois o mandou ElRey a Ceita com huma Armada a talhar a Almina. E aſſim ſe ſervio delle nas Armadas das Ilhas, e depois foi á India com D. Garcia de Noronha, ao primeiro cerco de Dio, (como fica dito no Cap. VIII. do III. Liv. da V. Decada,) e em tudo deo de ſi grande ſatisfação. Morreolhe ſeu pai, herdou aquella quinta de Cintra, aonde ſe recolheo a filoſofar já depois de ſer de quarenta annos, cortando todas as arvores de fruito que tinha, em cujo lugar fez plantar outras agreſtes, e peregrinas, e fez alli debaixo de huma lapa huma Ermida muito devota. Aqui o hia o Infante D. Luiz ver, e communicar, e dalli ſe lhe affeiçoou de feição, que o inculcou a ElRey pera o mandar por Governador á India, onde o ſervio com muito zelo, amor, in-

inteireza, e pouca cubiça, como pelo decurſo da hiſtoria ſe tem viſto, fazendo tantas, e tão continuas guerras aos inimigos, por mar, e por terra, andando de continuo embarcado com as armas ás coſtas, que ſe affirma, que de puro trabalho morreo. E tambem ſe póde affirmar de ſua muita caridade, continencia, pouca cubiça, grande temor de Deos, e em todos os mais exteriores de Chriſtão, que ſua alma eſtará na gloria recebendo o premio, e galardão de todos os ſeus trabalhos.

DE-

# DECADA SEXTA.

# LIVRO. VII.

## Da Historia da India.

### CAPITULO I.

*De como por morte do Viso-Rey D. João de Castro succedeo Garcia de Sá: e das pazes que fez com o Idalxá.*

ESTANDO ainda o corpo do Viso-Rey D. João de Castro por enterrar, posto no meio da Capella, mandou o Veador da Fazenda Ruy Gonçalves de Caminha trazer o cofre, em que estavam as successões da governança da India, que eram sinco; e abrindo-o perante todos os Officiaes, Fidalgos, e Capitães, tirou a primeira, e deo a D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade, que a examinou com o Ouvidor Geral, e achou que estava sã, e inteira, sem nella se bolir. E tornando-a ao Veador da Fa-

Fazenda, elle a deo ao Secretario, que leo em alta voz o titulo de fóra, que dizia assim: *Primeira succesſão da governança da India, que ſe abrirá, falecendo o Viſo-Rey D. João de Caſtro, o que Deos não permitta*; e ao pé eſtava ElRey aſſinado. E abrindo-a, a foi lendo alto, pera que todos a ouviſſem, e achou nella D. João Maſcarenhas, que era ido pera o Reyno. E tornando-a ao cofre, tiráram a ſegunda, com quem ſe fez a meſma diligencia; e lendo-a, acháram Dom Jorge Tello, que tambem era ido pera o Reyno. E tirada a terceira, com quem tambem ſe fez a meſma diligencia, que com a primeira, e ſegunda, acháram ſucceder Garcia de Sá, que eſtava preſente, a quem logo alli lhe fizeram entrega da governança da India, na fórma acoſtumada naquelles Eſtados, dando a menagem do Eſtado da India nas mãos de D. Diogo de Almeida, Capitão da Cidade.

Aqui aconteceo huma galanteria, que ſe notou a Jorge Cabral, que eſtava preſente, que vendo abertas tres ſucceſsões, diſſe: » Dera alguma couſa agora por ſaber qual » he o rapaz da quinta ſucceſsão, que a quar- » ta bem ſei que ſou eu; » e aſſim o foi por falecimento deſte Governador, como adiante em ſeu lugar ſe dirá.

Feito o auto da entrega da India, que foi

foi aos ſeis dias do mez de Junho do anno de 1548, depois de ſe enterrar o corpo do Viſo-Rey, o mais ſolemnemente que pudéram, ſe recolheo o Governador pera ſua caſa, e começou a entrar nos negocios de ſeu cargo, viſitando a Ribeira das Armadas, e os Armazens, mandando prover todos muito bem, e negociar os navios com muita preſſa, porque determinava de ſe embarcar no verão.

As novas da morte do Viſo-Rey Dom João de Caſtro corrêram logo por eſſe certão, com que o Idalxá deſpedio hum Embaixador, chamado Motabarcão, Regedor do ſeu Reyno, com grande apparato pera ir viſitar o novo Governador, e a lhe fazer novos requerimentos ſobre as couſas de Mealecan, dando-lhe todos os ſeus poderes pera tratar, e aſſentar pazes, porque lhe não vinha bem ter guerra com os Portuguezes, porque lhe era neceſſario deſoccupar-ſe de tudo, pera reſiſtir ao Rey do Canará, que lhe fazia dura guerra, e por haver á mão certas Cidades, que lhe elle tinha tomadas. Eſte Embaixador chegou a Goa em Agoſto, e o Governador o mandou buſcar, e o recebeo com grande apparato, e depois de paſſada a viſita o ouvio. Elle lhe diſſe: » Que o Idalxá ſeu Senhor dera as terras fir» mes de Salſete, e Bardés ao Governador

» Mar-

» Martim Affonso de Sousa, com condição, » que Mandaria Mealecan pera o Reyno, » ou pera Maluco, como consta daquelles » contratos que apresentava. Que lhe pedia » lhos cumprisse, e lhe entregasse Mealecan, » ou lhe largasse as suas terras, e tanádarias. » O Governador lhe respondeo: » Que o Go- » vernador, que com elle fizera aquelles con- » tratos, estava no Reyno, e que elle sem » recado d'ElRey de Portugal não podia » fazer cousa alguma naquelle negocio. Que » se tratava só de se segurar de Mealecan, » que elle o teria tão fechado, e guardado, » que na sua imaginação estivesse tão longe » de passar ao Balagate, como se estivera no » Reyno de Portugal. E que se o pedia pe- » ra o ter em custodia em outra parte, que » em nenhuma elle podia estar mais seguro, » que na Ilha de Goa, rodeada de hum mui- » to largo rio, e com tantas guardas, e vi- » gias, que não podia dar huma volta na » sua cama, que não fosse sentido; com o » que se havia de haver por satisfeito. » O Embaixador despedio logo correio ao Idalxá desta resposta, que lhe escreveo, que confirmasse novas pazes, mandando-lhe Capitulos dellas. E tornando o Embaixador a apertar com o Governador, e mostrando-lhe os apontamentos do Idalxá, depois de vistos em conselho, e praticados por todos os Capi-

pi-

pitães, e Fidalgos, concluíram-se as pazes com os Capitulos seguintes.

» Que de novo se confirmavam as pazes, » e amizades como d'antes estavam feitas com » os Governadores passados, com condição, » que logo entregaria o Idalxá o Embaixa- » dor, que lá tinha reteudo do tempo de » Martim Affonso de Sousa com todos os » Portuguezes, e todas suas fazendas.

» Que nunca mais daria soldo a nenhum » Portuguez, que fosse fugido pera seus Rey- » nos.

» Que as terras firmes de Salsete, e Bar- » dés nunca mais fallaria nellas, e ficariam » a ElRey de Portugal pera todo sempre, » sem os Reys de Visapor terem mais nellas » direito algum.

» Que se em algum tempo viessem galés » de Rumes á India, sería elle Idalxá obri- » gado a ajudar, e soccorrer o Governador, » que no tal tempo governasse a India, com » mantimentos, marinheiros por seu dinhei- » ro, e que nada disto dariam em algum dos » seus portos aos Rumes, nem os agazalha- » riam nelles.

Estes quatro Capitulos assima são os que o Idalxá concedeo ao Governador; e os que concedêram ao Idalxá, são os seguintes:

» Que os Governadores da India seriam » obrigados a terem hum Feitor na Cidade

» de

» de Dabul, que daria cartazes a todas ſuas » náos, e navios, que daquelle porto ſahiſ- » ſem, e nelle carregaſſem.

» Que os mercadores, que dos portos de » Perſia, e Arabia foſſem a Goa com caval- » los, os poderiam paſſar ao Balagate, e que » os donos delles pudeſſem levar ſuas armas » ſem lhes entenderem com ellas.

» Que o Idalxá poderia mandar levar to- » dos os annos da Cidade de Goa quinze ca- » vallos forros de direitos pera ſua peſſoa.

» Que poderia o Idalxá mandar levar de » Goa todos os annos tres mil pardáos, em- » pregados nas fazendas que quizeſſe, ſem » pagar direitos, nem lagimas da ſahida.

» Que o Governador da India teria Mea- » lecan em muito boa guarda, e vigia, e o » não mandaria pera fóra de Goa, ſem pri- » meiro o fazer a ſaber ao Idalxá. »

Deſtas pazes foram linguas Coge Borcoli por parte do Idalxá, e João de Caſtro pela do Governador, e logo ſe juráram na Cidade de Goa com grandes ſolemnidades; e o Governador deſpedio hum Embaixador pera ir á Corte de ElRey a vellas jurar, e tomar entrega do Embaixador, e Portuguezes. Eſte Embaixador foi muito bem recebido de ElRey, que jurou perante elle as pazes, e as mandou apregoar por ſeus Reynos, e lhe fez entrega do Embaixador, e Por-

Portuguezes. O Governador entendeo o que faltava do Inverno em algumas cousas do governo da Republica. E porque faltava moeda na Cidade, mandou bater huma de ouro da lei dos pagodes, redondas, que vinham da terra firme, que era de quarenta e tres pontas, que responde a vinte quilates e hum quarto, e cada marco de ouro fica respondendo a sessenta e sete moedas, e duas tangas, oito grãos, e dezeseis avos de grão. Esta moeda mandou chapar, e cunhar de huma parte com a figura do Bemaventurado Apostolo S. Thomé, Padroeiro da India, e da outra com as quinas das Armas Reaes de Portugal, e ficáram-se chamando S. Thomés, moeda que ainda dura na India, e corre por toda ella. E toda a pessoa que mettesse ouro na moeda, mandou, que de cada marco de ouro lavrado pagasse dous S. Thomés, hum pera ElRey, e outro pera os Officiaes.

## CAPITULO II.

*De como matáram em Dio Luiz Falcão, Capitão daquella fortaleza: e das Armadas, que ElRey despedio pera a India.*

EStando huma noite Luiz Falcão no quarto da prima em sua casa, assentado em huma cadeira, com o rosto pera huma porta,

ta, que ſahia pera hum baluarte, onde os ſoldados vigiavam toda a noite, e tinha antre as pernas hum menino, ſeu filho natural, (que depois ſe chamou Aires Falcão, e foi Capitão de Baçaim, e de Dio, e tem hoje filhos, e netos,) e como elle eſtava com candeas accezas, e os que paſſavam pera o baluarte hiam de longo da porta, que eſtava hum pouco aberta, apontáram da banda de fóra com huma eſpingarda nelle, e tomando-o pela cabeça, deram com elle morto no chão; e acudindo os ſeus aos gritos do menino, acháram já o Capitão morto, e correndo a voz pela fortaleza, acudíram todos a ſua caſa, ſem ſaberem donde lhe aquillo podia vir, e alli de commum conſentimento elegêram por Capitão hum Fidalgo pobre, acanhado, mas bom homem, e bom Chriſtão, chamado D. Artur de Caſtro. Ao outro dia depois de Luiz Falcão ſer enterrado, ſe tiráram grandes inquirições, ſem acharem raſto de couſa alguma.

E como iſto era já entrada de Setembro, deſpedio D. Artur hum navio pera Goa, com cartas ao Governador do que era ſuccedido. Eſte navio foi tomar Baçaim; e ſabendo D. Jeronymo de Menezes, Capitão daquella fortaleza, o ſucceſſo, receando que houveſſe na terra alguma alteração, ſe embarcou logo, levando dous navios com cincoen-

ta

tá homens, e atraveſſou o Golfo, (porque os Fidalgos daquelle tempo traziam mais o penſamento no ſerviço de Deos, e do Rey, que em outro algum intereſſe, e aſſim Deos os ajudava, e honrava, e logravam o ſeu pouco, que então tiravam das fortalezas, o que hoje não vemos fazer ao ſeu muito dos d'agora.) Chegado D. Jeronymo a Dio, o foi D. Artur com todos os da fortaleza buſcar ao caes, e o levou pera ſua caſa, e logo perante todos lhe pedio que quizeſſe tomar entrega daquella fortaleza, e lhe offerecia as chaves, porque elle não queria aquella carga. D. Jeronymo de Menezes teve com elle grandes cumprimentos, não querendo tomar as chaves, dizendo-lhe, que elle vinha alli a ſer ſeu ſoldado, e que tudo eſtava bem nelle; e aſſim ficou ſendo ſeu hoſpede até chegar Martim Correa da Silva, como logo diremos, porque he neceſſario que continuemos com as náos do Reyno.

Depois que ElRey deſpedio aquellas duas Armadas, de que eram Capitães móres Martim Correa da Silva, e Franciſco Barreto, pelas novas que teve da vitoria de Dio, ſabendo que ainda ficava o Eſtado de guerra com Cambaya perigoſo, determinou mandar mais Armadas, e gente; porque pera couſa tão importante, como era ſoccorrer a India, em que eſperava que a Lei do Evan-

gelho tanto se dilatasse, não receava despezas, nem o impediam trabalhos (que não faltavam no Reyno,) e assim mandou com muita pressa negociar onze náos, que repartio em tres Capitanías. Das sinco fez Capitão mór Manoel de Mendoça, que despachou com as fortalezas de Çofala, e Moçambique, que despedio entrada de Março. Os Capitães de sua companhia eram, Jorge de Mendoça, que levava a Capitanía de Goa, Alvaro de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, e Bastião de Taíde.

As outras seis náos partíram até vinte do mesmo mez. Das tres dellas era Capitão mór D. João Henriques, que levava a Capitanía de Malaca, e os Capitães das outras duas náos eram Aires Moniz, e Antonio de Azambuja. O outro Capitão mór era João de Mendoça o Chú, que tambem trazia a Capitanía de Malaca; e os Capitães de sua conserva eram, Fernão de Alvarez da Cunha, e Diogo Rebello. Estas Armadas tiveram tão boa viagem, que Fernão de Alvarez da Cunha foi ferrar a costa da India em Julho, e por achar o tempo verde se recolheo a Angediva, onde estava Martim Correa da Silva, e dalli despedio recado ao Governador das Armadas que eram partidas do Reyno, e das novas da saude de ElRey, que foram muito festejadas. E entrada de Setembro se

fizeram á véla pera Goa, e juntamente com ellas furgíram as Armadas todas, e a de Francifco Barreto, que eftava de invernada em Moçambique; que foi huma formofa coufa pera ver, porque enchiam aquellas náos todo aquelle porto.

Neftas Armadas mandou ElRey os primeiros Frades da Ordem dos Prégadores, pera na India exercitarem feu officio, e veio por Vigario Geral de todos o Padre Fr. Diogo Bermudes, Caftelhano, Varão douto, e de vida religiofa, e exemplar, e trouxe doze Frades, que foram bem recebidos em Goa, e fundáram o célebre Convento, que hoje tem naquella Cidade.

## CAPITULO III.

*De como nefta Armada do anno de 1548. de que era Capitão mór Manoel de Mendoça, trouxeram os Padres da Companhia huma cabeça das onze mil Virgens, que foi muito bem recebida em Goa: e das novas que o Governador Garcia de Sá teve de Dio, e defpachou Martim Correa da Silva pera aquella fortaleza: e dos Embaixadores que a Goa vieram dos Reys vizinhos.*

MUitas coufas vieram neftas Armadas, que alegráram a India; mas fobre todas foi huma cabeça das onze mil Virgens,

que alguns Padres da Companhia trouxeram, Reliquia muito pera eſtimar, e que a Cidade de Goa o fez muito, e aſſim foi recebida com procisſão muito ſolemne, em que ſe achou o Biſpo reveſtido, e o Cabido com todas as Freguezias, e Ordens, e foi levada da Sé de Goa até o Collegio de Santa Fé, que ſe agora chama de S. Paulo, que he hum dos Collegios ſumptuoſiſſimos, que os Padres da Companhia tem pelo Mundo dos principaes. Com eſtas Armadas ficou a India proſpera de náos, que ficáram nella, (porque ſó quatro tornáram com a carga,) de gente, de dinheiro, e mais couſas. Manoel de Mendoça, Capitão mór das ſinco náos, em chegando a Goa faleceo de humas camaras de que vinha doente.

No meſmo tempo chegou o catur de Dio com as cartas de D. Artur de Caſtro, e de D. Jeronymo de Menezes, em que lhe davam conta da morte de Luiz Falcão, que o Governador Garcia de Sá ſentio muito; pelo que logo deſpachou Martim Correa da Silva, pera ir entrar naquella fortaleza, e mandou em ſua companhia o Doutor Manoel de Mergulhão a tirar devaſſa da morte de Luiz Falcão; e eſcreveo cartas de grandes agradecimentos a D. Jeronymo de Menezes, pela preſteza com que acudio a Dio. E aſſim deſpachou Jorge Cabral pera ir entrar

trar

trar na Capitanía de Baçaim, por ter Dom Jeronymo de Menezes acabado ſeu tempo. Martim Correa da Silva partio em navios muito ligeiros, e em oito dias foi áquella fortaleza, e tomou poſſe della, e D. Artur de Caſtro ſe embarcou com D. Jeronymo de Menezes pera Baçaim, que entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e dalli ſe paſſou a Goa.

O Doutor Manoel de Mergulhão fez muito grandes diligencias ſobre a morte de Luiz Falcão, até dar tratos a hum ſoldado por alguns indicios que houve; mas não confeſſou couſa alguma, nem nunca ſe pode deſcubrir a verdade, e aſſim ficou eſte negocio em ſegredo muitos tempos, até que ſendo Franciſco Barreto Governador da India, falecendo em Bengala hum mulato, que ſe chamava João Leite, que á hora de ſua morte diſſe, que ſe não demandaſſe a morte de Luiz Falcão a peſſoa alguma, porque elle o matára.

O Governador tratou de ir ao Norte, porque as couſas de Cambaya eſtavam em aberto, e quiz prover á coſta do Malavar, pera onde deſpedio por Capitão mór Franciſco de Siqueira com quinze navios. Era eſte homem de caſta de Nayres, muito grande Cavalleiro, e tinha feito tantos ſerviços ao Eſtado, que o fez ElRey Fidalgo, e lhe

lhe mandou o habito de Chriſto com boa tença. Eſte verão fez pela coſta de Cananor, que eſtava alevantada, muita guerra, queimando-lhes muitas povoações, e deſtruindo-lhes, e cortando-lhes muitas palmeiras, e fazendas.

Partidos eſtes navios, ficou o Governador deſpachando os Embaixadores do Çamorim, que foram confirmar as pazes, e outros do Rey do Canará, e do Zamaluco, do Cotamaluco, e outros que foram a viſitar o Governador por ſua ſucceſsão, e a confirmar as pazes. Todos eſtes foram bem recebidos, e deſpachados. E nas pazes que confirmou com o Rey do Canará, fez mudança nos Capitulos contra o Idalxá, por já ter com elle feito pazes, ficando de fóra, que nem favorecia hum, nem outro.

Paſſado iſto, deſpachou as náos que haviam de ir tomar a carga pera o Reyno, e eſcreveo a ElRey o eſtado em que a India ficava. Neſtas náos ſe embarcou D. Alvaro de Caſtro, filho do Viſo-Rey D. João de Caſtro, por Capitão da náo Roſairo, e ſe embarcáram outros muitos Fidalgos a requerer ſeus ſerviços. Neſta Armada mandou Coge Cemaçadim mil quintaes de gengivre, e duzentos de pimenta, de ſerviço á Rainha D. Catharina, pera huns chapins, porque tinha della todos os annos cartas muito

to honroſas, e peças, e brincos curioſos da Europa, e aſſim mandou hum Alifante pera ſervir na Ribeira das náos.

Deſpedidas todas as couſas do Reyno, ficou o Governador fazendo preſtes toda a Armada pera ſe embarcar, e acudir ás couſas de Cambaya, porque eſtavam prenhes, e podiam parir novos trabalhos. E andando-ſe negociando com muita preſſa, lhe chegáram cartas de Ormuz do Capitão D. Manoel de Lima, em que lhe fazia a ſaber, como ficava alevantado nas terras do Magoſtão hum Capitão Abexim Abixlalá, e que tinha tomado a fortaleza de Manojão, donde fazia grande guerra a todo o Reyno, e lhe impedia as Cafilas que vinham pera Ormuz, com que a Alfandega padecia grandes faltas. Eſtas novas ſentio o Governador muito, por ſerem aquellas rendas as principaes da India; e deſpedio com muita brevidade Pantaleão de Sá com quatro navios de remo, em que levava perto de cento e ſincoenta ſoldados, que ſe fez á véla na entrada de Novembro, e de ſua jornada adiante daremos razão.

CA-

## CAPITULO IV.

### *De como o Governador Garcia de Sá partio pera o Norte: e das pazes que fez com ElRey de Cambaya, e mandou Francisco de Sá a Surrate.*

DEspachados todos os Embaixadores, e náos pera Cochim, logo o Governador se começou a embarcar, entregando o governo ao Bispo, e a D. Francisco de Lima, Capitão daquella Cidade, e com elles outros Deputados. E na entrada de Janeiro deste anno de quarenta e nove, em que com o favor Divino entramos, se fez á véla: levava seis galés, quatro galeões, dez caravelas, e sessenta navios de remo. Os Capitães dos navios grandes eram, Francisco Barreto, Christovão de Sá, Francisco de Sá de Menezes, D. João Henriques, João de Mendoça, Alvaro de Mendoça, Manoel Rodrigues Coutinho, Manoel de Sousa de Sepúlveda, D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, D. João de Taíde, Pero de Taíde Inferno, D. Paio de Noronha, D. João Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, D. Duarte Deça, D. Jorge Deça, Jordão de Freitas, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que hiam nos navios pequenos. E com bom tempo foi o Governador

dor tomar Chaul, onde se deteve poucos dias, e passou logo a Baçaim, pera mandar continuar na guerra de Cambaya.

Dalli despedio Francisco de Sá de Menezes com huma galé, e doze navios pera se ir pôr sobre Surrate, por ser avisado, que se esperava por huma náo do Achém muito rica. Francisco de Sá se foi lançar sobre aquella barra, defendendo a navegação aos navios de Cambaya, em que fez algumas prezas. Da chegada do Governador a Baçaim foi logo avisado ElRey Soltão Mahamude; e como estava já enfadado da guerra, e por causa della seus vassallos pobres, e perdidos, e todo o mantimento de seu Reyno assolado, e destruido, e os pobres, e mesquinhos clamavam por paz, determinou de a mandar pedir. Pera isto despedio logo hum Embaixador, pessoa principal de sua casa, pera ir visitar o Governador, e dar-lhe os parabens de sua successão, e á volta disso apalpallo com pazes, dando-lhe poderes pera tudo o que com elle assentasse. Este Embaixador partio da Cidade de Cambayete em tres navios muito ligeiros, com muitos criados, e casa, e em poucos dias foi ter a Baçaim, e surgio na aguada, donde mandou recado de sua vinda. O Governador mandou preparar seu recebimento, e embandeirar toda a Armada, e deo recado

do a todos os Fidalgos, e Capitães pera se irem pera elle vestidos muito custosamente. E tendo tudo prestes, mandou buscar o Embaixador, que foi passado a huma galé, ricamente toldada, e alcatifada, e acompanhada de outras foi entrando pelo rio por antre a Armada, que lhe deo huma formosa salva, e chegado a terra foi desembarcado, e acompanhado da guarda do Governador, e de todos os casados até á fortaleza, onde estava esperando em sala ricamente aparamentada, e o recebeo com grandes gazalhados. E depois de lhe perguntar pela saude de ElRey, e por outras cousas, brevemente o despedio, e o mandou agazalhar na Cidade em casas, que pera isso tinha mandado preparar.

Dalli a tres dias o ouvio com o Secretario, e alguns Fidalgos velhos, e elle lhe deo sua embaixada, cuja substancia era: » Queixar-se ElRey do Governador D. João » de Castro, não querer cumprir os contra» tos das pazes, que tinha feitas com o Vi» so-Rey D. Garcia de Noronha; e que fo» ra causa da guerra; desejando elle de con» servar a paz, e amizade com ElRey de » Portugal; e que pois elle succedêra em seu » lugar, lhe pedia quizesse emendar aquel» las cousas, e cumprir-lhe os Capitulos das » pazes. » O Governador lhe respondeo em

fór-

fórma, deitando de tudo a culpa a Coge Çofar, que fora o author de todas as guerras. E vindo o Embaixador a puxar por pazes, o remetteo ao Secretario, e outros Officiaes. E fazendo ſeus apontamentos, elle por parte do Soltão Mahamude, e o Secretario pela de ElRey de Portugal, que viſtos em conſelho, ſe vieram a concluir as pazes com as meſmas condições, que eſtavam d'antes aſſentadas, tirando o negocio da parede, que não foi licito conceder-ſe-lhe; e nas couſas da Alfandega, que ficaſſe ametade do rendimento della pera ElRey de Portugal, aſſim como já eſtava concedido ao Governador D. Eſtevão da Gama.

Eſtas pazes mandou o Governador logo apregoar por Baçaim, e Dio, jurando-as muito ſolemnemente; e deſpedio o Embaixador com hum rico preſente pera ElRey; e mandou outro Embaixador pera ir á Cidade de Amadabá a ver jurar as pazes por Soltão Mahamude, que elle fez com grandes feſtas, e alegrias de todos, e as mandou apregoar por todo o ſeu Reyno, e na Cidade de Dio. Paſſado iſto, mandáram logo, aſſim ElRey, como o Governador, Officiaes pera correrem com os rendimentos da Alfandega, pelo modo, e ordem que eſtava aſſentado pelos contratos feitos com o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que ſe veram

na quinta Decada no Cap. VII. do V. Liv. Com isto cessáram as guerras de Cambaya, e a Cidade de Dio se tornou a engrandecer como no estado primeiro. O Governador vendo tudo quieto, e que não havia que fazer no Norte, voltou logo pera Goa, onde chegou em Janeiro, e começou a entender nos provimentos de Maluco, e em outras muitas cousas; e ordenou em Goa a casa da polvora no lugar em que hoje está, e mandou armar alguns galeões, caravelas, galés, e fustas, a que deo tanta pressa, que antes que falecesse (como logo diremos) tinha acabado huma somma disto.

## CAPITULO V.

*De como ElRey de Tanor na costa do Malavar se fez Christão, e veio a Goa: e do grande recebimento que se lhe fez.*

NÃo se descuidavam neste tempo os Conquistadores espirituaes de exercitar seu officio por todas as partes, e assim cada dia mettiam na manada de Christo grande somma de Infieis, em que entravam muitos Reys, e Senhores; e destes, os que merecêram muito, foram o Padre M. Diogo, Clerigo, e Letrado, que he aquelle a que Mapheo chama Diogo de Borba, por ser natural daquella mesma Villa, e Miguel Vaz,

Vi-

Vigario Geral, ambos grandes Religioſos, e de muita virtude, que por ſerem eſtes, Indo depois o Miguel Vaz pera o Reyno, o tornou ElRey D. João logo a mandar com o meſmo cargo de Vigario Geral, e com Breves do Papa, pera como Inquiſidor Apoſtolico devaſſar em ſegredo de certos Chriſtãos novos muito ricos, que viviam em Goa eſcandaloſamente, fazendo as ceremonias Judaicas, de que a India ſe começava a inçar. E chegando eſte Religioſo a Goa, prendeo alguns, e os mandou pera o Reyno, o que lhe cuſtou a vida, porque os mais tiveram maneira com que o matáram com peçonha. O Meſtre Diogo, ſeu grande amigo, ſentio tanto ſua morte, que logo ſe metteo Frade em S. Franciſco, onde em poucos dias faleceo, e affirmava-ſe que de nojo. Eſtes homens ambos fizeram muita Chriſtandade, e o Meſtre Diogo em tempo do Governador D. Eſtevão da Gama paſſou á coſta da Peſcaria chamado dos Paravás, pera ſe fazerem Chriſtãos.

São eſtes Paravás naturaes de toda aquella coſta, e viviam de peſcar aljofres, que por ella ha muitos; e depois que os Mouros fizeram alli ſua vivenda, e tiveram poſſe, e poder, começáram aos avexar, e privar daquella peſcaria, querendo-lhes tomar aquelle proveito pera ſi. E querendo elles re-

mir

mir sua vexação, por conselho de hum João da Cruz, de sua nação, que já tinha andado no Reyno de Portugal, mandáram Embaixadores a Cochim a pedir soccorro, e que se queriam fazer Christãos. Era então neste tempo Capitão daquella Cidade hum Fidalgo bom homem, chamado Gonçalo Pereira, que zeloso do serviço, e honra de Deos, mandou em seu favor huma Armada, que opprimio os Mouros, e libertou os Paravás, que se começáram a baptizar, (porque na Armada mandou o Capitão Religiosos pera isso.) A isto acudio o Padre Mestre Diogo, e fez muitos Christãos. E como então não havia na India mais que os Frades de S. Francisco, que não podiam acudir a tanto, porque eram poucos, e andavam repartidos pelas Armadas, e estavam na Cidade de S. Thomé, (cuja Casa já estava á sua conta,) ficáram aquelles tenros Christãos sem poderem ser visitados de Religiosos, senão pelas Quaresmas, a que lhes acudiam alguns de Cochim; até que chegáram os Padres da Companhia, que tomando o Padre M. Francisco Xavier informação daquella costa, e daquelles Christãos, se foi lá com alguns companheiros, que já tinha recebidos, e tornou a aquentar aquella Christandade, e augmentalla com hum grande número de Infieis, que converteo,
e

e fundou por aquella Comarca perto de quarenta Templos, em que se lhes administrassem os Officios Divinos; e alli deixou alguns Religiosos de vida approvada pera os doutrinarem, e ensinarem as cousas de nossa Fé.

Daqui se passou o Padre M. Francisco á Ilha de Malaca, onde fez Christãos dous Reys, e huma grande quantidade do povo, o que aconteceo estes annos atrás passados. E neste presente em que andamos, estava por Vigario na fortaleza de Chale hum Clerigo, chamado João Soares, homem de boa vida, que tomou grande amizade com o Rey de Tanor, que costumava a ir muitas vezes á fortaleza; e assim se lhe affeiçoou, que se atreveo ao convidar ás vodas do Senhor, sobre o que lhe disse tantas cousas, que o rendeo, e o catequizou. E indo ter áquella fortaleza o Padre Fr. Vicente, companheiro do Bispo, que andava visitando em seu nome, e achando aquelle Rey disposto pera receber o santo Baptismo, lho deo em segredo, sem o saber mais que o Vigario, e o Capitão, que era Luiz Xira Lobo, que foi seu Padrinho, e lhe puzeram nome Dom João. Este segredo quiz elle que se tivesse, porque receava alteração nos seus, e todavia continuava com os Padres, e ouvia suas Missas, e prégações, sem mudar o trajo de

Gen-

Gentio, nem tirar a linha, que he a sua insignia pera maior dissimulação, mas trazia hum Crucifixo muito escondido, a que se encommendava. E como Deos o tinha tocado, e elle andava satisfeito, não pode deixar de se descubrir á mulher; e tanto lhe prégou, e tantas cousas lhe disse da bondade de nossa Lei, que a converteo, e a trouxe a Chale, e em segredo a baptizou o Padre Vigario com dous, ou tres filhos meninos que tinha. E como elle de verdade estava abrazado em seu coração com a Lei de Christo, e todas as cousas della lhe pareciam cada vez melhor; e ouvindo fallar nos Officios Divinos, que em Goa se celebravam, no grande apparato, e ceremonia delles, desejou summamente de ir a Goa, assim pera os ver, como pera ir dar obediencia ao Bispo, como a Prelado maior da India. Isto communicou com o Vigario, que lho louvou, e o escreveo ao Governador Garcia de Sá, e ao Bispo, a quem ElRey tambem significou por cartas sua vontade.

Estas cartas chegáram ao Governador em fim de Março; e praticando com o Bispo sobre este negocio, offereceram-se-lhe algumas difficuldades, pera o que foi necessario fazer ajuntamento de Theologos. E sendo todos presentes, lhes leo o Governador a carta daquelle Rey Christão, e a do Vigario, pe-

pera que soubessem dos grandes desejos que tinha de vir a Goa a dar obediencia a seu Prelado, como filho Catholico da Igreja, que elle folgaria de o satisfazer em tudo como homem convertido de novo á nossa Santa Fé, pera que os outros se movessem a recebella, vendo quanto nós honravamos, e estimavamos os que se convertiam a ella. Os Theologos praticáram sobre aquelle negocio, e disseram alguns: » Que não era licito receber-se hum homem, que sendo Christão, trazia ainda descuberta a insignia de » Gentio; porque a Fé não se havia de confessar sómente com o coração, mas com » a boca; » e sobre isto deram muitas razões, e allegáram a Divina Escritura. O Bispo votando naquelle negocio, disse: » Que quanto á linha, que aquelle Rey trazia por fóra, não era inconveniente algum pera deixar de ser havido por Catholico, porque » da Escritura Sagrada tinhamos, que José » ab Arimathea, Nicodemus, Gamaliel, e » outros homens havidos por justos, e santos, que foram Discipulos do Senhor encubertamente por medo dos Judeos, não » mudáram seus vestidos; e que os Apostolos de Christo Senhor nosso, primeiro que » fossem cheios do Espirito Santo, estiveram alguns dias escondidos em huma casa; e que S. Sebastião, sendo Christão, an-

» dava com trajos de Gentio, e soldado Ro-
» mano, e que quando lhe foi necessario con-
» fessar a Fé de Christo, o fez, e morreo
» por ella: que aquelle Rey estava ainda ten-
» ro na Fé, e era licito concederem-lhe al-
» gum tempo pera ir mollificando seus vas-
» sallos pera os trazer á Lei de Christo, o
» que se havia de fazer com tempo, porque
» (segundo o Sabio) todas as cousas o ti-
» nham.» Com estas razões concedêram todos, que se lhe désse licença pera vir a Goa, com o que despedio o Governador logo Dom João Lobo com oito navios pera ir buscar aquelle Rey, e huma galeota muito bem petrechada pera sua pessoa, e hum João Lopes, Cidadão de Goa nella, com todo o serviço de cama, e meza pera sua pessoa.

Estes navios chegáram em poucos dias á barra de Tanór, tendo já este Rey recado da vinda dos navios, por cartas que Luiz Xira Lobo lhe mandou diante. ElRey se começou a negociar pera se embarcar escondidamente, o que não pode ser com tanto segredo, que os seus familiares o não viessem a saber; e acudindo os Regedores, lhe fizeram força, e o fecháram na fortaleza. Mas como elle bastava com aquelle fervor, e desejo, lá teve maneira com que de noite se lançou do muro abaixo por huma corda, e escalavrado na cabeça, e mãos, foi ter á

pra-

praia, e a nado foi tomar hum dos navios da Armada, e dando-se a conhecer, foi levado ao Capitão mór, que com grandes honras o embarcou na galeota, e o entregou a João Lopes, que o agazalhou, e servio muito bem, dando-lhe trajos á Portugueza, que pera isso levava feitos; e por todo o caminho até Goa, o foi servindo muito abastadamente.

D. João Lobo despedio diante recado ao Governador, que lhe mandou preparar hum muito honroso recebimento, pedindo á Cidade, que lhe fizesse todas as honras, que faria a hum Rey de Portugal, se alli viesse. Chegado ElRey á barra de Goa, achou nella D. Francisco de Lima, Capitão da Cidade, que o esperava com muitos navios embandeirados, e huma formosa galé ricamente paramentada pera sua pessoa. Depois de o receber, e salvar, o passou á galé, e foram entrando pelo rio dentro até ás casas de Santos, que estavam prestes pera elle. O rio estava coalhado de embarcações grandes, e pequenas, embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diversos instrumentos, danças, folías, e invenções, de feição, que foi a mais formosa cousa, que ElRey nunca vio; e sobre tudo o que mais estimou, foi ver aquella formosura, e grandeza da Cidade de Goa, e os divinos Templos, que de huma,

e de outra parte do rio lhe hiam mostrando, a quem elle hia fazendo seu acatamento. Chegado ás casas de Santos (que eram de Antonio Pessoa) foi desembarcado, e agazalhado aquelle dia, e noite com todo o serviço Real, que o Governador tinha repartido por casados, com camas muito ricas, e curiosas. Ao outro dia se tornou a embarcar na galé, e rodeado de mais de cem navios de remo, cheios de muitos instrumentos de alegria, foi até o caes, que hoje he dos Viso-Reys, onde se lhe deo huma soberba salva de artilheria com grande terror, e espanto. Alli desembarcou á Portugueza, com çapatos, calças, capa, e espada de ouro, colar, gorra com plumas; e no caes achou o Governador acompanhado de todos os Fidalgos, e Capitães, que o recebeo com muitas honras. E pondo-o á sua mão direita, foram andando pera a Cidade por baixo de muitos, e formosos arcos de rama, e de peças de seda de todas as cores, e com muitas outras louçainhas.

E chegando á porta, que sahe ao caes, achou o Capitão da Cidade com os Vereadores, e Officiaes da Camara muito bem vestidos; e o Capitão D. Francisco de Lima, primeiro que ElRey entrasse pera dentro, chegou a elle com o Procurador da Cidade, que levava nas mãos hum muito rico

pra-

prato de baſtiães dourado, e nelle as chaves da Cidade, que lhe o Capitão apreſentou, dizendo-lhe:

» Eſtas, Senhor, são as chaves deſta Ci-
» dade, que hoje em nome de ElRey de Por-
» tugal apreſento a V. A., e nella póde de
» hoje por diante mandar tudo, como ſe fo-
» ra de V. A. porque diſto he elle muito ſer-
» vido. » ElRey com muita graça, e com moſtras de grande contentamento daquella honra, que elle eſtimou ſobre todas, tomou as chaves, e diſſe: » Que era irmão, e ſer-
» vidor de ElRey de Portugal, e que como
» tal merecia todas aquellas honras, e ga-
» zalhados que lhe faziam, » e pondo-as ſobre ſua cabeça, as tornou ao Capitão.

Acabado iſto, eſtendêram os Vereadores hum muito rico pallio, e o tomáram debaixo, indo o Governador ſempre á ſua mão eſquerda, praticando com elle muito rizonho, e alegre. E entrando na Cidade, achá- ram o Biſpo reveſtido em Pontifical, com hum Crucifixo nas mãos, e todo o Cabido, Clerigos, e Religioſos em procisſão. Chegado ElRey ao Biſpo, proſtrou-ſe de giolhos diante delle com muita veneração, e fez ſua adoração ao Crucifixo, e o beijou com muita humildade. E aſſim em procisſão foi levado pela rua direita, que eſtava muito ricamente paramentada, com lindas,

e

141911

é curioſas invenções, e muitas Damas pelas janellas, ricamente ornadas, e ataviadas, que de ſima lançavam muitas, e precioſas aguas de cheiro, e muitas roſas, e boninas; e a Cidade, e aquella rua toda ſe desfazia em danças, bailes, tangeres, e folías. E era tão grande o concurſo da gente, que não podiam todos os Meirinhos, e Juſtiças fazer caminho. As bombardadas aſſim no mar, como na terra eram tantas, que parecia que ſe desfazia o Mundo. Chegados á Sé, que eſtava formoſamente armada, e com muitas charamelas, e trombetas, poz o Biſpo o Crucifixo no Altar maior, e ElRey fez ſua oração muito devotamente, e a Capella, que era excellente, cantou o Hymno *Te Deum laudamus, &c.* e no cabo delle lançou o Biſpo a benção aſſim veſtido como eſtava em Pontifical.

Acabado eſte devoto acto, (que moveo muito aquelle Rey,) foi dalli levado ás ſuas proprias caſas a cavallo, acompanhado do Capitão, e de todos os Cidadãos, indo diante delle a guarda do Governador com os ſeus Officiaes. Ao outro dia foi ElRey viſitar o Governador, e lhe pedio mandaſſe chamar o Biſpo, e Prelados, e os Fidalgos velhos, que tinha que lhe dizer; e vindo todos, lhes fez alli eſta breve falla.

» Depois que Deos noſſo Senhor foi ſer-

vi-

» vido , e ordenou por ſua Divina miſeri-
» cordia , que eu ſahiſſe das trévas em que
» eſtava , e entraſſe na luz da verdade , e que
» tiveſſe conhecimento de ſua Divina Lei ;
» nenhuma outra couſa mais deſejei , que tra-
» zer á meſma verdade , não ſó meus ſub-
» ditos , e vaſſallos , mas ainda todos os
» Reys , e Principes Malavares , meus vizi-
» nhos , e accender em todos o lume da Fé ;
» mas he neceſſario proceder neſte negocio
» (que he de mudar Lei) com muita ordem ,
» e brandura , por quão difficultoſo he que-
» rella arrancar logo da primeira pancada
» das gentes , que eſtam tão arreigadas em
» ſeus antigos ritos , e ſuperſtições. E eu co-
» mo quem os conhece , e fui de ſua meſ-
» ma lei , e natureza , entendo que he neceſ-
» ſario muito tempo , e muitas mollificações ,
» e mimos , com que determino correr com
» todos. E quanto ao que toca a mim , eu
» me atrevo (mediante a graça Divina) pro-
» metter diante deſte tão catholico ajunta-
» mento , que tenha ſempre muito inteira-
» mente abraçada a Fé de Chriſto , e ao meſ-
» mo Deos dou por teſtemunha de minha
» conſciencia , e cada dia lhe peço com gran-
» de veneração , e humildade me dê for-
» ças pera poder reſiſtir nas batalhas eſpiri-
» tuaes contra os inimigos da alma , porque
» ſem elle o não poderei fazer ; e como Ca-
» tho-

» tholico filho da Igreja, dou d'agora por
» diante a obediencia ao Biſpo meu Prela-
» do, que eſtá em lugar do Summo Ponti-
» fice; e conheço a Igreja Romana por ca-
» beça de toda a Chriſtandade. E aſſim lhe
» peço como Prelado, e Cura de minha al-
» ma, que me dê o Sacramento da Confir-
» mação, porque me não fique acto algum
» de Chriſtão por fazer. »

Acabada eſta falla, lhe reſpondeo o Biſ-
po: » Que louvava, e engrandecia muito
» ao Senhor Deos por tamanha mercê co-
» mo aquella; e que aquelle ſanto zelo Ca-
» tholico, que moſtrava de ſeu ſerviço, el-
» le teria cuidado de lho pagar com o ſuſ-
» tentar em ſua Fé. E que quanto a ſeus
» vaſſallos, era neceſſario pera ſe moverem
» a receberem a Santa Lei de Chriſto, ſabe-
» rem elles que a tinha elle recebido, por-
» que os coſtumes dos Reys era muito na-
» tural ſeguirem-nos os vaſſallos; e que os
» homens mais ſe moviam por exemplos,
» que por preceitos. Que pera merecer mais
» com Deos, e obra tamanha ir diante, cum-
» pria deſcubrir-ſe a ſeus vaſſallos, e que não
» receaſſe alteração alguma, e que confiaſſe
» mais na ajuda, e favor Divino, que na
» prudencia, e ſaber humano. E que quan-
» to ao Sacramento da Confirmação, eſtava
» preſtes pera iſſo; » e logo na Capella do

Go-

Governador lhe deo a ſanta Criſma, e o Governador foi ſeu Padrinho.

Eſteve ElRey dez dias em Goa, em que correo, e viſitou todos os Templos ſantos, e eſteve aos Officios Divinos, e a hum de Pontifical, que o Biſpo celebrou com mui grande apparato. Em todas as Igrejas ſe lhe armava ſetial, e lhe davam o Evangelho, e a paz, e o incenſavam, como coſtumam fazer aos Reys Chriſtãos. Em todos eſtes dias, aſſim de dia, como de noite, houve muitas feſtas, danças, momos, autos, touros, canas, com tantas riquezas, e apparatos, que eſtava aquelle Rey paſmado de ver o Eſtado, e coſtume dos Portuguezes. Deram-lhe os Fidalgos muitos banquetes, e peças.

Paſſados os dez dias, deſpedido do Governador, Biſpo, e Cidade, ſe tornou pera ſeu Reyno nos meſmos navios. Eſtas novas eſcreveo o Governador, e o Biſpo a ElRey nas náos ſeguintes, que elle feſtejou muito, e as mandou a Roma a D. Affonſo de Alencaſtro, que lá eſtava por Embaixador, pera que o fizeſſe a ſaber ao Santo Padre, que então era Julio III., que mandou fazer em Roma grandes procisſões, e diſſe Miſſa em Pontifical, e houve hum douto Sermão, em que ſe diſſeram muitos, e grandes louvores de ElRey D. João de Portu-

tugal, por em ſeu tempo entrarem na manada dos Catholicos os mais barbaros Principes do Oriente.

## CAPITULO VI.

*Das couſas, que acontecêram a Franciſco de Sá em Surrate com humas náos de Mouros: e de como o Governador Garcia de Sá deſpachou as couſas de Maluco: e do caſamento de duas filhas.*

FRanciſco de Sá de Menezes, que eſtava ſobre Surrate eſperando as náos do Achém, ſe deixou eſtar ſobre aquelle porto até meado Março; e huma tarde houve viſta de duas formoſas náos, e de huma galeota, que com o Noroeſte em poppa vinham demandar a terra. Eram eſtas náos do porto de Tanaçarim na coſta de Pegú, e vinham carregadas de muitas, e ricas fazendas. Franciſco de Sá tanto que as vio, preparou-ſe, e poſto em armas as foi demandar, e ſendo a tiro de camello, lhes atirou a amainarem; mas como ellas vinham confiadas na muita artilharia, e na muita, e esforçada gente que traziam, não fizeram caſo de couſa alguma, e deixaram-ſe vir ſeu caminho com o vento, que era muito freſco. Franciſco de Sá as rodeou, e foi esbombardeando, por ver ſe as podia deſap-

pa-

parlhar, o que não fez, ainda que toda-via lhes foi desfazendo as obras de ſima, com cujas rachas lhes matáram muita gente; mas ellas como vinham aviadas, e com vento proſpero, foram tambem laborando com a ſua artilheria com que deſapparelháram algumas fuſtas, e matáram alguns ſoldados. Os noſſos não ouſáram a inveſtir as náos, aſſim por ſerem os mares grandes, como por ellas ſerem muito alteroſas, e não quizeram arriſcar os navios, e aſſim foram com ellas até á barra de Surrate, onde lhes anoiteceo. Franciſco de Sá vendo que tinha os navios deſtroçados, e que as náos eſtavam ſurtas no primeiro poço, onde lhes não podiam já fazer damno, que o não recebeſſe elle maior, voltou pera Baçaim, onde reformou os navios, e dalli ſe fez á véla pera Goa.

O Governador depois de chegar áquella Cidade, começou logo a entender nos negocios de Maluco, e nos de Jordão de Freitas, que ſe andava livrando das culpas, que lhe Bernaldim de Souſa tinha mandado, o que ceſſou pela morte do Viſo-Rey Dom João de Caſtro. E mandando o Governador que ſe corresſe com elle, fizeram o feito findo, e o deſpachou com os Letrados, e pronunciou, que foſſe Jordão de Freitas acabar o tempo de ſua Capitanía, e que ſe lhe tor-

naſ-

naſſe toda a fazenda que lhe eſtava ſocreſtada. Com eſta ſentença ſe começou a fazer preſtes pera ſe embarcar no galeão da carreira, de que era Capitão D. Jorge Deça. O Governador porque ſabia que Jordão de Freitas viera de Maluco muito quebrado com Bernaldim de Souſa, a quem por ſuas partes, e qualidades quiz moſtrar reſpeito, e evitar eſcandalos, deſpachou Chriſtovão de Sá, ſeu ſobrinho, por Capitão de huma caravela pera ir a Maluco, e lhe deo huma Provisão em ſegredo, pera Bernaldim de Souſa lhe entregar a elle a fortaleza, em que ficaria por Capitão até Bernaldim de Souſa ſe embarcar pera a India, e que depois entregaſſe a fortaleza a Jordão de Freitas, porque não quiz que Bernaldim de Souſa, o tempo que eſtiveſſe em Maluco, ficaſſe debaixo da jurdição de Jordão de Freitas, por atalhar deſgoſtos, e deſordens.

Partidos eſtes navios, deſpachou o Governador alguns Capitães pera irem invernar a Dio, e a Ormuz, e proveo nas couſas daquellas fortalezas, e de outras, como lhe melhor pareceo.

E porque ſe via velho, e com duas filhas mulheres, e ſem mãi, ordenou de caſar, como fez. A mais velha, chamada D. Leonor de Alboquerque, com Manoel de Souſa de Sepulveda, com quem ſe di-

zia

zia, que eſtava já caſada a furto do pai. E a outra D. Joanna de Alboquerque com Dom Antonio de Noronha , filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha a Capitanía de Malaca, e era o maior, e mais formoſo homem, que na India havia, a quem deo o bom velho em caſamento tudo o que tinha, e ambos foram juntos á porta da Igreja a pé, porque pouſava o Governador nas caſas do Sabayo, que eſtavam perto da Sé. O Biſpo os recebeo, e a Cidade lhes fez muitas feſtas. D. Antonio de Noronha hia muito galante, e cuſtoſamente veſtido. Manoel de Souſa não levava mais que os trajos ordinarios, que coſtumava a trazer.

De Manoel de Souſa não ficou no Mundo geração alguma de ſua mulher, porque ſe perdeo indo pera o Reyno com ſua mulher, e filhos, como em ſeu lugar diremos. Teve dous filhos antes de caſar, hum macho, e huma femea, em huma mulher caſada com hum homem muito nobre, e Fidalgo nos livros de ElRey, que ſua mãi depois da morte do marido declarou por ſeus: a filha foi levada pera o Reyno, onde a mettêram Freira; o filho era hum ſoldado tão pontual, e cavalleiro, que não ouſou peſſoa alguma a lho deſcubrir, e aſſim faleceo cá.

D. Antonio de Noronha viveo tambem pouco elle, e ſua mulher, e ficou-lhe hum fi-

filho, chamado D. Garcia de Noronha, como o avô, que foi levado a Portugal menino, onde se criou; e depois de ter idade pera servir ElRey, tornou á India com hum Alvará de lembrança pera lhe darem Ormuz. Casou-se na India com D. Filippa, filha do Licenciado Tintino Martins, Procurador dos Feitos da Fazenda de ElRey, homem nobre, Christão velho: viveo tambem este Fidalgo pouco, ficou-lhe huma filha, chamada D. Joanna, como sua avó, que sua mãi levou pera o Reyno, e se foi apresentar em Aveiro, em companhia de huma sua irmã, mulher de Francisco de Sousa Tavares, o manco.

## CAPITULO VII.

*Das cousas, que acontecêram em Ormuz no alevantamento do Bislalá: e de como Dom Manoel de Lima o mandou matar.*

HAvia no Reyno de Ormuz hum Capitão Abexim, chamado Bislalá, que ElRey de Ormuz trazia com guarnição de soldados nas partes de Manojão, pera favorecer as cafilas que vinham pera Ormuz, das partes de Persia, e Coraçone, e todas as mais, pera as segurar de muitos ladrões, que por alli as costumavam a saltear, por cujo medo deixavam muitas vezes de vir a Ormuz,

muz , e aquella Alfandega padecia muitas faltas. Eſte Abexim vendo-ſe com poder , fez o que todos os Mouros fazem , quando ſe lhes offerece occaſião , que foi grangear a gente que trazia , e adquirir outra , e levantar-ſe com aquellas partes todas , recolhendo-ſe na fortaleza de Manojão , que he vinte leguas pelo ſertão dentro. E dalli ſahia a ſaltear , e roubar as cafilas , e todas aquellas terras , com que veio a engroſſar , e a ſe fazer muito poderoſo. Diſto foi logo ElRey de Ormuz aviſado , e deo conta do negocio a D. Manoel de Lima , Capitão daquella fortaleza , pedindo-lhe que lhe déſſe ajuda pera mandar contra o Bislalá , pois aquelle Reyno era de ElRey de Portugal , e as perdas lhe tocavam mais que a elle. D. Manoel de Lima mandou logo negociar hum Aleixo Carvalho , e lhe deo cento e vinte Portuguezes pera paſſar á outra banda , em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz , pera irem buſcar o alevantado , e [illegible]uraes , que fugiam , e deſampara[illegible] Eſta gente andou da outra banda p[illegible]us mezes , tendo alguns recontros co[illegible]imigos de pouca importancia.

Eſtando o negocio ne[illegible]ſtado , chegou Pantaleão de Sá , que atrás diſſemos no Cap. III. do Liv. VII. partido de Goa pera acudir

dir a eſte negocio. D. Manoel de Lima o deſpedio logo pera a outra banda com a gente que levava, e com a outra que lá tinha. Aleixo Carvalho perfez trezentos homens, e em companhia dos Capitães de ElRey de Ormuz, que levavam dous mil, foram buſcar o alevantado. E como elle andava muito poderoſo, e era ladrão de caſa, que ſabia as entradas, e ſahidas, não lhe dava dos noſſos couſa alguma, nem tambem ſe queria encontrar com elles; porque como trazia grandes eſpias, não fazia mais que deſviar-ſe, e fazer todos os damnos que queria, e podia, comendo as terras ſem contradicção alguma. Pantaleão de Sá andou por aquelle Magoſtão mais de dous mezes, ſem fazer couſa alguma, e enfadado de tudo ſe recolheo pera Ormuz ſem ordem do Capitão, que ſe tomou muito, e tiveram ſobre iſſo taes palavras, que o mandou Pantaleão de Sá deſafiar por huma carta. D. Manoel de Lima lhe reſpondeo por outra: » Que » elle guardava ſua carta [illegible] » ella, como acabaſſe o [illegible] ella for- » taleza, de que ti[illegible] menagem a » ElRey; e como [illegible] obrigaſſe, elle lho » lembraria. » Pa[illegible]eão de Sá ſe embarcou pera a India; e depois que D. Manoel de Lima acabou o ſeu tempo, não ſe encontráram nella, porque o tempo o deſviou, que

que Pantaleão de Sá foi despachado depois com Çofala, e casou na India, onde esteve até o tempo do Conde do Redondo, em que se foi pera o Reyno, e lá encontrando-se em huma rua, (estando a cousa bem esquecida de tantos annos, e elles tão velhos,) saudando-se, perguntou D. Manoel de Lima a Pantaleão de Sá como estava? Elle lhe respondeo, que velho. Ao que Dom Manoel de Lima lhe disse: » Velho não es» ta vossa mercê, senão muito bem dispos» to. » Desta palavra (segundo que na India nos contáram alguns Fidalgos) entrou a desconfiança em Pantaleão de Sá, de maneira, que indo-se pera casa lhe mandou huma carta, em que lhe tornou a alembrar as cousas de Ormuz, pedindo-lhe que se vissem no campo. D. Manoel de Lima o foi esperar a elle, e pelejáram, e se feríram; e o que mais passou, lá se sabe no Reyno, e ficáram pera não deixarem de ser amigos, como foram.

Tornando ás cousas de Ormuz. Vendo D. Manoel de Lima que o levantado andava senhor das terras sem lho poder impedir, tratou de o mandar matar. Tinha elle hum criado Gallego, valente homem, e muito determinado, e tomando-o em segredo, lhe perguntou, se se atrevia a fazer-se fugidisso pera a outra banda, e metter-se no

exercito de Bislalá, e matallo á bésta? E dizendo-lhe o Gallego que sim, praticou este negocio com ElRey, e elle lhe passou hum formão com letras grandes, e formosas, chapado com chapa de suas Armas; em que perdoava geralmente a todos os que andavam com Bislalá, e que ninguem entendesse com aquelle Gallego, se matasse a Bislalá, antes a todos os que o favorecessem lhes faria muita mercê. Com este formão se fingio o Gallego aggravado, e fugido de D. Manoel de Lima, e passou-se ao exercito, onde andavam outros Portuguezes fugidos, e se agazalhou com elles. Alli se deixou andar alguns dias, e hum delles, andando o Bislalá a cavallo em campo no meio de sua gente, encarou o Gallego nelle huma bésta com hum farpão, e tomando-o pelos peitos, deo com elle do cavallo abaixo morto. E no mesmo instante alevantou em huma lança o formão de ElRey, bradando alto: » Formão de ElRey, for- » mão de ElRey, perdão de ElRey pera to- » dos. » E acudindo alguns Parseos, tomando o Gallego, vendo o formão de ElRey, e o perdão tão copioso, e o Bislalá já morto, se desfez o exercito, e huns se foram pera Ormuz, e outros pera outras partes. O Gallego se foi pera Ormuz, e ElRey, e o Capitão lhe fizeram muitas mercês; e

des-

desta maneira ficáram as cousas do Manojão quietas.

## CAPITULO VIII.

*Do que aconteceo a Diogo Soares de Mello em Pegú: e de como foi em companhia daquelle Rey contra o de Sião: e do poder, estado, e ordem com que este Rey caminha: e do que lhe aconteceo até chegar a Sião.*

NO Cap. IX. do Liv. V. da quinta Decada temos dado conta, como o Bramá Rey dos Reynos de Ovú, e outros, conquistou os de Pegú, e sujeitou todos aquelles vizinhos. Este vendo-se tamanho senhor, sabendo que o Rey de Sião tinha hum alifante branco, a que todos os Gentios tinham muito grande veneração, havendo que a elle como a cabeça de toda aquella gentilidade lhe pertencia mais, que ao Rey de Sião, mandou-lho pedir por Embaixadores, que lhe enviou com grande magestade, de que o outro zombou, não lhe respondendo a proposito. O Bramá havendo-se por muito offendido, e affrontado, determinou logo de ir conquistar aquelle Reyno, e trazer o alifante branco. E fazendo chamamento de todos os Reys seus vassallos, ajuntou innumeraveis exercitos, com

que partio contra aquelle Reyno quaſi nos annos de 1544. E chegando áquella Cidade, lhe poz tão eſtreito cerco, que lhe mandou aquelle Rey commetter todos os partidos que quizeſſe, tirando o alifante branco, que elle havia por couſa religioſa, affirmandolhe, que ſobre elle havia de perder ſeus Reynos. O Bramá, que havia muitos mezes que eſtava naquelle cerco, e ſe eſperava pelas enchentes daquelle rio, que alagão todos aquelles campos, fez com elle pazes com eſtas condições.

» Que o Rey de Sião ficaria ſeu vaſſallo, e lhe daria huma filha pera caſar com ella; e que todos os annos lhe mandaria outra dos ſeus principaes, e certos alifantes de ſerviço. » Aſſentadas as pazes, lhe mandou o Rey de Sião a filha, que elle recebeo por mulher, e alevantando os exercitos, voltou pera ſeus Reynos. Foram continuando com eſtas pareas até eſte anno paſſado de quarenta e oito, em que o Bramá mandou a Sião recolher as pareas como coſtumava, e a lhe trazerem a mulher. E querendo ElRey de Sião tomar huma filha a hum daquelles ſeus principaes, como tinha feito os annos paſſados a outros, de que eſtavam eſcandalizados, fallando-ſe todos, ou foſſe por conſentimento do Rey, ou não, baſta que deram nos Embaixadores, e os matáram.

Che-

Chegadas eſtas novas ao Pegú, ſentio-as muito o Bramá, e determinou vingar aquella offenſa, mandando logo chamar todos ſeus vaſſallos, e ajuntou grandes exercitos, e grandes preparamentos pera não tornar de Sião ſem tomar aquelle Reyno, e haver aquelle Rey ás mãos. Diſto foi logo o Rey de Sião aviſado, e fez chamamento de ſeus vaſſallos, e fortificou a Cidade de Odia, em que reſidia, lançando fóra toda a gente inutil, deixando ſó a que podia pelejar, que ſe affirma que eram perto de ſeiscentos mil homens. E mandou fortificar hum paſſo de humas ſerras, por onde o Bramá havia de paſſar, e poz daquella parte vinte mil homens de guarnição, e na Cidade recolheo mantimentos pera dous annos; e mandou fundir muitas peças de artilheria de bronze, porque tinha officiaes excellentes, e muito cobre, que lhe vinha da China todos os annos; e affirmava-ſe, que tinha quatro mil peças aſſeſtadas pelos muros, em que havia algumas, que lançavam pelouros de quatro palmos de roda, e dalli pera baixo até falcões; e além diſſo muitos trabucos, e petrechos de guerra pera ſua defenſão.

O Bramá depois que ajuntou ſeus exercitos, e ſe poz com elles em campo, e dizia-ſe que tinha hum milhão e quinhentos mil homens, e quatro mil alifantes, e tantos

bois,

bois, cavallos, e outras beſtas de carga, ſervidores, roſſadores, e officiaes de todas as mecanicas, em tanta quantidade, que quaſi ſe não podiam numerar. E eſtando ElRey já pera ſe partir, chegou Diogo Soares de Mello, (que deixámos partido do rio de Parles, depois daquella grande vitoria das galés do Achém, como atrás fica dito no Cap. II. do V. Liv.,) que ElRey eſtimou muito, convidando-o pera ir com elle naquella jornada, com todos os Portuguezes que em Pegú havia; e lhe mandou dar muito dinheiro pera repartir por elles, como fez, ajuntando perto de oitenta. ElRey começou logo a marchar neſta fórma.

Cada Rey vaſſallo com toda a gente de ſeu Reyno hia ſeparado a huma parte, tanta diſtancia huns dos outros, que nunca ſe ajuntavam, nem miſturavam, e por tal ordem, que ſempre ElRey de Pegú ficava no meio; e o meſmo era ao aſſentar dos arraiaes, porque cada hum o punha ſobre ſi, perto de meia legua huns dos outros. Só Diogo Soares de Mello com os Portuguezes punha ſua eſtancia muito perto da de ElRey, porque fiava mais delles a guarda de ſua peſſoa, que de ſeus naturaes.

As principaes peſſoas que neſta jornada ſe achåram com Diogo Soares de Mello, foram ſeu irmão, D. Fernando de Noronha,

fi-

filho de hum irmão do Marquez de Villa-Real, Clerigo, que foi o que se perdeo em Baçaim, sendo Capitão da náo do Governador Martim Affonso de Sousa, João de Sousa Rates, Athanasio de Aguiar, e outros.

Assim foi caminhando este barbaro gentio com tanta magestade, e grandeza, que excedia a todos os Reys do Mundo, porque nenhuma noite se agazalhava, senão em casas muito formosas, todas douradas, e lavradas, que cada dia lhe armavam de novo pera isso; porque de Pegú lhe levavam a madeira, armação, tectos, portas, e todo o mais necessario sobre alifantes, que caminhavam sempre diante; e na paragem em que ElRey havia de assentar o arraial, se armavam as casas com tanta brevidade, que era espanto, porque só pera isso hiam mais de dous mil officiaes, ferreiros, carpinteiros, cerradores, pintores, douradores, e todas as mais; e huns armavam, outros douravam, e pintavam; outros forjavam pregos, e ferragem; de maneira, que quando já ElRey chegava, tinha huns formosos Paços de muitas camaras, varandas, retretes, cozinhas, em que se recolhia com suas mulheres, e os Pagés todos cercados á roda, como huma fortaleza muito forte; deixando outra magestade de baixellas de ouro, e pe-

pedraria, de cavallos a destro; de alifantes ajaezados pera sua pessoa, de carros triunfantes guarnecidos, e lavrados de ouro; que era huma máquina infinita. Desta maneira foram caminhando por via de Martabão, que era mais perto.

E chegando a hum rio, que alli vem embocar, (que era hum grande braço do Menaó, que será mais de huma legua de largura,) mandou ElRey armar huma ponte sobre barcas surtas a muitas amarras, por causa da grande corrente, pera por ella passar todo o exercito, que assim na grandeza, como na obra passou pela que mandou fazer Xerxes sobre o Elesponto, quando passou a Grecia. Por ella passáram aquelles innumeraveis exercitos, que o Pegú levava, e foram caminhando de longo de humas altissimas serras, quasi vinte e sinco dias, sem acharem passagem pera a outra banda, que parece serem os montes Mandius de Ptholomeu.

Por este caminho passáram os nossos grandes fomes, porque os Pegús, e Bramás não costumavam levar nos exercitos mais que arroz, porque comem todas as cevandilhas da terra, folhas, e raizes de arvores. E tanto que assentam seus exercitos, logo se mettem pelos matos á caça de cobras, lagartos, bogios, ussos, tigres, e de toda a outra cou-

ſa peçonhenta, de que fazem ſuas iguarias, que comem com o arroz. Mas os Portuguezes foram comendo á falta de outras carnes, as de alifantes, cavallos, bufaras, e outras a que não eram coſtumados. E no cabo de vinte e ſinco dias, que caminhavam de longo daquellas ſerras, foram dar em huma quebrada que alli faziam, como aquellas dos montes Caſpios, que hoje chamam Derbent. Aqui tinha ElRey de Sião feitos huns muros fortiſſimos, que tapavam aquella entrada, com vinte e ſinco mil homens de guarnição pera ſua defensão.

E porque não havia outro paſſo ſenão aquelle, aſſentou o Bramá ſobre elle ſeu exercito, e commetteo a Diogo Soares de Mello aquelle negocio, e deo-lhe Calagoni, Senhor de Martabão, com trinta mil homens. Diogo Soares de Mello mandou aſſentar algumas peças de artilheria em alguns baſtiães, que ordenou, com que mandou bater as tranqueiras dos inimigos por muitos dias, ſem lhe fazerem mais damno que pelos altos, por ſerem muito fortes. Os noſſos quaſi que andavam deſconfiados daquelle negocio, e determináram de commetter aquellas tranqueiras por aſſalto, o que prováram por algumas vezes ſem as poderem cavalgar, e tanto porfiáram, que ſe puzeram em ſima com muito riſco ſeu, porque lhe matáram

dous

dous companheiros, e feríram todos os mais, e D. Fernando de Noronha levou huma espingardada pelo pescoço, que lho passou de parte a parte, mas não perigou, porque lhe não tomou a guela. Subida a tranqueira, deram os nossos entrada franca ás gentes de Calagoni, e da outra banda tiveram grandes batalhas com os Siões, em que foram desbaratados de todo. ElRey de Pegú passou todos os seus exercitos por aquella parte, e foram caminhando por campos muito grandes, e espaçosos, até haverem vista da Cidade de Odia, onde aquelle Rey estava recolhido com seiscentos mil homens de guerra, provído de mantimentos, e munições pera dous annos. O Bramá assentou o seu exercito em huma parte alta, meia legua da Cidade, e a todos os outros Reys seus vassallos mandou, que cada hum por si assentasse o seu em torno delle, de sorte que ficasse impedida a entrada, e sahida; e encommendou a Diogo Soares de Mello a bateria, que fabricou algumas trincheiras em partes mais accommodadas pera baterem a Cidade, e nellas mandou assestar muitas peças de campo de todas as sortes.

CA-

## CAPITULO IX.

*Da deſcripção da Cidade de Sião: e de como o Bramá a commetteo, ſem fazer couſa alguma: e de como foi contra a Cidade de Camambee.*

A Cidade de Odia principal do Reyno de Sião, que he eſta ſobre que o Bramá eſtá, fica pelo rio aſſima quarenta leguas, que he aquelle a que Abrahão Hortelio chama Menaó, que pela ſituação das Taboas de Ptholomeu parece *Doris fluvium*, cujas bocas elle mette em perto de vinte gráos. He eſte rio tamanho, e de tal fundo, que até á Cidade podem chegar juncos, e náos noſſas; ſerá aqui de largura de meia legua. E pela margem delle de huma, e outra parte he todo povoado de lugares, Villas, quintas, palmares, arequaes, e de todas as fruitas da India. Dá-ſe de longo delle muito gengivre, e tantas canas de açucar, que he hum número infinito, de que fazem muito açucar, e hum vinho eſtilado como agua ardente, que bebem. Ha por eſte rio aſſima algumas Tabancas, que são como portagens, em que ſe regiſtão os que vão pera a Cidade, e pagão alguns direitos, e coſtumes. E aſſim meſmo ha muitas Varelas, que são Moſteiros, em que vivem ſeus Re-

li-

ligioſos, e alguns delles muito ſumptuoſos, e dourados pelos tectos, e curucheos. Vaſa eſte rio ſeis mezes, e enche outros tantos; e no tempo das vaſantes vão os navios pera ſima á toa, porque he muito alcantilado de ambas as partes. A vaſante deſce com muito grande impeto; mas a enchente tão vagaroſa, e branda, que ſe não enxerga. E o dia da Lua do derradeiro mez ſubitamente arrebenta, e alaga todos aquelles campos, muitas leguas á roda, de feição, que ficam duas, e tres braças de agua. E por eſta razão tem os Siões ſuas povoações em lugares muito altos, como os moradores do Egypto, e ficão no tempo deſtas inundações em Ilheos no meio do mar, e ſervem-ſe de humas povoações ás outras com embarcações pequenas. Nas coſtas da Cidade, que fica pelo rio aſſima da banda do levante, he a terra mais alta, e poſto que ſe alaga, não he tanto.

No tempo que o rio começa a encher, começam os lavradores a lavrar ſuas terras, e a ſemealhas; e quando chegam as enchentes, já o arroz eſtá aſſaſonado, e tão alto, que ficam as eſpigas por ſima da agua; porque he tão fertil, que a palha do arroz he tão groſſa como hum dedo; e nãquelles quarenta dias, que duram eſtes enchentes, vão os lavradores com eſtas embarcações, que

são

são infinitas, e nellas muitas festas, e tangeres, a segar, e a cortar as espigas que ficam por sima da agua, e levam as almadias carregadas pera suas povoações, onde tem suas eiras. Estes dias são os de maior regozijo seu, que todos os mais do anno.

No tempo destas inundações todas as alimarias do mato, veados, gazellas, tigres, vacas bravas, e outros se acolhem aos altos, e alli vam os Siões com muitas embarcações á caça, e dellas os estam matando ás espingardadas, fréchadas, e ás pancadas, que he huma caça de muito gosto, e recreação. E he tão grande o número destas alimarias que matão, que carregam dalli todos os annos muitos juncos de seus pellames, e os levam a Japão, onde fazem muito proveito, porque daquellas pelles fazem muitos trajos, quimões, e outras cousas muito lavradas, como cada dia vemos trazer á India, de que fazem formosos caparazões, bastardas, couras, e outras curiosidades, porque são as pelles formosissimamente lavradas.

Quando este rio quer tornar a vasar, (que he em outra certa conjunção da Lua,) sahe ElRey da Cidade com todos os seus Grandes, em muitas embarcações muito douradas, e paramentadas com muitas festas, tangeres, e instrumentos de toda a sorte; e dizem

zem, que vai ElRey lançar a agua fóra; e eſta he a ſua maior feſta de todas. Tem ElRey mandado pôr hum maſto no meio do rio, guarnecido, e forrado de ſedas de córes, e nelle pendurada huma formoſa joia pera o que mais remar, e chegar primeiro a ella. E póſtos todos os navios em ala, arrancão a hum ſinal que lhes fazem, e vam remando á porfia, com tamanhos gritos, alaridos, e vozarias, que parece que o Mundo ſe funde; e o primeiro que chega, leva o preço. E neſte curſo ſe encontram huns com os outros, e ſe quebrão, e ſe eſpedação, e deſapparelhão dos remos, de maneira, que he huma confusão muito pera ver de fóra. Por onde não são tão barbaros, que em ſeus jogos, e feſtas não imitem os antigos Troianos, (porque da meſma maneira Eneas, quando chegou a Sicilia, feſtejou com o curſo de ſuas galés, pondo curioſos preços pera a mais ligeira.) E depois deſtes Siões ganharem o preço, tornam a voltar pera a Cidade com tantas feſtas, gritas, e tangeres, que parece que ſe desfaz o mar, e a terra em eſtrondos. Recolhido ElRey á Cidade, como naquella maré, que he a conjunção que começa a vazar a agua, dizem, que o ſeu Rey a foi lançar fóra; porque eſtes Gentios todos os attributos que ſe devem a Deos, os dam aos ſeus Reys, e

crem,

crem que todos os bens lhes vem delles.

Quanto á grandeza da Cidade de Odia, não ha Portuguez que disso possa dar verdadeira informação, porque os não deixam andar por ella; mas póde-se conjecturar por huma experiencia que fez hum curioso, com quem nós communicámos isto.

Este diz, que estando naquella Cidade, desejando de saber a grandeza della, se embarcára em huma daquellas embarcações da terra, pequena, e muito ligeira, com determinação de rodear a Cidade, (que he toda cercada de agua,) e que partíra hum dia de madrugada do bairro dos Portuguezes, e que quando tornára era já alta noite, e affirmava, que por sua estimativa andaria mais de oito leguas. He esta Cidade, como agora dissemos, rodeada do rio, e ella toda cercada de muros de adobes, e não ficar antre ella, e o rio mais que hum relleixo de oito, ou nove passos. Tem toda á roda formosos baluartes, e muitas guaritas, guarnecido tudo de muita, e mui grossa artilheria de bronze. Na face da Cidade, onde as náos surgem, tem hum arrebalde, que tambem he cercado de muro, com seus baluartes, onde se agazalhão os forasteiros, e he feito a modo de Ilha, e se divide da Cidade por hum esteiro, sobre que estam algu-

gumas pontes pera ſua ſerventia. Tem eſte arrebalde bairros ſeparados pera todas as nações, pera não viverem miſturados, e cada bairro tem ſuas portas com que ſe fecha. A Cidade he toda retalhada de braços do rio, que por muitas partes entram, e tornam a ſahir por outras ao meſmo rio, e em todas eſtas entradas, e ſahidas tem portas fechadas com cancellas mui fortes, e groſſas, por onde abrindo-ſe, entram dentro na Cidade todas as embarcações pequenas. Ha por dentro muitos, e freſcos jardins, hortas, e quintaes pera ſeus paſſatempos, e outras grandezas que deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto.

E tornando a ella: o Bramá tanto que aſſentou o arraial, começou a bater a Cidade por muitas partes. ElRey de Sião, a parte de que ſe mais temia, (que era hum baluarte, onde o rio era mais eſtreito, e de menos fundo,) a não quiz fiar ſenão dos Portuguezes, que mandou recolher dentro, que quaſi feriam ſincoenta, e elegêram por ſeu Capitão Diogo Pereira, (de que já em outra parte fallámos, ſogro de D. Pedro de Caſtro, irmão do Conde do Baſto, e do Arcebiſpo de Lisboa D. Miguel de Caſtro, filhos de D. Diogo de Caſtro, e de D. Leonor de Taíde,) que alli eſtava com huma náo ſua, que com muito valor, e esforço de-

defendeo aquella parte, fazendo della muito damno nos Pegús, e Bramás; e sem dúvida, que foram os Portuguezes a total occasião de se não tomar aquella Cidade. E porque as particularidades deste cerco não fazem acaso pera nossa historia, as deixamos.

Vendo o Bramá que tinha gastado o tempo sem ter feito cousa alguma, e que se hiam chegando as crescentes do grande rio Menáo, temendo que se o tomassem naquellas varzeas, o alagassem, e subvertessem, teve modo com que mandou commetter os Portuguezes, que estavam dentro, que ou lhe déssem por alli entrada na Cidade, ou deixassem de pelejar, e defender aquella parte, (porque nisso estava entralla elle,) e que lhes daria a todos tantas riquezas, e ouro, que ficassem todos bem ricos. A isto lhe mandáram os Portuguezes aquella resposta, que os da Cidade de Synania deram ao Consul Bruto, quando os tinha cercados, que vendo a constancia, e valor com que se defendiam, lhes mandou pedir huma somma de ouro, e que levantaria o cerco; ao que lhe respondêram, que seus passados lhes não deixáram ouro pera remirem as vidas, senão armas pera as defenderem.

Esta resposta diz Valerio Maximo, que desejára sahíra da boca de algum Romano,

porque não era digna de ser dada por outra alguma nação. Assim estes valorosos cavalleiros Portuguezes, que estavam em Sião, mandáram dizer ao Bramá, que os Portuguezes não remiam suas vidas senão com as armas, nem vendiam sua lealdade por todo o ouro do Mundo; que soubesse em certo, que em quanto elles fossem vivos, não entraria elle naquella Cidade: e que ainda depois de todos mortos, e espedaçados, se pudesse ser, lha haviam de defender.

Vejam logo quanto mais dignos de louvor, e engrandecer foram estes, que aquelles Romanos, que estando no Capitolio cercados dos Francezes, se resgatáram com ouro.

Vendo o Bramá tão grande desengano, levantou seu exercito, e foi marchando á vante com tenção de ir cercar a Cidade de Camade, ou Campape, como lhe alguns chamam, que era a segunda do Reyno, e onde o Sião tinha todos os seus thesouros, e assim de longo daquelle formoso rio Menaó foi caminhando vinte dias, até chegar áquella Cidade, que era muito grande, e formosa, cercada toda á roda com seus baluartes, e guaritas, e com huma formosissima cava. Estava dentro hum Capitão Sião com duzentos mil homens de peleja, e com todos os provimentos necessarios pera muitos

tos tempos. O Bramá aſſentou ſeus exercitos derredor da Cidade, e deo o cargo de a combater a Diogo Soares de Mello com os Portuguezes, que depois de feitas ſuas trincheiras, vallos, e repairos, e prantar as peças de artilheria, começou por huma parte a bater a Cidade, e por outra a entulhar a cava por algumas partes, pera poder chegar a picar o muro, o que tudo de dentro lhe defendêram, e atalháram com muito fogo, deſarmando em vão todos os trabalhos, que naquelle negocio tinham commettido.

Calagoni, Senhor de Martabão, que era homem muito aviſado, e eſperto, mandou fabricar hum grande caſtello de tres ſobrados, ſobre grandes rodas, e máquinas mui fortes, guarnecido por fóra de traves, e maſtos mui groſſos, fechados com ferragens fortiſſimas pera poderem ſuſtentar a furia da artilheria. E depois de acabado com grande cuſto, e trabalho, o fez chegar ao muro com os elifantes, pera por elle o entrar, levando dentro muitos homens de eſpingardas, e algumas peças de artilheria, e muitas panelas de polvora, e outros artificios de fogo. Os de dentro vendo abalar aquella máquina, (que era huma couſa eſpantoſa,) mettêram em algumas bombardas groſſas huns virotões de páo ferro, tão groſſos como antenas, e nas cabeças atraveſſadas em cruz hu-

humas traves grandes ferradas, e pondo fogo ás bombardas, deram aquelles virotões no castello com tamanho terremoto, que o desfizeram por sima; e dando-lhe com outros, o acabáram de desmanchar, e arruinar de todo. O Bramá andava affrontado de não fazer naquella jornada alguma cousa notavel, e os nossos tambem andavam bem desconfiados.

Athanasio de Aguiar, que era hum soldado valoroso, ordenou humas muito grossas, e fortes mantas com grandes traves, e taboões ferrados por sima, e com muitas rodas, com que as fez encostar ao muro, que mandou picar por huma grande multidão de gastadores Pegús, e Bramás, e começáram a fazer alguns pequenos postigos. Os de dentro acudíram áquella parte com muitos artificios de fogo, que lançáram sobre as mantas, e se consumiam elles sem fazerem nenhum nojo aos que trabalhavam. Vendo os Siões que nada daquillo aproveitava, por causa das mantas com que se amparavam os que trabalhavam debaixo dellas, e que estavam arriscados a se perderem por alli, começáram a fazer repairos por dentro; e não curando já do fogo, por verem que não impeciam com elle aos Pegús, e Bramás, que os tinham cercados, usáram d'outro ardil, e este foi, que enchêram muitas jarras

de

de çujidade de gente, delida com ourina, e dando com ellas do muro abaixo em sima das mantas se fizeram em pedaços; e aquelle çujo, e fedorento licor coando-se pelas gretas do taboado, foi calar abaixo, e deo sobre os que trabalhavam, e em lhes tocando aquelle fedorento material, largáram logo tudo, e se recolhêram pera as suas estancias por não poderem soffrer tão máo cheiro, e pasmados daquelle negocio, diziam que os Siões eram diabos, porque quando lhes não aproveitavam as armas ordinarias, pelejavam com outras, de que nunca outra alguma nação do Mundo usou, e contra quem não havia repairo algum. O Bramá vendo o tempo gastado, depois de passadas as enchentes, levantou seu exercito, e se recolheo pera seus Reynos pelo mesmo caminho que levou.

## CAPITULO X.

*De como faleceo o Governador Garcia de Sá: e das partes, e qualidades de sua pessoa.*

DEpois que entrou o Inverno, não se occupou o Governador Garcia de Sá em outra cousa mais, que em reformar a Armada, e mandar dar pressa aos navios, que tinha começados, visitando os mais dos dias

dias a ribeira, armazens, e a casa da polvora. E na entrada do mez de Junho desta era de 1549 em que andamos, adoeceo de humas febres agudas; e como era homem de setenta annos, logo o cortáram de feição, que deo ruins sinaes de sua saude; e entendendo os Medicos que se lhe hia chegando seu termo limitado, avisáram disso o Bispo, pera que lhe dissesse, que tratasse das cousas de sua alma, como fez. E entendendo elle aquella verdade, largou tudo por mão, e se fechou pera tratar do que lhe convinha, confessando-se muito devagar, e tomando os Divinos Sacramentos, e depois fez seu testamento, e cumprio com todas as cousas de verdadeiro Christão, e temente a Deos; e aos treze dias do dito mez faleceo desta vida presente, com grandes exteriores de arrependimento de seus peccados. Estiveram com elle o Bispo, os Padres de S. Francisco, de S. Domingos, e da Companhia, que o consoláram, e lhe lembráram as cousas que convinham á sua alma. Foi sua morte muito sentida de todos, porque era Fidalgo muito brando, affavel, humano, e tão desinteressado, que com haver sido duas vezes Capitão de Malaca, e huma de Baçaim, e hum anno Governador da India, não tinha de seu mais que o dote que deo a suas filhas, que não

pa-

paſſou de vinte mil cruzados a cada huma. Falecido o Governador, ſe abrio ſeu teſtamento, e acháram por ſeus teſtamenteiros ſeus genros. Mandava que ſeu corpo foſſe enterrado na Capella mór de noſſa Senhora do Roſario, no chão ao pé da ſepultura de ſua mulher D. Catharina, e que foſſe veſtido no habito do Padre S. Franciſco; como ſe fez. Foi acompanhado de todas as Ordens, Cabidos, e Freguezias, e de todos os Fidalgos, veſtidos de preto, e da Irmandade da Miſericordia.

Foi eſte Fidalgo filho de João Rodrigues de Sá, o primeiro Alcaide mór do Porto: era homem de boa eſtatura, muito gentil-homem, e tão alegre, que alegrava a todos; tinha huma muito alva, e veneranda barba, que lhe dava pelos peitos; foi homem de muita verdade, grande conſelho, e muito zeloſo do ſerviço de ElRey; foi de muito boas reſpoſtas, e nunca deo eſcandalo público; em quanto andou na India, ſenão aquelle da mãi de ſuas filhas, antes que a recebeſſe por mulher. Fez de novo ſinco, ou ſeis galeões, e caravelas, e muitas fuſtas; mandou reformar as fortalezas de Ormuz, Dio, e Cananor. Deixou nos armazens duas mil eſpingardas, que mandou fazer em Cochim, Coulão, e Ceilão, e em outras partes. Fez de novo a caſa da pol-

vo-

vora, onde hoje eſtá, proveo-a de novos engenhos, e encheo os armazens de mantimentos, cotonias, cifas, remos, e de tudo o mais. Não fez dividas no Eſtado, e pagou algumas velhas. Não ficou delle poſteridade no Mundo, mais que ſua biſneta D. Joanna de Noronha, filha de D. Garcia de Noronha ſeu neto, (como pouco ha diſſemos,) que por não ter ſua mãi dote que lhe dar, a metteo Freira no Moſteiro de Aveiro, ſegundo nos diſſeram. Não deixou eſte Governador morgados na terra, que he ſinal que lhos teria o Senhor guardado no Ceo, onde ſua alma iria deſcançar perpetuamente. Governou hum anno, hum mez, e ſete dias.

# DECADA SEXTA.

# LIVRO VIII.

## Da Hiſtoria da India.

### CAPITULO I.

*De como por morte do Governador Garcia de Sá ſuccedeo na governança da India Jorge Cabral: e da Armada que eſte anno de 1549 partio do Reyno, de que era Capitão mór D. Alvaro de Noronha.*

LEVADO o corpo do Governador Garcia de Sá a noſſa Senhora do Roſario, depois de ſe lhe fazer o Officio muito ſolemnemente, primeiro que foſſe enterrado, abrio o Veador da Fazenda o cofre, em que eſtavam ainda duas ſucceſsões da governança da India, de ſinco que El-Rey tinha mandado na Armada de Manoel de Mendoça, e tirou a quarta, (porque na terceira tinha ſuccedido Garcia de Sá,) e deo-a

deo-a ao Capitão D. Francisco de Lima, que com o Licenciado Antonio de Barbuda, Ouvidor Geral da India, a examinou, pera ver se se tinha nella bolido; e achando-a pura, e sem se nella tocar, a deo ao Secretario que a abrio, e lendo-a alto se achou nella Jorge Cabral, que estava por Capitão de Baçaim, o que todos estimáram muito, porque era hum Fidalgo, em que havia todas as partes necessarias pera o cargo. E vendo que estava em Baçaim, donde não podia vir senão em Setembro, se abrio o Regimento que na India havia sobre este negocio, e se achou que mandava ElRey: » Que succedendo algum Governador nas » vias, estando fóra de Goa desdo cabo do » Comorim até á ponta de Dio, se esperas- » se por elle, e entre tanto governasse a In- » dia o Bispo, Capitão da Cidade, e Ou- » vidor Geral; e que estando destes limites » pera fóra, se não esperasse por elle, e se abris- » se a outra succession, » (o que ElRey mandou ordenar depois daquellas grandes differenças que houve antre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio, como temos contado na quarta Decada no Cap. VI. do Liv. II.) E porque o Bispo [illegible] Francisco de Lima, e o Ouvidor Geral estavam presentes, lhes fez o Veador da Fazenda entrega da India, até vir o Governador Jorge Cabral, de

de que ſe fez hum Termo, em que todos ſe aſſignáram. Paſſado iſto, foi o corpo do Governador Garcia de Sá enterrado, e os Regentes ſe recolhêram, e começáram a correr com as couſas do governo, e deſpedíram logo correios por terra com cartas pera o Governador, em que lhe faziam a ſaber de ſua ſucceſsão. Eſtas cartas lhe chegáram primeiro, que ſe acabaſſe o mez de Julho; e vendo-as elle, e ſabendo da morte do Governador Garcia de Sá, e de ſua ſucceſsão, ſentio muito ſua morte, e não ſe alvoroçou com a governança, antes eſteve pera a não acceitar; porque ſe as cartas que ſe mandáram por terra a ElRey da morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro chegáram antes das náos ſerem partidas, ſem dúvida viria Governador nella; e quando não, não poderia faltar no Setembro ſeguinte. E que pera ſe arriſcar a não ſer Governador mais que hum mez, ou quando muito hum anno, muito melhor lhe era deixar-ſe eſtar em Baçaim, e acabar quatro annos, que tinha daquella Capitanía, e ir-ſe pera o Reyno com couſa com que pudeſſe viver, e não depois de Governador embarcar-ſe pobre, e ſem couſa alguma, [illegible] ficou ſuſpenſo, ſem ſe ſaber determinar. Mas ſua mulher, que era vã, como o são todas, lhe diſſe: » Que melhor era ſer quinze dias Governador da In-

» India, que dez annos Capitão de Baçaim; » e que já ElRey lhe ficava em mais obri» gação, e lhe havia de fazer differentes hon» ras, e mercês.» A Cidade de Baçaim acudio logo ao novo Governador, e lhe fez muitas festas, e elle se começou a negociar pera se partir pera Goa, mandando pera isso armar alguns navios muito ligeiros, em que se embarcou aos oito dias de Agosto, e aos quinze dias de nossa Senhora da Assumpção chegou á barra de Goa, e desembarcou em Pangim, onde os Regentes lhe foram entregar a India, e depois entrou na Cidade, onde se lhe fez o recebimento costumado, e começou a entender nas cousas do governo. E a primeira que fez, foi despachar Francisco Barreto pera ir entrar na Capitanía de Baçaim, de que era provído, e mandou dar pressa á Armada, e lançalla ao mar, porque determinava de ir a Cochim, por andarem as cousas d'antre o Çamorim, e ElRey de Cochim muito rotas, e os odios antigos muito accezos.

E sendo alguns dias passados de Setembro, surgíram na barra de Goa quatro náos, de sinco que do Reyno partíram, de que era Capitão mór D. A[illegible] de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que vinha despachado com a Capitanía de Ormuz. Os mais Capitães de sua conserva

eram

eram Diogo de Mendoça, Jacome Tristão, e João Figueira. Da outra que faltava, era Capitão Diogo Botelho Pereira, o que foi na fusta ao Reyno, (como na quinta Decada no Cap. II. do I. Liv. fica dito,) que em Outubro foi tomar Cochim. Vinha com elle embarcado Rax Nordim, filho de Rax Xarrafo, Guazil de Ormuz, que o pai mandou pera Portugal na Armada de Lourenço Pires de Tavora, como no principio desta Decada se vê, no Cap. III. do IV. Liv., que esteve tres annos no Reyno com grandes gastos, e despezas, e sempre lhe fez ElRey tantas honras, que nos serões Reaes o mandava assentar nos degráos do estrado com os filhos do Duque de Bargança; e servia huma Dama daquellas, a que mandava muitas peças, e brincos, muito ricos, e curiosos, e ella o favorecia pelo honrar. E depois de ser Guazil de Ormuz, foi áquella fortaleza hum irmão desta Senhora, mancebo o mais gentil-homem de seu tempo, e sabendo o Guazil delle, o foi buscar, e lhe deo muito dinheiro, e peças ricas. Despachou ElRey a Rax Nordim com os cargos de Guazil do Reyno de Ormuz, e com o de Juiz da Alfandega daquella Cidade, assim como o seu pai os tinha por sua morte.

Este Diogo Botelho Pereira, por aquella ida que fez ao Reyno na fusta, não lhe quiz

quiz ElRey responder muitos annos a seus requerimentos, e depois lhe deo a Capitanía de S. Thomé, onde adoeceo de hydropesia, e engrossou tanto como hum tonel, e se foi pera o Reyno; e este anno o despachou ElRey com a Capitanía de Çananor, e se embarcou assim enfermo, e grosso; e affirmava-se, que bebia dous almudes de agua cada dia. Entrou logo na sua Capitanía, que não logrou, porque morreo no primeiro anno.

Antes que esta Armada partisse do Reyno, foi ElRey avisado, que em Hespanha se faziam sinco náos prestes pera passar a Maluco, e que o Capitão mór dellas era o mesmo Fernão de la Torre, que Fernão de Sousa de Tavora trouxe de Maluco; e que os outros Capitães eram D. Alonso Henriques, Pero Pacheco, Gonçalo de Avalos, e João Cayetano, que todos tinham ido a Maluco em companhia de Ruy Lopes de Villa-Lobos. Disto avisou ElRey ao Governador, e lhe mandou que provesse naquellas cousas, e que mandasse huma Armada a Maluco; o que elle determinou fazer como fosse tempo. E porque a costa do Malavar não ficasse desamparada, despedio por Capitão mór della Francisco de Siqueira o Malavar, (de quem muitas vezes temos fallado na quinta Decada, nos soccorros da

pri-

primeiro cerco de Dio, sendo Capitão daquella fortaleza o grande Antonio da Silveira,) que era grande Capitão, e entendia a guerra muito bem, e tinha destruido o Malavar, como quem sabia as entradas, e sahidas; e pelos muitos serviços que tinha feito ao Estado, o fez ElRey D. João Fidalgo, e lhe mandou o habito de Christo com boa tença. Levou doze navios, com que andou a mór parte do verão por aquella costa, fazendo-lhe toda a guerra que pode. E o Governador ficou dando despacho a outras muitas cousas, e aviamento ás náos pera irem tomar a carga a Cochim.

## CAPITULO II.

*De como o Rey da Pimenta se passou á parte do Çamorim perfilhando-se com elle: e do recado que o Governador teve disso.*

OS Reys de Cochim (como já algumas vezes temos dito) ficam tendo antre toda aquella Gentilidade do Malavar toda a superioridade no espiritual, como Bragmane mór que he. E por hum muito antigo costume, que não podemos bem averiguar, são obrigados os Reys da Pimenta a lhe darem suas mulheres, e filhas pera as levarem de sua honra, que he a maior que se lhes póde fazer, quando casão; porque to-

todos estes Gentios do Oriente tiveram sempre em seus costumes o intento em suas delicias, e torpezas, que não póde ser maior na vida, que quando estas Princezas casão, entregarem-nas primeiro ao Rey, que a seus maridos, havendo que com isso ficavam purificados. E assim depois disto, todos os filhos que ellas parem, sejam cujos forem, são havidos, e perfilhados pelo Rey de Cochim, e elle os recolhe, e cria como filhos. E como o Principe de Bardela se creava por esta razão com ElRey de Cochim, tinha tanta amizade com os Portuguezes, que hia a Cochim ver as festas, touros, e canas, porque naquelle tempo tudo eram regozijos, e desenfadamento. E assim este verão passado, parindo a mulher do Rey da Pimenta, mãi daquelle Principe, foi Francisco da Silva, Capitão de Cochim, com todos os casados a Bardela, onde residia, e lhe festejou o parto com lhe jogar as canas, e com outros passatempos; e algumas vezes foi ajudar aquelle Rey nas guerras que tinha contra ElRey de Porcá seu vizinho, tudo á conta de ElRey de Cochim.

Este Principe, que já era Rey da Pimenta, por certos aggravos que teve de ElRey de Cochim, que o creava como pai, determinou de se passar á parte do Çamorim, pera o que se carteou com elle, e tratou de

se

fizerem, o que o Çamorim grangeou muito, e lhe mandou sobre isso cartas mui honrosas, e de grandes offerecimentos, com que elle se fez prestes pera se passar a Calecut.

Destes tratos foi avisado ElRey de Cochim, e o Capitão, que sentio muito aquelle negocio, e tratou de o impedir por todas as vias que pudesse, pelo grande prejuizo que se seguiria ao Estado daquellas liançaś; porque se aquelles Reys se ajuntassem, sería total destruição do Reyno de Cochim, e ficariam as náos do Reyno sem terem porto, nem escala aonde fossem carregar, nem a pimenta, que era o mais importante de tudo, porque logo os Mouros a haviam de haver toda pera si, e passalla a Meca, que era o que elles muito pertendiam, porque com a nossa entrada na India lhes arrancámos das mãos aquelle trato, com que todos vieram a empobrecer. E lançando Francisco da Silva suas contas a tudo, se foi ver com ElRey de Cochim sobre aquelle negocio, e o persuadio a emendar os aggravos de que se o Principe queixava, ao que ElRey disse: »Que faria tudo o que »naquelle negocio lhe parecesse bem, e que »tomasse elle á sua conta acaballo com elle.»

Com esta resposta se passou logo Francisco da Silva a Arche Queimal, onde aquelle Principe estava, e o foi visitar; e no

 dis-

diſcurſo da viſita lhe pedio: » Que ſe deſ-
» ceſſe da opinião em que eſtava, e que ſe
» lembraſſe que ElRey de Cochim era ſeu
» pai, e que o creára ſempre com muito
» amor; que não era razão que por peque-
» nos aggravos fizeſſe tão grande mudança,
» como paſſar-ſe ao Çamorim, que era o
» mór inimigo que tinha; que elle acabaria
» com elle que o ſatisfizeſſe em tudo, e
» que lhe lembrava a muito antiga amiza-
» de que tinha com os Portuguezes, que
» ſempre ſe moſtráram grandes ſeus amigos,
» e o ſervíram em todas ſuas guerras con-
» tra ſeus vizinhos; e que pela meſma ra-
» zão que ficaſſe inimigo de ElRey de Co-
» chim, ficavam os Portuguezes ſeus dellẽ; »
e com iſto lhe diſſe outras muitas couſas.
Mas o Principe como eſtava com aquelle ap-
petite, diſſe: » Que elle entendia mui bem
» o que lhe importava aquelle negocio, e
» que já ſe não havia de deſcer de ſua opi-
» nião. » Vendo-o Franciſco da Silva tão re-
ſoluto, e determinado, lhe diſſe: » Que dal-
» li por diante teria o Eſtado por ſeu inimi-
» go, e que como a eſſe lhe faria toda a
» guerra que pudeſſe, por mar, e por terra,
» até o deſtruir de todo. » E apartando-ſe
delle, mandou logo apregoar guerra a fo-
go, e a ſangue. E deſpedio Fernão Rodri-
gues de Mariz com algumas embarcações pe-
ra

tomar os passos por onde aquelle Principe havia de passar pera Calecut. O que elle fez de feição, que não tendo aquelle Principe outro remedio, passou só, e disfarçado pelo pé do Gate, e assim foi ter a Calecut, onde o Çamorim o recebeo com muitas honras, e fez com elle novas perfilhações, por esta maneira.

» Que elle perfilhava o Çamorim em seu
» Principe, herdeiro de seu Reyno por sua
» morte, posto que já tinha Principe herdei-
» ro; e que o Çamorim perfilhava o Prin-
» cipe herdeiro do Reyno da Pimenta, em
» Principe segundo herdeiro do Imperio de
» Calecut por falecimento do Principe seu
» sobrinho, que era o direito herdeiro. O
» que o Principe da Pimenta pelo muito que
» ganhava, se viesse a ser herdeiro do Rey-
» no de Calecut, porque pela mesma razão
» o ficava sendo tambem do Reyno da Pi-
» menta. » A estas perfilhações se fizeram grandes festas em Calecut, a que acudíram todos os Principes Malavares do bando do Çamorim. Francisco da Silva despedio logo hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador Jorge Cabral, em que lhe dava conta de todas aquellas cousas, e que era necessario acudir a ellas em pessoa, porque começava a haver impedimentos nos rios por onde corria a pimenta. ElRey de Cochim

começou a ajuntar ſuas gentes pera acudir áquellas couſas, pelo muito que lhe importava.

## CAPITULO III.

*De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim: e das couſas que paſſáram naquella Cidade, em quanto nella eſteve: e de como ElRey da Cota lhe mandou pedir ſoccorro contra o Madune.*

POucos dias depois das náos do Reyno chegadas, teve o Governador cartas de Franciſco da Silva, Capitão de Cochim, em que lhe dava conta das alterações que havia antre aquelles Reys, do que ficou enfadado, porque bem entendia que erám trabalhos que ſe levantavam contra o Eſtado, e que lhe era neceſſario acudir a iſſo em peſſoa; porque receou que ſe o não fizeſſe, não haveria carga de pimenta pera as náos, e mandou dar preſſa a toda a Armada. E na entrada de Outubro deſpedio Baſtião de Sá, o Çapeca, por Capitão mór do Malavar, com huma galé, e vinte navios de remo, de cujos Capitães não achámos os nomes, e elle ficou dando deſpacho ás náos pera as deſpedir pera Cochim, como logo fez por todo Outubro. O Governador deo expediente a muitas couſas outras, e começou-ſe a embarcar, entregando o governo

ao

ao Bispo, e ao Capitão da Cidade, e ao Ouvidor Geral, que era o Licenciado Christovão Fernandes; e meado o mez de Novembro deo á véla, levando antre galeões, caravelas, e galés mais de trinta, e de navios de remo perto de sessenta. Os Capitães que nesta jornada o acompanháram nas vazilhas grandes, e galés (porque aos das fustas não achámos os nomes) são os seguintes.

D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, D. João Henriques, Jorge de Mendoça, João de Mendoça Caçâo, outro João de Mendoça o Chú, D. Jorge de Castro, Pantaleão de Sá, Martim Affonso de Mello Pereira o Ombrinhos, Manoel de Sousa de Sepulveda, Martim Affonso de Miranda, Francisco de Mello Pereira, Fernão de Sousa de Castello-branco, Gonçalo Vaz de Tavora, Pero Botelho, Fernão Gomes de Sousa, Belchior Botelho, que hia por Veador da Fazenda da carga das náos, Pedro Affonso de Avelar, Diogo Botelho, Nuno Alvares Carneiro, Escrivão da Matricula, que hia em huma caravela, com todos os Officiaes daquelle cargo, pera em Cochim fazerem os despachos dos Officiaes das náos, e de outras pessoas que se hiam pera o Reyno, (porque todos os annos hiam lá estes Officiaes a isso, por se

ſe haver por melhor aviamento das partes; porque como todos os homens de todas as partes da India, que ſe querem ir pera o Reyno, vam buſcar as náos a Cochim, achavam alli ſeus deſpachos.

Partido o Governador, foi em poucos dias a Cochim, e tomou caſas em terra, começando a entender na carga das náos; mas como o Rey da Pimenta eſtava lançado com o Çamorim, começou a faltar, porque ſe impedia a paſſagem della pelo rio abaixo, por Mouros que eſtavam em hum forte. O Governador mandou hum Capitão, a que não achámos o nome, com quinhentos homens pera os tirar dalli, o que elle fez, commettendo-os huma madrugada; e poſto que achou muita reſiſtencia, por ſerem os de dentro mais de oitocentos, foi o forte entrado, e os mais dos Mouros mettidos á eſpada, e o forte derribado, queimado, e poſto por terra, ficando eſte Capitão naquelles rios, favorecendo a paſſagem aos mercadores, que traziam a pimenta de ſima da ſerra, e ao pé a embarcavam em toneis, em que a levavam ao pezo, e Feitoria de ElRey; mas não corria tanta quanta era neceſſaria.

Não havia muitos dias que o Governador era chegado, quando lhe veio hum Embaixador de ElRey da Cota, que como vaſ-

ſal-

falso de ElRey de Portugal, lhe mandava pedir com muita piedade » o quizesse soc-
» correr, porque estava no derradeiro estre-
» mo de perder seu Reyno; porque o Ma-
» dune, Rey de Ceitavaca seu irmão, lhe ti-
» nha tomado a mór parte delle, e o tinha
» cercado na Cidade da Cota, em muito ris-
» co de se perder; que aquelle Reyno era
» de seu neto, que ElRey de Portugal lhe
» tinha concedido, e o alevantára na Cida-
» de de Lisboa por herdeiro delle, e que o
» Madune lho queria tomar; que lhe pedia
» o soccorresse com muita gente, que elle
» daria logo dez mil cruzados em pimenta
» pera a carga de huma náo de Portugal,
» que entregaria ao Capitão mór que lá fos-
» se; e que daria mais de pareas cento e
» sincoenta bares de canela, além dos tre-
» zentos que já pagava; e que daria logo
» dez alifantes pera o serviço das ribeiras das
» Armadas de ElRey de Portugal. »

Ouvida a Embaixada, poz o Governador aquellas cousas em conselho dos Capitães, e Fidalgos, que assentáram todos: » Que se
» devia de dar soccorro áquelle Rey, tanto
» porque era vassallo do de Portugal, e pe-
» los partidos que offerecia, quanto por ata-
» lhar que o Madune se não viesse a fazer
» Senhor daquella Ilha, porque daria mui-
» to grande trabalho ao Estado, e ElRey
» de

» de Portugal perderia os proveitos que del-
» *la* tinha.

Concluido isto, elegeo o Governador pera aquella jornada D. Jorge de Castro seu tio, irmão de sua mãi, e lhe nomeou seiscentos homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros; e mandou negociar os navios que havia de levar, pera cujas despezas deo logo o Embaixador os dez mil cruzados que offereceo. O Governador mandava dar pressa á Armada, e ás náos, que tudo determinava despedir entrada de Janeiro.

Succedeo neste tempo andar Jacome Tristão, Capitão de huma das náos, fazendo seu negocio na rua direita hum dia pela manhã, e estando bem descuidado, prepassou por elle hum homem em trajos de escravo, e deo-lhe com huma machadinha pelo rosto tamanho golpe, que lhe derribou ambos os queixos, e descendo ás guelas lhas cortou, cahindo logo morto no chão; e o que lhe deo escoou-se por antre a gente de feição que nunca mais appareceo. O Governador sentio muito aquillo, e mandou tirar grandes inquirições sobre o caso; mas nunca se achou rasto de cousa alguma. Suspeitou-se que lhe nascêra aquillo de hum Christovão de Castro, que com elle viera na náo, com quem teve humas palavras na viagem. Este ho-

mem

niem na volta destas náos o mandava ElRey levar prezo pera o Reyno, de que elle parece foi avisado, e se metteo Frade. Depois no anno de sincoenta e oito, indo pera o Reyno com D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, (quando se perdeo na Ilha de São Lourenço, como em seu lugar diremos,) ficou na náo com outros Frades, porque querendo-os D. Luiz Fernandes de Vasconcellos tomar no batel, não se quizeram sahir da náo por ficarem confessando, e consolando os que ficavam nella, onde todos acabáram. A Capitanía desta náo deo o Governador a João de Mendoça o Chú, que se foi nella pera o Reyno. O Governador deo pressa á carga, e á escritura do Reyno, e até dez de Janeiro despedio as náos, que tiveram tão boa viagem, que todas chegáram a salvamento a Lisboa por todo o mez de Julho, tendo ElRey despedido no Março passado a D. Affonso de Noronha por Viso-Rey da India, como logo adiante diremos.

CA-

## CAPITULO IV.

*De outro recado que o Governador Jorge Cabral teve de Ceilão do Principe de Candea: e de como D. Jorge de Castro partio pera Ceilão: e do que o Governador fez em Cochim até se recolher: e o que aconteceo a Bastião de Sá no Malavar.*

DEspedidas as náos, ficou o Governador dando pressa á Armada de D. Jorge pera a despedir logo; e tendo-a já prestes, lhe chegáram cartas dos Padres de São Francisco, que estavam no Reyno de Candea, em que lhe pediam, que mandasse alguma gente em favor do Principe daquelle Reyno, porque se queria fazer Christão. E porque he necessario darmos particular razão das cousas deste Principe, o faremos. Tinha este Rey de Candea hum filho legitimo, chamado Caralea Bandar, que era herdeiro do Reyno. Este Principe teve maneira com que fez com o pai que soltasse os Frades de S. Francisco, (que prendeo, quando Antonio Moniz Barreto foi áquelle Reyno, como atrás temos contado no Cap. VIII. do IV. Liv.,) que tomou tão grande amizade com Fr. Pascoal, que era seu Commissario, que o commetteo o Padre pera ser Christão, prégando-lhe muitas veze das cou-

sas

sas de nossa Fé, a que se elle hia inclinando, e affeiçoando, de maneira, que lhe não faltava mais que receber a agua do santo Baptismo. Disto foi o pai avisado, e tratou de matar o filho, e de dar o Reyno a outro bastardo que tinha, chamado Comar Singa Adasana, a que queria muito grande bem. Destas cousas teve o Principe atoardas, ou aviso de dentro da casa do pai; e querendo fugir á sua ira, tomou comsigo os Frades, e se foi pera huma serra do Reyno de Huná, e com muita gente que o seguio, fazia dalli guerra ao pai.

De todas estas cousas avisáram os Padres ao Governador por aquellas cartas que lhe mandáram, pedindo-lhe que mandasse soccorrer aquelle Principe contra o pai, que lhe queria tomar o Reyno, e dallo a outro, porque se queria fazer Christão. Isto estimou o Governador muito, e deo por regimento a D. Jorge de Castro, que tanto que acabasse as cousas de Ceitavaca, passasse ao Reyno de Candea, e castigasse aquelle Rey pela traição de que usou com Antonio Moniz Barreto.

Esta Armada partio na entrada deste Janeiro do anno de 1550, em que com o favor Divino entramos; e a nenhum dos Capitães, e pessoas principaes, que nesta jornada se acháram, soubemos os nomes, e de

sua

ſua jornada adiante daremos razão. Partida eſta Armada, tratou o Governador com ElRey de Cochim ſobre as couſas que cumpriam, pera ſe atalharem as pertenções do Rey da Pimenta, e Çamorim. E porque já não havia outro meio, ſenão levar o negocio por guerra, aſſentáram como ſe lhe havia de fazer, encarregando ao Capitão fazer-lhe por mar toda a que pudeſſe, pera o que lhe deixou navios, e gente pera andarem por aquelles rios. E que ElRey de Cochim, com todos os ſeus alliados, lha fizeſſem por terra.

Aſſentadas eſtas couſas, e ordenadas, ſe deſpedio o Governador de ElRey, e a Cidade, e ſe embarcou pera Goa, deixando de Cochim até Panane Fernão Rodrigues de Caſtello-branco com oito navios, e pera ſe recolher a invernar a Cochim; e Baſtião de Sá com a ſua Armada na coſta, onde andava; e elle chegou a Goa no fim de Janeiro.

Baſtião de Sá andou pela coſta do Malavar todo o reſto do verão, fazendo ao Camorim toda a guerra que póde, dando-lhe em muitas povoações, e tomando-lhe muitos navios, e defendendo-lhe os mantimentos de feição, que poz aquelle Reyno em muitas neceſſidades. E ſendo tempo de ſe recolher a invernar a Goa, o fez, paſſando pela

la coſta do Canará, onde recolheo as pareas, que aquelles Reys coſtumavam a pagar. Só os Chatins da Cidade de Barcelór ſe refuſáram a dar ſetecentos fardos que lhes pediam, dizendo: » Que elles não tinham » obrigação alguma que os obrigaſſe a iſ» ſo, nem elles eſtavam penhorados a elles, » nem por pareas, nem por contratos de pa» zes; porque ſe alguns annos os pagáram, » foi porque de ſuas proprias vontades of» ferecêram ao Governador Martim Affonſo » de Souſa aquelles ſetecentos fardos de ar» roz, em modo de ſerviço, e não de obri» gação; que quando lhes moſtraſſem algu» ma ſua, então não tinham que fazer. » Baſtião de Sá lhes mandou dizer: » Que baſ» tava a poſſe em que ElRey eſtava de oi» to, ou nove annos; e que pois elles to» dos eſſes annos os pagavam aos outros Ca» pitães móres, elle ſe não havia de levan» tar de ſobre aquelle porto, ſem os levar. » Vendo os Chatins, e Governadores da Cidade aquella determinação, lhe mandáram os ſetecentos fardos de arroz; e logo deſpedíram dous Procuradores, homens antre elles principaes, chamados Trametim Chatim, e Drimy Chatim, pera irem tratar aquelle negocio com o Governador.

Eſtes homens foram a Goa, e o Governador Jorge Cabral os ouvio mui bem, e el-

elles em nome de ſua Republica lhe diſſeram: » Que os Capitães móres do Malavar
» os obrigavam a lhe darem ſetecentos far-
» dos de arroz cada anno, não tendo elles
» obrigação alguma pera iſſo; mas ſómen-
» te porque de ſuas livres vontades os de-
» ram, e offerecêram ao Governador Mar-
» tim Affonſo de Souſa de ſerviço. E por-
» que elles deſejavam de ter paz, e amiza-
» de com o Eſtado da India, e ſeus Gover-
» nadores, e eſtarem debaixo de ſua guarda,
» e amparo, que haviam por bem os Rege-
» dores daquella Cidade de Barcelór de da-
» rem, e pagarem cada anno de pareas qui-
» nhentos fardos de arroz pera ajuda das Ar-
» madas, e que os pagariam em Outubro,
» (que era o tempo em que a novidade ſe
» recolhia. ») O Governador vendo ſuas razões, e ſabendo da caſa dos Contos que não havia obrigação alguma dos ditos fardos de arroz, lhes acceitou os quinhentos fardos, de que os Procuradores daquella Cidade lhe fizeram ſuas obrigações, e o Governador lhes paſſou carta de vaſſallagem em que ſe obrigava elle, e todos os Governadores da India a favorecerem os moradores daquella Cidade, e que lhes não ſería feito aggravo, nem ſem razão alguma; e que lhes dariam ſeguros, e cartazes pera ſuas náos, e navios poderem navegar por aquel-

la

lá costa seguramente. Com isto se despedíram os Procuradores satisfeitos, e contentes, e corrêram dalli por diante os Regedores daquella Cidade com a obrigação destas páreas muito bem, sem nunca deixarem de as pagar.

## CAPITULO V.

*De como o Governador Jorge Cabral despachou D. Alvaro de Noronha pera entrar na fortaleza de Ormuz: e da Armada que mandou em sua companhia, de que foi por Capitão mór Luiz Figueira: e das novas que a Goa vieram de galés: e de como o Governador mandou Gonçalo Vaz de Tavora a espiallas: e da Armada que mandou a Maluco, de que foi por Capitão mór D. Rodrigo de Menezes.*

Chegado o Governador a Goa, tratou logo de despachar D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, pera ir entrar na Capitanía de Ormuz. E porque andavam humas novas surdas de galés, sem se saber donde vieram, ordenou de mandar huma Armada ao Estreito pera ficar invernando em Ormuz pera segurar aquella fortaleza. E mandou negociar dez navios de remo, elegendo pera esta jornada Gil Fernandes de Carvalho, irmão de Ruy de Sousa de Carvalho, que os Mouros

ros

ros matáram em Tangere. E depois de lhe ter promettido esta Armada, desejou de a dar a Luiz Figueira, filho do Estribeiro mór do Infante D. Luiz, e diziam, que pelo tirar de Goa, por respeitos que se calão; e pera isto negou a Gil Fernandes de Carvalho cousas, e Provisões que lhe pedia, porque elle desgostasse da jornada, como fez, enjeitando-a ao Governador, que era o que elle muito desejava, e logo a deo a Luiz Figueira, e mandou dar pressa a seu aviamento. Gil Fernandes de Carvalho, que era hum Fidalgo muito pontual, vendo que todavia o Governador desconcertára com elle, e dera a Armada a outro, (porque não sabia a razão que naquelle negocio *houve*, porque só estava no peito do Governador,) como aquelle negocio era de galés, não querendo que dissessem que deixára huma jornada contra Turcos por pontos leves, fretou hum navio de remo, e ajuntou quarenta soldados, a quem pagou de sua casa, e fez todos os mais gastos pera ir em companhia de Luiz Figueira invernar a Ormuz.

O Governador despachou D. Alvaro de Noronha, e lhe deo hum galeão com muitas munições, e juntamente com elle despedio Luiz Figueira com a sua Armada, que todos deram á véla em Março, indo em sua companhia Gil Fernandes de Carvalho,

lho, e em poucos dias chegáram a Ormuz. D. Manoel de Lima lhe entregou a fortaleza por ter já acabado seu tempo; e Luiz Figueira andou por aquelle Estreito de Baçorá o resto do verão, e depois se recolheo a Ormuz, ficando Gil Fernandes de Carvalho naquella fortaleza, dando meza a todos os soldados que levou á sua custa, sem querer tomar cousa alguma da fazenda de El-Rey pera isso.

O Governador depois de despachar esta Armada pera Ormuz, começou a negociar outra pera Maluco contra os Castelhanos, porque assim lho mandava ElRey, e elegeo pera esta jornada D. Rodrigo de Menezes, Fidalgo de muitas partes. E dando pressa á Armada, a fez á véla na entrada de Abril. Hiam sinco navios grossos, de que eram Capitães D. Rodrigo de Menezes, João de Almeida, e hum João Marecos da obrigação do Governador. Os outros dous Capitães eram, D. João Coutinho, e Bernardo de Sousa, que eram provídos das viagens de Maluco; e hiam cada hum em seu galeão pera tornarem com a carga do cravo, e ambos hiam debaixo da Capitanía de D. Rodrigo de Menezes, que levava Provisões de Capitão mór de todo aquelle Archipélago de Maluco. Nesta Armada hiam trezentos homens, muitas munições, roupas,

e outros provimentos; e de ſua viagem adiante daremos razão.

Eſqueceo-nos dizer como o Governador pelas novas das galés de que já ſe fallava, eſtando em Cochim, deſpedíra Gonçalo Vaz de Tavora com ſinco navios, com regimento que foſſe ao Eſtreito de Meca, e tomaſſe falla de alguma peſſoa, e ſoubeſſe da certeza das galés; e que quando ſe recolheſſe pera ſe vir pera Goa, (onde levava por regimento tornaſſe a invernar,) que vieſſe por Caxém, e viſitaſſe aquelle Rey, que era muito amigo do Eſtado, a quem eſcreveo cartas mui honroſas, e que ſoubeſſe delle as novas que havia (porque ſempre aviſava aos Governadores do que havia no Eſtreito de Meca.)

Partido eſte Capitão na entrada de Fevereiro, foi ſeguindo ſua derrota até ferrar Monte de Felix; e dalli foi demandar o Eſtreito, e entrou dentro, onde tomou algumas gelvas com alguns Mouros, de quem ſoube que em Suez ſe faziam preſtes vinte e ſinco galés, mas que não ſabiam pera onde. E não podendo Gonçalo Vaz de Tavora alcançar mais, ſe tornou com algumas prezas que tomou, e navegando de longo da coſta da Arabia, foi tomar o porto de Caxém, e ſe vio com aquelle Rey, que lhe fez muitos gazalhados. Elle lhe deo as cartas

tas do Governador, e algumas peças, e brincos, que por elle lhe mandava, que elle estimou muito; e disse a Gonçalo Vaz de Tavora: » Que elle era avisado, que em Suez » se preparavam vinte e sinco galés pera con» tra Portuguezes, mas que se não sabia, » nem declaravam pera onde, nem que ten» ção era a dos Turcos; mas que como el» le fosse certo da verdade, logo avisaria o » Governador em Agosto; » e deo-lhe cartas pera elle de grandes cumprimentos pera o serviço de ElRey de Portugal. Gonçalo Vaz de Tavora, depois de se prover do necessario, que lhe ElRey mandou dar de graça, se despedio delle, e deo á véla pera Goa, aonde chegou em Maio. O Governador sabendo delle, e das cartas que ElRey de Caxém lhe escreveo a certeza das galés, alvoroçou-se muito, porque havia que se passassem á India lhe não poderiam escapar, e assim se vestio mui galantemente, por mostrar a alegria que tinha, e foi-se logo á ribeira das Armadas, e deo ordem pera se reformarem, e renovarem todos os galeões, náos, e galés, tomando cada vasilha destas os seus Capitães á sua conta com os seus Officiaes, porque todo o anno os tinham ordenados, e pagos; e as cousas de fóra repartio pelos Capitães velhos por esta maneira.

A Manoel de Sousa de Sepulveda deo o cargo dos Armazens das munições, pera mandar fazer panellas de polvora, lanças de fogo, e pelouros de toda a sorte. A Dom Antonio de Noronha encarregou a casa da polvora. A D. João Lobo deo o cuidado dos calafates. A Francisco de Mello Pereira entregou a tanoaria, pera mandar fazer barrís, celhas, pipas, e todas as mais cousas desta qualidade. A Bastião de Sá deo a cordoaria. A João de Mendoça deo os Officiaes de poleame. A D. João Henriques a ferraria. Todos estes Capitães residiam de dia, e de noite nas casas que tinham a cargo, dando muitos banquetes a seus soldados, com muitas folías, danças, tangeres, jogos, e outros passatempos, com que todos trabalhavam com muito gosto, e muito contentes; e pelos escritos destes Capitães dava o Feitor, e Thesoureiro todo o dinheiro que pediam pera se comprarem as cousas, que se haviam mister, e pera as ferias, e pagas dos Officiaes, que elles faziam todos os sabbados; e todo este inverno se deram mezas geraes aos soldados em muita abastança. O Governador estava todo o dia na ribeira vendo aquelle trafego, e aquella presteza com que então trabalhavão, e acudiam a todas as cousas, porque só do serviço, e obrigação da ribeira havia perto

de

de ſeiscentos homens Portuguezes de todos os officios, a quem nunca ſe lhes devia couſa alguma, porque ſe lhes pagavam a todos ſuas ferias no tempo ordenado mui bem. A Cidade toda ſe desfazia em feſtas, e alegrias, e aſſim andavam todos tão deſejoſos de ſe verem já ás mãos com os Turcos, que o inverno já lhes parecia grande, e lhes era enfadonho, e os ſoldados a eſſa conta traziam ſuas armas limpas, e muito bem concertadas, e aparelhadas. E todos os Domingos, aſſim elles, como os bombardeiros, ſe hiam exercitar na barreira, eſtando o Governador preſente, favorecendo-os, louvando-os, e dando-lhes preços aos que melhor o faziam.

## CAPITULO VI.

*Da diſſimulação com que ElRey de Candea mandou pedir a D. Jorge de Caſtro Padres pera ſe fazer Chriſtão: e de como lhe mandou dous, e com elles o Capitão Francez: e do que lhes ſuccedeo na viagem.*

PArtido D. Jorge de Caſtro de Cochim, como atrás diſſemos no Cap. III. deſte Liv. VIII., chegou á Columbo no fim deſte mez de Janeiro, e deſembarcando ſua gente, começou a marchar pera Cota. O Madu-

dune, que estava com todo seu poder sobre aquella Cidade, em lhe dando novas que a nossa Armada era chegada a Columbo com muita gente em soccorro do irmão, alevantou o campo, e se recolheo pera Ceitavaca, deixando as tranqueiras dos caminhos provídas de muita gente pera defenderem os passos aos nossos, se quizessem ir a Ceitavaca. D. Jorge chegou á Cota, e foi muito festejado daquelle Rey; e logo tratáram de irem ambos juntos contra o Madune, e não levarem mão daquelle negocio até o destruirem de todo, pera não dar mais trabalho ao Estado com soccorros, e Armadas em favor de seu irmão, que era vassallo de ElRey de Portugal. Pera a jornada começou ElRey a ajuntar seu poder, e negociar as cousas necessarias de mantimentos, e servidores pera todo o exercito. A fama da Armada de D. Jorge de Castro, e de sua chegada a Columbo, correo logo por toda aquella Ilha.

O Rey de Candea como estava culpado no negocio de Antonio Moniz Barreto, começou a tremer, e recear que o quizessem castigar pelas culpas que tinha commettidas; e como era homem de grande artificio, e malicia, determinou de entreter D. Jorge de Castro, e enganallo, até ver em que paravam as cousas de antre o Madune, e seu

ir-

irmão, e pera isto despedio logo Embaixadores ao visitarem. Estes Embaixadores tomáram a D. Jorge de Castro ainda na Cota, fazendo-se prestes pera a jornada de Ceitavaca. D. Jorge de Castro os mandou levar diante de ElRey, onde os ouvio, e elles lhe disseram: » Que ElRey de Candea o » mandava visitar, e offerecer-se pera tudo » o que fosse de serviço de ElRey de Por» tugal. Que elle lhe fazia a saber, que nos » negocios de Antonio Moniz Barreto, em » que elle não negava ter culpa, tinha tam» bem satisfações bastantes pera ser perdoa» do. Que o Madune seu primo o inquietá» ra, e removêra dos desejos que tinha de se » fazer Christão, pondo-lhe diante dos olhos » medos, e perdição de seu Reyno, e ale» vantamento de seus vassallos, com a mu» dança da lei; e que do caso passado el» le estava arrependido, porque sempre fo» ra affeiçoado á Lei dos Christãos, como » os Frades sempre entenderam nelle; que » elle estava muito resoluto em se fazer Chri» stão; que lhe pedia muito lhe mandasse al» guns Frades pera correrem com elle; e » que tambem se queria reconciliar com seu » filho; e que assim esperava em Deos de » pouco, e pouco ir movendo os seus vas» sallos, pera que se fizessem Christãos. » D. Jorge de Castro estimou muito aquella em-

embaixada, e ordenou logo de ſatisfazer áquelle Rey, mandando com os Embaixadores dous Frades de S. Franciſco, e com elles o Capitão Francez com doze ſoldados, e lhes deo por regimento, que foſſem por via de Negumbo, por ſe deſviarem das terras do Madune.

Partidos os Embaixadores com os noſſos, foram ſeguindo ſeu caminho, não deixando de terem algumas brigas com gentes do Madune, em que os noſſos corrêram muito riſco, e perigo, mas livrou-os Deos de todos pelo valor de ſeus braços, e aſſim com muito trabalho chegáram a Candea. ElRey os recebeo muito bem, e mandou apoſentar os Frades na meſma Ermida, que os primeiros fizeram, que eſtava ainda em pé, e ao Capitão Francez com ſeus ſoldados perto delles, mandando-lhes dar todas as couſas neceſſarias. Os Frades começáram a fazer alguns Chriſtãos, e entendendo em ElRey vontade pera iſſo, que não tinha, porque era máo, e perverſo, e o medo o fazia contrafazer, em quanto não ſoubeſſe o que lá ſe paſſaſſe antre D. Jorge de Caſtro, e o Madune, a quem elle favorecia em ſegredo; e aſſim trazia tanto reſguardo, e olho no Capitão Francez, e nos Frades, que os não deixava ſahir de hum certo limite, trazendo eſpias em Cei-

ta-

tavaca, pera ser cada dia avisado de tudo o que lá se passava.

## CAPITULO VII.

*De como ElRey da Cota, e D. Jorge de Castro partíram pera Ceitavaca: e dos sitios dos fortes que por este caminho achdram, e de como os ganhdram, e desbaratáram o Madune, e lhe tomáram a Cidade de Ceitavaca.*

DEpois de ElRey da Cota ter juntas suas gentes, e negociadas as cousas necessarias pera a jornada, começou a marchar, indo D. Jorge de Castro na dianteira com todos os Portuguezes, e ElRey com sinco mil homens na retaguarda. Assim caminháram todo aquelle dia até chegarem a huma tranqueira muito grande, sobre hum passo que ficava entre o rio de Matual, e huma alagôa tamanha, que se affirma ter sinco leguas em roda, que estava duas leguas do porto de Columbo. Nesta parte (porque não havia outro passo pera Ceitavaca) tinha o Madune feito esta fortaleza, que era de madeira, de duas faces, com entulhos muito largos, e ficava da banda do Norte do rio; e na face que cahia pera a banda da Cota tinha o panno do muro trinta braças de comprido, e na ponta que ficava pe-

ra a parte do rio, eſtava hum formoſo baluarte com muitas peças de artilheria. Deſte baluarte até a alagôa corria hum muito eſpeſſo Bambual, por eſpaço de meia legua, tão intratavel, que nem as feras o podiam romper. De longo a longo pela face de fóra deſte forte ſe fazia huma formoſa, e larga cava, que ſe enchia de agua da alagôa, que ſe ſervia por huma ponte levadiça.

Chegado aqui o exercito, aſſentáram aquelle dia o campo affaſtado do forte, e tiveram conſelho ſobre o modo de como ſe commetteria; e aſſentou-ſe, que foſſe pelos cantos do muro, pera o que ſe fabricáram grandes pontes de madeira ſobre rodas, e algumas mantas fortes, e eſcadas, em que ſe gaſtáram dous, ou tres dias. E tendo tudo preſtes, hum dia de madrugada commettêram a fortaleza os noſſos por huma parte, e ElRey pela outra. E pondo as pontes em que pezar muitas bombardadas, e eſpingardadas, que ſobre elles choviam, encoſtáram as eſcadas ao muro, e ſubindo os noſſos por ellas, o cavalgáram, e a poder de golpes, e cutiladas deram comſigo da banda de dentro, onde tiveram huma muito grande batalha com os inimigos, em que houve muitos damnos, e mortes de parte a parte. ElRey da Cota com a ſua gente, tambem depois de muitos trances, entrou a tran-

quei-

queira, com que os inimigos se acabáram de pôr em desbarato, e a largáram de todo, mandando-lhe D. Jorge de Castro dar logo fogo, em que toda se consumio. Este dia passáram naquella parte, e mandáram (que eram muitos) a Cota pera se curarem.

A outro dia foram caminhando até chegarem á outra tranqueira, chamada a Maluana, que estava em outro passo da mesma traça, e modo de passada. E commettendo-a os nossos por huma parte, e ElRey pela outra, foi entrada, e tomada, ainda que com muitos riscos, e mortes dos nossos, e com perda de mais de seiscentos dos inimigos, que a largáram.

A outro dia foram ter a outra tranqueira, duas leguas desta, chamada Grubabilem, que era maior, e mais forte que as outras, por ser perto da Cidade de Ceitavaca. O panno do muro, que corria na face, era maior, e mais grosso, que os das outras atrás. Em cada ponta tinha dous baluartes mui grandes, e pelo muro muitas guaritas muito bem providas de gente, e munições. Da parte do rio, que era o mesmo Matual, corria hum espesso Bambual, e da outra hum muito intratavel mato. Aqui nesta tranqueira estava o poder do Madune, posto que elle estava na Cidade. Esta tranqueira foi commettida com muito grande

de-

determinação, e houve neste commettimento muitos casos espantosos, que não particularizamos, porque não sabemos os nomes dos que os obráram; mas por fim do negocio, ainda que foi com perda dos nossos, a tranqueira foi ganhada, e nella ficáram aquelle dia descançando do trabalho, e curando os feridos, que eram muitos.

Ao outro dia foram marchando pera Ceitavaca, que estava duas leguas adiante, e no caminho acháram o Madune com todo o poder. E vindos a batalha, (que foi muito aspera, e cruel, em que houve muito damno,) ficou o Madune vencido, e desbaratado, e foi fugindo pera as serras de Dina Vaca, largando a Cidade em mãos dos nossos, que entráram nella vitoriosos.

He esta Cidade muito grande, e está situada antre quatro serras, e este mesmo rio de Matual a partia pelo meio, (que por outro nome se chama de Calane,) que vem dos confins do Reyno de Candea. Da banda do Sul estam os Paços de ElRey sobre hum tezo, que são feitos a modo de huma formosa fortaleza, com seus muros muito grossos, e fortes, e sobe-se a elles por vinte degráos mui largos, e grandes. Nesta fortaleza quadrada, e em cada quadra tem tres portas por onde se serve; desta banda fica ametade da Cidade, e da outra do Norte

ou-

outra ametade; e neſta parte tem o mais ſoberbo, e ſumptuoſo Pagode, que ha em toda aquella Ilha, que he dedicado a hum Idolo ſeu, que ſe chama Paramiſura. A fabrica deſte Pagode he eſtranha, e affirma-ſe que ſe poz nella perto de vinte annos, trabalhando de continuo nella mais de dous mil obreiros.

Entrados os noſſos na Cidade, apoſentou-ſe ElRey nos Paços do irmão; onde achou muitas riquezas; e D. Jorge de Caſtro com os ſeus ſoldados naquella parte da Cidade, que foi mettida a ſacco dos noſſos, e achâram muito ouro, drogas, e fazendas de todas as ſortes, de que ſe enchêram bem. Depois ſe paſſâram á outra banda, e fizeram o meſmo, ſem tocarem os Pagodes, que lho mandou aſſim D. Jorge de Caſtro por amor de ElRey da Cota, que nelles mandou pôr guardas. E as gentes de ElRey foram as que mais roubâram, porque como ladrões de caſa cavâram, e deſenterrâram muitas riquezas. O Madune, que eſtava recolhido nas ſerras de Dina Vaca, vendo-ſe perdido, e desbaratado, e o irmão ſenhor da ſua Cidade, quiz uſar de ſeu artificio, deſpedindo ſeus Embaixadores a ElRey ſeu irmão, e a D. Jorge de Caſtro, que entrâram por Ceitavaca, e foram levados a ElRey, que os ouvio, preſente D. Jorge de Caſtro.

Elles lhe diſſeram : » Que o Madune ſeu
» irmão lhe mandava pedir miſericordia , e
» que bem confeſſava que tinha muitas cul-
» pas , de que já eſtava bem caſtigado , e
» arrependido. Que lhe pedia muito ſe qui-
» zeſſe reconciliar com elle , que eſtava preſ-
» tes pera lhe dar todas as ſatisfações neceſ-
» ſarias. » ElRey , que era homem de mui-
to bom coração , e natureza , (couſa alheia
deſta nação Chingalá , ) compadecido das mi-
ſerias do irmão , parecendo-lhe que já não
tentaria contra elle mais ſuas maldades , diſ-
ſe a D. Jorge de Caſtro , que elle queria
pazes com ſeu irmão , ſe lhe a elle pareceſ-
ſe bem. D. Jorge de Caſtro lhe diſſe : » Que
» fizeſſe elle naquella materia o que lhe bem
» vieſſe , e o que foſſe melhor pera elle , e
» pera quietação do ſeu Reyno. » Com iſto
deſpedio ElRey os Embaixadores , por quem
mandou dizer a ſeu irmão : » Que ſe vieſſe
» pera Ceitavaca , e que alli ſe reconcilia-
» riam , e aſſentaram as pazes , » mandan-
do-lhe hum ſeguro ſeu , e outro de D. Jor-
ge de Caſtro. O Madune foi logo acom-
panhado de alguns Modeliares mui princi-
paes ; e chegando a Ceitavaca , o recebeo o ir-
mão muito bem , abraçando-o com muito
amor , e boa vontade , (não havendo cou-
ſa alguma diſto no Madune , ) e preſente
Dom Jorge de Caſtro ſe reconciliáram , e

fi-

fizeram pazes, com as condições ſeguintes:

» Que nunca mais elle Madune faria » guerra a ſeu irmão, e que lhe largaria to» das as terras que lhe tinha tomadas. E que » daria logo a D. Jorge de Caſtro cem mil » pagodes pera as deſpezas daquella Arma» da, pois elle fora occaſião da guerra. E » que pera a jornada de Candea daria todos » os ſervidores, e mantimentos neceſſarios » por dinheiro. E que ElRey da Cota ſería » obrigado a lhe dar tres mil homens pera » o acompanharem nella. »

Feitos eſtes contratos, ambos os Reys firmáram pazes a ſeu modo, ficando alli muito amigos. D. Jorge de Caſtro ſe começou a fazer preſtes pera paſſar a Candea, como lhe era mandado; e ſe aquelle Rey ſe tiveſſe feito Chriſtão, haveria o trabalho da jornada por bem empregado, e favorecello-hia contra os ſeus ſe tentaſſem alguma novidade, e tambem o reconciliaria com o filho; e quando não, caſtigallo-hia pelas culpas paſſadas. E começou a puxar por aquelles Reys, pelas couſas que eram obrigados a lhe dar. O Madune cumprio logo com os cem mil pagodes que devia, com o que D. Jorge de Caſtro fez duas pagas aos ſoldados, e aſſim lhe deo os mantimentos, e ſervidores que lhe foram neceſſarios.

El-

ElRey da Cota como era grande amigo dos Portuguezes, pelas muitas obrigações que lhes tinha, entendendo, e conhecendo a malicia do Rey de Candea, e que tudo eram invenções, pelo receio com que estava, quiz tirar a D. Jorge de Castro daquella jornada, pondo-lhe diante muitos inconvenientes, e affirmando-lhe: » Que a jornada era muito arriscada, e perigosa por causa dos passos difficultosos que tinha. E que aquelle Rey posto que era seu primo com irmão, muitas mais obrigações tinha aos Portuguezes que a elle: que lhe affirmava, que não tinha por seguro o fiar-se delle, e porque todas as vezes que visse tempo, e occasião, lhe havia de ordenar todas as traições que pudesse. » D. Jorge de Castro lhe agradeceo aquelle conselho; mas como estava amarrado ao regimento do Governador, não se quiz mover a cousa alguma fóra delle, e lhe pedio a gente que lhe tinha promettido, que lhe elle logo deo.

E depois de tudo prestes, se partio na entrada de Abril, despedindo-se daquelles Reys, e o da Cota se foi juntamente pera seu Reyno. D. Jorge foi caminhando por suas jornadas, de que o Rey de Candea era avisado todos os dias. E receando-se que entrando D. Jorge de Castro no seu Reyno com aquelle poder o prendesse, e castigasse,

se, não querendo ficar á sua cortezia, ajuntou quarenta mil homens, e fortificou a sua Cidade, com tenção de lhe defender a entrada, trazendo nelle grandes vigias. E huma noite teve rebate, que já os nossos estavam huma legua da Cidade, e acudindo ElRey com aquelle alvoroço, com toda a gente pera o esperar á entrada della, quiz nosso Senhor que tivesse o Capitão Francez (que estava como reteudo com os seus soldados) tempo pera fugir, e com a escuridão da noite foi caminhando, e chegou a D. Jorge de Castro, estando com o exercito assentado huma legua da Cidade, pera ao outro dia entrar nella, e dando-lhe rebate do modo de como ElRey o esperava, e do grande poder que tinha, e de como tudo foram invenções, ficou D. Jorge sobresaltado; e chamou logo os Capitães a conselho, e perante todos tornou a ouvir o Capitão Francez. Vendo todos aquillo, votáram, » que se deviam tornar logo a recolher, por» que estavam trinta leguas pelo coração da » Ilha, e que haviam de passar muitos pas» sos estreitos, e difficultosos; e que se a» quelle Rey os fosse commetter, não tinham » poder pera pelejarem com elle. » Com esta resolução alevantáram logo o campo, e voltáram com grande pressa, mas com muito boa ordem. ElRey de Candea teve pela

manhã recado de sua retirada, e sahindo com todo seu poder os foi seguindo por desviados caminhos, e adiantando-se os esperou em huns passos muito estreitos, e difficultosos, e tomando-os naquellas estreituras, em que os nossos se não podiam revolver, os foram derribando ás espingardadas, e fréchadas sem os nossos terem repairo algum, nem defensão. D. Jorge de Castro com os Fidalgos, e Capitães ficáram sem poderem governar os seus, porque como todos hiam a fio, e divididos, e muita distancia huns dos outros, não lhes podiam valer, nem elles tinham quem o fizesse a elles, que tambem hiam no mesmo risco, e todos feridos. Assim foram pelejando até sahirem das terras de Candea, em que os deixáram, ficando setecentos homens mortos, e perdidos por esses matos, em que entravam quatrocentos Portuguezes; e os mais Christãos da terra, e gente da Cota, e todos os mais que escapáram feridos de muitas feridas. E indo caminhando pelas terras do Madune, lhe sahio hum Modeliar seu com quinhentos homens, e disse a D. Jorge de Castro, que o Madune lhe pedia que se recolhesse por Ceitavaca, que o espera pera lhe dar todo o necessario. D. Jorge de Castro mostrou agradecer-lho muito, e como era prudente, bem entendeo a malicia do Madune,

e

e disse ao Modeliar, que assim o faria. E tanto que foi noite, que se aposentou em hum lugar desviado do Modeliar, depois de o segurar, se levantou, e tomou o caminho da Cota por caminhos desviados de Ceitavaca, ficando-lhe nas estancias trinta homens mal feridos, e que não podiam caminhar. Ao outro dia pela manhã se levantou o Modeliar, e achou as estancias vasias, e tomando o fato que achou, e os feridos, se foi pera Ceitavaca. O Madune mandou cortar a cabeça a todos os Portuguezes, dizendo-lhes, que o mesmo houvera de fazer ao Capitão, e a todos. Isto se soube depois de hum daquelles, que teve modo com que fugio, e se embrenhou, e dahi a alguns dias foi ter a Cota. D. Jorge foi seu caminho muito apressado, e encontrou ElRey da Cota com toda a sua gente, que o vinha buscar, porque já tinha aviso da desaventura acontecida, e adivinhada delle. D. Jorge de Castro vendo ElRey, ficou desalivado, e deo-lhe grandes agradecimentos daquelle soccorro, e foi-se com elle até á Cota, onde ElRey agazalhou a todos os Portuguezes, e os curou, e deo todo o necessario. D. Jorge como sarou se foi pera Columbo, e na entrada de Setembro se passou a Cochim, onde chegou pouco antes do Governador Jorge Cabral.

## CAPITULO VIII.

*De como o Rey da Pimenta se tornou pera o seu Reyno: e de como o Capitão de Cochim o foi buscar a Bardela: e da grande batalha que lhe deo, em que elle, e ElRey de Bardela morrêram.*

DEpois que o Rey da Pimenta fez com o Çamorim as ceremonias de suas perfilhações, se tornou pera o seu Reyno, pouco depois do Governador partido pera Goa, e se metteo em Bardela com gente, e poder pera se defender de ElRey de Cochim, e pera lhe fazer guerra, como começou a continuar com muitos navios por aquelles rios dentro. ElRey de Cochim, e o Capitão da Cidade tratáram de tomar aquelle Rey ás mãos, e de o destruirem de todo; pera o que ajuntáram suas gentes, e foram contra elle, ElRey de Cochim por terra, e os nossos por mar em muitas embarcações. Levava o Capitão Francisco da Silva perto de seiscentos Portuguezes, em que entravam os da Armada de Fernão de Sousa de Castello-branco, que já eram recolhidos por ser em fim de Abril.

Chegados os nossos a Bardela, desembarcáram em terra, sem lho ninguem estorvar, e foram assentar seu exercito em hum

campo muito grande, que estava fóra da Cidade, em que o Rey de Bardela estava com todo o seu poder, com as costas na Cidade. Francisco da Silva mandou alguns recados a ElRey sobre se tornar a confederar com ElRey de Cochim. E correo isto de feição, que pedio ElRey que se vissem sós no meio do campo antre ambos os exercitos, o que Francisco da Silva acceitou; e vindo ambos sós á falla, lhe tornou Francisco da Silva a pôr diante as obrigações que tinha a ElRey de Cochim, e perjuizo que era pera todos aquelles Reys, ajuntar-se, e perfilhar-se com o Çamorim; porque como era maior em poder que todos, estava muito certo fazer-se senhor de todos aquelles Reynos, o que nunca poderia fazer se estivessem unidos ao de Cochim. Sobre isto lhe deo tantas razões, que lhe disse ElRey, » que faria naquelle negocio tudo o » que quizesse. » Francisco da Silva lhe disse: » Que se havia de entregar nas mãos de El- » Rey de Cochim, que era seu pai, e que » elle disporia de suas cousas como bom fi- » lho. » A isto refusou ElRey tanto, que disse: » Que antes perderia a vida, e o Es- » tado, que fazer tal; que se elle o quizes- » se levar pera Cochim, e tello na fortale- » za em refens, em quanto segurasse as cou- » sas da paz, que se iria com elle; e que » tor-

» tornaria a desfazer as perfilhações com o » Camorim. » Francisco da Silva como era homem de pouco conselho, e governo, ainda que grande cavalleiro, amarrou-se a se elle entregar a ElRey de Cochim, sendo bem bastante satisfação a que elle de si dava, como era entregar-se a elle, e depois que tivera em seu poder, o tempo pudera curar tudo, e tornáram-se aquelles dous Reys a unir, e a aparentar. E vendo que Francisco da Silva não queria concluir com elle naquelle negocio, despedio-se delle, dizendo-lhe: » Que pois não acceitava o que lhe » offerecia, que elle trabalharia tudo o que » pudesse por defender sua casa. » E recolhido a seu exercito, achou mais dous mil Nayres, que lhe chegáram de refresco, com que ficou tão soberbo, que fez sinal de batalha. Francisco da Silva se poz tambem em campo, e começáram a travar huns com os outros, e da primeira surriada lhe derribou a nossa espingardaria huma somma de Nayres, e antre elles quiz Deos que désse huma espingardada no Rey da Pimenta, com o que se foi recolhendo pera a Cidade. E como hia ferido de morte, á porta de seus Paços cahio morto, sem o saberem os que ficavam no campo em batalha muito travada, e cruel, em que houve muito damno de parte a parte.

As novas da morte de ElRey começáram logo a correr, com o que os ſeus ſe recolhêram pera a Cidade desbaratados. Franciſco da Silva foi ſeguindo a vitoria, e entrou na Cidade até chegar aos Paços de ElRey, a que mandou pôr fogo. Os inimigos tanto que víram as labaredas nas caſas do ſeu Rey, tornáram a voltar ſobre os noſſos com tamanho ímpeto, que começáram a derribar nelles, e a mór parte ſe começou a recolher com grande deſarranjo, ficando Franciſco da Silva com perto de cento e ſincoenta homens de opinião, que o não quizeram deixar. Alguns caſados de Cochim, que ſabiam muito bem os coſtumes dos Nayres, diſſeram ao Capitão, que ſe recolheſſe, e ſe contentaſſe com a vitoria, porque antre os Malavares a maior affronta de todas era queimarem as caſas do Rey. Com iſto ſe foi ſahindo pera o campo, pelejando ſempre com os inimigos, ſem ſaber ainda da morte do Rey. Os inimigos foram creſcendo, e carregando ſobre os noſſos de feição, que ſe víram perdidos; e ainda quiz a deſaventura, pera maior perdição, que naquelle meſmo tempo deſcarregaſſe, e ſe desfizeſſe em agua huma medonha trovoada, que já eſtava armada, que era a primeira do inverno, e foi a agua tanta, que affogava os noſſos, e impedio a eſpingardaria com que

não

não pode laborar. Os inimigos entendendo o negocio, e vendo cessar a espingardaria, que era o que os mais assombrava, cobrando animo carregáram sobre os nossos, e com seus arcos, que a chuva não impedia, foram encravando, e derribando bem á sua vontade. Os nossos vendo-se perdidos viráram as costas, e foram-se recolhendo pera a praia, onde estavam os navios, a que se lançavam a nado. Francisco da Silva, que era grande cavalleiro, acompanhado de alguns Fidalgos, e Cavalleiros (que nunca o deixáram) não quiz virar as costas, e foi sempre pelejando com os inimigos, com o rosto nelles, mostrando bem seu valor, e esforço; mas como os inimigos eram muitos, e estavam no campo largo, cercáram os nossos, e apertáram com elles de feição, que derribáram D. Pedro de Sousa, Fernão de Sousa de Castello-branco, Fernão Rodrigues de Mariz, Antonio Machado de Gouvea, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, todos de feridas mortaes.

Francisco da Silva vendo aquelle estrago, disse pera os que ainda o acompanhavam: » Que se recolhessem, porque elle se » não queria salvar onde via perder tantos, » e tão esforçados Fidalgos, e Cavalleiros. » E com esta furia remetteo com os inimigos como hum touro feroz, e mettendo-se em

meio

meio delles, fez cousas que espantou a todos. Mas como elle era só, e os inimigos tantos, e as forças lhe cançáram, cahio atassalhado de cruelissimas feridas. Os inimigos vendo-o cahir, remettêram a elle pera o desarmarem, sobre o que houve tamanha referta, (por quererem todos levar delle seu pedaço,) que se descuidáram dos nossos; e os feridos, que já atrás nomeámos, tiveram tempo pera ajudados dos outros se recolherem á praia, onde sobre a embarcação havia tamanho desarranjo, que andava o rio coalhado de homens a nado, e assim se recolhêram com trabalho aos navios: Fernão de Sousa de Castello-branco com muitas feridas, e com huma espingardada por huma perna, de que sempre foi manco: D. Pedro de Sousa outra, de que não perigou, e todos os mais com tantas feridas, que Fernão Rodrigues de Mariz levava quatorze; e senão fora a morte de Francisco da Silva, cujos despojos embaraçáram os inimigos, nenhum escapava.

Recolhidos todos, foram-se pera Cochim, e succedeo na Capitanía Henrique de Sousa Chichorro. Ao outro dia mandou buscar o corpo de Francisco da Silva, ao que foram alguns navios, e gente, e ao longo da praia o acháram, e a dezesete Portuguezes mais, nús todos, com feridas mortalissimas; e re-

co-

colhidos todos, se tornáram pera Cochim, e lhes deram mui honrosas sepulturas.

Desbaratados os nossos, se recolhêram os inimigos pera a sua Cidade, e fizeram as exequias ao seu Rey, conforme ao seu modo, e costume, com muita pompa. E depois de feitas, todos os de sua casa, e que tinham delle tenças, e comedías, que seriam perto de quatro mil Nayres, sobre a mesma cova se fizeram Amoucos, com suas ceremonias, rapando as barbas de huma ilharga, (que he o final pera serem conhecidos,) e juráram em seus Pagodes de morrerem todos em vingança da morte do seu Rey. Feito isto, logo se ajuntáram quinhentos os demais obrigação, e foram dar na Ilha de Arú, que he de ElRey de Cochim, e a puzeram a fogo, e a ferro. Dalli passáram a Cochim de sima, e entráram huma madrugada pela Cidade, em que fizeram grandes damnos, e cruezas, matando, e espedaçando muita gente. ElRey com os da sua casa, e todos os mais que puderam, se recolhêram pera a nossa Cidade, que se metteo em revolta, porque chegáram os Amoucos até os arrabaldes. O Capitão Henrique de Sousa Chichorro, ajuntando todos os moradores, sahio a buscar os Amoucos, e foi apôs elles até Cochim de sima, e os achou pelejando na Judiaria com os Judeos, que se lhes de-

fen-

fendiam mui bem. Os nossos deram nelles; e os mettêram todos á espada sem lhes escapar hum só. Feito isto, deixou o Capitão nas casas de ElRey Antonio de Sá Pinheiro com trinta soldados pera sua guarda, e elle se recolheo pera a Cidade, e fortificou as entradas das ruas, porque se esperava pelos mais Amoucos, tendo sempre no campo grandes vigias, e atalaias.

## CAPITULO IX.

*De como o Çamorim passou ao Reyno da Pimenta pera tomar posse delle, por lhe pertencer pela perfilhação: e de como Fernão Rodrigues de Mariz partio pera Goa no mez de Junho com novas das galés: e da espantosa viagem que fez.*

TAnto que o Çamorim teve novas da morte de ElRey da Pimenta, com quem estava perfilhado, logo determinou de ir tomar posse daquelle Reyno, como herdeiro delle, e começou a ajuntar seu poder com muita pressa. Disto foi logo avisado ElRey de Cochim, que mandou rebate a Henrique de Sousa Chichorro, que vendo a importancia do negocio, mandou com muita pressa armar perto de quinze navios, catures, manchuas, e tones, em que vam cento e sincoenta homens, e por Capitão mór de todos elegeo

geo ſeu cunhado Antonio Correa, irmão de ſua mulher, cavalleiro mui honrado, e antigo no ſerviço de ElRey, e lhe deo por regimento, que foſſe pelos rios dentro metter em Chor a Manchora. (He eſta huma alagôa, que fica nas coſtas da Cidade de Panane, que he tão grande, que affirmam os naturaes que tem vinte leguas em roda, e nella entram todos aquelles rios, que vão ſahir ao mar, que deſcem da ſerra, e por elles podem entrar navios de remo até ſe metterem nella. No verão ſe ſécca toda, ficando no meio della ſempre hum braço do rio, em que nadão catures; e todos os campos á roda ſe ſemeão de arroz, de que ſe colhe huma grande quantidade.) E porque forçado o Çamorim havia de paſſar hum daquelles rios pera eſtoutra banda de longo da alagôa, mandou o Capitão a ſeu cunhado que ſe metteſſe nella, e lhe defendeſſe o paſſo.

Partidos eſtes navios pelos rios de Cochim dentro, foram entrar na alagôa, onde ſe deixáram eſtar com grande vigia. João Pereira, Capitão de Cranganor, com a gente de ſua obrigação, e ElRey de Cochim, tambem ſe foi pôr em outros paſſos, porque tiveſſe o Çamorim tudo impedido. Elle tanto que teve a ſua gente junta, começou a marchar, e chegando aos eſtreitos por onde havia de paſſar, achou todos impedidos

dos

dos noſſos navios. Antonio Correa tanto que vio a gente do Çamorim, começou-os a varejar com a artilheria de feição, que lhe ferio, e derribou muitos; e os inimigos da outra banda ſe puzeram tambem com os noſſos ás eſpingardadas todos os dias, e noites, que foram muitos, em que houve damno d'ambas as partes. As munições dos noſſos ſe gaſtáram todas; mas João Pereira os proveo de tudo o neceſſario, por hum paſſo que ſe chama de Matepirão, que he o mais ſecco de todos.

Diſto foi aviſado o Çamorim, e mandou hum groſſo poder a tomar aquelle paſſo pera impedir os provimentos aos noſſos navios. João Pereira, Capitão de Cranganor, tanto que teve rebate daquelle negocio, ſe paſſou ao paſſo com todo o poder, donde ſe poz á bataria com a gente do Çamorim, com quem teve algumas eſcaramuças, em que os noſſos fizeram couſas muito notaveis, que por ſerem muitas, e miudas as deixamos, porque não ſoffre a hiſtoria tanto. E todavia de tal maneira lhe defendêram os noſſos os paſſos, que deſconfiado o Çamorim, ſe carteou com ElRey de Diamper, que era do ſeu bando, pera que lhe déſſe paſſagem por ſeu Reyno pera o da Pimenta. Diſto foi tambem aviſado Antonio Correa, e mandou-lhe tomar o paſſo de Malutur,

tur, que he pelo pé da ſerra, por onde elle pertendia paſſar; mas como o rio alli de maré vaſia não deixava agua pera os navios nadarem, foi-lhes neceſſario affaſtarem-ſe por não ficarem em ſecco. Com iſto teve o Çamorim tempo pera paſſar á outra banda, o que ainda não pode fazer ſenão em trajo de Jogue, que foi a couſa mais vituperada pera elle, que todas as da vida. E ajuntando-ſe com ElRey de Diamper, e com outros do ſeu bando, paſſou ao Reyno da Pimenta, e tomou poſſe delle, perfilhando o Principe ſobrinho do morto em Principe herdeiro, como tinha feito em vida de ſeu tio.

O Capitão de Cochim, tanto que ſoube ſer o Çamorim paſſado, armou todos os navios que pode, e mandou recolher Antonio Correa ſeu cunhado, e lhe deo mais navios, e gente, com que andou pelos rios de Bardela, e Diamper dentro, fazendo toda a guerra que pode, dando-lhes em muitos lugares que lhes abrazou, e queimou. O Capitão de Cochim ajuntando todos os caſados, e toda a mais gente que havia em Cochim, foi dar na Ilha de Parebalão, que era do Rey da Pimenta, e a deſtruio de todo, matando-lhe muita gente. E deſejando de dar em Bardela, mandou ſolicitar os Reys de Porca, e de Palur, e o Mangate Caimal, e

o Mangate Casta de Lua, e outros Senhores, e Caimais, (que sempre foram do bando de ElRey de Cochim,) pera se ajuntarem com elle; e não só se escusáram, mas ajudáram o Çamorim, porque estavam escandalizados do Governador Martim Affonso de Sousa lhes tirar as tenças, que lhes ElRey de Portugal mandou dar, pelos muitos serviços que todos lhe fizéram nas guerras contra o Çamorim, quando se quiz ir coroar a Repelim, (como na quinta Decada no Cap. I. do I. Liv. fica dito,) por onde se verá quanto em prejuizo da Fazenda de ElRey, e do Estado da India são algumas crecensas, que certos Governadores, e Viso-Reys querem fazer á Fazenda de ElRey, só pera tirarem Certidões de serviços, podendo-se chamar mais deserviços, e destruição de sua Fazenda, que o nome que lhe elles querem pôr; porque desta pouquidade que estes tinham de tença, que se lhes tirou, com que os tinham seguros no serviço de ElRey de Portugal, nasceo passaremse á parte do Çamorim em damno do Estado, e não acudir pimenta pera as náos, em que ElRey recebeo muitos annos huma mui notavel perda, e fazerem-se muitas despezas em grandes Armadas pera andarem pelos rios de Cochim, fazendo vir a pimenta não só comprada a mais dinheiro, mas ain-

ainda á custa de muito sangue de vassallos Portuguezes.

E tornando á nossa ordem, a guerra ficou durando todo o inverno com muitos trabalhos, gastos, e despezas, com que tambem os inimigos ficáram bem quebrantados. Neste tempo, que era em Junho, escreveo o Capitão de Chalé huma carta ao de Cochim, em que lhe dizia, » que chegára huma náo a Capocate em Maio, que viera » de Meca, e dava por novas certas, que » ficava em Suez huma Armada de galés posta já no mar pera passar á India, e que » elle tinha mandado tres, ou quatro Patamares por terra com recado ao Governador, e que todos lhe tomáram a gente do » Çamorim; que lhe pedia, vista a importancia do negocio, trabalhasse por avisar » ao Governador por todas as vias que pudesse. »

Vendo Henrique de Sousa Chichorro quanto aquillo importava, e que não havia ainda o caminho pelas terras do Pande (que são pera sima da serra) descuberto, como depois se descubrio, quiz arriscar hum navio por mar, (posto que era começo do inverno,) que começou logo a negociar com muita pressa. Pera esta jornada se offereceo Fernão Rodrigues de Mariz, que se negociou, e a tres dias do mez de Junho deo á

véla, levando comſigo ſete companheiros. E navegando com mares muito groſſos, alagados, e deſtroçados, foram tomar Chalé, onde ſe reformáram de todo o neceſſario; e dando-lhe o tempo hum pequeno jazigo, tornou a ſeu caminho, com mares tão groſſos, e ſoberbos, que os comiam, e aſſim foram ferrar a bahia de Cananor com mantimentos podres, e perdidos. Alli ſe refizeram de outros, e tornáram á ſua jornada. E indo de monte Deli pera diante lhe curſou o tempo de feição, que ſe víram perdidos; e o que peior foi, que era o vento traveſsão, que os não deixava navegar. E por não darem á coſta, ſurgíram tanto á vante, como o rio de Mangeſirão, onde eſtiveram com infinito trabalho já deſconfiados das vidas. Os mares creſciam tanto, e tão apreſſados, que ſe affirma lhe deram oito juntos, com que o navio ſe virou; e os Portuguezes tiveram tanto acordo, que cortáram a amarra, e afferrados todos no navio, e amarrados a cordas, e aſſim meſmo os marinheiros, permittio Deos que os meſmos mares foſſem encaminhando o navio até o embocar pelo rio de Mangeſirão dentro; e tanto que o maſto, que hia direito pera baixo, tocou no fundo, com a força da pancada ſaltou o navio pera ſima, e tornou a ficar virado, e os Portuguezes encapellados,

e a nado tornáram a ferrar o navio, sem perigar algum delles, e assim chegáram á povoação com o navio destroçado, e desbaratado. Os naturaes deste rio estavam de paz com o Estado, mas andavam travados em guerra huns vizinhos com outros; e os da terra agazalháram os nossos, e lhes deram por seu dinheiro tudo o de que tiveram necessidade pera o concerto do navio. Só mantimentos não acháram, porque por causa da guerra estava tudo perdido, e por grande aderencia lhes deram dous fardos de arroz por sincoenta pagodes, e com elles, e algum peixe tornáram a sua viagem, e alagados muitas vezes, e com immensos trabalhos, e perigos foram ferrar Goa a velha pelo S. João, e por dentro dos rios chegáram a Goa.

Fernão Rodrigues de Mariz se vio com o Governador, e lhe deo as cartas, que de molhadas se não podiam ler, e lhe contou todas as novas do que era passado, assim das galés, como da morte de Francisco da Silva, e da passagem do Çamorim ao Reyno da Pimenta. Isto sentio o Governador muito, porque eram cousas que molestavam o Estado, e porque as novas das galés lhe não haviam de deixar acudir áquellas cousas, como era necessario. A Fernão Rodrigues de Mariz fez muitas honras, e mercês, e o mes-

meſmo a ſeus ſoldados , por ſe arriſcarem aſſim em huma viagem tão perigoſa pelo ſerviço de ElRey. Com eſtas novas mandou o Governador dar mais preſſa ás couſas da Armâda , porque ſem dúvida eſperava as galés na entrada de Setembro. E deixallo-hemos agora por hum pouco , porque he neceſſario continuar com as couſas de Maluco , que nos cabem aqui.

## CAPITULO X.

*Das couſas , que acontecêram em Maluco até chegar Jordão de Freitas : e de como Bernaldim de Souſa entregou a fortaleza a Chriſtovão de Sá : e de outras couſas que mais paſſáram.*

TEmos deixado as couſas de Maluco em tregoas , os noſſos com o Rey de Geilolo , que ſe tinha feito o mais poderoſo de todos os daquelle Archipelago. E como era máo , e tyranno , e inimigo do nome Chriſtão , fazia toda a guerra que podia aos Chriſtãos de Moro , dando-lhes em ſuas povoações , deſtruindo-lhas , matando , e cativando muitos ; e contra o contrato das tregoas recolhia em ſua Cidade todos os eſcravos dos Portuguezes que fugiam de Ternate. Diſto andava tão eſcandalizado Bernaldim de Souſa , que deſejava de lhe dar hum

 mui-

muito grande caſtigo, primeiro que foſſe outro Capitão. E pera ter occaſião de quebrar as tregoas, commetteo-o ElRey de Ternate, que lhe deixaſſe fazer repreza em alguma gente de Geilolo, que alli andava na Cidade, pera a troco della haver os eſcravos que aquelle Rey lá tinha em ſeu poder. Diſto ſe eſcuſou ElRey, aſſim por ſe temer do outro, como por ſer ſeu genro, ſeu parente, e Mouro como elle. Mas depois tendo alguns aggravos delle, diſſe a Bernaldim de Souſa, que naquella materia podia fazer tudo o que lhe bem pareceſſe, que elle o ajudaria com tudo o que pudeſſe. Com iſto mandou logo Bernaldim de Souſa armar algumas fuſtas, e corocoras, e as proveo de gente, e munições, e as repartio em duas Capitanías, huma dellas deo a Ruy Dias Coelho, moço da Camara do Duque de Bragança, (que então ſervia de Capitão mór do mar,) a outra deo a Manoel Lobo, e os deſpedio, dando-lhes por regimento, que ſe foſſem á Ilha do Moro, cada hum por ſua parte, e que fizeſſem por aquella coſta do Reyno de Geilolo toda a guerra que pudeſſem.

Paſſados eſtes Capitães ao Moro, deram em alguns lugares, que mettêram a ferro, e a fogo, e cativáram algumas peſſoas. E depois de terem bem de cativos, mandáram di-

dizer ao Rey de Geilolo por via de Raque Naque, Regedor do Tolo: » Que lhes » mandasse a artilheria que tinha da fortale- » za, e os escravos dos Portuguezes, e que » lhe mandariam os cativos que tinham. » A isto respondeo elle: » Que não daria o » mais ruim berço por todos os cativos. » Com este desengano se recolhêram a Ternate. O Capitão mandou apregoar logo guerra contra ElRey de Geilolo, e concertou-se com ElRey de Ternate de lhe fazerem toda a que pudessem; e assim armou logo ElRey suas corocoras, e mandou Cachil Guzarate seu meio irmão da parte da mãi, e seu Capitão mór do mar, pera que fosse por toda a costa de Geilolo, e a destruisse; e o Capitão mandou em sua companhia Ruy Dias Coelho com toda a Armada da fortaleza. Passados ambos ao Moro, deram em muitos lugares de Geilolo, e depois de os destruirem se foram pôr sobre a sua barra, e os tiveram de cerco, sem ousarem as embarcações dos pescadores a sahirem fóra, porque logo eram tomadas, o que aquelle Rey teve por muito grande affronta. Passado o tempo do seu provimento, voltáram pera Ternate com muitas prezas, e cativos. Depois disto se embarcou o Rey de Ternate na mesma Armada, levando comsigo os Portuguezes, e passou a Geilolo; e huma ma-

madrugada desembarcou em hum lugar chamado Geima, e o destruio, e abrazou de todo, não deixando cousa alguma em pé; e querendo dar em outros lugares, lhe chegáram novas, que eram vindos navios da India, e que Jordão de Freitas vinha por Capitão da Fortaleza. E como elle era seu inimicissimo, sentio-o tanto, que levou mão da guerra, e voltou pera Ternate. Christovão de Sá, e Jordão de Freitas chegáram ao porto de Talangame, onde surgíram, e logo se foram á fortaleza, e Bernaldim de Sousa os recebeo muito bem. Christovão de Sá lhe apresentou a Provisão, e a carta de guia que levava, por cuja virtude lhe entregou logo a fortaleza, do que Jordão de Freitas ficou sobresaltado, porque não sabia das Provisões. Bernaldim de Sousa vendo que não se podia ir aquelle anno pera a India, (porque estava fazendo huma náo no porto de Talangame pera se ir nella,) passou-se pera lá com todos seus criados, e amigos, que eram mais de trinta pessoas, (porque se receou que os Geilolos lhe fossem queimar a náo,) e alli se deixou estar, dando-lhe pressa. Christovão de Sá ficou correndo com a obrigação da fortaleza.

Jordão de Freitas tomou casas em terra, onde se aposentou até lhe caber o tempo, sem correr com ElRey, nem ElRey

com

com elle ; antes muitas peſſoas lhe aconſelhavam, que devia reconciliar-ſe com ElRey, pois havia de ficar naquella fortaleza, o que elle não quiz fazer. O Rey de Geilolo affrontado, e magoado dos noſſos lhe deſtruiſeus lugares, armou as ſuas corocoras, mandou ao ſeu Capitão mór que trabalhaſſe por lhe queimar a náo de Bernaldim de Souſa. Eſta Armada chegou huma madrugada ao porto de Talangame, e querendo deſembarcar ſentio grandes vigias, e tornou-ſe a recolher. Dalli paſſou adiante, e foi dar em hum lugar da meſma Ilha, chamado Xulá, e o queimou, e abrazou. Bernaldim de Souſa tanto que ſentio os inimigos, acudio á praia pera lhes defender a deſembarcação, e dahi a pouco vio o fogo no lugar de Xulá, e ſentio muito não ter navios pera ſahir aos inimigos; e vindo amanhecendo chegáram alli ſeis corocoras, em que vinha Cachil Page, irmão de ElRey, acudir a Xulá, pelo fogo que em Ternate viram. Bernaldim de Souſa eſtimou muito ſua chegada, e embarcando-ſe com vinte homens em huma corocora, foi com elles buſcar os inimigos; e chegando a Xulá, víram ir a Armada de Geilolo já affaſtada, e recolhendo-ſe. Cachil Page, e Bernaldim de Souſa os foram ſeguindo até á tarde com tanta furia, que Bernaldim de Sou-

ſa,

ſa, que hia diante, chegou a tiro de eſpingarda. E olhando pelas corocoras de Cachil Page, vio que ficavam mais de huma legua atrás, o que Cachil Page fez de induſtria, porque era fraquiſſimo, e muito puſillanimo: e entendendo de Bernaldim de Souſa que havia de pelejar com a Armada de Geilolo, ſe fez manco, e deixou-ſe ficar. Bernaldim de Souſa vendo-ſe tão perto dos inimigos, e que não levava navios pera os commetter, foi ſua paixão tamanha, que rebentava; e vendo que ſería temeridade commetter ſó os inimigos, tornou a voltar pera Ternate, e os inimigos foram ſeu caminho ſem o querer ſeguir. E chegando a Talangame muito affrontado daquella retirada, querendo-ſe ſatisfazer della, mandou fazer queixume a ElRey de ſeu irmão Cachil Page, e pedir-lhe que lhe mandaſſe ſinco corocoras, e mandou convidar á fortaleza ſeus amigos pera o acompanharem em huma jornada que queria fazer. ElRey lhe mandou as corocoras, e da fortaleza lhe acudíram mais de ſincoenta homens. E embarcando-ſe com todos os Portuguezes que alli tinha, e com os que lhe acudíram, partio pera Geilolo. Chegando ao ſeu porto, lançou em terra huma peſſoa, por quem mandou deſafiar ElRey pera huma batalha no mar com todas as corocoras que elle quizeſſe, por-

que

que elle com ſó aquellas ſinco o eſperava. ElRey acceitou o deſafio, mas não lhe ſahio. Bernaldim de Souſa eſperou todo aquelle dia, e noite, e ao outro dia tornou dar á vela pera Ternate, ficando ElRey muito [illegible]o daquelle negocio. A guerra ficou cor[illegible] huns aos outros, toda a que podiam, dando huns nos lugares dos outros. Em hum deſtes aſſaltos foi cativo aquelle ſoldado de Geilolo, que cortou a cabeça ao Portuguez, por cujo feito lhe deo o Rey de Geilolo a filha que tinha caſada com ElRey de Ternate; e ſendo conhecido, o leváram a ElRey de Ternate, que o mandou enforcar na praia. Neſte eſtado deixamos as couſas de Maluco, até ſer tempo de tornar a ellas.

## CAPITULO XI.

*Das couſas, que o Governador Jorge Cabral fez em Goa: e de como lhe vieram novas, que as galés ſe tornáram a deſarmar, e deſpedio Manoel de Souſa de Sepulveda pera Cochim: e de como cercou os Principes Malavares na Ilha de Bardela: e do que mais ſuccedeo.*

PAſſado o Çamorim ao Reyno da Pimenta, (como atrás temos dito no Cap. IX. deſte Liv. VIII.,) mandou logo convocar todos os Principes Malavares do ſeu bando,

que

que eram dezoito, em que entrava ElRey de Tanor ſeu vaſſallo, o que ſe fez Chriſtão em tempo de Garcia de Sá, (como fica dito no Cap. V. do VII. Liv.) que lhe acudíram com todo o ſeu poder. Elle os man-dou paſſar á Ilha de Bardela com trint[illegible] Nayres, e ſinco, ou ſeis mil Amou[illegible] obrigação do Rey morto, pera da[illegible]paſſarem a Cochim a tomar vingança da morte daquelle Rey, deixando-ſe elle ficar da banda do Chembe com cem mil homens de guerra, de maneira, que toda a potencia do Malavar eſtava alli junta. Henrique de Souſa Chichorro, Capitão de Cochim, fortificou muito bem a Cidade, e ElRey de Cochim ajuntou perto de quarenta mil homens pera defender ſeu Reyno. Diſto aviſáram pôr terra ao Governador por muitos Patamares, que chegáram logo apôs Fernão Rodrigues de Mariz. O Governador andava muito occupado na preparação da Armada, porque determinava ir buſcar os Rumes, e ficou embaraçado, vendo que ſe lhe offereciam outros trabalhos de novo, que não eram menores, nem de menos obrigação pera acudir, que os das galés, porque eſtava aquelle Reyno arriſcado a ſe perder de todo, o que ſería deſtruição do Eſtado.

Com eſtas couſas ficou ſuſpenſo, e chamou muitas vezes a conſelho os Fidalgos,

e

e Capitães, e em todos ouvio varios pareceres. E como o Governador deſejava de ſaber o de todos os da Cidade ſobre aquella materia, mandou pôr na Sé de Goa huma caixa com algumas fendas por ſima por onde podiam caber cartas, e mandou pregar eſcritos pelas portas das Igrejas, e prégar pelos Pulpitos: » Que toda a peſſoa, de » qualquer qualidade que foſſe, que lhe qui» zeſſe dar ſeu parecer naquella materia, o » foſſe lançar dentro naquella caixa, ou de» clarando ſeu nome, ou encubrindo-o, pe» ra que mais livremente pudeſſem dizer tu» do o que entendiam; » e aſſim ſe começáram a lançar muitos.

E pela meſma maneira eſcreveo ás Cidades de Chaul, e Baçaim o trabalho em que ficava, pedindo que tambem lhe deſſem ſobre elle ſeus pareceres, e o quizeſſem ajudar com navios, e gente pera aquella jornada, pondo-lhes diante as obrigações de leaes, e bons vaſſallos, e como aquella neceſſidade era general, e cabia a todos ſua parte. Eſtas cartas lhes foram dadas, e logo lhes reſpondêram: » Que eſtavam todos » preſtes pera ſacrificarem as vidas por ſer» viço de Deos, do Rey, e defensão de ſeu » Eſtado. » Ainda que a Cidade de Chaul dizia na ſua carta, (cuja cópia temos em noſſo poder:) » Que ſem embargo dos mui-

» tos

» tos aggravos que tinham dos Governado-
» res passados, em necessidade tão urgente,
» e forçada, elles se não lembravam mais que
» do serviço de Deos, e de ElRey; que el-
» les offereciam doze navios armados á [illegible]
» custa, de marinheiros, soldados, [illegible]
» mentos, e munições pera tres meze[illegible]
» tros doze com seus marinheiros, [illegible] de
» soldados, e mantimentos os provesse elle; »
e assim os começáram logo a negociar com
muita presteza. O Governador dava em Goa
muita pressa a todas as cousas, pera como
o Verão entrasse, estar posto no mar pera
acudir aonde fosse mais necessario. E como
tinha Armada, e armazens encarregado a
Capitães, que corriam com isto, descançava
nelles, e provía nas cousas de fóra; porque
naquelle Inverno se não tratou de outra cou-
sa, mais que das que cumpriam á Arma-
da. E indo vespera de Sant-Iago á ribeira
a visitar a Armada, perguntou áquelles Ca-
pitães, em que estado estavam, e elles lhe
disseram, que tudo prestes; e que cada vez
que quizesse pôr toda a Armada no mar,
o podia fazer. Disto ficou o Governador tão
alvoroçado, que vendo estar o mestre da
ferraria, o chamou, e lhe disse: » Que fizes-
» se logo trezentos pandeiros pera se re-
» partir pela Armada, » (porque era muito
amigo de folías.) E assim andavam as Arma-

das

das tão alegres naquelle tempo, que se podia embarcar nellas por entretenimento.

E estando com este alvoroço, mandando lançar os navios ao mar, lhe chegáram cartas de Chaul, e Baçaim do offerecimento dos navios. E juntamente lhe escreveo Francisco Barreto, Capitão de Baçaim: » Que chegára áquelle porto huma náo que » viera de Meca no fim de Maio, que affir» mava que o Turco mandára ao Baxá, que » estava em Suez negociando a Armada, que » sobreestivesse, e não se bolisse até seu re» cado, e com isso se tornáram as galés a » desarmar; e que era nova muito certa, e » averiguada. » Estas novas festejou o Governador muito, por lhe ficar tempo desoccupado pera as cousas de Cochim.

E logo com muita pressa despedio Manoel de Sousa de Sepulveda com quatro navios de remo, de cujos Capitães não achámos mais nomes, que de Gonçalo Vaz de Tavora. E lhe deo por regimento, que se fosse a Cochim, e que com a Armada de Fernão de Sousa, e com todos os navios que mais se pudessem armar, se fosse lançar sobre a Ilha de Bardela, onde estavam os Principes Malavares; e que os tivesse dentro reteúdos até elle chegar, porque logo partia após elles. Manoel de Sousa de Sepulveda sahio com os navios por Goa a velha

Ilha no fim de Julho, (por a outra barra eſtar ainda ſoberba, e perigoſa.) E dando á véla foi ſeguindo ſeu caminho com muito riſco, e trabalho, e em poucos dias chegou a Cochim. E ajuntando-ſe com o Capitão da Cidade, armáram todos os navios que havia, que eram perto de trinta, embarcando nelles muita, e boa gente, que alli invernou, ſe paſſou logo a Bardela, e ſe lançou ao derredor de aquella Ilha, fechando nella aos Principes Malavares, de feição, que ſe não podiam ſahir, nem ſerem ſoccorridos do Çamorim, que eſtava da outra banda do Chambe, como diſſemos. E logo deſpedio recado ao Governador de ſua jornada, e de como os Principes Malavares eſtavam enferrados em Bardela, e que alli lhos tinha todos pera lhos entregar nas mãos quando quizeſſe.

## CAPITULO XII.

*Do que aconteceo a Luiz Figueira com humas galés de Rumes: e de como foi ao Cinde, e favoreceo aquelle Rey contra os Nautaques: e da deſgraça que lhe aconteceo.*

Luiz Figueira, que deixámos invernando em Ormuz com a ſua Armada, tanto que entrou Agoſto, negociou os navios, e

e os proveo do neceſſario; e de quinze do mez por diante ſe embarcou, ficando Gil Fernandes de Carvalho em Ormuz com a ſua fuſta. Depois em Setembro partio pera Goa, onde chegou em Novembro, e ſabendo ſer o Governador em Cochim, o foi lá buſcar. Luiz Figueira foi ſeguindo ſua jornada pela o cabo de Reſolgate, (porque já em Ormuz havia novas, que ſe víram pôr naquella paragem quatro galés pequenas, e as meſmas novas achou em Maſcate, onde os Portuguezes eſtavam já ſobre aviſo, e preſtes com grandes vigias ſobre elles, com determinação de lhes defenderem a deſembarcação, ſe a quizeſſem commetter,) e paſſando adiante chegou á ribeira de Teve, onde fez aguada, e alli lhe deram novas, que as galés eſtavam em Jór, hum lugar dalli a... leguas. E negociando os navios, e fazendo preſtes as munições, ſahíram dalli todos poſtos em armas, e antes de chegarem a Jór, houveram viſta de quatro galeotas grandes, e formoſas. Andava nellas hum Mouro grande coſſario, chamado Cafár, que tinha ſahido de Meca com tenção de ſaquear Maſcate, e ſaquear as náos que em Outubro haviam de partir de Ormuz pera Goa, e pera outros portos da coſta da India. Os inimigos, tanto que houveram viſta da noſſa Armada, virando em outro bordo, voltáram

pe-

pera trás, dando toda á véla, e ajudando-se do remo foram fugindo o mais que puderam. Luiz Figueira foi seguindo os inimigos tambem com a mesma pressa; e como elles lhes levavam muita vantagem, e as galeotas eram muito ligeiras, se foram melhorando de feição, que dobráram o cabo de Rosalgate pera fóra, e tomáram o caminho pera o Estreito de Meca de longo da costa. Luiz Figueira tambem dobrou o cabo apôs ellas, levando-as á vista, e seguio-as pouco, porque desconfiado de as não poder alcançar, as largou. Alguns lhe deram culpa de não as seguir até o Estreito de Meca, havendo que sem dúvida as alcançára, e tomára em algum porto. Deixadas as galés, voltou Luiz Figueira *pera o caminho de* Goa, e foi tomar o *Cinde; os respeitos porque*, nós o não sabemos. ElRey que estava na Cidade de Tatá, sabendo da nossa Armada, mandou hum Embaixador ao Capitão mór della a pedir-lhe » que lhe quizesse castigar os Nautaques, que lhe estavam rebellados, e que lhe faria paga aos soldados, e despeza da Armada. » Luiz Figueira querendo servir naquelle negocio, mandou sinco, ou seis navios pera irem dar no porto dos Nautaques, e destruillos. Estes navios foram áquelle negocio com o olho nas prezas que se esperavam, e andaram pe-

las

las coſtas dos Nautaques dandolhes em alguns portos, e povoações, em que fizeram algum damno. E andando por ella, deo hum dos noſſos navios em ſecco, em parte onde acudíram os da terra, e cortáram as cabeças a todos os Portuguezes, e tomáram o navio com toda ſua artilheria, ſem os noſſos lhes poderem valer: e não ceſſando aqui o mal, deo outro navio em huma reſtinga, onde ſe perdeo, mas ſó ſe ſalvou a gente nos mais navios. Com eſtas avalias ſe recolhêram os mais pera o Capitão mór, que ſentio em eſtremo aquelle negocio, e o houve por grande mofina ſua. E como andava com ſobeja deſconfiança do negocio das galés, (que os ſoldados lhe não perdoáram em matracas, que de noite lhe davam,) acabou aquella deſgraça, ou deſaſtre de o deſconfiar de todo, entriſtecendo-ſe de maneira, que o entendêram todos nelle; e dando á véla pera Goa, chègou áquella Cidade já em Novembro, ſendo o Governador Jorge Cabral partido pera Cochim, como no Capitulo adiante ſe dirá; e tomando algumas couſas neceſſarias, ſe partio em buſca delle, e chegou áquella Cidade, depois do Viſo-Rey D. Affonſo ſer nella, como tudo melhor ſe dirá adiante.

## CAPITULO XIII.

*De como o Governador Jorge Cabral partio pera Cochim, e de caminho destruio as Cidades de Capocate, Tiracole, Coulete, e Panane: e de como estando pera dar em Bardela, lhe deram novas que era chegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha.*

TAnto que o Governador despedio Manoel de Sousa de Sepulveda, logo poz toda a sua Armada no mar, e ficou esperando que viessem náos do Reyno pera saber novas, e tomar dellas mais gente. E tanto que o Verão entrou, escreveo a Chaul e Baçaim, que ficava posto no mar esperando pelos navios que lhe haviam de mandar, e entre tanto deo despacho a muitos negocios, e fez paga aos soldados, no que se gastou todo o mez de Setembro. E vendo que tardavam náos, e que já não podiam ir senão a Cochim, foi-lhe necessario aviar-se mais depressa, porque se lá as achasse, e lhe viesse successor, se poderia embarcar pera o Reyno; e assim se sahou de todos os negocios, e se embarcou de quinze de Outubro por diante, entregando o governo ao Bispo, Capitão da Cidade, e Ouvidor Geral, e na barra esteve até lhe chegarem os na-

navios do Norte, que foram perto de trinta, com muitos, e bons ſoldados, com cuja vinda ſe fez logo á véla já no fim do mez. A Armada que levava era de mais de cem navios, em que entravam perto de vinte galeões, náos, e galés, e tudo o mais fuſtas, e bargantis. Os Capitães, e Fidalgos, que neſta jornada o acompanháram, dos que pudemos achar os nomes, são os ſeguintes:

D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, Baſtião de Sá, Pantaleão de Sá ſeu irmão, D. João Henriques, Franciſco de Mello Pereira, João de Mendoça, D. João Lobo, Martim Affonſo de Miranda, Pero Botelho, Martim Affonſo de Mello Ombrinhos, Fernão Gomes de Souſa, Gil Fernandes de Carvalho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Botelho, Pedro Affonſo de Avelar, Jorge de Mendoça, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. E ſeguindo ſua jornada, foi pela coſta do Malavar, aſſolando, e deſtruindo tudo, e deſembarcou em Tiracole (cujo proprio nome he Quiçore) huma Cidade do Reyno do Çamorim, grande, e formoſa, e de muito trato, e mercadores, aſſentada, e eſtendida ſobre a coſta brava duas leguas do rio de Pudepatão pera o Sul, que queimou, deſtruio, aſſolou, e roubou, achando os ſoldados nella grandes prezas. O meſmo fez á

Cidade de Coulete, que deixou abrazada, e ſeus palmares cortados, e todas ſuas embarcações feitas em carvões. E chegando a Calecut, determinou de deſembarcar, e deſtruir aquella Cidade, (porque ſería a maior affronta que ſe poderia fazer ao Çamorim,) mas foi contrariado de todos os Fidalgos da Armada, que lhe diſſeram: »Que não era » bem ſe arriſcaſſe a lhe acontecer hum deſ» aſtre; que era neceſſario poupar-ſe, e ir » inteiro pera o negocio de Bardela, aonde » tinha todos os Reys, e Principes Malava» res, e lhe não podiam fugir das mãos, que » era o mór, e mais importante negocio da » India, e o mais honroſo, pera o que era » neceſſario ir com a mão muito folgada.» Sómente D. João Henriques, e Luiz Xira Lobo foram de contrario parecer, dizendo: » Que ſe quando alli não eſtava o Çamorim » ſe não queimaſſe aquella Cidade, quando » ſe eſperava poder-ſe fazer? Que ſó por cre» dito de ſe dizer antre os Reys Mouros da » India, que deſembarcára nella, o havia » de fazer.» Mas como os outros votos foram tantos, e mais, deixou o Governador aquelle negocio, e paſſou adiante. Chegando ao rio de Panane, entrou nelle com todas as galés, e navios de remo pera queimar aquella Cidade, por ſer a ſegunda do Reyno de Calecut, e a mais rica, e de mór

tra-

trato que todas, e porque dellas sahiam todos os annos muitas náos carregadas de pimenta, e gengivre pera Meca. E entrando no rio, desembarcou em terra, e commetteo a Cidade; e posto que nella achou grande resistencia, foi entrada dos dianteiros, que foram por dentro della pelejando com os inimigos, e huma multidão delles se recolheo a huma formosa Mesquita, que foi commettida dos nossos, e a entráram, mettendo á espada a mór parte dos que estavam dentro; e hum tropel delles, que seriam quasi sessenta, se recolhêram a huma torre, a que se subia por huma escada de caracol. Os nossos commettêram a entrada da porta, que lhes foi muito bem defendida, e sobre ella feríram alguns dos nossos, em que entrou Bastião de Sá, que estava mais chegado á porta, trabalhando por entrar dentro com muito valor, e esforço. A este tempo chegou D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que era hum homem agigantado, e muito grande cavalleiro; e vendo o trabalho em que os nossos estavam, e como os Mouros se defendiam, passou por todos, e chegando á porta com huma espada de mão e meia, que levava, e alçando o escudo sobre a cabeça, commetteo a porta, e a entrou, e ao tempo que levantou o escudo se arremessou hum

Mou-

Mouro a elle, e lhe deo huma ferida por debaixo do braço, que lhe ficou descuberto; mas elle tanto que foi dentro, começou a cortar nos inimigos de feição, que os arrancou do lugar, e os foi levando pela escada assima, indo já com elle alguns dos nossos, em que entrava Bastião de Sá; e chegando com elles ao alto, que era mais largo, tiveram huma mui formosa batalha, em que os Mouros por defensão de sua vida pelejáram muito bem; mas em fim todos foram despedaçados.

Despejada a Cidade, poz o Governador toda a sua gente no campo, que seriam perto de quatro mil homens, e mandou Francisco de Siqueira com alguns Capitães, que fossem com os navios de remo queimar às náos, que estavam duas leguas pelo rio dentro. E por terra de longo da ribeira mandou hum esquadrão de dous mil homens pera os favorecerem, e elle ficou com outros dous mil no campo. Os navios chegáram ás náos, e lhes deram fogo, em que todas ellas se consumíram, e mais de trinta navios outros.

Feito este negocio, se embarcou o Governador, e ao outro dia surgio com a Armada grossa na barra de Cochim, e elle com as galés, e todos os mais navios de remo (a que toda a gente se passou) en-

trou

trou pelo rio dentro, e paſſou pela Cidade com elles embandeirados, e poſtos em armas, e foi ſurgir aquelle dia no caſtello de ſima. Ao outro chegou á Ilha de Bardela, onde achou Manoel de Souſa de Sepulveda com toda a Armada, que tinha a Ilha cercada com os Principes dentro, e ſalvaram-ſe as Armadas com grandes feſtas, e alegrias.

Surtos os navios, chamou o Governador os Capitães, e lhes diſſe, que ao outro dia havia de dar em terra, que ſe fizeſſem preſtes: mandou-lhes que fizeſſem alardo da gente que havia pelas embarcações, o que elles foram fazer, e acháram ſeis mil homens Portuguezes, com todos os moradores de Cochim, que alli foram logo em tones, e outras embarcações; e mandou dizer a ElRey de Cochim, que eſtava da outra banda com quarenta mil homens: » Que » tiveſſe preſtes muitos tones, e almadías pe» ra a ſua gente paſſar á Ilha, quando lhe » mandaſſe recado. » Aquella noite gaſtáram todos em prepararem ſuas armas, e o Governador em dar ordem no modo que ſe havia de ter na de deſembarcação, que foi por eſta maneira.

Manoel de Souſa de Sepulveda havia de levar a dianteira com dous mil homens, que havia de deſembarcar por huma parte, e o Ca-

Capitão de Cochim com outros dous mil por outra, e o Governador com o resto em meio d'ambos, e ElRey de Cochim pela outra parte. E tanto que amanheceo, tocou o Governador suas trombetas, (que era o sinal a que se leváram todos os navios,) e os nossos póstos em armas foram demandar a terra, com grandes gritas de alvoroço, e antes de chegarem lhes alevantáram de lá huma bandeira branca grande capeando com ella.

O Governador mandou levar o remo, e esperou hum pouco, e logo chegou á sua embarcação huma almadía pequena, em que vinha hum homem, que lhe pedio da parte de ElRey de Tanor (o que Garcia de Sá fez Christão:) » Que sobreestivesse naquillo, » que os Principes Malavares queriam com » elle paz, com todos os partidos que qui» zesse, e que lhe désse licença pera elle vir » fallar com elle sobre aquelle negocio. » O Governador chamou os Capitães a conselho, e antre todos houve varios pareceres; mas os mais disseram: » Que se devia de saber » o que aquelles Principes queriam; e que » sendo os partidos taes, e tão honrosos, » como era razão que fossem, se lhes con» cedessem, porque assim se escusavam da» mnos, e mortes, que forçado havia de ha» ver, e mais quando não havia perigo na

» tar-

» tardança, nem lhes podia entrar mais gen- » te da que tinham, nem elles podiam ſa- » hir pera fóra, que a todo o tempo os ti- » nham alli fechados. » O Governador deſpedio o homem com recado a ElRey de Tanor, dizendo-lhe: » Que por amor delle eſ- » perava que ſe viſſe com elle depreſſa, e ſe » determinaſſem, que elle não ſe podia alli » deter muito. »

Com eſte recado deſpedio logo ElRey outro ao Governador a ſaber delle os partidos que queria que lhe fizeſſem. O Governador lhe mandou dizer: » Que os Principes » todos que eſtavam naquella Ilha ſe haviam » de entregar em ſeu poder, com lhe elle ſe- » gurar as vidas, e que então fariam as pa- » zes, e concertos, que foſſem licitos, e ho- » neſtos. » Sobre iſto foram, e tornáram recados apreſſados, e em eſperanças, e com invenções foi ElRey de Tanor entretendo o Governador tres dias, e ao derradeiro á tarde chegou huma embarcação que vinha de Coulão, por dentro dos rios, em que vinha hum Fidalgo, que já andára na India, cujo nome nos não lembra, e trazia duas cartas do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha, que ficava em Coulão, huma pera o Capitão de Cochim, e outra pera Manoel de Souſa de Sepulveda, porque não ſabia ainda da chegada do Governador alli. E ſabendo

de este Fidalgo que estava elle alli, foi demandar o seu navio, e entrou com elle, e lhe deo razão de si, e novas do Viso-Rey, e das cartas que trazia.

O Governador ficou sobresaltado, porque receou que fosse aquillo causa de elle não dar fim a huma empreza tão honrosa, e mandou chamar o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, e abrio com elles as cartas, que com poucas palavras lhes dizia: » Que elle ficava em Coulão, e que ao ou- » tro dia sería em Cochim, que lhes man- » dava que entre tanto sobreestivessem no » negocio que tinham antre mãos, nem fi- » zessem paz, nem guerra até elle chegar.»

As novas do Viso-Rey logo se espalháram por toda a Armada, e começou a haver na gente grande alvoroço, (porque a da India he mais amiga de novidades, que todas as do Mundo.) O Governador ficou magoado pelo erro que tinha feito naquellas dilações, e todavia determinou de não perder aquella honra, por lha não vir outrem arrancar das mãos, e mandou logo chamar todos os Capitães, e lhes disse: » Que em quan- » to elle não entregava a India ao Viso-Rey, » todas as cousas della estavam á sua conta, » como quem della tinha dado a menagem. » Que bem viam todos o cabedal que esta- » va mettido naquella jornada, e que não era

ra-

» razão ficaſſe ſem effeito algum; que a vi-
» toria eſtava certa, e que a honra della era
» de todos; que lhes pedia, e rogava, que
» a quizeſſem ganhar, e ſe fizeſſem preſtes
» pera o outro dia pela manhã darem em ter-
» ra, porque ſegundo aquelles Principes eſ-
» tavam medroſos, e faltos de tudo, havia
» de haver pouco que fazer em os tomar ás
» mãos; que trabalhaſſem todos por fazer
» com que os Reynoes quando chegaſſem fi-
» caſſem invejoſos de á ſua viſta ganharmos
» tão grande honra, como na verdade ſería
» a maior de todas as que ſe ganháram na
» India. »

Todos lhe diſſeram que eſtavam preſtes pera o acompanharem, e que lhes parecia mui bem ſua determinação. Com iſto ſe deſpedíram, e foram fazer preſtes pera o outro dia de madrugada. Eſtando todos com eſte alvoroço, quiz Deos (que nenhuma couſa faz ſem cauſa) que aquella noite, e todo o outro dia foſſe tanta a chuva, que alagava os navios, e não havia poder-ſe accender murrão, nem cevar eſpingarda, pelo que deixou o Governador de deſembarcar; e ſobre a tarde chegou o recado, que o Viſo-Rey era já chegado a Cochim, que acabou de deſconfiar o Governador daquella empreza. Com eſtas novas, os mais dos Capitães tanto que anoiteceo deixáram o Gover-

vernador, e ſe foram pera Cochim, ficando elle com muito poucos.

Vendo-ſe elle aſſim atalhado, não querendo que Manoel de Souſa de Sepulveda ficaſſe ſem ſe lhe pagarem as muitas deſpezas, que naquella jornada tinha feito á ſua cuſta, e dinheiro que tinha empreſtado a El-Rey pera ellas, o mandou chamar, e juntamente ao Secretario, e Theſoureiro, e fazendo diante delle conta do que lhe era devido, ſe acháram perto de ſeis mil pardáos, que alli lhe mandou logo contar, e fazer ſuas Proviſões, e papeis correntes, porque ſabia quão pouco coſtumavam, os que ſuccediam na governança, pagar as dividas que ſeu anteceſſor tinha feitas, ainda que ſejam em couſas tão importantes, e neceſſarias. E todavia mandou que ſe não deixaſſe a guarda da Ilha de Bardela, encarregando-a a Manoel de Souſa de Sepulveda, até o Viſo-Rey determinar o que ſe havia de fazer, deixando-ſe elle alli ficar até lhe vir recado ſeu.

# DECADA SEXTA.
## LIVRO IX.
### Da Hiſtoria da India.

CAPITULO I.

*De como ElRey D. João o III. mandou por Viſo-Rey da India D. Affonſo de Noronha no anno de 1550: e do que lhe aconteceo na viagem até chegar a Cochim.*

PELA Armada de Manoel de Mendoça, que da India partio em Janeiro de quarenta e nove, ſoube ElRey da morte do Viſo-Rey D. João de Caſtro, que ſentio muito pela perda de tão bom vaſſallo, e recebeo mui bem a ſeu filho D. Alvaro de Caſtro, que naquella Armada veio; mas todavia os merecimentos de ſeu pai, e ſeus não luzíram por então muito nelle, porque andou muitos tempos aggravado, ſem lhe reſponderem, até que depois o deſpacháram com

com menos do que merecia. Mas em tempo de ElRey D. Sebaſtião veio a ſer Veador da Fazenda do Reyno, e dos principaes do ſeu Conſelho de Eſtado, (de quem ſe dizia que lhe tinha dado Alvará pera ſeu Camareiro mór, por ter partes, e qualidades pera iſſo.) Sabendo ElRey que ficava no governo da India Garcia de Sá, que era muito velho, determinou de prover a India, e elegeo pera iſſo D. Affonſo de Noronha, filho do ſegundo Marquez de Villa-Real Dom Fernando de Noronha, a quem deo o titulo de Viſo-Rey, e lhe fez outras honras, e mercês. Pera eſta jornada mandou ElRey negociar ſinco náos, e pagar dous mil homens.

A fama deſta eleição correo logo pelo Reyno, e acudíram á Corte muitos Fidalgos pera o acompanharem nella, a que ElRey deſpachou, e fez muitas mercês; e os que achámos nomeados são eſtes: D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey Dom Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, filho de ſeu irmão; D. Garcia, e D. Luiz Tello de Menezes irmãos, filhos do Craveiro; Gonçalo Pereira Marramaque, D. Filippe de Caſtro, Gaſpar de Mello de Sampaio, deſpachado com a Capitanía de Goa; D. Martinho Rolim, D. Franciſco Maſcarenhas o Palha, D. Rodrigo Lobo, filho de D. Pedro Lobo, que faleceo neſta viagem; D. Manoel

noel Mascarenhas, Jeronymo Barreto Rolim, D. Francisco da Costa, filhò de D. Alvaro da Costa; D. Antonio Pereira, filho de D. João Pereira; Filippe Carneiro, filho de Antonio Carneiro, irmão de Pero de Alcaçova; D. Braz de Almeida o torto; Pero da Silva de Menezes, filho de Manoel de Magalhães, Senhor da Nobrega; D. Affonso de Monroy, Francisco Lopes de Sousa, que tinha a Capitanía de Maluco; D. Braz da Silva, Luiz de Sousa, filho do Chanceller mór do Reyno; João da Fonseca, Mantieiro da Rainha, que levava o cargo de Veador da Fazenda da India; Simão Ferreira, que hia por Secretario, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros.

Prestes esta Armada se embarcou o Viso-Rey em Abril; mas foram os tempos tão contrarios, que não pode sahir pera fóra todo aquelle mez, e ao primeiro de Maio dando-lhe jazigo, sahíram pera fóra quatro náos; S. Pedro, em que hia o Viso-Rey; Flor de la mar, de que era Capitão D. Diogo de Noronha o Corcoz, irmão de D. Fernão de Alvarez de Noronha, Capitão geral das galés de Portugal, e Sumilher que foi de El-Rey D. Sebastião; o galeão Biscainho, de que era Capitão Lopo de Sousa; e a náo Santa Anna, em que hia D. Jorge de Menezes o Baroche. A outra náo, que era o galeão

leão S. João, de Diogo de Caſtro do Rio, e hia por ſeu contrato, de que era Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama, filho do Conde Almirante, que deſcubrio a India, que hia provído da Capitanía de Malaca, não pode ſahir aquella maré, e mudando-ſe o outro dia o vento, eſperou até dezoito de Maio, em que ſe fez á véla, tempo em que todos deſconfiávam de ella poder paſſar; porque das náos que partíram diante, arribáram (poucos dias depois de elle partir) o galeão Biſcainho, e a náo Santa Anna. Mas eſte Capitão D. Alvaro de Taíde da Gama com partir tão tarde teve muito boa viagem, porque parece que aos deſcendentes daquelle valoroſo Capitão D. Vaſco da Gama em certo modo reconhecem os mares, e os ventos alguma vaſſallagem, e lhes tem acatamento; nem ſabemos que até eſta hora em que iſto eſcrevemos, aconteceſſe neſta carreira da India algum naufragio, ou perigo aos deſcendentes deſte valoroſo Conde, paſſando por ella todos os ſeus filhos, netos, e biſnetos.

As náos paſſáram quaſi a hum meſmo tempo o Cabo de Boa Eſperança, e Flor de la mar tomou logo derrota pera Moçambique, por ir falta de agua, onde ſe deixou ficar até Março, em que ſe paſſou pera a India, como adiante diremos. O Viſo-Rey, e D. Alvaro de Taíde, ſem ſe verem, to-

má-

máram a derrota por fóra da Ilha de São Lourenço, e passáram muitos riscos, e trabalhos, com que lhes morreo alguma gente; e indo demandar a costa da India em Outubro, deram-lhes os Levantes de rosto, de feição, que foi o Viso-Rey descahir a Ceilão, e D. Alvaro de Taíde varou por fóra da Ilha, e foi tomar Pegú, onde se refez de agua, e mantimentos. O Viso-Rey tanto que vio terra, disse o seu Piloto que era da costa da India; mas João Rebello de Lima, Piloto affamado que alli hia por passageiro, disse que a terra que apparecia era Columbo, e Ceilão. O Piloto começou a porfiar que era a costa da India; e estando nesta confusão, chegou huma embarcação, e disse ao Viso-Rey que a terra que apparecia era Columbo. O Piloto vendo aquillo, como era havido pelo melhor da carreira, ficou tão corrido, que se metteo no seu camarote, e em tres dias morreo de nojo.

O Viso-Rey mandou governar pera Columbo, e surgio fóra. Os da terra conhecendo a não ser do Reyno, foram logo a ella alguns navios, que alli ficáram da companhia de D. Jorge de Castro; e sabendo ser o Viso-Rey, despedíram logo recado a Cota a ElRey, e a Gaspar de Azevedo, Alcaide mór, que logo acudíram a Columbo; vindo ElRey muito bem acompanhado,

do, que mandou viſitar o Viſo-Rey com muito refreſco, e algumas peças. O Viſo-Rey ſoube de Gaſpar de Azevedo o ſuccedido havia pouco a D. Jorge de Caſtro, (como diſſemos no Cap. VII. do Liv. VIII.) e as guerras que o Madune fazia a ſeu irmão; e ſabendo ſer ElRey em Columbo, deſembarcou nos navios, e ſe foi a terra pera ſe ver com elle, indo acompanhado de todos os Fidalgos, e gente da ſua náo; e recolheo-ſe em Santo Antonio, Moſteiro dos Frades Menores, onde ElRey ſe foi ver com elle, paſſando-ſe de parte a parte grandes cumprimentos.

Alli lhe deo ElRey conta de ſuas couſas, e lhe pedio, que pois era vaſſallo de ElRey de Portugal, que ordenaſſe as couſas de modo, com que ſeguraſſe aquelle Reyno de ſeu irmão, que o tratava mal, e deſejava de o matar. O Viſo-Rey lhe diſſe, que elle trazia iſſo muito encarregado, e que a primeira couſa em que puzeſſe as mãos, havia de ſer naquella; e a voltas diſſo lhe pedio duzentos mil pardáos de empreſtimo, de que ſe ElRey eſcuſou, dizendo-lhe, que eſtava muito deſpezo por cauſa das guerras, e que havia pouco gaſtára mais de ſetenta mil pardáos com D. Jorge de Caſtro. O Viſo-Rey não ficou muito contente; e deſpedindo-ſe delle, ſe embarcou; e ElRey lhe

deo

deo pera mandar á Rainha naquellas náos as peças seguintes.

Hum colar de ouro grande com perolas, e rubins, e tres cruzes de pedraria no pé com huma grande perola em baixo; outro colar com rubins, hum no meio grande; outro colar de ouro com alguns rubins, olhos de gato, e no meio hum olho de gato grande com rubins á roda; tres braceletes de ouro, e pedraria; hum annel grande com hum olho de gato, e rubins á roda; hum formoso olho de gato solto: o que tudo se carregou sobre o Feitor da Armada, e aquelle anno foi pera o Reyno. O Viso-Rey tambem levou seus brincos; e antes de dar á véla, se foi ver com elle hum filho do Madune, Rey de Ceitavaca, e o que passou com o Viso-Rey não se sabe. Depois de o ouvir deo á véla pera Cochim.

ElRey da Cota vendo como o Viso-Rey se apartára delle desgostoso, despedio nas suas costas hum Bragmane Pandito com quinze mil pardáos, que lhe mandava de presente. O Viso-Rey chegou a Coulão, e alli soube do ajuntamento dos Principes Malavares em Bardela, pelo que despedio aquella embarcação com as cartas que atrás dissemos no derradeiro Capitulo do oitavo livro. Ao outro dia depois da tempestade, (por cuja causa Jorge Cabral deixou de dar

na Ilha,) ſurgio o Viſo Rey na barra de Cochim, e foi recebido em terra muito bem. Jorge Cabral o mandou viſitar por D. Jorge de Caſtro, ſeu tio meio irmão de ſua mãi, e elle lhe pagou a viſita por hum Eſcudeiro ſeu, por quem lhe mandou dizer, que ſe foſſe pera Cochim, e deixaſſe ſobre a Ilha Manoel de Souſa de Sepulveda com os navios de remo. O Governador aſſim o fez, e deſembarcou em Cochim, e foi viſitar o Viſo-Rey, que o recebeo ſeccamente; e alli lhe fez entrega da India, e ſe recolheo pera ſua caſa, mandando logo navios a Goa em buſca de ſua mulher pera ſe embarcar pera o Reyno, correndo ſempre muito bem com o Viſo-Rey; porque como ſe não receava de couſa alguma, não quiz quebrar com elle, ſoffrendo-lhe algumas couſas, de que outros houveram de lançar mão pera queixas, (porque he mui ordinario em alguns Governadores que acabam, quebrarem de induſtria com os que lhe ſuccedem, pera lhes ficarem ſuſpeitos nas couſas que delles eſcreverem.)

O Çamorim tanto que ſoube da chegada do Viſo-Rey, lhe mandou Embaixadores, que tratáram com elle de pazes, que lhe elle concedeo; e não achámos com que fundamentos, nem a ſubſtancia dellas. Somente nos diſſeram algumas peſſoas, que ficou

o

o Çamorim de deſiſtir do direito, e perfilhação que tinha feita com o Rey de Bardela, e que daria dous Principes em refens, até ſe ſahirem os que eſtavam naquella Ilha, que ficaria a ElRey de Cochim. Com iſto mandou o Viſo-Rey recolher Manoel de Souſa de Sepulveda, e os Principes Malavares ſe foram da Ilha, e o Çamorim ſe foi pera Calecut.

D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão do galeão S. João, que foi tomar Pegú, depois de tomar agua, e mantimentos, deo á véla pera a India, e foi tomar a ponta de Galé, onde ſurgio, ſendo entrada de Novembro, e alli deſembarcou em terra pera curar os doentes, porque eſtavam alli Portuguezes, e Frades de S. Franciſco com huma caſinha pequena. Alli ſe deteve todo o mez de Novembro, ſem lhe dar dos muitos requerimentos que lhe fez Manoel de Caſtro, procurador de Diogo de Caſtro, cujo o galeão era. Paſſado o mez ſe tornou a embarcar, e foi tomar Cochim a treze de Dezembro, e por não ſer já tempo pera o galeão ir pera o Reyno, e haver miſter concerto, o mandou pera Goa, e ſe recolheo em Goa a velha, onde invernou, e ſe concertou.

CA-

## CAPITULO II.

*De algumas cousas, em que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha provêo em Cochim: e da Armada que mandou ao Estreito sobre que houve differenças antre D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey: e da grande vitoria que os nossos houveram em Cochim de sima de oito mil Nayres Amoucos: e de como Jorge Cabral se embarcou pera o Reyno: e das partes, e qualidades de sua pessoa.*

DAs primeiras cousas em que o Viso-Rey entendeo, foi em mandar huma Armada de sinco fustas ao Estreito de Meca, pera vigiar as galés pelas novas que havia dellas. E quando sahio este negocio em conselho, que se soube, pedio D. Jeronymo de Castello-branco ao Viso-Rey de mercê aquella jornada, e elle lha prometteo, e os navios se começáram a fazer prestes. Acertou de chegar neste tempo a Cochim Luiz Figueira, de que atrás demos conta no Cap. XII. do Liv. VIII., que o Viso-Rey recebeo bem, por sima das desgraças, que lhe succedêram, por ser cousa do Infante Dom Luiz, e que lhe elle encommendava muito. Este Fidalgo sabendo dos navios que se faziam

ziam preſtes pera o Eſtreito, como andava muito deſconfiado da jornada paſſada, deſejando de lhe ſucceder couſa em que emendaſſe aquella quebra, metteo todas as valías que pode com o Viſo-Rey, pera que lhe déſſe aquella jornada, apertando D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rey, tanto com o pai, que lha concedeo, (tirando-a a Dom Jeronymo de Caſtello-branco, a quem a tinha promettido de peſſoa a peſſoa, ainda que não eſtava declarado,) e não ſabemos com que achaques. D. Jeronymo de Caſtello-branco, que era hum Fidalgo muito honrado, e mancebo de grandes eſpiritos, e opinião, havendo-ſe por affrontado, e injuriado do Viſo-Rey, ſabendo o cabedal que ſeu filho D. Fernando de Menezes mettêra naquelle negocio em favor de Luiz Figueira, o mandou deſafiar. E indo elle já pera o campo, ou fazendo-ſe preſtes pera iſſo, foi ſabido o negocio, e acudio o Capitão da Cidade com todas as juſtiças, e lhes tomou as menagens, prendendo-os em ſuas caſas, até que o Viſo-Rey, e Fidalgos parentes de huns, e de outros mettêram a mão em meio, e os apaſiguáram de maneira, que ficáram ambos ſatisfeitos, e amigos.

Preſtes a Armada, deſpedio-a o Viſo-Rey em Janeiro com regimento, que tornaſſe a invernar a Goa com as novas que achaſ-

achasse. Os Capitães dos sinco n… Luiz Figueira, D. Filippe de Ca… fre do Sevoral, *João da Costa Pelej*… par Nunes, da obrigação de *Manoel*… sa de Sepulveda. Dada á vela, foram… minho, a que logo tornaremos. O Viso-Rey ficou escrevendo pera o Reyno, e dando despacho a muitas cousas. Jorge Cabral corria com a sua náo, que era a em que o Viso-Rey veio, e dava pressa a seu concerto. E na entrada de Janeiro chegou sua mulher, que tinha mandado buscar a Goa, que vinha muito anojada, porque á sua embarcação lhe falecêra hum filho macho, que não tinha outro, de idade de nove annos, de beber desattentadamente de huma pouca de agua de Solimão de hum frasco, que as mulheres costumam curar pera o rosto, o que Jorge Cabral sentio tanto, que esteve pera morrer de paixão.

O Viso-Rey depois de escrever, e dar despacho a muitas cousas, despedio-se de Jorge Cabral, que ficava correndo com a carga das náos, e o mesmo fez de ElRey de Cochim, e Cidade, e se embarcou de vinte de Janeiro por diante, e de caminho foi visitando as fortalezas de Chale, e Cananor, e deixou por Capitão mór na costa do Malavar D. Antonio de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, com vin-

vinte navios de remo, com que andou todo o reſto do verão.

O Viſo-Rey chegou a Goa, onde a Cidade lhe tinha preparado hum grande recebimento, por terem ſabido ſer irmão do Marquez de Villa-Real, a quem ElRey chamava ſobrinho. E porque fora Capitão de Ceita, e era inclinado a gente de cavallo, quando entrou pela barra de Goa dentro, indo de longo da terra, lhe apparecêram na praia de noſſa Senhora de Guadalupe duzentos de cavallo em ginetes ricamente jaezados, e os homens veſtidos á Mouriſca muito cuſtoſamente. E por aquella praia até á ponta de Pangim, que continúa ſempre, foram á viſta do Viſo-Rey eſcaramuçando com tal ordem, que folgou muito o Viſo-Rey de os ver. Pelo rio dentro foi o Viſo-Rey achando infinidade de embarcações embandeiradas, e enramadas, com muitos, e diverſos inſtrumentos de tangeres, e folías, e em terra muitas ſalvas de artilheria, e o meſmo das náos, e galeões que eſtavam no porto. Deſembarcou no caes, e foi recebido da Cidade com as ceremonias acoſtumadas, e com grande applauſo, e contentamento do povo, ficando correndo com ſuas obrigações, onde o deixaremos por continuarmos com as couſas de Cochim.

Jorge Cabral ficou dando preſſa á ſua em-

embarcação ; e porque faltava pimenta por causa das guerras passadas, ficou esperando que descesse pelos rios, o que foi tão devagar, que o deteve até quatorze dias de Fevereiro, em que estava pera se embarcar para ao outro dia dar á véla. Aquelle dia á noite chegáram novas, que entravam por Cochim de sima oito mil Nayres Amoucos, e que vinham fazendo grandes estragos, com o que a Cidade se poz em revolta. Jorge Cabral acudio á rua direita, e com elle o Capitão, e Manoel de Sousa de Sepulveda, que o Viso-Rey tinha deixado por Capitão mór dos rios pera fazer correr a pimenta; e tocando tambores, acudio toda a gente, com que se tomáram as bocas das ruas, porque os Amoucos não entrassem na Cidade; e tanto que foi manhã, querendo Jorge Cabral passar em busca dos Amoucos, não o consentíram os Vereadores, e sobre isso lhe fizeram grandes requerimentos, com o que sobreesteve. Despedio o Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda com mil e quinhentos Portuguezes, e outra gente da terra pera irem buscar os inimigos, ficando Jorge Cabral com a mais gente em guarda da Cidade. Os nossos feitos em dous esquadrões entráram por Cochim de sima, onde os Amoucos andavam fazendo destruições, e cruezas muito grandes, e dando nelles, tiveram

hu-

huma muito grande, e arriſcada briga, por eſtarem os inimigos determinados a morrerem. A batalha foi a mais aſpera, e acceza de quantas os noſſos tiveram, e em que nunca ſe víram; e todavia ainda que foi com perda de mais de ſincoenta dos noſſos, os inimigos foram rotos, e desbaratados, ficando dous mil delles mortos, e ataſſalhados no campo, e os mais ſe recolhêram, feridos muitos de eſpingardadas, porque a noſſa arcabuzaria foi a que fez nelles grande eſtrago.

Havida eſta vitoria, ſe recolhêram os noſſos pera a Cidade, onde foram recebidos com muitas honras, e feſtas. Eſta noite ſe embarcou Jorge Cabral; e teve tão ruim, e trabalhoſa viagem por partir tarde, que póz oito mezes no caminho, porque chegou a Lisboa em Outubro. Foi bem recebido de ElRéy, que lhe eſtranhou as dilações, porque deixou de dar em Bardela; mas deſpachou-o com quatrocentos mil reis de juro.

Foi eſte Fidalgo filho de João Fernandes Cabral, Alcaide mór de Belmonte, e Senhor de dous, ou tres lugares á roda. Sua mãi ſe chamava D. Joanna de Caſtro, (que foi a primeira Camareira mór que a Rainha D. Leonor teve, quando logo caſou com ElRey D. Manoel, porque era huma Dona de tantas partes, e merecimentos, que por eſ-

esta razão foi eleita pera aquelle cargo.) Foi Jorge Cabral casado com huma filha de hum Cavalleiro muito honrado, chamado João Fialho Borges, que se chamava D. Lucrecia, e em mancebo se namorou della por ser muito formosa; e parece que houve antre ambos alguns penhores, por onde ElRey D. João depois o obrigou a casar com ella, porque parece que se arrependia. E quando foi pera a India despachado com a fortaleza de Baçaim, a levou comsigo, e em sua companhia juntamente foi hum irmão seu della, chamado Christovão Borges, que casou em Goa, e teve huma filha, chamada D. Maria Borges, que depois casou com Ayres Falcão. Dantre ambos nascêram muitos filhos, que são vivos. Não teve Jorge Cabral mais que huma filha, que casou com hum seu primo com irmão, filho de Fernão de Alvarez Cabral, irmão mais velho de Jorge Cabral, e por morte de ambos herdáram ambas as casas.

Foi Jorge Cabral homem bem feito, de boa estatura, muito bom Cavalleiro, de muita verdade, de bom conselho, liberal, e sobre tudo bom Christão. Foi tão amigo dos bons Cavalleiros, e do serviço de ElRey, que estranhando-lhe o Viso-Rey D. Affonso de Noronha (quando logo chegou a Cochim) as muitas mercês que fizera aos homens,

mens, lhe respondeo: »Bem parece, Se-
»nhor, que não vistes ainda pelejar os da
»India; como os virdes, então me desculpa-
»reis.» Foi tão desinteressado, que nunca se lhe achou que tachar; e tanto, que lançando-se humas trovas em Goa, em que praguejavam de todos os Officiaes, nelle não se fallou, nem tocáram, sendo os Governadores da India os primeiros a que os homens não perdoam cousa alguma, notando-lhes ainda cousas que nunca fizeram. O tempo do seu governo foi notado por hum dos melhores da India; e tanto, que andando Antonio Moniz Barreto, sendo Governador, passeando na casa, onde os retratos de todos os Viso-Reys, e Governadores, que governáram a India estam, disse pera alguns Fidalgos que alli se acháram, apontando pera o de Jorge Cabral: »Este Caldeireiro foi
»muito bom Governador.» Chamou-lhe assim, porque era de Belmonte, donde são os Caldeireiros.

## CAPITULO III.

*Do que aconteceo a Luiz Figueira no Estreito do mar Roxo: e de como encontrou o Turco Cafár com as suas galeotas: e de como de desconfiado investio a Capitania: e de como foi morto, e o seu navio tomado.*

PArtido Luiz Figueira de Goa, (como no Capitulo passado dissemos,) foi atravessando aquelle Golfo, até haver vista de Monte de Felix de longe da costa de Arabia, e foi demandar o Estreito por onde entrou, e andou por elle tomando falla das galés; e chegando ás Ilhas Aparcelladas, (que são logo da banda de dentro,) tomou huma gelva, que lhe deo por novas, que o Cafár andava por aquella paragem com sinco galeotas. Luiz Figueira surgio nellas, e deixou-se alli ficar, e por lhe faltar agua a mandou fazer por Inofre do Soveral, que era grande homem daquelle Estreito, que a foi tomar da outra banda do Abexim, que era sete leguas donde elle ficava, porque alli he o mais estreito. E havendo sinco, ou seis dias que alli estava Luiz Figueira, veio o Cafár demandallo com as suas sinco galeotas, (porque algumas gelvas lhe deram rebate dos nossos navios.) E havendo vista

del-

delles, mandou huma galeota que rodeaſſe a Ilha pela outra banda, porque ſe lhe não foſſem os noſſos navios por lá, e elle os foi demandar, affaſtando-ſe das reſtingas que alli havia. Luiz Figueira tanto que vio as galeotas, chamou a ſi os navios, que tambem eram quatro, e diſſe a ſeus Capitães:

» Senhores, eſte he o dia, em que pode-
» mos moſtrar o esforço, e valor Portuguez,
» e ganharmos huma muito grande honra:
» commettamos aquelle inimigo, que eu con-
» fio em Deos que nos ha de dar vitoria
» delle.»

E pondo-ſe logo em armas ſem eſperar reſpoſta, tomou o remo na mão, e foi demandar as galeotas; e como homem que andava deſconfiado, endireitou com a de Cafár, que vinha diante; e dando-lhe huma ſurriada de arcabuzaria, e de artilheria, a inveſtio pela prôa, e os que hiam no eſporão do navio ſe lançáram dentro, e deſtes ficáram dous ſoldados dependurados dos remos, e com trabalho ſe ſubíram á galeota, onde ficáram pelejando com muito valor, (porque a fuſta da pancada que deo tornou a recuar, e ficou hum pouco affaſtada.) Luiz Figueira mandou apertar o remo, e tornou a pôr a prôa na galeota, e logo ſe baldeou dentro com os ſeus ſoldados, achando os outros que da primeira pancada tinham entra-

trado, pelejando com todos os Turcos valorosamente. Luiz Figueira como homem que desejava de se restituir da quebra da outra jornada, com aquelle ímpeto com que entrou, levou os Turcos até o meio da galeota, onde se ateou huma asperissima batalha, em que elle pelejou muito bem. Os outros navios puzeram-se de fóra ás bombardadas, e espingardadas, descuidando-se de irem ajudar o seu Capitão mór. As outras tres galeotas dos Turcos se foram chegando pera os nossos ás bombardadas, e espingardadas, de que deram huma em hum pé a João da Costa Peleja. A este tempo víram os nossos cahir Luiz Figueira de huma espingardada, de que logo morreo, tendo feito taes cousas, que os Turcos ficáram pasmados, e o Cafár disse aos soldados que alli ficáram cativos, (segundo elles depois que os resgatáram disseram,) » que se Luiz Figuei-
» ra não morrêra da espingardada, sem dú-
» vida elle ficára rendido. »

Morto Luiz Figueira, nos seus soldados houve pouco que fazer; porque os que ficáram vivos, logo se rendêram, sendo já mortos dez, ou doze, ficando tambem a sua fusta em poder dos Turcos. O Cafár tambem ficou ferido de huma ruim espingardada por hum braço, e perdeo mais de quarenta dos seus. Os outros navios da companhia de Luiz Fi-

Figueira, tanto que víram o ſeu Capitão mór rendido, e morto, ſe foram affaſtando, e deram á véla com o Ponente rijo, e foram fugindo pera fóra do Eſtreito. As galeotas dos Turcos os foram ſeguindo: Gaſpàr Nunes tanto que ſahio do Eſtreito tornou a voltar pera a outra banda do Abexim, e foi demandar Maçuá; e tendo vergonha de ir á India, por ver matar o ſeu Capitão mór, deitou a artilheria no mar, e com os ſeus ſoldados ſe foi por terra pera o Preſte João, e no Moſteiro de Baroá achåram o Barnagais, que os recebeo bem, e os encaminhou pera o ſeu Rey: eſtes todos morrêram por lá.

Inofre do Soveral, que eſtava fazendo aguada da outra banda, ouvindo bombardadas, levou-ſe, e tomou o remo pera ſe ir pera o ſeu Capitão mór; e indo demandando a Ilha, deo com a galeota que o Cafár mandou pela outra banda, como atrás diſſemos, e foi já tão perto que não pode voltar. E tomando depreſſa as armas, endireitou com a galeota, e poz-lhe a prôa, tendo de bordo a bordo huma tão aſpera, e acceza batalha, que foi eſpanto. Os Portuguezes fizeram couſas tão notaveis, que nos faltão palavras pera o encarecer; baſta que depois de muitas horas abordadas ſe affaſtáram tão deſtroçados ambos, que ſe não ou-

sáram a commetter outra vez, e deram á véla cada hum pera sua parte, com mais de ametade da gente morta, e todos os mais muito mal feridos. Inofre do Soveral foi voltando pera fóra do Estreito, e foi seguindo seu caminho. As galeotas que vinham apôs os mais navios os foram entrando, principalmente huma dellas, que era muito veleira, e ligeira; e como o vento era rijo, e os Turcos forçáram a véla, quiz Deos que lhe arrebentasse, e ficasse anhota, com o que os nossos tiveram tempo de fugir, e os Turcos tornáram em busca do seu Capitão. Inofre de Soveral encontrou depois os mais navios, e todos juntos se fizeram na volta de Goa. No caminho encontráram huma náo, que hia de Dio pera Meca com cartaz; e demandando-a, lhe atirárão a amainar, o que ella fez por ir com seguro; e entrando os nossos nella, mostrando-lhe o cartaz, o sumírão, e a roubárão. Com estas avalias chegáram a Goa no fim de Abril; e sabendo o Viso-Rey o que era passado, mandou prender os Capitáes, e pelos não affrontar com outro negocio, lhes veio o Procurador de ElRey com Libello, que roubárão a náo que levava cartaz; ao que vieram com suas contraditas, dizendo, que levava cousas defezas, e assim o provárão, com o que ficáram livres, mas desacreditados.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como os Turcos tomáram a fortaleza de Catifa: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha mandou D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera a tornar a cobrar: e dos mais Capitães que despachou pera fóra: e de como D. Diogo de Noronha se perdeo no rio de Mazagão: e do que lhe aconteceo até vir a Goa.*

DEpois que o Turco se vio senhor de Baçorá, desejou logo de o ser de todo aquelle Estreito Persico, de huma, e de outra banda, até se vizinhar com a Ilha de Ormuz, que lhe não sahia do pensamento, pelo grosso trato, e commercio que nella concorria de todas as partes do Oriente, e pera isso tinha mandado ao Baxá de Baçorá, que trabalhasse por tomar Catifa, e Barem, e que mettesse dentro grandes guarnições. O Baxá este verão atrás de sincoenta, querendo pôr as mãos a este negocio, carteou-se com alguns Arabios de dentro de Catifa, e com promessas os rendeo, e assentáram que fosse com huma Armada, e os cercasse, que elles lhe entregariam a fortaleza. Com isto ajuntando muitas embarcações, se embarcou com muita gente, e surgio sobre Catifa, a que poz cerco da banda do

mar. Eſtava por Capitão nella Moradebeque com trezentos, ou quatrocentos Arabios. Eſte, ou que foſſe aviſado, ou que ſuſpeitaſſe que alguns dos ſeus eſtavam peitados dos Turcos, quiz ſegurar ſua vida, largando a fortaleza, e ſe recolheo pera o certão. Deſta feita ficáram os Turcos ſenhores della, e a reformárão, e guarnecêrão de artilheria. Eſtas novas chegáram a Ormuz, que puzeram a todos em grande confusão pela ruim viſinhança dos Turcos. ElRey o ſentio muito pela perda de huma fortaleza tão importante, e ſe vio com o Capitão D. Alvaro de Noronha, e deſpedíram logo recado ao Viſo-Rey pera que mandaſſe acudir a eſtas couſas, porque poderia aquelle negocio vir a ſer de grande damno.

Eſtas cartas chegáram ao Viſo-Rey depois de ſer em Goa, e juntamente com ellas vieram Embaixadores de ElRey de Baçorá, que andava no certão fazendo guerra aos Turcos, que lhe tinham tomado o ſeu Reyno, que eſtava concertado com os Senhores Gizares, que viviam naquellas Ilhas, que eſtam na garganta do Eufrates, grandes inimigos dos Turcos. Por eſtes Embaixadores mandava o Rey de Baçorá pedir ao Viſo-Rey, que o quizeſſe favorecer com huma Armada, que não fizeſſe mais que pôrſe ſobre aquelle porto, porque elle ficava em

em campo com todos os Reys Arabios ſeus viſinhos com trinta mil homens pera tornarem a cobrar aquella Cidade, e lançarem os Turcos fóra; e que elle ſe offerecia dar a ElRey de Portugal a fortaleza de ſobre a barra, e ametade dos rendimentos da Alfandega.

Viſtas as cartas pelo Viſo-Rey, e ouvidos os Embaixadores, vendo a importancia do negocio, ajuntou os Fidalgos, e Capitães a conſelho, e lhes propoz o caſo, e leo as cartas, e diſſe o que ElRey de Baçorá lhe pedia, e promettia. Diſcutida antre todos a materia, aſſentáram » que era muito neceſ-
» ſario mandar-ſe logo huma Armada, e po-
» der, pera tornar a tomar aquella fortale-
» za, aſſim por ſer de ElRey de Ormuz, co-
» mo pera tirar os Turcos de tão perto da
» noſſa fortaleza, e pera entenderem que to-
» das as vezes que metterem pé em alguma
» parte daquellas, os podiam lançar fóra;
» e que o meſmo Capitão que foſſe áquella
» empreza, depois de acabada, paſſaſſe a Ba-
» çorá, e favoreceſſe aquelle Rey até tornar
» a cobrar ſeu Reyno, porque tambem era
» negocio de muita importancia a fortaleza,
» e Alfandega que offerecia, pera o que ſe
» mandaſſe logo hum Veador da Fazenda,
» pera dar ordem ás ſuas couſas. » Aſſentado iſto, nomeou o Viſo-Rey pera eſta jor-

na-

nada D. Antão de Noronha, ſeu ſobrinho, com mil e duzentos homens, ſete galeões, e doze navios de remo; e logo mandou dar muita preſſa a eſta Armada, e pagar gente, que então havia muita.

E em quanto ſe negociava, quiz prover nas couſas de Maluco, por lhe chegarem cartas de Bernaldim de Souſa, e de ElRey de Ternate, em que lhe davam conta das couſas daquella fortaleza, e ElRey lhe pedia encarecidamente que a proveſſe de outro Capitão, porque elle não havia de conſentir Jordão de Freitas, por ſer ſeu inimigo mortal; e que não cumpria ao ſerviço de ElRey de Portugal haver diviſões, e odios antre elle, e os Capitães daquella fortaleza. Vendo o Viſo-Rey as cartas, praticando aquelle negocio com os Fidalgos velhos, aſſentáram » que ElRey pedia juſtiça, » e razão, e que o ſatisfizeſſem naquelle par» ticular, e que ſe déſſe a Jordão de Freitas » outra couſa. » Com iſto determinou o Viſo-Rey de mandar outro Capitão, e elegeo pera iſſo D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que com elle tinha vindo do Reyno. Eſta eleição fez, porque era hum Fidalgo de muita arte, e de muito aviſo, e letrado, agraduado em Canones, porque o tinha o pai mandado aprender letras pera o fazer Clerigo; e vindo dos eſtudos á Corte, ſe namo-

mo-

morou de huma Dama, filha de hum Fidalgo muito honrado, com que foi achado; e receando-se tanto do pai delle, como do della, se embarcou escondidamente pera a India na náo do Viso-Rey, que folgou de lhe vindar esta Capitanía, pera que tirasse della vinte mil cruzados, e se tornasse pera o Reyno a casar com ella, que ficava recolhida em hum Mosteiro. Ordenou-lhe o Viso-Rey hum galeão com muitos provimentos, e munições, e passou Provisões pera Jordão de Freitas se embarcar pera a India, e lhe deo carta de guia pera qualquer Capitão que estivesse na fortaleza lha entregar.

Prestes a Armada de D. Antão de Noronha, lançou-a o Viso-Rey fóra o primeiro de Abril. Os Capitães que hiam nella são os seguintes: elle no galeão S. Lourenço, João Fernandes de Vasconcellos, Manoel de Vasconcellos, Martim Affonso de Mello Hombrinhos, Pedro Affonso de Avelar, Antonio Lopes de Oliveira, o Licenciado Jeronymo Rodrigues, que hia por Veador da Fazenda, todos estes em galeões, e caravelas; os Capitães das fustas eram, Dom Jeronymo de Castello-branco, Diogo Pereira, João Serrão, Antonio Henriques, Gonçalo de Moraes de Sousa, Martim Barbudo, Antonio de Betancor, João Coelho, Ruy Lopes, Pedralvarez, Gonçalo Pires, e ou-

outros. Dada á véla foram ſeguindo ſua jornada, a que logo tornaremos.

Partida eſta Armada o fez tambem o galeão de Maluco, e juntamente deſpachou o Viſo-Rey a Gil Fernandes de Carvalho (irmão de Ruy de Souſa de Carvalho, que os Mouros matáram ſendo Capitão de Tangere) pera ir a Quedá com hum galeão a fazer aquella viagem, que era de muito proveito; e deſpachou Gonçalo Vaz de Tavora em huma náo pera Bengala. Niſto ſe gaſtou todo o mez de Abril; e na entrada de Maio lhe vieram cartas de D. Diogo de Noronha o Corcós, em que lhe pedia embarcações pera ſe recolher, porque ſe perdêra no rio de Mazagão, e eſtava em terra cercado de Mouros. Eſte Fidalgo foi por Capitão da náo Flor de la mar da companhia do Viſo-Rey, e ficou em Moçambique por chegar alli tarde, (como atrás diſſemos no Cap. I. deſte IX. Liv.,) e em Março deo á véla pera vir invernar á India, e no caminho achou muitas calmarias, pelo que gaſtou até o derradeiro dia do mez de Abril; e em Maio vindo demandar a coſta da India, foi o ſeu Piloto varar com a náo no rio de Mazagão, trinta e oito leguas de Goa: e tirando fóra o batel, e eſquife, deſembarcou com toda a gente na boca daquelle rio, e em hum morro da banda do Sul, que fi-

fica ſobre a agua, ſe fortificou com pipas, e madeira, e ſe guarneceo da artilheria que tirou da náo, e deſembarcou o cofre do cabedal, e muita fazenda outra. E deſpedio recado ao Capitão de Chaul, e ao Viſo-Rey que o ſoccorreſſem, porque acudiam os Mouros de Carapatão, Ceitapor, Dabul, e de outras partes com a cubiça da preza, e que ficavam ſobre elle mais de ſinco mil. A Cidade, e Capitão de Chaul tiveram as cartas em tres dias, porque era mais perto, e logo deſpedíram doze navios cheios de muita, e boa gente, que chegáram a Mazagão, com o que os noſſos ficáram deſaffogados, e os Mouros ſe recolhêram. D. Diogo de Noronha não ſe quiz embarcar até vir recado do Viſo-Rey, que em lhe dando as cartas, no meſmo dia deſpedio João Peixoto por Capitão mór de quatro navios, e por terra mandou Gaſpar Pires de Matos com quarenta piães, e huma grande ſomma de ſervidores, e bois, pera trazerem o fato por terra, e eſcreveo a D. Diogo de Noronha, que ſe foſſe por mar, e mandaſſe a gente com Gaſpar Pires de Matos.

Chegado eſte recado, ſe embarcou Dom Diogo de Noronha com as peſſoas que eſcolheo nos navios de João Peixoto; e da mais gente, que ſería perto de quatrocentos homens, fez hum muito arrezoado eſquadrão,

drão, ordenando-lhe ſeus Capitáes, e os mandou por terra em companhia de Gaſpar Pires de Matos. E D. Diogo de Noronha como hia por mar, poz poucos dias até Goa, e depois chegáram os que foram por terra, e paſſáram todo aquelle caminho ſem lhes acontecer deſaſtre, affronta, nem enfadamento algum; porque o Viſo-Rey tinha mandado cartas do Tanadar de Pondá pera todos aquelles Tanadares por onde elles haviam de paſſar. Com a chegada deſta gente ſe cerrou o inverno.

## CAPITULO V.

*Da liga que ElRey de Viantana convocou contra a fortaleza de Malaca: e da diſſimulação com que mandou viſitar o Capitão D. Pedro da Silva da Gama.*

SUccedêram tantas couſas juntas em hum meſmo tempo, que não foi poſſivel continuar com ellas por não fazer confusão; e por eſta razão guardamos todas as mais que eram de mais longe pera eſte lugar, e continuaremos agora com as de Malaca. Na noſſa quarta Decada, no Cap. III. do Liv. II. temos dado conta de como Pero Maſcarenhas lançou fóra da Ilha de Bintão a ElRey Soltão Halaudim, filho do Soltão Mahamede, a quem Affonſo de Alboquerque tomou

Ma-

Malaca. Este Soltão Halaudim se passou pera Viantana, donde D. Estevão da Gama, sendo Capitão de Malaca, tambem o lançou fóra pela ruim visinhança que fazia: e nas pazes que lhe fez, o obrigou a se passar pera Muar, onde estaria sem fazer forte algum; e alli se aposentou em hum lugar chamado Tangór, onde viveo tres, ou quatro annos. E descuidando-se os Capitães de Malaca delle, se passou pera o rio de Jor, que está pegado á ponta de Viantana, por ser hum porto mui accommodado pera o que pertendia, (que era trazer a elle o trato de Malaca, e fazer com suas Armadas entrar nelle todas as náos, e juncos que fossem pera a nossa fortaleza, de toda a costa de Jaoá, Sião, Camboja, Borneo, e outras, o que fez sem de Malaca lhe irem á mão.) Com isto engrossou tanto, que lhe vieram desejos de tornar a cobrar seu Reyno, e a Cidade de Malaca, e lançar della os Portuguezes por ter cabedal pera as despezas. Com este pensamento começou a fazer prestes suas gentes, e Armadas, não fiando de pessoa alguma aquelle negocio por os nossos se não aperceberem, antes lançou fama, que fazia aquellas preparações pera contra o Achém. Pera isto se carteou com ElRey de Perá, Pão, Marrhás, e outros seus visinhos, que folgáram de entrar naquella liga, e mandou

con-

convidar pera ella a Rainha de Japorá na costa de Jaoá com quem tinha razão, commettendo-lhe seus partidos, e facilitando-lhe a jornada, pelo descuido com que os Portuguezes estavam, e pela falta que de tudo tinham.

Convocada esta liga, fizeram todos os della suas juntas, e lançáram suas Armadas ao mar, negociando artilheria, munições, e mantimentos. Contra esta guerra foi sempre Lacximena, que não podia ElRey deixar de lhe dar conta disto, porque era seu Capitão geral, e como era velho, e sezudo, e sabia o pouco fruto que daquella jornada se havia de tirar, estando hum dia com ElRey só, lhe disse:

» Nas cousas desta guerra, ainda que V.
» A. me não peça conselho, não hei de dei-
» xar de vos dizer o que entendo, pela obri-
» gação de bom vassallo. Não sei, Senhor,
» se vos vem bem provardes tantas vezes vos-
» sa fortuna com os Portuguezes; porque
» pela experiencia que todos temos delles,
» bem se sabe que ninguem póde levar del-
» les a melhor. Vós tendes feito pazes com
» D. Estevão da Gama, Capitão que foi da-
» quella fortaleza, irmão do que hoje está
» nella, a quem quereis fazer guerra, que
» por duas razões não podeis quebrar. A pri-
» meira, e principal he, pelo grande per-

» ju-

» juro que commettereis contra Mafamede,
» e pela authoridade, e fé Real, que os
» Reys são tão obrigados a guardar. A se-
» gunda he, porque da parte dos Portugue-
» zes não ha occasião alguma de escandalo,
» antes sempre se mostráram amigos; e tan-
» to, que soffrêram cousas de que bem pu-
» déram lançar mão. Da amizade destes ho-
» mens vos resultão dous proveitos: hum do
» trato, e commercio; e o outro do favor,
» e ajuda nos trabalhos: por isso, Senhor,
» vede o que fazeis, não queirais por hum
» pequeno appetite arriscar tantas vezes a
» honra, e a vida.»

ElRey como estava com paixão, e odio, lhe respondeo: » Que elle tinha considera-
» das bem aquellas cousas, e deitadas suas
» contas, e que não hia contra sua fé, e
» obrigação em querer ganhar aquella Ci-
» dade, que direitamente era sua, e fora de
» seus avós; e que elle esperava em Mafa-
» mede de a ganhar daquella vez.» Lacximena se calou, e mandou fazer prestes a Armada, e na entrada de Junho a poz toda no mar. ElRey se embarcou com sinco, ou seis mil homens escolhidos, e no mar esperou os Reys da liga, que se foram ajuntar com elle, formando-se huma Armada de mais de duzentos navios, em que entravam mais de quarenta juncos da Rainha de Ja-

po-

porá, cujo Capitão mór era hum Jáo muito valente homem, chamado Sangue de Pate, que trazia quatro, ou ſinco mil homens de peleja.

Partidos todos do porto de Jor, foram ſurgir na ponta de Bancallis, que he na coſta de Camatra defronte do Cabo Rachado, no mais eſtreito de todo aquelle mar, porque de huma parte haverá perto de ſeis leguas. Surtos alli, mandou ElRey de Viantana chamar Lacximena, e lhe diſſe » que » foſſe a Malaca a modo de viſitar o Capi- » tão de ſua parte, e que a voltas diſſo no- » taſſe o modo da fortaleza, e que gente ti- » nha, e ſe havia atoardas deſta Armada. » Lacximena lhe diſſe » que elle fora a Mala- » ca jurar as pazes com D. Eſtevão da Ga- » ma, e que não era razão que tornaſſe lá » com recado de enganos; que mandaſſe el- » le ſeu filho a iſſo, e que ſe em Malaca » houveſſe alguma ſuſpeita daquella junta, » podia ſer que o Capitão o reprezaſſe, e » que com iſſo lhe ficaria occaſião pera que- » brar as pazes. » Pareceo a ElRey bem aquelle conſelho, e deſpedio logo o filho de Lacximena, que era moço, em algumas lancharas muito bem acompanhado.

Chegados eſtes navios ao porto de Malaca, mandou o filho de Lacximena lançar hum criado ſeu em terra, que foi levado ao

Ca-

Capitão, e lhe disse » que o filho de Lac» ximena ficava no porto, que lhe trazia hu» ma embaixada de ElRey de Viantana, que » lhe pedia licença pera desembarcar. » Dom Pedro da Silva da Gama mandou chamar os casados, e pessoas principaes pera lhes dar conta daquelle negocio, como fez.

Antonio Fernandes de Ilher, que antre elles era o mais antigo, e rico, tomou a mão a fallar, e disse » que aquella visitação » não trazia proposito algum, e que lhe pa» recia invenção de ElRey, que era falso, » e máo; que a Armada que fazia em Jor » lhe não cheirava bem, que devia de lançar » mão do filho de Lacximena, porque pela » ventura se restringisse ElRey de seu máo » proposito, se o tivesse; e quando todavia » fosse com elle ávante, era muito bom tel» lo na fortaleza pera com elle fazer todos » os bons partidos que quizesse; porque seu » pai havia de trabalhar com ElRey pera ha» ver o filho, » e alguns outros foram do mesmo parecer; mas D. Pedro da Silva lhes disse, » que fosse a embaixada quão suspei» tosa quizesse, que tivesse ElRey quão ruins » proposito houvesse, que já que aquelle ho» mem vinha com nome de Embaixador, que » lhe havia de fazer honras, e gazalhados, » e que se havia de tornar livremente; por» que não era elle homem que havia de vio-

» lar,

» lar, e quebrar aquella boa, e antiga liber-
» dade dos Embaixadores.» Com isto lhe mandou licença pera vir a elle, e o mandou receber por todos os honrados da terra. Desembarcado o filho de Lacximena, foi levado ao Capitão, que o esperou em sala paramentada, e com grande magestade.

O Embaixador depois dos primeiros cumprimentos, e palavras de visitação, deo ao Capitão huma carta de ElRey de poucas palavras, em que lhe dizia » que elle hia com
» huma boa Armada contra o Achém seu ini-
» migo, e que não quiz passar sem mandar
» saber de sua saude; que lhe pedia muito
» lhe mandasse Luiz de Almeida, e outro
» Capitão de outro navio (a que não achá-
» mos o nome) pera o acompanharem naquel-
» la jornada.» A voltas disto lhe deo muito em segredo outra carta de seu pai Lacximena, em que lhe dizia:

» Que ElRey seu Senhor ficava em Ba-
» callis com huma grossa Armada, e muitos
» Reys visinhos em seu favor; que a fama
» que lançava de ir contra o Achém era
» falsa, porque elle vinha sobre aquella for-
» taleza muito contra seu parecer, e vonta-
» de; que os Capitães que lhe mandava pe-
» dir os não désse, porque a sua tenção era
» tirar-lhe navios, e gente daquella fortale-
» za pera o enfraquecer; que lhe manda-
» va

» va ſeu filho, que fizeſſe delle o que qui-
» zeſſe. »

D. Pedro da Silva da Gama vendo a carta de Lacximena, guardou-a muito em ſegredo, e reſpondeo ao Embaixador com palavras geraes, e eſcreveo a ElRey outra carta breve de diſſimulações, e cumprimentos ſem lhe fallar a propoſito nas mais couſas; e ao filho de Lacximena deo muitas peças, e brincos pera elle, e pera ſeu pai, a quem eſcreveo huma carta muito honroſa, e de muitas obrigações, e com iſto o deſpedio.

## CAPITULO VI.

*Dê como os Reys da liga deſembarcáram em Malaca, e ganhdram as povoações de fóra, e queimáram as náos que eſtavam no porto: e do que fez o Capitão Dom Pedro da Silva da Gama.*

CHegado o filho de Lacximena a ElRey, lhe deo conta do que paſſára com o Capitão de Malaca, e que não ſentíra alteração alguma na terra, nem ſuſpeitas de guerra, e que poderia haver na fortaleza quatrocentos homens Portuguezes, e que no porto eſtavam duas náos grandes. Com eſta informação aſſentáram os inimigos de irem amanhecer ſobre Malaca, e lançarem logo gente em terra pera ganharem o recheio das

povoações de fóra; e assim se fizeram á véla, e no quarto d'alva chegáram á vista de Malaca, e o Rey de Viantana, que levava a Armada ligeira, foi demandar as náos que estavam na Ilha, (huma dellas era de Luiz Mendes de Vasconcellos, parente do Dom Pedro da Silva, e a outra de hum Antonio Fernandes, morador em S. Thomé,) em que lançou tanto fogo, que as abrazou; e remettendo com a terra da banda de Ilher, e o Sangue de Pate, Capitão da Rainha de Japorá dos de Malaca desta banda, que he á do Norte, que he a povoação dos naturaes, de que he Governador o Tumugão, e o Bandará de todos os Chelis, que são mercadores de toda aquella costa de Choromandel.

Aqui nesta parte desembarcou o Sangue de Pate, e commetteo logo as tranqueiras, porque a povoação he toda cerrada. Os naturaes sentíram os inimigos; e tomando as armas, se puzeram em defensão, pelejando muito valorosamente, governando-os o Tumugão, e o Bandará, com muito animo, e esforço. ElRey de Viantana, que desembarcou na parte de Ilher, que he a do Sul, foi commetter a povoação, que era de pescadores, e tambem achou muito grande resistencia. Em ambas as povoações se pelejava com muito valor, (foi isto dia do Apostolo S. Barnabé, que cahe aos onze dias de

Ju-

Junho.) O Capitão D. Pedro da Silva da Gama, tanto que sentio o reboliço, e soube da gente que hia fugindo pera a fortaleza, que os inimigos andavam em terra, acudio com toda a gente á porta da fortaleza, e como foi manhã despedio Luiz Mendes de Vasconcellos com cem soldados a favorecer os Chelis, e moradores da povoação antiga de Malaca, porque alli estavam todos os mantimentos, e fazendas da terra. Luiz Mendes chegou á povoação, onde a briga andava mui acceza, e a começou a defender, e a pelejar muito bem; mas como os Jáos eram muitos, e muito determinados, a entráram por algumas partes, com morte, e damno dos naturaes. Os nossos vendo a cousa perdida, ajuntáram a si o Tumugão, e o Bandará com sua gente, e fazendo-se em hum corpo se foram recolhendo pera a fortaleza, dando guarda ás mulheres, e meninos, que se vinham recolhendo, carregadas de suas joias, e cousas manuaes que puderam salvar. Foram os nossos tendo o encontro aos inimigos, em quem com a arcabuzaria fizeram assás de damno. Durou isto até mais de meio dia, ficando os inimigos senhores da povoação com todo o seu recheio, e muitos mantimentos que se não puderam recolher, por não haver tempo pera isso; o que foi muito grande per-

da, e houvera de pôr aquella fortaleza em grande risco pela falta que delles houve, como adiante se verá.

Aqui nos cabe lembrar o descuido com que neste negocio se vive nas fortalezas da India, onde os Capitães dormem seu somno descançado, como se estiveram em Alentejo, não lhes lembrando que vivem antre inimigos, que desejão de beber o sangue Portuguez; e todas as vezes que virem qualquer occasião pera o mostrarem, a não hão de perder. Disto tem a culpa hum mal entendido zelo, que se quer mostrar no serviço do Rey, com lhe atalharem despezas pera accrescentarem na fazenda, pondo só os olhos em respeitos particulares, e não nos damnos que disso se podem seguir, que são tão grandes, que á falta de provimentos se perdêram já duas tão importantes fortalezas, como foram as de Chale, e Ternate, de que em seu lugar daremos razão. E se havemos de fallar verdade, como temos por obrigação, pelo juramento de nosso cargo, e pela experiencia que da India temos de quarenta annos, affirmamos, e dizemos, que depois que na India entrou esta linguagem de accrescentar na fazenda do Rey, se foi tudo diminuindo; porque não ha cousa que mais accrescente nesta fazenda, que recolherem-se nos armazens de cada fortaleza dous

mil

mil candís de arroz, pera estarem em deposito, pera o tempo da necessidade, e depois no novo vendellos, e com o dinheiro comprar outros tantos, e sempre ElRey fica ganhando. E se disserem que as desordens dos Capitães são grandes, e que metteráõ a mão em tudo o que quizerem neste negocio, pera isso tem o Rey justiças pera castigar rigorosamente quem tocar nos mantimentos do deposito, porque estes he necessario sejam tão inviolaveis, que se não toque nelles senão no tempo da guerra, ou necessidade urgente.

E tornando á nossa ordem. Os inimigos ficáram senhores das povoações de fóra, o Rey de Viantana da de Ilher, onde logo começou a fazer huma forte tranqueira, e os Jáos daquella parte de Malaca, onde tambem se fortificáram, e assentáram sua artilheria pera baterem a nossa fortaleza. D. Pedro da Silva não faltou em cousa alguma, antes como Capitão esforçado, e prudente começou a dar ordem ás cousas necessarias pera a defensão daquella fortaleza, provendo os baluartes, e guaritas de Capitães, e soldados. E porque da parte do mar estava aberto, mandou correr com huma estacada da ponte pera baixo, e alguns juncos que estavam no porto, que os inimigos não queimáram, por estarem defronte da fortaleza,

man-

mandou recolher pera dentro do rio, pera o que alevantáram a ponte, que era de taboado levadiſſa, e todos mandou pôr naquella face da fortaleza, e povoação que corre pelo rio aſſima, bem chegados á terra pera ficarem defendendo aquella parte, e por nelles alguma gente pera iſſo. E a cerca da Cidade, que era muito grande, mandou renovar por algumas partes, e reformar as guaritas, que proveo de ſoldados. He eſta cerca de taipa á antiga, e pela banda de dentro tem huma tranqueira de madeira entulhada até á taipa, de feição que deixava hum andaimo de quatro paſſos pera ſerviço da gente, e á roda della tem muitas guaritas, a fóra os baluartes; o que tudo o Capitão proveo, e repairou muito bem. E vendo que os inimigos plantavão ſuas eſtancias, como homens que determinavam de eſtar devagar, deſpedio huma embarcação ligeira, em que mandou hum homem de recado com huma carta geral pera ir por toda aquella coſta de Quedá, Tanaçarim, Pegú até Bengala, a dar recado a todos os Portuguezes que alli eſtiveſſem com navios, pera que o ſoccorreſſem com gente, e mantimentos; e juntamente deſpedio outra embarcação, em que mandou hum Amo de hum Cheli, homem honrado, pera ir a Patane a dar aviſo aos navios que haviam de vir de Sião

Cam-

Camboja, e de todas aquellas partes pera Malaca, pera que não fossem cahir nas mãos dos inimigos. Das jornadas destes dous adiante trataremos.

## CAPITULO VII.

*De como os inimigos começáram a bater a fortaleza: e de como chegou a ella Dom Garcia de Menezes: e de huma sabida que fez aos inimigos, em que o matáram.*

TAnto que os inimigos se fortificáram, logo começáram a bater a nossa fortaleza, de huma, e da outra parte com grande terror, e della tambem os serviam arrezoadamente, trazendo D. Pedro da Silva grande vigilancia em tudo, vendo, notando, e provendo as cousas que eram necessarias, não quietando de dia, nem dormindo de noite, porque os inimigos lhe não davam vagar pera cousa alguma destas; porque começáram a dar assaltos mui apressados, e amiudados, de que as mais das vezes sahiam bem escalavrados. Poucos dias depois de sua chegada appareceo a caravela, em que vinha D. Garcia de Menezes, filho do Craveiro, que deixámos partido de Goa pera Malaca, no Cap. IV. do Liv. IX. Em a vendo os inimigos, despedio ElRey de Viantana Lacximena com quarenta, ou cinco-

coenta lancharas, pera a irem commetter, como fizeram.

D. Garcia de Menezes tanto que vio aquella Armada, que se conheceo ser de inimigos, mandou embandeirar a caravela toda, e negociar a artilheria, e posto em armas com todos os seus assim á véla foi caminhando até chegar á Armada do inimigo. Lacximena rodeou a caravela, e começou a esbombardear soberbamente, chegando-se a ella quanto pode, por ver se a podia investir; mas a caravela que levava muita, e muito boa artilheria, começou a desparar pera todas as partes, empregando suas cargas muito á sua vontade; porque como hia á véla com vento fresco, governava pera onde queria. Lacximena trabalhou tudo o que pode por abordar a caravela, mas nunca pode; porque como hia á véla, receava de pôr a prôa nella, por se não espedaçar, e foi de fóra esbombardeando-a, e mettendo-lhe muitos pelouros dentro com que lhe ferio muita gente. D. Garcia de Menezes mostrou nesta briga bem, que as letras não desbotavão a lança, porque acudio com tanto animo, e prudencia, como se todos os annos que gastou nos estudos, os despendêra na milicia, fazendo melhor o officio de Capitão, que de Letrado. E quiz sua boa fortuna que acertasse da sua caravela com hum

ca-

camelo na lanchara de Lacximena, que a fez em pedaços, e a elle, a hum filho ſeu, que eſtavam ambos, e outros dizem que tambem a hum genro; pagando eſte maldito Mouro por mão de Portuguezes neſte tempo o que devia no tempo de hum filho do Conde Almirante á morte do valoroſo Capitão D. Paulo da Gama, e de outros Fidalgos, e Cavalleiros, (como temos dito no Cap. XI. do Liv. VIII. da quarta Decada.)

Tanto que os Malayos víram morto ſeu Capitão mór, logo ſe foram recolhendo pera Malaca, e a caravela após elles ſempre ás bombardadas, até deitar ferro defronte de Malaca. D. Pedro da Silva eſteve vendo a briga de ſima da fortaleza, não ſabendo que caravela aquella podia ſer; mas todavia notou que vinha nella Capitão de brio, pela confiança com que ſe embandeirou, e pelo procedimento que lhe via. E deitando hum balão muito eſquipado, mandou ſaber que caravela era, quando já vio ir os inimigos em desbarato. O balão chegou a bordo, e ſabendo da caravela, e quem vinha nella, tornou a voltar com recado ao Capitão, que ficou muito alvoroçado com aquellas novas.

D. Garcia de Menezes tanto que ſurgio; deixando Gemez Barreto (que vinha com elle por Capitão do mar de Malaca) na cara-

ravela, deſembarcou com poucos, que o acompanháram, e achou D. Pedro da Silva da Gama, que o aguardava na praia, onde o recebeo com muitas honras, e lhe deo gazalhado em terra, no lugar em que elle quiz; que foi na parte do jogo da bola; porque alli era a eſtancia do Capitão, onde dormia, e dava meza a muitos homens pobres. E porque era a monção em que cada dia ſe eſperavam navios da India, ordenou o Capitão com D. Garcia de Menezes, que ficaſſe Gemez Barreto na caravela com quarenta homens, pera ir favorecer as náos que vieſſem demandar aquelle porto, porque eſtava certo ſahirem os inimigos a commettellas. E mandando-lhe metter mais duas eſperas de metal, a proveo tambem de munições em abaſtança. Gemez Barreto ſe deixou ficar na caravela com grande vigia, e com a amarra ſempre guarnecida ao cabreſtante. Dahi a poucos dias houveram viſta de huma náo, que era de hum Franciſco Mendes, e vinha de Cochim carregada de fazendas. ElRey de Viantana mandou logo as ſuas lancharas pera que a foſſem commetter.

Gemez Barreto em vendo a náo, levou a amarra, e ſoltou as vélas todas; e metteo-ſe no meio da Armada dos inimigos, e a foi ſervindo de bombardadas por todas as partes. O Capitão da náo vendo aquella Ar-

ma-

mada que vinha atirando tantas bombardadas, logo conheceo que era de inimigos, e não a ousando esperar, voltou em outro bordo. Gemez Barreto tanto que a vio voltar, amainou, e içou a véla da gavea tres, ou quatro vezes, fazendo-lhe sinal com isso pera que esperasse; mas elle como hia aviado, e com grande medo, não entendeo o sinal, antes lhe pareceo que aquella caravela era tambem dos inimigos, que a teriam tomada, porque todos vinham envoltos, e a caravela no meio. Francisco Mendes não curando de cousa alguma, foi seu caminho até que lhe anoiteceo, e a Armada se recolheo, e Gemez Barreto se tornou a pôr no seu posto.

Este Francisco Mendes se foi pela costa assima com vento prospero, e passou por Pegú, e foi tomar o porto grande, e em huma daquellas Ilhas se perdeo, salvando-se a gente toda. Os inimigos foram continuando o cerco de ambas as partes, dando muitos, e apressados combates, e assaltos, com que os nossos andavam mui quebrantados; mas de todos foram rebatidos, e escalavrados pelo esforço do Capitão, e de todos os mais, que neste cerco fizeram maravilhas. Os Jáos trouxeram huma peça de artilheria das suas estancias, e a puzeram defronte da ponte, e por sima della varejavam

vam a Cidade dentro, e faziam nella muito damno.

D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo orgulhoſo, e deſejava de ſe aſſinalar, pedio licença a D. Pedro da Silva pera ir tomar aquella peça, que lhe elle deo; e fazendo-ſe preſtes com cem homens, e com elle Pero Vaz Guedes, (de quem no primeiro cerco de Dio de Antonio da Silveira temos dado razão, no Cap. X. do Liv. III. da quinta Decada,) e outros Fidalgos, e Cavalleiros que ſe lhe offerecêram pera iſſo. E ſendo o quarto d'alva quaſi rendido, ſahíram os noſſos pela ponte, e deram na eſtancia que os Jáos alli tinham em guarda da peça, tão de ſupito, que os não ſentíram, ſenão quando já os cortavam, e foi de feição, que os mais dos que a guardavam ficáram alli eſpedaçados, e dando cabos á peça de artilheria, a foram trazendo com grande alvoroço.

O Sangue de Pate, Capitão dos Jáos, teve logo rebate daquelle negocio pelos que eſcapáram fugindo; e ſahindo das eſtancias com dous mil homens, deo nos noſſos que tinham já a peça de artilheria no lugar em que hoje eſtá a Alfandega, e com aquella furia começáram os ſoldados de D. Garcia a ſe deſmandar, e recolher pera a ponte. Mas D. Garcia de Menezes, que era Fidalgo de gran-

grande animo, poſto junto da bombarda, e com elle Pero Vaz Guedes, e alguns poucos que os quizeram acompanhar, fizeram roſto aos inimigos, e travâram com elles huma muito aſpera batalha, ſem ſe quererem recolher com verem a multidão dos inimigos; porque antes quizeram morrer, que largar a bombarda que tinham tomado. Mas como o número era tão deſigual, apertâram tanto com os noſſos, que os fizeram recolher; mas não a D. Garcia de Menezes, nem a Pero Vaz Guedes, que ſobre a bombarda morrêram, ſem ſe quererem mudar della hum paſſo: acabando aqui eſtes dous esforçados Cavalleiros, com deixarem primeiro antre os inimigos muito grandes ſinaes de ſeu esforço. Foi aqui tambem morto Antonio Ferreira, muito bom Cavalleiro, que foi Camareiro do Conde da Caſtanheira.

Desbaratados os noſſos, e entrando pela ponte, foi tão grande o medo, e a deſordem, que cahíram ao mar muitos, e ſe affogâram alguns. Cuſtou eſta ſahida trinta homens, antre os que morrêram na batalha, e os affogados. D. Pedro da Silva vendo o desbarato, ſahio com cem homens até á ponte, e recolheo os que vinham fugindo; e ſabendo da morte daquelles dous Fidalgos, em eſtremo o ſentio, aſſim por ſuas peſſoas, como pela mingua, e falta que lhe haviam de

fa-

fazer, porque eſtava em tempo, que havia miſter homens, e mais taes como aquelles. E recolhendo-ſe com eſta mágoa, foi proſeguindo na defensão da fortaleza com muito cuidado. E porque os aſſaltos foram muito continuos, e miudos, e que a hiſtoria não ſoffre particularizar, paſſaremos por elles, e não daremos razão, ſenão das couſas principaes, porque temos muitas que nos chamam, e tocão por nós.

## CAPITULO VIII.

*Do que aconteceo ao homem que levou o recado do cerco de Malaca: e de como Gil Fernandes de Carvalho, que eſtava em Quedá ſe fez preſtes pera a ir ſoccorrer: e como eſte recado chegou ao porto grande, e dos ſoccorros que ſe ajuntáram: e das couſas que ſuccedêram em Malaca neſte cerco.*

PArtido o homem que D. Pedro da Silva da Gama mandou com as novas do cerco, foi correndo a coſta; e chegando ao rio de Quedá, (que he ſeſſenta leguas de Malaca,) achou alli Gil Fernandes de Carvalho com o ſeu galeão carregado de pimenta. E moſtrando-lhe a carta geral de Dom Pedro da Silva, e dando-lhe informação do trabalho em que Malaca eſtava, paſſou ávante,

te, e em ſua companhia hum Pero Tavares, Capitão de hum navio ſeu que alli eſtava: eſte pera entrar em Pegú a dar recado a Jorge de Mello o Punho, e o outro pera paſſar ao porto grande, onde eſtava Gonçalo Vaz de Tavora, a quem Gil Fernandes de Carvalho eſcreveo, que ſe vieſſe ajuntar com elle, pera todos juntos commetterem a Armada dos inimigos, e a desbaratarem. Pero Tavares chegou a Pegú, e achou Jorge de Mello prezo; porque vindo aquelle Rey do negocio de Sião, (como adiante diremos na ſetima Decada,) achou alevantado hum Capitão ſeu, chamado Xemido, e lhe tinha tomado a Cidade de Pegú; e indo ElRey contra elle, o houve ás mãos, e o matou; e porque achou culpado Jorge de Mello em favorecer o alevantado, e lhe dar munições, o prendeo, e corrêra muito riſco, ſe ſe alli não achára Diogo Soares de Mello, que depois o pedio a ElRey que lho deo.

Pero Tavares não achando alli alguem a quem dar recado, paſſou ávante, e chegou ao porto de Arracão, pera dar as cartas a Gonçalo Vaz de Tavora, que achou morto, porque havia poucos dias que dera huma batalha aos Mogos, em que foi morto com outros Portuguezes; mas achou em ſeu lugar hum João Henriques, da obrigação do Viſo-Rey D. Affonſo de Noronha,

e

e dando-lhe as cartas; e vendo elle a neceſſidade em que Malaca eſtava, ſe embarcou logo no galeão em que tinha ido Gonçalo Vaz de Tavora; e carregando huma náo de mercadores que eſtava no porto, de arroz, e outros mantimentos, partio pera Malaca, indo com elles Pero Tavares na ſua fuſta; e deixallos-hemos em ſua viagem até ſeu tempo.

Gil Fernandes de Carvalho tanto que teve recado, deixando a ſua náo que eſtava á carga com alguns Portuguezes pera ſua guarda, ſe embarcou em huma formoſa galeota com quarenta Portuguezes, e tomou o caminho de Malaca, em que os deixaremos, por continuarmos com o que neſte tempo ſuccedeo naquella fortaleza.

Os inimigos foram continuando as baterias, e aſſaltos apreſſadamente, e puzeram os noſſos em eſtado, que muitas vezes ſe víram deſconfiados, porque lhes começou a faltar o mantimento, e já comiam couſas nojentas, e aborreciveis, com o que começáram a morrer muitos dos meſquinhos, e os eſcravos a ſe paſſarem pera os inimigos. E ſendo já no mez de Julho, apparecêram duas náos, que vinham de Cochim carregadas de fazendas, huma de Alvaro da Gama, que eſtava por Capitão em Cochim, em que vinha Luiz Martins, e a outra de

hum

hum Antão Martins o surdo, que era casado com a mãi de Dona Maria da Cunha, filha do Governador Nuno da Cunha. Os inimigos tanto que as víram lhes sahíram com sua Armada; mas Gemez Barreto, que sempre estava á lerta, deo á véla após ella, e no meio de todas as embarcações hia esbombardeando a huma, e a outra parte, desapparelhando algumas, e matando-lhe dentro muita gente; desta maneira chegou ás náos, e voltou com ellas, vindo-lhes os inimigos por poppa atirando-lhes muitas bombardadas, e recebendo elles outras que lhes faziam maior damno; assim foram até surgirem defronte da fortaleza. Os nossos ficáram muito alvoroçados com este soccorro, porque alguns mantimentos lhes leváram as náos com que se remediáram. D. Pedro da Silva vendo que a falta delles hia por diante, e que não tinha esperanças de lhe virem de Jaoá, deo busca ás casas, e recolheo tudo o que achou, e o metteo em armazens, e dalli se repartia com muita ordem pelos Portuguezes; e todavia pela falta que cada vez era maior, se lhes estreitava a ração, e cresciam os trabalhos; porque os inimigos amiudavão os assaltos, com o que traziam os nossos tão inquietos, que não dormiam, nem repousavão, e por sima disto andavam todos tão fracos de fome,

que já não havia nelles mais que os animos.

Poucos dias depois de chegarem eſtas náos, apparecêram outras duas que vinham da banda do Eſtreito de Sincapura; huma dellas era a náo de Bernaldim de Souſa, que vinha de Maluco, de que era Capitão Manoel de Figueiredo; e a outra era hum galeão que vinha de Timór carregado de Sandalo, de que era ſenhorio, e Capitão Braz Roballo, Cavalleiro honrado, e caſado com huma Guiomar de Aguiar, mãi de Dom Vaſco da Gama, filho de D. Eſtevão da Gama. Eſtas náos tanto que apparecêram, logo os Malaios ſe embarcáram na ſua Armada, e as foram commetter, e Gemez Barreto tambem em as vendo as foi buſcar, e recolher, e indo ſempre pelejando com a Armada inimiga, e tornando-ſe a recolher com as náos tambem pelejando, e foram ſurgir no porto, onde já apparecia huma arrezoada frota noſſa. Na náo de Bernaldim de Souſa vinha Chriſtovão de Sá, que D. Pedro da Silva recebeo bem, por ſer hum Fidalgo muito bom homem, e bom Cavalleiro.

Neſte tempo eſtavam as couſas em eſtado, que ſe paſſavam muitos eſcravos dos Portuguezes pera a banda dos Jáos, porque como hiam peſcar quaſi todos ao mar, na frontaria da fortaleza, e na banda de fóra

na boca do rio era a agua tão pouca, que quaſi dava pela cinta a huma peſſoa: os eſcravos que queriam fugir, não faziam mais que lançar-ſe á agua, e paſſarem-ſe á outra banda, onde os Jáos os recolhiam. Diſto andava o Capitão muito enfadado, e de não ter alguma eſpia que lhe diſſeſſe a verdade do que os inimigos determinavam.

Como iſto ſe praticava na fortaleza, e o Capitão tinha encommendado a todos os Portuguezes, que trabalhaſſem por tomar alguma eſpia, foi-ſe hum eſcravo (Cafre de nação) a ſeu Senhor, e lhe pedio huma eſpada curta, porque ſe queria arriſcar a tomar hum Jáo. O Senhor duvidoſo ſe ſeria aquillo querer-lhe elle fugir, como cada dia faziam os outros, eſteve pera lha não dar; mas cuidando depois que ſe elle tinha vontade de fugir, que tanto o faria com eſpada, como ſem ella, quiz fazer do ladrão fiel, (como lá dizem,) e buſcando huma eſpada curta lhe deo. O Cafre ſe foi á borda do mar com a eſpada nua na mão, e ſe metteo pela agua com ella eſcondida debaixo, e começou a paſſar manſo, e devagar pera a outra banda, e antes de chegar a ella acudíram os Jáos, como coſtumavam, e metteo-ſe hum pela agua pera dar a mão ao Cafre; o Cafre pegando-lhe tambem com a eſquerda pelo braço que lhe dava, alevan-

 tou

tou a direita que levava por baixo da agua, e deo tão façanhoſo golpe com a eſpada por hum hombro ao Jáo, que quaſi o eſcalou, e puxando por elle, o foi levando a raſto pela agua. O Senhor do Cafre, que eſtava deſtoutra banda com alguns amigos, em vendo aquelle negocio, começáram a jogar com ſua eſpingardaria, porque acudiam já muitos Jáos ao outro. O Cafre chegou á terra com o Jáo ferrado, e o levou ao Capitão que eſtava na Armada, que o eſtimou muito, e abraçando o Cafre, o forrou logo. E tomando o Jáo á huma parte, lhe mandou fazer perguntas, e a tudo lhe reſpondeo verdade, dizendo: » Que eſtavam to- » dos os da liga preſtes pera darem hum » grande aſſalto á fortaleza, com o que eſ- » peravam de a tomar, e que ſería o dia da » Lua nova, porque eſperavam pera depois » de fazerem ſuas ceremonias commetterem » o aſſalto; pera o que tinham feito mais de » ſincoenta eſcadas, e outros petrechos, e » máquinas pera encoſtarem aos muros ».

Tanto que o Capitão ſoube do Mouro tudo o que quiz, mandou-o entregar aos rapazes, que o eſpedaçáram. Iſto ſe eſpalhou logo pela fortaleza, e começou a haver roſtinhos, e deſconfianças. O Capitão tratou de ſe fortificar por todas as partes, porque por todas havia de ſer commettido.

Na-

Havia na fortaleza hum ſoldado, homem de mais de quarenta annos, a que não achámos o nome, (pelos deſcuidos de que tantas vezes nos queixamos,) que devia de ter andado por Italia, ou Alemanha, e tinha prática das couſas da milicia, porque parece que militára por lá alguns annos. Eſte homem agazalhava-ſe á porta da fortaleza, junto de huma bombarda, que dalli jogava por ſima da ponte, e tinha feito huma tenda de palha, em que ſe recolhia com ſuas armas só, ſem converſar com alguem, nem ſer conhecido: era hum homemzarrão de muita peſſoa, tinha huma mui formoſa barba caſtanha, que lhe dava por meio dos peitos. Vendo eſte homem o trabalho em que o Capitão andava de ſe repairar, e fortificar, pelo que lhe tinha dito o Jáo, ſe foi hum dia a elle, e tomando-o á parte lhe diſſe » que mandaſſe tirar os maſtos a todos » aquelles juncos que eſtavam no rio, e os » puzeſſe por ſima dos navios, pera o tempo » do aſſalto, depois de eſtarem as eſcadas » encoſtadas ao muro, os deixarem cahir de » ſima, e que iſſo baſtaria pera desbaratar » os inimigos; mas que havia iſto de ſer em » tanto ſegredo, que não ſoubeſſe peſſoa viva » o que determinava, porque ſe não precataſſem os inimigos, » (que logo eram aviſados de tudo pelos que fugiam.) Pareceo-

lhe

lhe ao Capitão aquelle conſelho muito bem, e logo mandou tirar os maſtos aos juncos, e os mandou pôr ao pé dos muros, aſſim eſtendidos ao comprido; e porque não abrangião pera cercar tudo á roda, mandou deſmanchar caſas ſobradadas, e tirar-lhes as vigas pera iſſo. E como teve tudo cheio á roda, ordenou por ſima dos muros aparelhos pera as alarem aſſima quando foſſe tempo. Os caſados, e muitos outros que viam aquelle trabalho, ſem ſaberem o fundamento diſto, praguejavam, e diziam, que aquillo era andar areado, e que de medo já não ſabia o que fazia; o que elle ouvia, e calava, como prudente, ſezudo, e experimentado, porque eſta he a obrigação do bom Capitão em taes tempos.

Algumas couſas muito notaveis acontecêram neſte tempo, de que contaremos algumas. Alevantando-ſe hum dia o Capitão de huma cadeira que tinha na ramada, pera ir roldar, ſe aſſentou nella hum foão Cabral, (que era o ſenhor do C[illegible]re que tomou o Jáo,) e diſſe: Quero agora ſer Capitão; e pondo a perna por ſima do braço da cadeira, veio huma bombarda dos inimigos, e o tomou por ella, que logo o matou.

Eſtando hum homem commungando, virando-ſe o Padre pera lhe lançar a benção, depois de ter recebido o Senhor, entrou pe-

la porta da Igreja hum pelouro daquella peça que D. Garcia quiz defender, e sobre que morreo, e deo nas costas ao homem, e o fez em pedaços; pelo que o Capitão mandou logo fazer huma tranqueira muito forte defronte da porta da Igreja. O Condestable da fortaleza estando apontando huma espera, que estava á porta de nossa Senhora do Monte, veio hum pelouro de huma bombarda, que o tomou pela testa, e o matou logo.

## CAPITULO IX.

*Do grande assalto que os Mouros deram á fortaleza, de que sahíram desbaratados: e do que os inimigos determinarám em damno da fortaleza: e de outro grande conselho que deo o mesmo homem contra o intento dos inimigos; pelo que se alevantáram os Malaios do cerco, e ficáram os Jáos: e de como Gil Fernandes de Carvalho chegou a Malaca, e deo batalha aos inimigos em que os desbaratou.*

FOi-se o Capitão fazendo prestes pera o assalto que esperava, tendo guarnecidos os baluartes, e guaritas de muitas munições, e de homens de recado, o que tudo preparou, e fez até doze dias do mez de Agosto, em que era a Lua nova. E tanto que ao

ao pôr do Sol appareceo, começáram os Mouros em ſuas eſtancias a fazer grandes feſtas, tangeres, gritas, e a atirar ſua artilheria. D. Pedro da Silva, que eſtava já preſtes, e preparado, ſe foi ás eſtancias, e mandou com muita brevidade alar aſſima os maſtos, e traves que eſtavam ao pé do muro, o que ſe fez muito preſtes, porque eſtavam já aparelhos, e polés guarnecidas pera iſſo. Subidos ao muro os puzeram por cima das paredes, e o Capitão que até então não tinha dito o pera que aquillo era, diſſe aos Capitães dos baluartes, e guaritas » que tanto que os inimigos encoſtaſſem as eſcadas » ás paredes, e ſubiſſem, déſſem de mão aos » maſtos, e os deixaſſem cahir ſobre elles. »

Os Mouros toda a noite paſſáram em feſtas, e tangeres; e como foi o quarto d'alva, abaláram de ſeus exercitos com grandes gritas, e alaridos, levando mais de ſincoenta eſcadas mui grandes ſobre ſuas rodas, e diante dellas mantas mui groſſas, e fortes pera emparo dos que as hiam levando; e com huma confusão ruſtica, e barbara arremettêram com os muros os Malaios da banda de Ilher, e os foram cingindo á roda, e encoſtáram nelles ſuas eſcadas, por onde começáram a ſubir. Os noſſos que eſtavam álerta os deixáram chegar bem á ſua vontade, e como víram as eſcadas cheias, déram

de

de mão aos maſtos, que foram com hum terremoto eſpantoſo cahindo ſobre as eſcadas, que logo fizeram em pedaços, e a todos os que por ellas ſubiam, e a muitos dos que eſtavam em baixo, e apôs os maſtos foram logo muitas panelas de polvora, que ſe desfizeram ſobre aquelle cardume de inimigos.

O Rey de Viantana, e os mais da liga vendo aquelle damno, paſmados ſe foram recolhendo, ficando-lhes ao pé dos muros mais de ſeiscentos feitos pedaços, e abrazados. Os Jáos ao meſmo tempo commettêram tambem pela banda do mar, e entráram huma ſomma delles em huma daquellas caſas de madeira, que eſtavam armadas da banda de fóra da tranqueira, que o Capitão mandou fazer naquella parte, que de maré vaſia ficam em ſecco, e na enchente todas mettidas na agua. Entrados eſtes nas caſas, deram com huma mulher velha Malaia, e lhe perguntáram pelo caminho que hia pera o monte, onde eſtava a Ermida da Madre de Deos, (porque eſtava aſſentado antre elles, que ſe apoderaſſem delle pera dalli ficarem ſobre a fortaleza, porque aquelle monte lhe he padraſto,) a velha lhes diſſe, que lhes moſtraria o caminho; e ſahindo-ſe pera fóra, ferrolhou a porta ſobre ſi, e foi dar rebate ao Capitão deſte caſo. Dom Pe-

Pedro da Silva tinha encommendado aquella parte do mar a Christovão de Sá, que ao tempo que os inimigos accommettêram, os mandou varejar com a artilheria, com que lhe matou muitos. E acudindo áquella parte, disse a Christovão de Sá, e a outros Cavalleiros, que com elle estavam, que acudissem ás casas, onde os Mouros estavam mettidos, e elle foi roldar as estancias, onde ouvia grandes gritas. Os nossos tanto que souberam estarem Mouros nas casas, se foram huns poucos a elles, e subindo-se em sima dos telhados os destelháram, e com as espingardas não faziam senão derribar nelles. Os Mouros tanto que víram os nossos em sima, e não tinham por onde sahir, e eram muitos, andavam pela casa correndo de huma parte pera a outra, porque os nossos lhes não pudessem tomar bem o ponto; mas todavia elles sempre os acertavam, e derribavam, e com aquella furia puzeram os hombros a huma porta, que arrombáram, e varáram a huma baranda. Os nossos se passáram a ella pelos telhados, e a destelháram, e como era mais baixa, chegavam-lhes os Mouros com as lanças assima, e os tratáram mal; mas elles pedindo panellas de polvora, deram com ellas antre elles, e abrazáram muitos, e outros se lançáram das varandas abaixo em terra, que era mais va-

ra.

ſia, onde foram tambem a mór parte mortos á eſpingarda. Durou eſta briga até huma hora, ou duas do dia, em que os inimigos ſe acabáram de desbaratar de todo, e ſe recolhêram ás ſuas eſtancias bem eſcalavrados.

Vendo os Reys da liga o damno que tinham recebido naquelle cerco, ajuntando-ſe todos a conſelho, aſſentáram » que ſe não » alevantaſſem de ſobre a fortaleza ſem a to- » marem, e que pera iſſo ſe deixaſſem eſtar » muito devagar, e que eſperaſſem pela mon- » ção em que os juncos da Jaoa haviam de » vir com mantimentos pera Malaca; que » os recolheſſem, e ſe apercebeſſem pera to- » do aquelle anno, e que os Portuguezes lhe » não ficaria outro remedio ſenão entrega- » rem-ſe, porque como lhes faltaſſem os man- » timentos da Jaoa, não havia outra parte » donde os pudeſſem eſperar; que elles ti- » nham o mar, e a terra por ſi, que ſe dei- » xaſſem eſtar ſem ſe arriſcarem em aſſaltos, » que os Portuguezes lhes não eſcapariam » das mãos. » Com eſta reſolução ſe fortificáram de novo, e ſe puzeram em ordem de ficarem alli todo o verão. O Capitão foi logo aviſado diſto, e houve-ſe por perdido; porque vio que aquelle ardil dos inimigos era diabolico, e que ſe perſeveraſſem nelle, forçado ſe havia de perder, porque como

lhe

lhe faltassem mantimentos não havia reparo algum, e elle estava já tão falto de tudo, que se comiam cousas immundas, como cães, gatos, ratos, e ainda quando se podiam haver.

Andando com isto muito assombrado, cuidando no que faria, permittio Deos inspirar naquelle soldado, que dissemos no Capitulo atrás deste IX. Liv., que deo o ardil dos mastos sobre as ameias dos muros, que deixáram cahir sobre as escadas, lhe deo outro novo ardil.

Este soldado vendo o Capitão daquella maneira, se foi a elle, e em segrédo lhe disse » que despedisse aquellas náos que esta- » vam no porto, com fama que mandava dar » em Jor, Pão, Perá, Marruas, e por to- » da aquella costa, e que forçado os inimi- » gos haviam de acudir a suas terras, por- » que lhas não destruissem, e que fossem es- » perar os juncos da Jaoa nos Estreitos; e » que alli resgatassem os mantimentos com » roupas, e os tornassem a mandar. » Soou-lhe tão bem ao Capitão aquillo, que houve que o Espirito Santo fallava pela boca daquelle soldado, e logo mandou chamar Luiz Martins, Capitão da não de Alvaro da Gama, e Braz Robalo, Capitão do seu galeão, e Antonio Nunes tambem Capitão da sua não, e na ramada lhes disse publicamente

te » que se fossem todos juntos por aquella » costa, e que déssem nos lugares de Viantana, de Perá, Pão, Marruas, e todos os » mais, e que puzessem tudo a ferro, e a » fogo sem perdoarem a cousa viva; » e mandou embarcar nas náos muitas roupas, das que os Jáos vam buscar a Malaca, e mandou armar duas fustas pera irem com elles. Estes Capitães se foram logo embarcar, e o Capitão D. Pedro da Silva lhes deo hum regimento cerrado, e no sobreescrito de fóra lhe dizia » que abrissem aquelle, tanto que » fossem fóra dos Estreitos, e que fizessem » o que nelle lhes mandava » e embarcados todos deram ás vélas.

Como estas cousas passáram publicamente, logo o Rey de Jor foi dellas avisado, porque trazia na fortaleza grandes intelligencias; e vendo ir aquella Armada, receando elle, e todos os mais Reys que com elle estavam, que lhes destruissem suas Cidades, e portos, logo no mesmo dia se embarcáram pera lhes irem soccorrer. Os Jáos que estavam da banda de Malaca, tanto que souberam serem os Malaios idos, sem lhes darem conta de cousa alguma, determináram de proseguir no cerco, e tomarem aquella Cidade, e pera isso se passáram ametade pera a banda de Ilher, onde os Malaios estavam, pera de mais perto baterem, e commetterem a Cidade.

Ao

Ao outro dia depois que isto passou, chegou Gil Fernandes de Carvalho ao porto de Malaca com a sua galeota muito embandeirada, e desembarcando em terra, sahio D. Pedro da Silva ao receber á praia, e com grandes honras, e alvoroço de todos foi recolhido dentro, e logo lhe deo conta de todo o passado, e de como os Malaios o dia d'antes se recolhêram. Gil Fernandes de Carvalho disse a D. Pedro da Silva, » que » pois vinha; e tinha chegado a tão bom » tempo, que lhe désse licença pera de ma- » drugada sahir aos Jáos, porque esperava em » Deos de os desbaratar, e de se acabarem a- » quelles trabalhos, porque elle não se po- » dia alli deter muito. » D. Pedro da Silva lhe disse, que lhe parecia muito bem; e logo Gil Fernandes de Carvalho se começou a fazer prestes pera de madrugada dar nelles, ajuntando duzentos homens, em que entravam todos os Fidalgos, e Cavalleiros que alli havia. De todos elles fez tres Capitães, elle que havia de levar a dianteira, Christovão de Sá, e Gemez Barreto. E tanto que foi o quarto d'alva, sahio Gil Fernandes de Carvalho da fortaleza, ficando D. Pedro da Silva á porta com toda a mais gente, e remettendo com as estancias dos inimigos, que estavam descuidados, deram nelles com tamanhos estrondos, que primeiro

ro que soubessem o que era, tinham os nossos mortos mais de cento. E baralhando-se todos, fizeram os nossos tão grande estrago nos Jáos, que foi espanto. O Sangue de Pate, Capitão geral do exercito, acudio com hum Rey daquelles da Jaoa, e com todo o poder remettêram com os nossos, e os detiveram, mas não que perdessem as tranqueiras que tinham cavalgadas. Aqui deram huma lançada a Gil Fernandes de Carvalho por debaixo de hum braço, de que cahio no chão com a força; mas logo se poz em pé animando os seus. E quiz sua boa fortuna que encontrasse com hum Senhor, ou Rey daquelles da Jaoa; e remettendo com elle, o tomou com huma estocada em descuberto pelos peitos, de que deo logo com elle morto em terra, e lhe tomou a espada, e hum cris guarnecido de ouro.

Aqui derribáram o Alferes da bandeira de Gil Fernandes de Carvalho, e hum Jorge Borges acudio com muita pressa, e a tomou, e se poz em sima da tranqueira com ella. Os Jáos tanto que víram cahido aquelle seu Capitão, desamparando tudo se foram acolhendo pera o mar, e com a pressa se deitáram a elle pera se salvarem nos juncos. Os nossos vendo a vitoria clara, foram seguindo os inimigos, matando, e ferindo nelles sem piedade; e houve muitos solda-

dos,

dos, que de encarniçados de matar nelles, com aquella furia com que hiam, ſe lançáram com elles ao mar, e dentro na agua matáram muitos. D. Pedro da Silva vendo o desbarato dos inimigos, ſahio fóra com toda a gente, e ainda muitos de ſua companhia chegáram aos derradeiros, em que tambem prováram a mão.

Foi eſta deſtruição muito notavel, porque ſe perdêram mais de dous mil Jáos, aſſim na terra, como no mar. D. Pedro da Silva recebeo Gil Fernandes de Carvalho com muita honra, dizendo-lhe muitas palavras de louvores ſeus, e de todos. Ficáram as eſtancias dos inimigos com toda a ſua artilheria, munições, mantimentos, e mais couſas que D. Pedro da Silva mandou recolher na fortaleza, e nas eſtancias ſe poz logo fogo, em que ſe todas conſumíram. E pera eſta vitoria ſer de mór louvor de Deos, e goſto de todos, ſuccedeo aquelle dia dar huma tormenta tão grande, que os mais dos juncos dos Jáos foram caſſando pera a terra, onde encalhárão muitos, e ſe perdêram com muita artilheria que traziam, que foi recolhida dos noſſos. Gil Fernandes de Carvalho vendo aquella mercê de Deos, ſe embarcou na ſua galeota, e levou comſigo os batéis dos galeões mui bem concertados, e dando nos juncos, fez nelles huma grande

dèſ-

destruição. Os que pudéram dar á véla foram-se acolhendo pera Jaoa, onde chegáram com mais da metade da Armada, e da gente perdida.

As náos que foram esperar os juncos de Jaoa aos Estreitos, recolhêram a si todos os que vieram, e com elles resgatáram todos os mantimentos que traziam, a troco de roupas; e carregados delles se tornáram pera Malaca, com o que a vitoria se acabou de arrematar, porque já tinham que comer. Mas como os gostos da vida não vem sem ser aguados com seu amorgoz, não se lográram os nossos muito desta vitoria; porque tanto que a fortaleza ficou descercada, começáram os nossos a beber do poço da Bathocina, em que os Jáos tinham lançado tão fina peçonha, que logo em bebendo começáram todos a adoecer, e a morrer, ficando o ar tão inficionado, que em dando o Sol na cabeça a huma pessoa alli cahia logo, e assim se enterravam cada dia doze, e quinze Portuguezes, e como doentes de peste os levavam pelas ruas arrastos, até hum quintal do Hospital onde os sepultavam juntos. Morrêram deste mal mais de duzentos Portuguezes; e muita gente da terra, do que todos andavam pasmados. D. Pedro da Silva entendeo bem o mal donde procedia, e mandou logo vasar o poço, e alimpallo, e de-

defendeo que todo aquelle anno se não bebesse delle. Gil Fernandes de Carvalho como vio o feito acabado, despedio-se do Capitão, e se foi pera Quedá, onde tinha a sua náo.

D. Pedro da Silva vendo-se desapressado despedio a caravela, em que tinha vindo D. Garcia de Menezes, pera Maluco, e deo a Capitanía a Gomez Barreto, e mandou nella muitas roupas, e provimentos pera aquella fortaleza. Esta caravela se fez á véla por todo o Agosto, e chegou a Ternate em Novembro passado.

## CAPITULO X.

*Do que aconteceo na jornada a D. Rodrigo de Menezes, até chegar a Maluco: e das differenças que Bernaldim de Sousa teve com Christovão de Sá sobre aquella Capitanía: e de como Bernaldim de Sousa foi cercar a fortaleza de Geilolo: e do que lhe aconteceo na desembarcação.*

PArtido D. Rodrigo de Menezes de Goa o Abril passado de sincoenta com a sua Armada, como atrás dissemos no Cap. V. do Liv. VIII., foi seguindo sua derrota até Malaca; alli achou novas que não havia Castelhanos em Maluco, e por esta razão se desfez a Armada, ficando alli ambas as cara-

ravelas. D. Rodrigo partio pera Maluco com o seu galeão, e o de D. João Coutinho, e hum de Bernaldim de Sousa, e chegou áquella fortaleza este Outubro passado, e surgíram em Talangame, onde Bernaldim de Sousa estava com a sua náo. D. João Coutinho lhe deo hum masso de cartas que levava do Governador pera elle, e dentro achou huma carta, em que lhe dizia: » Que » em qualquer parte que aquella o tomasse, » se tornasse pera Maluco, sendo certa a nova » da Armada Castelhana, e que tornasse a » tomar posse daquella fortaleza, conforme » huma Patente que tambem lhe mandava, » e com ella lhe mandou hum Alvará pera alevantar a menagem a Christovão de Sá, que estava por Capitão. Bernaldim de Sousa, posto que lhe não dera cousa alguma irse pera a India, todavia estimou muito aquella succefsão, assim porque em quatro annos que alli tinha estado, em nenhum delles se colhêra novidade do cravo, por dar muito pouco, e aquelle se esperava que désse muito, e acabar a sua náo, e carregalla; como por lhe ficar tempo pera ir tomar a fortaleza de Geilolo, porque andava desconfiado da murmuração que corria antre os homens, porque diziam publicamente, que elle quebrára a paz com aquelle Rey, e que se hia pera a India, deixando-os em guer-

ras, e em trabalhos. Ao outro dia se foi á fortaleza, e achou Christovão de Sá á porta da banda de fóra, (estava elle avisado da particula da Patente que dizia, que sendo as novas da Armada Castelhana certas, ficasse outra vez por Capitão naquella fortaleza; e que Christovão de Sá se fosse pera a India.) E mostrando-lhe a carta, disse Christovão de Sá » que não havia novas de Castelhanos, » pelo que não podia entregar aquella for- » taleza: que a tenção do Governador era » se houvesse naquellas Ilhas Armada Caste- » lhana, ou nova certa della; porque se as- » sim não fora, não lhe puzera na Patente » clausula, nem condição alguma. » E baralhando-se o negocio em gritos, e porfias de má feição, disse Christovão de Sá » que » o que se podia fazer por justiça, não se » havia de levar por paixões; que elle re- » mettia aquelle negocio ao Ouvidor da for- » taleza, e ao Alcaide mór, e que o jul- » gassem elles. » Bernaldim de Sousa lhe respondeo, que ninguem havia de ser juiz de sua honra. Com isto ficou a cousa em ruins termos, e peiores esperanças, porque da parte de Christovão de Sá pendia a justiça, e da de Bernaldim de Sousa a authoridade, e muita posse que tinha de gente, e amigos. E como os homens são todos affeiçoados a novidades, nesta revolta se apartou

hum

n ſoldado de Bernaldim de Souſa diſſi-
adamente, e ſe poz em pé no poſtigo
rtaleza, que ſó eſtava aberta, (porque
todos eſtavam da banda de fóra occupados
nas contendas) e logo ſe foram pera aquelle outros dez, ou doze ſoldados, e tomáram a porta da fortaleza ſem os dous da contenda o verem, nem ſaberem. Bernaldim de Souſa como não queria levar aquelle negocio por juſtiça, ſenão por força, diſſe a Chriſtovão de Sá » que ſe determinaſſe, » que elle havia de fazer o que o Governa- » dor lhe mandava. » Chriſtovão de Sá, que era bom Fidalgo, vendo a Bernaldim de Souſa tão colerico, e deſarrezoado, diſſe: » Ora » ſeja Senhor como quizerdes, e ficai na for- » taleza, que eu me quero ir pera a India.» Bernaldim de Souſa o abraçou, ficando grandes amigos, e logo alli lhe entregou a fortaleza, e elle deo a menagem della nas mãos de Lopo Mendes Botelho Feitor, e Alcaide mór, como o Governador mandava na ſua Patente.

Deſtas couſas ficou D. Rodrigo de Menezes muito tomado de Chriſtovão de Sá, por ſe ter aconſelhado com elle ſobre aquella materia, e elle lhe ter dito o que havia de fazer, porque eſtava apoſtado ao favorecer, aſſim por ſer da parte da juſtiça, como por não ſer muito amigo de Bernaldim de Souſa.

Con-

Concluido isto, determinou Bernaldo de Sousa de fazer a jornada contra Geilo, porque se deixasse alli aquella fortaleza, seria muito trabalho á nossa, e pera isso tratou com ElRey de Ternate, e lhe pedio que o acompanhasse nella, e elle lhe disse que o faria com muito gosto. E tambem escreveo ao Rey de Bachão, que se quizesse achar com elles. Bernaldim de Sousa preparou logo as cousas necessarias, e elegeo a gente que havia de levar, que foram cento e oitenta Portuguezes, que estavam sãos; e os poucos mais que havia, que não passavam de dez, deixou na fortaleza com o Alcaide mór; e mandou fazer muitos cestões, e escadas, e carretas pera as peças de artilheria que havia de levar.

Tendo tudo negociado, se começou a embarcar, elle na sua náo nova, D. João Coutinho no seu galeão, D. Rodrigo de Menezes na sua caravela, e Manoel Boto em outra que estava na mesma fortaleza, que hia cheia de munições, e petrechos de guerra, e de mantimentos; Balthazar Veloso, Capitão mór do mar; Christovão de Sá; e Diogo de Freitas, cada hum em sua corocora.

Embarcados todos deram á vela, e por acharem os tempos contrarios, mandou Bernaldim de Sousa dar toas aos galeões pelas corocoras, e puzeram dez, ou doze dias no

caminho, e a vespera do Natal passado sur-gíram na barra de Geilolo, e salváram a fo[illegible] que senão enxergava de fóra por causa do grande, e espesso arvoredo que havia antre ella, e o mar. Alli se deixou estar até á primeira Oitava, que chegou ElRey de Ternate, e com elle o Principe de Bachão, que era seu genro, com huma muito arrezoada Armada de corocoras, em que vieram perto de cinco mil homens de peleja. O Capitão os recebeo mui bem, e ElRey de Ternate lhe mostrou huma carta, que o de Geilolo lhe mandou ao caminho, em que lhe dizia » que se devia de lembrar como » ambos eram de huma lei, e do muito, e » mui chegado parentesco que antre elles ha» via pera não favorecer os Portuguezes con» tra elle; que lhe fazia a saber, que tinha » comsigo muitos Cavalleiros, muita artilhe» ria, mantimentos, munições, e duzentos » Tarabos; » (são estes huma nação de gente daquella Ilha, mui temidos de todos; porque como andam sempre pelos matos, e são mui ligeiros, e no saltear os caminhos; hoje se vem aqui, e dalli a dous ou tres dias dalli a vinte leguas, tem feito crer aos daquellas Ilhas, que se fazem invisiveis, e que se escondem, e apparecem quando querem; pelo que são tão temidos, que só de os ouvirem nomear fogem muitos. Bernaldim de

Sou-

Sousa vio a carta, e disse a ElRey » que » respondesse o que quizesse, e que quanto » ás roncas, que lhe mandasse dizer que fol- » gava muito de estar tão bem apercebido; » que elle tambem levava muita gente, ar- » tilheria, e munições; e que lhe fazia a sa- » ber, que se não havia de apartar de sobre » aquella fortaleza, sem a deixar pósta por » terra, e de mandar os seus Tabaros pera » as galés da India, e que lhe pezava por » serem tão poucos. » ElRey de Ternate as- sim lho escreveo, e lhe disse: » Que as obri- » gações que tinha aos Portuguezes passavam » por todos os parentescos; que lhe acon- » selhava, que devia de fazer pazes com o » Capitão, e conceder-lhe tudo o que elle » pedisse, e que não quizesse experimentar a » furia dos Portuguezes. »

Vendo o Geilolo esta carta, e o desen- gano do Rey de Ternate, mandou metter dentro na fortaleza todas as fazendas dos seus, de ouro, prata, peças, pera os obri- gar a pelejarem sobre o seu. E elle tambem metteo seus thesouros publicamente, por mos- trar aos seus quão pouco arreceava os Por- tuguezes; mas de noite os tornou a tirar em tanto segredo, que o não souberam se- não aquelles servidores que lhos leváram, e elle foi com elles, e os enterrou em hu- ma parte secreta, e a mesma noite matou

os coitados que lhos acarretáram pelo não descubrirem.

Na derradeira Oitava desembarcou Bernaldim de Sousa no lugar, em que o fez Fernão de Sousa de Tavora, na maneira seguinte. D. Rodrigo de Menezes, e Balthazar Veloso na dianteira com sessenta Portuguezes, e com elles Cachil Guzarate com dous mil Ternatezes, e logo Bernaldim de Sousa com a bandeira de Christo, e as peças de artilheria de campo, com todos os mais Portuguezes, e na retaguarda ElRey de Ternate, e o Principe de Bachão seu genro com o resto do exercito. Nesta ordem foram caminhando pelos matos com guias, sem acharem quem lho impedisse, e assim chegáram á vista da fortaleza. E porque não havia outra parte em que assentar o campo senão em hum outeiro, que estava hum tiro de berço della, mandou o Capitão arrazallo todo; o que se fez com muita gente de ElRey de Ternate, e gastáram nisso todo o dia até á tarde (porque foram alli amanhecer.) Já sobre a tarde despedio o Capitão a Manoel Boto com alguma gente pera ir á Armada buscar mantimentos, e algumas peças de artilheria mais, e outras cousas que eram necessarias, ficando os do exercito dormindo aquella noite no outeiro que arrazáram, sempre armados, e com grandes vigias.

El-

ElRey de Geilolo tanto que foi noite, lançou nos matos que ficavam perto do arraial alguma gente de espingardas, que toda a noite inquietáram os nossos, sem saberem donde lhes vinha o mal por ser escuro; e foi a cousa de feição, que os fizeram estar sempre em pé, desparando tambem a sua arcabuzaria em roda do arraial a montão. O Capitão, tanto que amanheceo, quiz mandar Balthazar Veloso com huma companhia de soldados pera dar guarda a Manoel Boto, que havia de vir da Armada com as cousas que foi buscar; mas ElRey de Ternate o tirou disso, com lhe dizer, que o caminho estava seguro. Estando o Capitão já fóra disso, moveo-lhe Deos supitamente o coração, porque os nossos se não perdessem, e mandou com muita pressa abalar Balthazar Veloso, o que elle fez com tanta, que lhe ficáram alguns homens dos que havia de levar, e indo a meio caminho deo nelle o Principe de Geilolo com quatrocentos dos seus principaes, porque parece teve aviso que se esperava por Manoel Boto, e estava lançado em cillada naquelles matos. Balthazar Veloso, que era homem de setenta annos com hum ânimo de vinte e sinco, ajuntou os seus, que seriam perto de vinte, a fóra alguns escravos, e Ternatezes, e cerrando-se todos, pondo-se elle na dian-

terra, e Henrique de Lima detrás, remettêram com os inimigos, nomeando-se muito alto, (como he costume antre aquellas gentes,) e começáram huma formosa batalha, em que Balthazar Veloso, Henrique de Lima, e outros sete, ou oito companheiros fizeram cousas, em que mostráram bem o valor Portuguez. Os Ternatezes, e ainda alguns Portuguezes, se foram recolhendo, e pondo em salvo; mas os que ficáram fizeram tamanho estrago nos inimigos, que com morte de mais de cento, puzeram os mais em fugida, ficando os nossos senhores do campo, e sem se derramar sangue algum Portuguez. Dalli foram buscar Manoel Boto, que logo encontráram, e o acompanháram até o arraial, onde se festejou a vitoria com muitos tiros, e instrumentos de alegria.

## CAPITULO XI.

*Do sitio, e fortificação da fortaleza de Geilolo, e de como os nossos a batêram: e das cousas que succedêram no cerco: e dos ardís de que ElRey de Tidore usou pera ver se deixavam os nossos o cerco.*

A Fortaleza de Geilolo era de pedra, e terra solta, muito larga, e forte, tinha naquella frontaria dous formosos baluartes, tres de fórma triangular, e de hum angu-

gulo corria huma cortina até fechar em hum castello Roqueiro, grande, e forte, que tinha outros dous baluartes. Da banda que fica pera o mar, que era mais baixa, tinha da banda de fóra do muro outro baluarte, que ficava sobre hum esteiro, e de longo delle estava a Cidade estendida, e elle defendia a entrada do esteiro. Tinha assim a fortaleza, como o castello em roda huma fermosa cava toda estrepada por dentro, e por fóra de estrepes de Bambus machos mettidos no chão ao marrão, e depois agudos, huns altos, outros baixos, ao revéz huns dos outros, e tão bastos, que não podia passar hum gato sem se encravar nelles, quanto mais hum homem. Tinha ElRey dentro mil e duzentos homens escolhidos, em que entravam cem espingardeiros, e á roda pelos da fortaleza, e castello, dezoito berços de metal, e de ferro. Postos os nossos naquelle lugar do outeiro que desfizeram, começáram-se a fortificar com cestões, que se fizeram muitos, porque os matos eram todos de Bambus, e fizeram seus vallos, e trincheiras, em que plantáram a artilheria, no que gastáram dous dias. ElRey de Ternate, e o Principe seu genro ficáram naquelle lugar que se desfez, e o Capitão mais abaixo ao sopé. E hum pouco affastado em hum outeiro, que ficava padrasto á fortaleza, fez

Dom

Dom Rodrigo de Menezes ſua eſtancia com os ſeus ſoldados.

Aſſentados todos, e poſto tudo em ordem, começáram a bater a fortaleza de todas as eſtancias com grande furia, mas não fizeram mais que derribarem-lhe alguns altos, que logo eram repairados. Bernaldim de Souſa ficou enfadado, porque das eſtancias não ſe deſcubria bem a fortaleza pelo muito arvoredo que tinha derredor, e mandou armar outros ceſtões, com que ſe foi chegando mais á fortaleza, deixando ficar ElRey no lugar em que eſtava. E depois que fez a ſua eſtancia mais perto, ſubio-ſe a hum alto que eſtava hum pouco affaſtado pera notar bem a fortaleza, levando comſigo Cachil Guzarate, e Cachil Paio, Regedor de Ternate, e alguns Portuguezes. E eſtando notando a fortaleza, tanto que della os víram, deſcarregáram a montão alguns berços, e eſpingardas, com que lhe feríram algumas peſſoas, Cachil Paio de hum pelouro de berço, e de eſpingardadas Balthazar Veloſo, e Fernão Machado. Era eſte homem hum muito bom Cavalleiro, e na companhia de Manoel Boto tinha pelejado muito bem, e do dia que o feríram a hum mez morreo, eſtando já são da eſpingardada. Eſta morte profetizou elle o dia da deſembarcação, porque em pondo os pés na ter-

terra, olhou pera alguns companheiros, e disse: » Nesta jornada me hão de matar » E por não parecer que era medo, saltou, e bailou, e depois rezou o Officio dos Finados por sua alma, e até á hora que morreo, sempre andou tão alegre que alegrava a todos, e assim foi muito sentido. O Capitão se recolheo muito enfadado de lhe ferirem aquelles homens, e de não achar hum bom sitio pera assentar o exercito, nem de poder haver alguma espia, tendo mandado a isso alguns aventureiros.

Apartando-se hum dia Gabriel Rebello com dous companheiros, foi-se chegando á fortaleza, e notou a huma parte hum lugar muito accommodado, assim pera o arraial, como pera a bateria, e o foi dizer ao Capitão, que o foi ver com alguns que escolheo, e assentáram que alli estariam melhor, e logo mudáram pera aquella parte o arraial, fazendo-lhe seus vallos, e trincheiras, sobre que assentáram huma espera, hum salvage, quatro camelletes, e alguns falcões, com que começáram a bater a fortaleza.

ElRey de Ternate vendo que o Capitão insistia no cerco, como era Mouro, e parente do outro, andava já arrependido da jornada, porque sempre lhe pareceo que o Capitão se enfadasse logo, e que se tornasse, como fez Fernão de Sousa de Tavora;

e indo-se ao Capitão, lhe disse: » Que to-
» dos aquelles trabalhos eram em vão, que
» aquella fortaleza não se podia tomar co-
» mo elle cuidava, porque tinha muita gen-
» te, muita espingardaria, e muitos manti-
» mentos; que devia de se recolher, e não
» perder o tempo. » O mesmo lhe disse Christovão de Sá, e outras pessoas que tambem estavam enfadadas, e que pela ventura o tinham praticado com ElRey. O Capitão lhe disse » que já que se abalára, havia de le-
» var aquelle negocio ávante, e que Deos
» o ajudaria. » ElRey tornou a repetir as difficuldades que havia, e se lhe offereceo pera fazer a guerra com os seus de fóra, e ir dar em todas as aldêas de Geilolo, e as destruir, em lhe trazer mantimentos; o que lhe o Capitão não acceitou. Naquelles dias, em que se batia a fortaleza, deram alguns dos nossos com gente de ElRey de Ternate em algumas aldêas visinhas, em que fizeram bem de damno. A bateria se foi continuando, mas com pouco damno da fortaleza, de que o Capitão andava desconfiado, e quizera commettella por assalto, mas não vio pera isso a gente que lhe era necessaria; e cuidando comsigo no que faria, determinou de cercar a fortaleza em roda, pera totalmente lhe tolher os mantimentos, sobre o que não tomou parecer com pessoa alguma. E logo man-

mandou abrir huma cava do arraial pera a fortaleza ao comprido, e na ponta della ordenou huma tranqueira muito forte, que ficava quasi abordada aos muros, e pera ella se passou D. Rodrigo de Menezes com trinta homens; mas como ficava mais baixo que a fortaleza, de sima dos muros lhe ferîram muita gente de espingardadas.

São os Geilolos tão certos, e destros nellas, que estando aqui os nossos á bateria com os do muro, vio hum Geilolo hum Ternate estar por huma seteira apontando nelle huma espingarda; e levando a sua ao rosto com muita pressa, desparou no Ternate pelo buraco da seteira, e lhe metteo o pelouro pela boca dentro, quebrando-lhe dous dentes; e o pelouro, que devia de ir fraco, se deteve dentro na boca, em outros quatro que o Ternate tinha nella pera mais presteza, e abaixando-se, lhe cahîram os sinco pelouros no chão, sem receber outro damno. D. Rodrigo mandou dizer ao Capitão, » que a tranqueira ficava tão descuber» ta ao muro, que lhe tinham ferido os mais » dos companheiros sem lhes elle poder va» ler. » O Capitão o mandou recolher, do que o Rey de Geilolo mostrou grande alvoroço, e fez grandes algazarras dos muros.

A bateria se foi continuando contra vontade de todos, e geralmente murmuravam

do

do Capitão, dizendo, que profeguia aquelle cerco por dilatar o tempo pera carregar a sua náo de cravo, e partir pera a India só, e ficarem os mais galeões da viagem. Outros, que o Capitão não ousava de dar o assalto, sem quem a fortaleza se não podia tomar. Bernardo de Sousa, e D. João Coutinho lhe fizeram alguns requerimentos, dizendo-lhe, » que a monção se hia gastan-
» do, e que pelo que todos diziam, aquel-
» la fortaleza se não podia tomar com tão
» pouca gente; que devia de se recolher pri-
» meiro, que lhe acontecesse algum desgosto.» Disto lhe deo a elle muito pouco, e mandou proseguir a bateria, e continuar na obra das cavas pera rodear a fortaleza, que lhe não pudesse entrar cousa alguma, pera os tomar á fome. Assim foi cortando as cavas de noite, que de dia não podia ser, porque lho impedia a arcabuzaria da fortaleza, até cercar á roda, com sinco tranqueiras que mandou fazer fronteiras aos baluartes dos inimigos, em que plantou peças de artilheria.

No começo desta obra sempre houve desconfianças em todos os do exercito, que não sería de effeito algum; mas depois que víram a traça que levava, e que todavia era de muita importancia, todos ajudavam a obra com muito gosto. De sima dos muros

bem ſentiam o trabalho, e toda a noite faziam grandes fogos pera deſcubrirem o campo, não ceſſando a ſua arcabuzaria de laborar, com que fizeram algum damno, e feríram muitos no exercito. O Rey de Tidore era aviſado todos os dias por cartas do de Geilolo, do eſtado em que as couſas eſtavam, e aſſim o foi das eſtancias que os noſſos tinham feito á roda da fortaleza; e entendendo o muito riſco em que eſtava, temendo-ſe que tanto que tomaſſe aquella fortaleza, o faria tambem á ſua, aconſelhado do Rey de Geilolo, amanheceo hum dia naquelle porto com huma Armada, e ſurgio junto dos galeões, e deſpedio logo Cachil Manavari ſeu irmão a viſitar o Capitão, e ElRey de Ternate. Bernaldim de Souſa o recebeo muito bem, e ouvio, e reſpondeo á viſitação. Vendo elle aquelle modo de fortificação do exercito, ficou paſmado, (porque aquillo não ſe uſava por aquellas partes,) e perguntando como ſe chamavam aquelles fortes, diſſeram-lhe que beſtiães, e dando á cabeça diſſe: » Beſtião, beſtião baſ» ta pera tudo. »

E quando viſitou ElRey de Ternate, lhe diſſe em ſegredo: » Que ElRey ſeu irmão » lhe mandava pedir, que trabalhaſſe muito » por eſtorvar aquelle negocio. » O que antre elles ſe paſſou ſobre iſto, ninguem o ſoube.

Deſ-

Despedido o Tidore se foi pera sua Armada, e ElRey tornou a dar á véla pera seu Reyno; mas como hia cioso daquelle negocio, e ElRey de Geilolo tornou a puxar por elle, pera que trabalhasse com que se alevantasse aquelle cerco, tornou a voltar pera Geilolo, e surgio affastado da Armada, e tornou a mandar o mesmo irmão a visitar a Bernaldim de Sousa. Elle entendendo o desproposito de tanta visitação, lhe mandou dizer, » que senão vinham a mais que » a visitallo, que lho tinha em mercê; mas » que se vinha a ajudar ElRey de Geilolo, » que lho dissesse, pera mandar recado á Ar» mada que o deixasse entrar na fortaleza, » porque quantos mais estivessem dentro, tan» to mór gosto teria da vitoria.» Com este recado se despedio o Embaixador, deixando dito a alguns Ternatezes, como em segredo, » que ElRey seu irmão vinha quei» mar a nossa fortaleza, e a náo do Capi» tão que estava á carga.» Isto disse, porque bem sabia que logo os Ternatezes o haviam de dizer, pera que em o Capitão o sabendo, levantasse o cerco, e acudisse lá. Esta nova chegou ao Capitão, a que respondeo muito seguro: » Que lhe dava muito pou» co de lhe queimarem a sua náo, porque » por interesse algum não havia de deixar o » serviço de ElRey, e que se lhe tomassem

» a fortaleza, que a todo o tempo a tornaria a ganhar; » e foi proseguindo na obra das cavas, e dos fortes. Quando ElRey de Geilolo vio que todavia o Capitão hia ávante com aquelle negocio, tratou de homiziar o Rey de Ternate, e o Principe de Bachão com o Capitão, e teve tal modo, que por via de Ternatezes do exercito, com quem tinha intelligencias secretas, lançou fama que o Rey de Geilolo estava concertado com o Principe de Bachão, e que lhe dava huma filha em casamento. Isto inquietou ElRey de Ternate, porque o tinha desposado com huma filha sua; mas o Capitão acudio a isto, affirmando a ElRey, que tudo aquillo eram ardís, e invenções do Geilolo, pera semear zizania entre elles; com o que se elle quietou algum tanto. ElRey de Tidore, como não quietava, tornou a voltar com a sua Armada, com determinação de ver se podia tomar hum dos nossos galeões, do que o Capitão foi avisado primeiro que elle chegasse, e mandou a D. Rodrigo de Menezes, que se fosse pera a Armada, e não deixasse chegar a ella ElRey de Tidore. Chegando ElRey á vista, lhe sahio D. Rodrigo de Menezes em hum batél muito bem concertado, e quatro corocoras, em que hia Cachil Ayo, meio irmão de Cachil Guzarate, mancebo mui esforçado: vendo

El-

ElRey aquella determinação, voltou pera Tidore, e não curou de mais invenções.

## CAPITULO XII.

*De como Bernaldim de Sousa tomou hum poço de agua, de que os cercados bebiam: e de como por falta della se entregáram a partido.*

COntinuando-se a bateria, e a obra das cavas, e fortes, adoeceo ElRey de Ternate, e se foi curar a seu Reyno, e deixou em seu lugar a Cachil Guzarate, que era mui arrogante, e muito temido de todos os Malucos. Desta ida de ElRey houve grandes murmurações, e desconfianças, o que tudo soffreo, e atalhou Bernaldim ds Sousa com muita prudencia, e brandura, não deixando de proseguir na obra, e em mandar dar assaltos. Huma noite foi Gabriel Rabello com dez companheiros, e chegou a queimar humas casas, e certas embarcações que estavam varadas ao longo do muro. Os inimigos de sima delle sentíram os nossos, e não ousárão a lhe sahir, cuidando fosse alguma cillada pera os fazerem acudir alli, e commetterem-nos por outra parte, e de sima atiráram muitos tiros, com que fizeram affastar os nossos, ficando huma só casa por queimar, de quinze, ou vinte que éram; mas

hum

hum Triſtão Gomes, meſtiço da terra, deitou de longe huma bomba de fogo, que acertou de cahir ſobre a caſa, que logo ardeo toda, e com a claridade enxergáram os noſſos toda a povoação, que eſtava edificada ſobre o eſteiro, que de aguas vivas ſe cubria todo, e paſſava ao ſecco pera a outra parte da cerca.

Eſta povoação não foi viſta até então dos noſſos; e recolhendo-ſe dalli, deram conta ao Capitão do que víram, e do modo da povoação, o que elle eſtimou muito ſaber. E logo deſpedio o Capitão mór do mar com ſincoenta ſoldados, e quinhentos Ternatezes, pera que ſe foſſem metter no eſteiro, e déſſem guarda a certas peſſoas, que haviam de ir com lanças de fogo queimar a povoação, e as embarcações que eſtavam varadas. E indo eſta gente demandar o eſteiro, deram todos na vaza, em que eſtiveram perdidos; e alguns que paſſáram adiante, ſem guardarem ordem alguma, nem eſperarem pelos mais, chegáram á Cidade, em que começáram a pôr o fogo com tamanhas gritas, que os moradores que eſtavam dormindo ſaltáram deſatinados fóra das camas, e foram fugindo pera a fortaleza, ſem verem de que, (mas pareceo-lhes pelos alaridos, e gritas que todo o poder dos noſſos dava nelles.) Com iſto chegáram os mais, e deram

ram fogo á Cidade, e a todas as embarcações, que eram muitas, que ardêram ſoberbiſſimamente.

Feito iſto, ſe puzeram todos em hum tezo ás eſpingardadas com os do muro, que eſtavam vendo aquella deſtruição. ElRey de Geilolo acudio ao alvoroço ao muro; e vendo arder toda a Cidade, deitou fóra Cachil Quebuba, ſeu ſobrinho, e genro, com quinhentos homens; e vendo os noſſos, ſe puzeram com elles ás eſpingardadas; e quiz Deos que acertaſſe huma no Cachil Quebuba, de que cahio morto logo. E aſſim meſmo hum Caciz ſeu, e outros alguns. Durou eſta briga muito grande eſpaço, com grande eſtrondo, e quentura, aſſim da artilheria, como da força do Sol, e do fogo que andava na Cidade, que como era de madeira, e bambuz, fazia hum terremoto, e labaredas, que parecia hum diluvio de fogo. Os Geilolos vendo o ſeu Principe morto, e o damno que tinham recebido, ſe foram recolhendo, e o meſmo fizeram os noſſos, levando tres feridos, dous ſoldados Portuguezes, e Cachil Bocaide, irmão de Cachil Guzarate, que foi por Capitão dos Ternatezes.

Eſta vitoria feſtejou o Capitão muito. Achâram-ſe neſte feito Bernardo de Souſa, Vaſco de Freitas, Gabriel Rabello, Henri-

que

que de Lima, Gaſpar de Morim; todos Fidalgos, e Cavalleiros mui honrados.

Depois deſte bom ſucceſſo poucos dias, andando o Capitão continuando na obra, foi aviſado, que da outra banda da fortaleza havia huns poços de agua doce, de que os de dentro bebiam, e que na fortaleza não havia outra agua; e que ſe lha tomaſſem, não lhes ficava remedio algum de que ſe valeſſem. E pondo em conſelho, iſto foi contrariado dos mais, dizendo » que aquillo ha» via miſter muito vagar, e muito tempo, » e que todos andavam já mortos, e cança» dos, e elle Capitão doente, (porque havia » dias que andava achacoſo,) que o bom ſe» ría commetter-ſe a fortaleza á eſcala viſta, » e concluir aquelle negocio, porque já to» dos não podiam mais. » Bernaldim de Souſa diſſimulou, dando-lhes a entender que acceitava o conſelho; e mandou com muita preſſa fazer alguns ceſtões muito grandes, e ajuntar alguns madeiros, e taboado, e tendo tudo preſtes mandou a Bernardo de Souſa, que ſe foſſem pera a Armada, e que com D. Rodrigo de Menezes, que lá eſtava nas corocoras, puzeſſem aquelles ceſtões ſobre os poços, e formaſſem logo hum forte em que ſe recolheſſem todos, e aſſeſtaſſem alguns falcões.

Dando eſte recado a D. Rodrigo de Me-

ne-

nezes, foi logo demandar aquella parte, e desembarcando em terra achou muito grande resistencia, porque foi com poucos a notar o sitio; e naquelle jogo lhe ferîram Bernardo de Sousa de huma espingardada pela cabeça muito grande, de que não perigou, e foi-lhes forçado recolherem-se, pelejando todos muito valorosamente com os inimigos. Era isto sobre tarde; e no quarto da modorra tornou D. Rodrigo de Menezes a desembarcar com todos os seus soldados; e os marinheiros das corocoras levavam os cestões, e madeira, e Cacil Ayo com os Ternatezes de sua companhia pera o ajudar naquella obra. E não achando resistencia, chegáram aos poços, e armáram sobre elles os cestões, que logo se mandáram encher de terra.

Feito isto, corrêram com huma tranqueira de madeira muito forte, em que se recolhêram com algumas peças de artilheria, munições, e mantimentos pera alguns dias. Tanto que amanheceo, que os inimigos víram de sima do muro os poços tomados, logo perdêram o animo, e alevantáram bandeira de paz, bradando rijamente por ella. No mesmo tempo entrava pelo Estreito dentro Christovão de Sá com hum batél, e huma manchua pera dar na Cidade, e chegou a tempo que os nossos estavam á falla com os da fortaleza sobre pazes; e quiz a des-

aven-

aventura, e o descuido Portuguez, que levassem na quilha do batél huma gamela de polvora aberta, em que cahio huma faisca de fogo, e ateou com tanta força, que arrebentou a mór parte do batél, e queimou sinco soldados, de que morrêram tres. Christovão de Sá, que hia na manchua, vendo o desastre, deo toa ao batél, e se tornou pera a náo, e sem fallar com Bernaldim de Sousa, se foi na manchua pera Ternate. Os Geilolos tanto que víram o desastre do batél, dissimuláram por então com o que pediam; mas como á falta de agua não ha repairo, nem remedio, ao outro dia, que eram dezoito de Março, appareceo a porta da fortaleza aberta, e ElRey com Cachil Tidore seu tio, e o Caciz maior a ella, e mandou bradar alto ao arraial, lhe mandassem hum Portuguez, que queria fallar com elle cousas que importavam. Dando-se o recado ao Capitão, mandou lá hum Luiz de Pavia, que ElRey recebeo bem, e com elle praticou sobre pazes, querendo logo alli conceder todos os partidos, que elle levava já do Capitão por apontamentos, sobre o que debatêram hum espaço grande, e por fim não concluíram em cousa alguma, porque os Ternatezes tiveram maneira com que mandáram advertir aos do conselho de ElRey, que não lhe consentissem fallar em pazes,

até

até vir ElRey de Ternate; o que elles fizeram. E mandou ElRey dizer ao Capitão, » que mandasse chamar ElRey de Ternate » pera concluirem todos as pazes, e em quan» to elle tardava ficassem em tregoas, e lhes » déssem agua pera beberem. » Isto lhe concedeo o Capitão, despedindo logo huma corocora muito ligeira a Ternate com recado a ElRey, ficando correndo em tregoas; e hiam ao arraial alguns Geilolos tão fracos, e debilitados de não comerem, nem beberem, que houveram os nossos compaixão delles, e os Ternatezes os proviam com o que podiam, e logo se hiam aos poços (que nunca D. Rodrigo de Menezes largou) a fartar de agua. ElRey de Ternate tanto que teve recado se metteo em huma corocora muito subtil, e chegou ao exercito Quinta Feira de Endoenças, e no mesmo dia o mandou o Rey de Geilolo visitar por Cachil Timo, homem de grande authoridade antre elles, e com elle outro Mandarim principal. ElRey estava com o Capitão, e os recebêram muito humanamente; e depois das visitas tratáram sobre pazes, que se concluíram com as condições seguintes:

» Que Catabruno deixaria o titulo de » Rey, e tomaria o de Sangage, que he co» mo Governador, e que ficaria vassallo de » ElRey de Portugal, com duas mil folhas

» de

» de olla, que são de palmeira, pera se cubrir
» a fortaleza, e quinhentos fardos de Sagú,
» que he a farinha de páo que lá se come,
» de pareas cada anno.

» Que se sahiria da fortaleza elle, e os
» seus com as suas pessoas sómente; e que
» tudo o que estivesse nella havia de ficar por
» despojos dos vencedores. E que a fortale-
» za se havia logo de derribar por terra, e
» que nunca mais faria outra. »

Destas condições se fez huma pauta pera os Embaixadores levarem a ElRey, e os despedíram com muitas honras. Chegados á fortaleza deram a ElRey conta de tudo o que era passado, e lhe apresentáram os Capitulos das pazes, e sem os querer ver, vestio huma cabaia de veludo pardo, (que era a mesma que Tristão de Taíde lhe mandou pera o dia que se alevantou por Rey,) e com alguns poucos dos seus se foi ao arraial. O Capitão, e ElRey o sahíram a receber. Elle chegando a elles, disse contra o Capitão: » Com esta cabaia me levantáram » os Portuguezes por Rey, e com ella me » tornam a desapossar. » ElRey, e o Capitão o abraçáram com grandes honras, dizendo-lhe o Capitão, » que se consolasse, » que aquelles eram os frutos da guerra: que » elle ficava com seu Estado inteiro, que os » titulos eram vaidades do Mundo. » E assen-

ſentando-ſe todos tres em cadeiras, confirmáram os Capitulos das pazes, e as juráram a ſeu modo, ficando alli aquella noite ElRey de Geilolo.

## CAPITULO XIII.

*De como o Capitão entrou na fortaleza de Geilolo, e das cruezas que ſe nella fizeram: e de como ſe derribou: e das mais couſas que ſuccedêram.*

AO outro dia, que foram vinte e ſete de Março, ſahio o Capitão do arraial com ambos os Reys, e toda a gente em armas, e entráram na fortaleza. A gente de guerra tanto que ſe vio dentro, ſem darem pelo Capitão, começáram a matar, e a cativar quantos Geilolos acháram, entrando pelas caſas, roubando-as, uſando cruezas aborrecidas ao nome Portuguez. O Capitão pedio a ElRey de Ternate que foſſe acudir áquillo; e quando chegou, achou já mais de trinta mortos, e de duzentos cativos, e não pode fazer couſa alguma naquelle negocio, porque os Portuguezes deram por elle mui pouco. O Capitão como hia enfermo, deitou-ſe em hum baileo junto da porta da torre, em que eſtavam as mulheres, e filhas de ElRey, e junto delle ſe aſſentáram ambos os Reys em hum caixão. Os Geilolos que eſca-

capavam das mãos dos nossos, vinham fugindo pera onde estava o seu Rey, pedindo-lhe que lhes valesse; ao que elle com os olhos humidos respondia, que lhes valessem elles; e com ver aquellas deshumanidades, e ouvir os prantos, e gritos dos vassallos estava tão seguro, que respondia a tudo o que o Capitão fallava com elle, muito attento, e a proposito, sem fazer mais movimento, que de quando em quando acudir com hum lenço a enxugar os olhos. Os Portuguezes, e os Ternatezes andavam pela fortaleza roubando, e escalando as casas, de que os Ternatezes leváram a substancia, e melhor de tudo, assim por serem mais, como por saberem as casas de mais importancia. O Capitão disse a ElRey de Geilolo, que mandasse tirar as mulheres da torre, porque se havia de ir buscar. Isto sentio elle muito, porque lhe pareceo que lhe ficassem alli sem serem vistas, nem esbulhadas de pessoa alguma; e levantando-se, as foi tirar com grande mágoa, e dor de seu coração, e as levou fóra da fortaleza, mandando-as ElRey de Ternate, e o Capitão acompanhar, porque lhes não fizessem alguma descortezia.

Sahido o Geilolo pera fóra com ellas, as levou ao campo, e as poz ao pé de humas arvores. O Capitão mandou buscar aquelle

le baluarte, cuidando que se achasse nelle o thesouro de ElRey, (que elle tinha guardado em outra parte,) mas acháram outras muitas cousas, que foram saqueadas, e roubadas. Aquella noite ficáram todos na fortaleza. Ao outro dia (porque se hia o Capitão achando mal) entregou a fortaleza á ElRey de Ternate; e deixando com elle os Portuguezes pera a desmancharem, se embarcou em corocoras ligeiras, e se foi curar a Ternate. Aquella noite que foi sabbado de Pascoa, puzeram os nossos fogo á fortaleza por muitas partes, que começou a arder bravissimamente. Durou este cerco tres mezes com muito trabalho, Sol, frio, sede, e alguma fome: posto que pera a gente da terra foi grande remedio o das frutas do mato. Morrêram dezoito Portuguezes, e dos inimigos perto de trezentos.

São estes Geilolos os mais esforçados homens, e mais pera o trabalho que todos os daquellas Ilhas, o que mostráram bem naquelle cerco; porque quando os nossos entráram naquella fortaleza, não lhe acháram nella cousa alguma de comer, nem beber; e havia tres, ou quatro dias que não comiam, nem bebiam, e acháram os nossos as casas, e as ruas cheias de mortos, que cada hora cahiam de fome, sem nunca se quererem entregar; antes diziam, que morressem todos

as-

assim, e daquella maneira trabalhavam, pelejavam, e se repairavam. A nova desta victoria foi má de crer por todas aquellas Ilhas, por onde logo correo, porque haviam por impossivel poder-se tomar aquella fortaleza. E assim era, que se não fora a fome, nada a pudéra render.

Durou o sacco da fortaleza alguns dias, e se acháram muitas fazendas, e ouro, de que ElRey de Ternate levou o melhor quinhão. E depois de tudo escalado, e a fortaleza queimada por muitas partes, se embarcáram todos pera Ternate. Bernaldim de Sousa depois de se achar bem de sua enfermidade, que lhe durou alguns dias, se tornou a embarcar pera Geilolo pera acabar de derribar a fortaleza, e quietar as cousas daquelle Reyno, e foi ElRey de Ternate com elle, e todos os Portuguezes, tirando Dom Rodrigo de Menezes, que por estar quebrado com elle se deixou ficar.

Chegados a Geilolo, o Capitão mandou acabar de derribar a fortaleza, e acháram nella muitas covas abertas, de que tiráram muita fazenda. Catabruno, que já se chama Sangage, des daquelle dia que sahio da fortaleza com as mulheres, nunca mais tornou a ella, em quanto os nossos alli estiveram, e fez huma povoação naquelle lugar, onde se deixou ficar. E sabendo que o Capitão

era

era chegado, não se havendo ainda por seguro, se foi mais pera o certão com suas mulheres, ficando alli na povoação dous irmãos seus, chamados Cachil Liacá, e Cachil Timou, com suas familias, que foram dar a obediencia ao Capitão. E sabendo elle que o Sangage era ido da povoação, ficou enfadado, por haver que se não fiára delle, e rogou a seus irmãos que o fossem buscar, e lhe pedissem muito que o viesse ver, e mandou com elles Gabriel Rabello com alguns companheiros, e lhes deo por regimento, que tivessem com elle muitas palavras de cumprimentos, e o persuadissem a vir vello; e quando o não pudessem mover, o notificassem por alevantado, e lhe apregoassem de novo guerra.

Partidos estes homens, acháram o Sangage meia legua pelo certão, com humas casas feitas sobre huma pequena ribeira, que atravessava por junto de humas fontes de agua quente, que estava muito fraco, e debilitado. Os irmãos, e Gabriel Rabello falláram com elle, e lhe deram o recado do Capitão, rogando-lhe todos muito que o quizesse ir ver. Elle se desculpou com dizer, » que já não era gente, que o deixassem com » sua fortuna, que queria morrer por aquel» les matos, e que se não tratasse mais del» le; que fizessem conta que era acabado. »

Gabriel Rabello apertou muito com o Sangage, pera que fosse ver o Capitão, e que elle ficaria alli em refens, e que lhe cortasse a cabeça, se delle, nem dos seus recebesse elle, nem cousa sua algum aggravo. E não o podendo mover, quebrou diante delle huma folha de huma arvore em sinal de rotura da paz, (como antre elles se costuma,) e se despedíram delle, movidos de compaixão do miseravel estado em que o viam. Aquellas escusas que o Sangage deo pera não ir ver o Capitão, foram, porque não se atreveo a ver o rosto a ElRey de Ternate, porque havia que delle lhe nacêra todo o seu mal.

Sabendo o Capitão o que passáram com elle, quizera logo mandar gente contra elle; mas ElRey de Ternate lhe pedio » que » não fizesse obra por aquelle só recado; » que lhe mandasse fazer outra notificação, » que pela ventura se moveria, porque os » trabalhos em que se víra lhe não deixa» vam entender quanto lhe aquillo importa» va. » Com isto despedio o Capitão os mesmos Embaixadores, por quem lhe mandou pedir, » que se sujeitasse á razão, e que el» le lhe faria todos os favores que fossem » justos, e que não quizesse perder seu Es» tado. » Chegados áquelle lugar já o não acháram, porque se tinha mettido por es-

ses matos como desesperado, pelo que se tornáram.

A Catabruno poucos dias depois disto lhe morreo a sua principal mulher, que elle muito sentio, e houve que a fortuna o perseguia em tudo; mas com todos estes trabalhos não lhe sahia d'alma o grande odio que tinha a ElRey de Ternate, e andava cuidando modos de vingança; e offerecendo-lhe o demonio hum, o acceitou, e foi, que se fizesse Christão, e que assim lhe abriria o tempo occasiões pera se satisfazer delle por mãos dos mesmos Portuguezes, crendo que aquillo que outros buscam pera remedio de sua salvação, lhe fosse a elle instrumento de sua vingança.

Assentado isto, despedio Embaixadores ao Capitão, por quem lhe mandou pedir hum Padre pera o bautizar. O Capitão lhe mandou hum da Companhia, chamado João de Beira, e com elle Balthazar Veloso. Chegados ao Sangage, que acháram mal, tratou o Padre com elle sobre as cousas de nossa Fé, e o começou a catequizar, e o obrigou a deitar fóra as mulheres por o mandar assim a nossa Lei. Isto lhe foi a elle tão aspero, que disse ao Padre, » que tudo fa- » ria, senão aquillo por então, que depois » pouco, e pouco se iria desobrigando del- » las, e casando-as; porque d'outra manei-

X ii » ra

» ra ſe logo as deſpediſſe, eſcandalizaria os » parentes. » Vendo o Padre que não queria começar logo a fazer execução, o não quiz bautizar, e ſe tornou pera a fortaleza, que ſe hia acabando de derribar. O Catabruno dahi a poucos dias morreo miſeravelmente, ficando-lhe tres filhos. O mais velho, chamado Cachil Guzarate, que trazia ſua propria irmã por manceba, tanto que o pai faleceo foi logo a dar obediencia a Bernaldim de Souſa, e a pedir-lhe a confirmação do Eſtado do pai. Elle o recebeo bem, e lho confirmou com o titulo de Sangage, com as pareas que eſtavam poſtas a ſeu pai. E porque levava a irmã comſigo, e o Rey de Ternate a deſejava, diſſe ao Capitão que o obrigaſſe a deitalla fóra, o que o Capitão fez; mas como elle lhe eſtava afeiçoado, lhe pedio que lha deixaſſe ter, que elle ſe faria Chriſtão; o que o Capitão lhe eſtranhou mais, e lha fez lançar fóra, e ElRey de Ternate a tomou pera ſi. O Capitão tanto que acabou de derribar a fortaleza ſe tornou pera Ternate. Neſte eſtado deixaremos eſtas couſas até tornar a ellas.

CA-

## CAPITULO XIV.

*Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada de Catiſa : e de como bateo aquella fortaleza , e os Turcos a deſpejáram : e do deſaſtre que alli aconteceo aos noſſos.*

PArtido D. Antão de Noronha de Goa, como atrás diſſemos no IV. Cap. deſte IX. Liv., foi ſeguindo ſua derrota até Ormuz, onde foi muito bem recebido do Capitão daquella fortaleza. E vendo-ſe ambos com ElRey ſobre o negocio da fortaleza de Catifa, aſſentáram, que ElRey déſſe tres mil homens pera a jornada, e que foſſe com elles Cazil Rax Xarrafo, e Mirmaxet, a quem ElRey logo mandou negociar, e preparar terradas, e outras embarcações pera os levar. Em quanto ſe iſto negociava deſpedio D. Antão de Noronha Manoel de Vaſconcellos por Capitão mór de doze navios ligeiros, com regimento que ſe foſſe lançar ſobre Catifa, pera defender que os Turcos não foſſem ſoccorridos de Baçorá.

Eſtes navios chegáram a Catifa em poucos dias, e ſurgíram ſobre aquelle porto, onde ſe deixáram eſtar até chegar D. Antão de Noronha, que foram dous mezes, chegando-ſe todos os dias nas marés cheias á

praia

praia a darem sua bateria á fortaleza, defendendo-lhes de feição os soccorros por mar, que lhes não entrou dentro cousa alguma, com o que os puzeram em muito grandes necessidades. D. Antão de Noronha ficou em Ormuz dando aviamento ás cousas necessarias, mandando preparar algumas peças de bater, muitas mantas, escadas, e todos os mantimentos, e munições que pode.

Tendo tudo prestes, deo á véla pera Catifa, levando huma muito grande Armada, e toda a gente Portugueza, tirando a da obrigação da fortaleza. Isto era já fim de Julho, e tendo bom tempo, foi em poucos dias surgir sobre aquelle porto, onde achou os navios de Manoel de Vasconcellos, de quem soube o estado em que a fortaleza estava, e do aperto em que a tinham posto. Dom Antão de Noronha deo ordem pera a desembarcação, que havia de ser ao outro dia; e fazendo alardo da gente que levava, achou mil e cem Portuguezes, e tres mil Parseos, e Aramuzanos debaixo da bandeira de Rax Xarrafo Guazil de Ormuz, e de Mirmaxet Guazil do Magostão, em que havia muitos Mires, e Capitães do Reyno de Ormuz. E commettendo a dianteira a Manoel de Vasconcellos, passou toda a gente da Armada aos navios pequenos, e aos batéis dos galeões.

[...]do tudo preſtes, commettêram a ter[...] maré cheia, onde pojárão os na[...] Manoel de Vaſconcellos, e os noſſos [...]ram logo em terra, onde achâram alguns Turcos de cavallo, que ſahíram a lhe defender a deſembarcação, com quem tiveram huma arrezoada eſcaramuça, levando os noſſos os Turcos de arrancada até os metterem dentro na fortaleza. O Capitão mór ſe poz em terra com toda a gente com ſuas bandeiras deſenroladas; os Portuguezes em hum eſquadrão, e os Parſeos em outro. E chegando-ſe bem á fortaleza, aſſentáram ſeu [c]ampo perto huns dos outros, e logo lhe mandáram fazer ſuas cavas, vallos, e trincheiras, em que gaſtáram aquelle dia, e noi[te], tudo por ordem, e traça do Capitão Francez, (de quem já démos conta, no desbarato de D. Jorge de Caſtro em Ceilão, no Cap. VII. do Liv. VIII.,) que ElRey D. João tinha mandado á India, por ſer homem que tinha muita noticia, e exercicio da milicia, que neſta jornada fez o officio de Meſtre do Campo, e de Sargento mór. Depois de feitas as eſtancias plantou nellas ſinco peças de bater, com ſeus repairos, e mantas muito fortes. E tendo tudo negociado, começou a dar ſua bateria á fortaleza com tanta furia, e força, que lhe fizeram algumas ruinas, e lhe derribáram todos os

al-

altos. Os Turcos que eram quatroc[ent]os, que eſtavam na fortaleza, vendo a [illegible] bateria, e os muros rotos por mu[itas par]tes, entendendo que ſe haviam de [perder], havendo ſeu conſelho, aſſentáram de ſe recolherem de noite, e largarem a fortaleza de Catifa; e aſſim havendo oito dias que os batiam, ſendo no quarto da modorra, ſe foram ſahindo por huma porta falſa, que hia pera o certão, em tanto ſilencio, que não foram ſentidos ſenão já nos derradeiros, que foram viſtos de tres ſoldados de Pedro Affonſo de Avelar, que tinha a eſtancia pera aquella parte, que ſe chamavam Mar[t]im C[illegible] co de Evora, Balthazar de Goes, [n]atural de Ceita, e Pero Machado. E[ſt]es e[ſt]ando vigiando fóra dos vallos, ſe[illegible] aquella parte, e víram que [os T]urcos ſe hiam recolhendo; e vendo ficar os derradeiros, remettêram a elles com muito animo, e matáram hum, e feríram alguns que foram fugindo apôs os mais que hiam já mui alongados. Os tres companheiros ſentindo a fortaleza deſpejada, entráram dentro, e ſubíram ſobre o baluarte fronteiro á eſtancia do Capitão, e começáram a appelli[da]r *Portugal*, ao que ſe levantou D. Antão de [No]ronha muito alvoroçado; e perguntando o que era, lho diſſeram, porque os do [mu]ro ſe tinham já dado a conhecer, chamando

d[illegible]s companheiros da ſua eſtancia. Iſto [illegible]nde alvoroço em todo o exercito. [illegible] Antão de Noronha mandou pôr todos em armas, e aguardou pela manhã; e tanto que ella eſclareceo, foi caminhando pera a fortaleza, onde entrou, (que os tres ſoldados tinham já abertas as portas,) e foi a preſſa dos noſſos tanta, que houve homens que entráram por grandes aberturas, que a noſſa artilheria tinha feito no muro; e hum Lourenço Feio da Ilha da Madeira, que ha pouco morreo, nos diſſe que fora hum delles. Entrando D. Antão de Noronha na fortaleza, (em que ſe não acháram ſenão algumas peças de artilheria pequenas, munições, e pouca roupa que não pudéram levar,) chamou o Guazil Rax Xarrafo, e lhe diſſe, » que aquella fortaleza era de El-
» Rey de Ormuz, que alli lha entregava li-
» vre, e deſembargada; que tomaſſe poſſe
» della, e a proveſſe. » O Guazil lhe diſſe,
» que não ſe atrevia a defendella, porque
» tanto que elle ſe partiſſe, haviam os Tur-
» cos de tornar ſobre ella, e que daria no-
» vo trabalho a Ormuz em a ſoccorrer.» Dom Antão de Noronha vendo aquelle negocio, poz em conſelho com os Capitães o que faria nelle, e aſſentou-ſe, que ſe derribaſſe aquella fortaleza, porque os inimigos a não tornaſſem a ſenhorear, e a fazer fortes nella.

Con-

Concluido isto, mandou D. Antão de Noronha, que se minassem os baluartes pera arrebentarem; o que deo a cargo a hum Mestre das obras que comsigo levou. Este homem andando abrindo as minas, foi dar em humas necessarias de abobada, que estavam em o recanto de hum baluarte, e metteo nella certos barrís de polvora, e por fóra lhe fez seus repairos de pedra, e gueche muito fortes, deixando-lhe lugar pera se lhe dar fogo. Em quanto se corria com a obra das minas, se deixou D. Antão de Noronha ficar á sombra de hum baluarte com a principal gente da Armada.

E chegando Manoel de Vasconcellos a elle, lhe disse que fosse ver a sua mina que já estava acabada, (porque aquella obra repartio o Capitão pelos Fidalgos pera se acabar mais depressa.) D. Antão se foi com elle, acompanhado dos mais dos que alli estavam; e quiz sua boa ventura, e a mofina dos que alli ficáram, que em se elle apartando, cahisse huma faisca de fogo, que andava pelas casas da fortaleza, na mina das necessarias, que estavam junto do baluarte, em que D. Antão de Noronha estava, e dando em baixo na polvora solta que estava derredor dos barrís, e tomando fogo, arrebentou a necessaria, e o baluarte; e cahindo sobre os que ficáram á sombra delle, enter-

rou

ra Te[..]renta Portuguezes, e eſcalavrou ou-
tros com [mu]itos.

Os dos mortos conhecidos foram, hum fi-
lho de Pedro Affonſo de Avelar; Pero Coe-
lho de Caſtro; Balthazar do Amaral, filho
do Doutor Franciſco do Amaral, Correge-
dor da Corte; Gonçalo de Moraes de Sou-
ſa; Franciſco Botelho, filho do Meirinho
da Inquiſição do Reino, e outros muitos
Cavalleiros muito honrados. D. Antão de
Noronha acudio áquella parte; e vendo a
deſaventura, (poſto que por hum muito pe-
queno eſpaço eſcapára della,) ſentio o ca-
ſo tanto, que lhe correram as lagrimas pe-
los olhos. Vendo-o aſſim Mir Maxet, Gua-
zil do M[a]goſtão, chegou-ſe a elle, e lhe
diſſe:

» Senhor, iſto ſão caſos da guerra, não
» vos entriſteçais aſſim; lembre-vos que os
» Turcos eſtam muito perto, e que em ſa-
» bendo eſta deſaventura podem voltar em
» companhia dos Arabios, » que os favore-
ciam, de que era Xeque hum valente Mou-
ro, chamado Bemjabre. D. Antão de Noro-
nha pareceo-lhe bem a lembrança de Mir
[...], e mandou dar fogo ás minas, que
deram com todos os baluartes, e muros por
eſſes ares, e logo ſe recolheo ao arraial,
onde paſſou aquelle dia, e noite com gran-
des vigias. Ao outro dia foi aviſado, que

os

os Turcos eram recolhidos, e que o Xeque Bemjabre eſtava com oitocentos homens de cavallo dalli a meia legua, vendo ſe lhe dava o tempo occaſião pera fazer algum ſalto. D. Antão de Noronha informado que não havia mais gente, e do modo de como eſtavam os Arabios alojados, ordenou de dar nelles, tendo-o em ſegredo, porque os meſmos Mouros de Ormuz os não mandaſſem aviſar. E dando recado a certos Capitães pera que eſtiveſſem preſtes com ſua gente, tanto que o quarto d'alva entrou, deſpedio Pedro Affonſo de Avelar com perto de duzentos e ſincoenta homens, os mais delles de eſpingardas, pera que foſſem dar no Bemjabre. E ſahindo os noſſos do exercito em muita boa ordem, fôram com elles buſcar os Arabios; mas elles que traziam mui grandes vigias ſobre os noſſos, ſentíram o tropel que hia, e deixando o ſeu arraial, ſe foram acolhendo a unha de cavallo. Os noſſos chegáram ao lugar em que elles eſtavam, e achâram algumas tendas pobres, e outras couſas poucas. E porque não levavam ordem pera mais, ſe recolhêram ao exercito, ſem lhes acontecer deſaſtre algum.

CA-

## CAPITULO XV.

*De como D. Antão de Noronha foi ter a Baçorá, e entrou o rio Eufrates, e tomou huma fortaleza aos Turcos: e do ardil de que o Baxá usou pera a nossa Armada se recolher.*

DEpois da fortaleza de Catifa ser posta por terra, e arrazada, não havendo alli mais que fazer, determinou D. Antão de Noronha passar a Baçorá, como levava por regimento, pera favorecer aquelle Rey, que esperava por elle pera com os da sua liga commetter aquella fortaleza. E embarcando-se, despedio os navios de alto bordo pera Ormuz, e nelles o Guazil de Ormuz, e o de Magostão, com suas companhias, passando a gente toda a dezoito fustas. E dando á véla, foram entrando pera o fundo daquelle Estreito. E huma noite lhes deo huma tormenta, com que se apartáram nove navios, que se desapparelháram. D. Antão de Noronha com os outros nove foi seu caminho até chegar á boca do rio Eufrates, onde deixou estar esperando pelos outros navios: Dalli despedio huns Arabios da companhia do Embaixador de ElRey de Baçorá (que foram a Goa) com cartas assim pera ElRey, como pera os Senhores Gizares,

em

em que lhes dava conta de ſua chegada, e que ficava eſperando por recado ſeu pera ſaber o modo, e ordem que havia de ter no commetter aquella fortaleza.

Partidas eſtas cartas, havendo ſete dias que alli eſtava, chegáram os outros nove navios de ſua conſerva, com que entrou pelo rio Eufrates, e chegou a huma Ilha que faz logo dentro, chamada Mouzique. Aqui eſtava hum caſtello Roqueiro pequeno com alguns Turcos, que tanto que víram a noſſa Armada o deſpejáram. O Capitão mór mandou gente a terra, que entrou dentro, e o achou vaſio: aqui ficou eſperando por recado de ElRey de Baçorá, e dos Gizares. O Baxá de Baçorá, que era Alybaxá, tanto que ſoube da Armada Portugueza, entendendo que havia de ter intelligencias com os Gizares, e Arabios do certão, teve tal induſtria, que tomou todos os caminhos, por onde ſe podiam cartear, e quiz a deſaventura que houveſſe ás mãos as cartas que Dom Antão de Noronha lhes eſcrevia; e como o Mouro era ſagaz, e prudente, fez humas cartas falſas em nome do Rey de Baçorá, e dos Gizares, eſcritas pera elle meſmo baxá, em que lhe diziam:

» Que elles eram Mouros, e vaſſallos do
» Turco, e que não era razão que favore-
» ceſſem Chriſtãos contra outros de ſua ſei-

ta:

» ta; que elles queriam fazer aquelle servi-
» ço ao Turco, que era entregarem-lhe a
» Armada Portugueza toda, como já lhe ti-
» nham promettido por outras cartas, e que
» pera sinal disso lhes mandavam aquella car-
» ta, que o Capitão mór Portuguez lhe man-
» dára; que estivesse prestes, porque elles lhos
» entregariam todos nas mãos. »

Estas cartas falsas que o Baxá fez em segredo, mandou ler em público diante de muitas pessoas, em que entravam dous mancebos, hum Venezeano, e outro Neapolitano, que elle trazia cativos, e de industria lhes metteo nas mãos a carta de D. Antão de Noronha, pera que a vissem, ainda que estava em Parseo, mas assinada do seu sinal ordinario. E tomou alli logo conselho com todos sobre o modo que teria naquelle negocio. Depois disto passado, a poucos dias mandou tirar os ferros aos dous Italianos, e lhes deo azo pera que fugissem, (outros dizem que elle mesmo lhes disse, que os libertava, e que se fossem pera onde quizessem;) mas como quer que fosse, estando a Armada surta em Mouzique da outra banda, que commummente chamam de Persia, sendo na verdade de Susia, a que os Mouros chamam Susistan, (que he o mesmo, que Provincia de Susia,) ouvíram huma noite chamar da terra, que os mandas-

ſem recolher, que eram huns Chriſtãos fugidos. D. Antão de Noronha receando que aquillo foſſe algum engano, lhes mandou brádar que ſe metteſſem dentro na agua, até amanhecer, e que aſſim não ſeriam ſentidos. D. Jeronymo de Caſtello-branco, que eſtava mais perto da terra, arriando a amarra, chegou-ſe a ella, e recolheo os dous mancebos ſem D. Antão de Noronha o ſaber, e de madrugada os levou ao ſeu navio. O Capitão mór os recebeo bem, e elles lhe diſſeram » que eram Chriſtãos, e que o Baxá os » libertára, e que houveram por melhor par- » tido recolherem-ſe á ſua Armada, que irem » por terra. » O Capitão perguntando-lhes por novas de Baçorá, lhe diſſe hum delles: » Vê, Capitão, o que fazes, e quem vens ſo- » correr, porque eſtás trahido, vendido, e » enganado: porque ſaberás que os Gizares » ſe tem carteado com o Baxá pera te en- » tregarem com toda eſta Armada, porque » a carta que lhe eſcreveſtes, elles lha man- » dáram com outras de engano que tinham » uſado comtigo, e que por ſervirem o Tur- » co, elles dariam ordem pera vos tomarem » todos ás mãos. » D. Antão de Noronha ficou ſobreſaltado daquelle negocio, e houve que podia ſer, porque Mouros tudo tentariam contra Chriſtãos. E perguntando aos mancebos ſe víram elles a ſua carta, e final,

lhe

lhe differam que ſim ; e mandando chamar todos os Capitães á ſua fuſta, lhes deo conta daquelle negocio, e ſe ſe daria credito áquelles homens, ou ſe ſería aquillo invenção do Baxá pera os fazer tornar.

Eſtando debatendo todos ſobre iſto, Lourenço Vaz Pegado, que hia por ſoldado de D. Antão de Noronha, eſtava debaixo do baileo da fuſta (em que todos os do conſelho eſtavam) ouvindo o que ſe tratava, diſſe alto: » Que máo ſería moſtrar-ſe-lhes o » ſinal do Capitão mór aos Italianos, pera ver » ſe o conhecem, e ſe he ſemelhante ao da » carta que víram? » Foi iſto ouvido em ſima, onde ſe fazia o conſelho, e não ſoou mal a todos; e pera mais ſe certificarem ſe aſſináram todos aquelles Capitães em huma folha de papel, e D. Antão de Noronha antre elles; e chamados os mancebos lhes deram a folha de papel cheia de ſeus ſinaes, pera que lhes moſtraſſem o ſinal da carta que lá víram. E correndo ambos os olhos deram no de D. Antão, e diſſeram, que como aquelle era o ſinal que elles víram na carta, porque era de huma letra Latina muito boa. Com iſto ſe certificáram todos ſer verdade o que elles diziam, e que os Gizares lhes tinham armado traição, e aſſentáram que ſe recolheſſem pera Ormuz, como logo fizeram.

Chegados áquella fortaleza, mandou Dom Antão de Noronha varar os navios, e concertallos, e fez pagas aos soldados, e lhes mandou dar mezas. Pouco depois dito chegou hum mercador Mouro, que passou por Baçorá, por quem aquelle Baxá mandou dizer a D. Antão de Noronha, que lhe pezára muito de se elle recolher tão depressa, porque desejava de o ter por hospede, gabando-se ao mercador Mouro do estratagema, de que usou com os Portuguezes na invenção da carta.

## CAPITULO XVI.

*Da guerra que o Madune tornou a fazer ao Rey da Cota: e de como matáram este Rey por desastre: e da Armada que este anno de sincoenta e hum partio do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Sousa: e de como o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha partio pera Ceilão.*

ATrás no Cap. VII. do Liv. VIII. démos conta, como o Madune Rey de Ceitavaca em Ceilão, depois de se ver desbaratado por D. Jorge de Castro, se reconciliára com o irmão Rey da Cota, forçado da necessidade; mas como o odio que lhe tinha era entranhavel, dissimulou em quanto foi verão. E tanto que o inverno entrou, ajuntan-

tando ſeus exercitos, abalou contra o irmão pera o acabar de deſtruir, (por ſer tempo, em que não podia ſer ſoccorrido da India.) ElRey da Cota tanto que teve aviſo diſto, ajuntando ſuas gentes, mandou ſeu genro Tribuly Pandar, e em ſua companhia Gaſpar de Azevedo, Feitor, e Alcaide mór, com todos os Portuguezes, que ſeriam perto de cento, pera que foſſem ter o encontro ao Madune, que já lhe entrava por ſeu Reyno. O Tribuly Pandar foi buſcar o Madune, que andava fazendo grandes eſtragos, e teve com elle alguns recontros, em que lhe matou alguma gente, e o fez recolher pera a outra banda do rio de Calane, onde aſſentou ſeu exercito, ficando Tribuly Pandar com o ſeu da outra parte.

ElRey da Cota ſabendo eſtar alli o pai, ſahio de Cota, e ſe foi ao exercito pera o ver, e quiz a deſaventura que eſtando os Portuguezes em huma varanda muito grande comendo, chegaſſe a huma freſta da banda de fóra pera os ver; e eſtando nella, lhe deram huma eſpingardada pela cabeça, de que logo cahio morto, ſem ſe ſaber donde ſahira; e acudindo todos á revolta, acháram o Rey morto; e recolhendo-o o Tribuly, ſe foi com elle pera Cota. Alevantado o exercito, depois de lhe fazerem ſuas exequias, puzeram o Principe Dramabella

na cadeira Real, e o levantáram por Rey, dando-lhe os Grandes a obediencia a seu modo, sendo seu pai o primeiro, e depois o Alcaide mór, e todos os Grandes do Reyno, o que se fez no mesmo dia sem festas, nem apparato.

O Madune tanto que soube da morte do irmão, se foi com seu exercito ao lugar de Balegale, huma legua da Cidade da Cota, e dalli mandou requerer aos Grandes da Cota, que lhe fossem dar a obediencia, como a seu Rey, porque pertencia a elle aquelle Reyno por direito. Os Grandes lhe mandáram dizer, » que elles tinham Rey, e Prin» cipe herdeiro de direito, a quem já tinham » dado obediencia; e que em seu serviço, e » em defensão de seu Reyno haviam todos » de morrer. » Com esta resposta se foi o Madune chegando mais á Cidade, e assentou seu exercito á vista della, ficando-lhe no meio huma alagôa. Vendo o Tribuly Pandar aquelle atrevimento, ajuntou a gente que pode, e com elle os Portuguezes, e sahio a Madune, e travou com elle huma aspera batalha, em que os nossos leváram a dianteira, e fizeram taes cousas, que arrancáram do campo os inimigos com perda de muita gente, e o Madune se foi pera hum lugar chamado Canabol, ficando o Tribuly correndo com a guerra, e com o governo, por ser

ſer o Rey ſeu neto muito moço. ElRey ficou na Cota fazendo as exequias a ſeu avô, cuja morte muitos annos ſe ſuſpeitou vir-lhe dos Portuguezes peitados do Madune, até que falecendo hum Antonio de Barcellos, dalli a bem de annos, diſſe á hora de ſua morte » que por aquelle eſtado em que eſ» tava, que elle fora o que matára a ElRey » da Cota por puro deſaſtre, atirando a hu» ma pomba, e que ſe não ſuſpeitaſſe outra » couſa, porque aquella era a verdade. » Ao tempo do falecimento deſte homem ſe achou preſente hum Chingalá, Chriſtão, e muito antigo, de que nós ſoubemos iſto, e elle o diſſe ao Rey ſeu neto. Folgamos de averiguar eſta verdade por homem natural daquella Ilha, pela ruim opinião que ſe tinha dos Portuguezes neſta materia.

Eſtas novas ſe mandáram logo em Agoſto ao Viſo-Rey, que vendo quão neceſſario era acudir áquellas couſas, mandou negociar a Armada com muita preſſa, porque lhe era forçado partir em Setembro, e poz logo toda a Armada no mar, e começou a pagar á gente.

Sendo dez deſte mez, ſurgíram na barra de Goa ſinco náos, de oito que tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Diogo Lopes de Souſa. Os mais Capitães eram Franciſco Lopes de Souſa, que trazia

a

a Capitanía de Maluco, Jacome de Mello, Lopo de Sousa, e Micer Bernardo. Das outras tres náos que faltavam, eram Capitães D. Jorge de Menezes Baroche, que ficou invernando em Moçambique, Ayres Moniz Barreto, que foi tomar Ormuz, e D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, que foi tomar Cochim, como adiante diremos.

Este Fidalgo andando em requerimento foi despachado com tres annos da Capitanía de Dio, de que se elle aggravou; e querendo-o ElRey satisfazer a requerimento de huma sua irmã, Dama da Rainha D. Catharina, lhe deo mais outros tres annos, com que estava despachado Francisco de Sousa Tavares após elle, que os largou a ElRey, e os traspassou em D. Diogo de Almeida, pela Capitanía mór das náos do Reyno, que lhe ElRey deo; e quando lhe passou disto portaria, já D. Diogo de Almeida estava embarcado. E dizem, que quando ElRey deo o despacho a sua irmã, dissera: Não cuidei que vosso irmão era tão cubiçoso, já estará satisfeito. E mandando ella a seu irmão á náo a portaria, e escrevendo-lhe o que passára com ElRey, tomado elle do que ElRey dissera, (porque havia que por si merecia muito mais,) tornou a mandar a portaria a ElRey, e escreveo-lhe huma carta, em que lhe dizia: » Que nunca no seu serviço
» vi-

» viço lhe entrára respeito algum, nem cu» biça, que sem aquella mercê elle o iria » servir á India. » ElRey se houve por deservido de D. Diogo lhe enjeitar suas mercês; e porque as náos hiam já á véla, deixou de o mandar desembarcar; mas mandou-o riscar de seus livros, e o anno seguinte escreveo ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que se não servisse delle em cousa alguma, como adiante diremos.

Com a chegada das náos deo o Viso-Rey pressa á sua embarcação; e entregando a India ao Capitão da Cidade, e com elle por Deputados o Ouvidor Geral, Veador da Fazenda, e outros, (porque o Bispo hia em sua companhia a visitar,) se embarcou, e deo á véla em fim de Setembro. Levava o Viso-Rey dez galeões, oito caravelas, e galés, e perto de sincoenta navios de remo, antre galeotas, fustas, e catures. Os Capitães que nesta Armada o acompanháram, são os seguintes.

D. Fernando de Menezes seu filho, Dom Antonio de Noronha filho do Viso-Rey Dom Garcia de Noronha, Eytor de Mello, Diogo Alvarez Telles, Bastião de Sá, Francisco de Mello Pereira, D. João Henriques, Martim Affonso de Miranda, Pero Barreto, Vasco da Cunha, Gonçalo Pereira Marramaque, Affonso Pereira de Lacerda, Dio-

go

go de Souſa, Diogo de Miranda Henriques, Diogo de Mello Coutinho, Antonio de Noronha, Jorge Pereira Coutinho, Fernão de Caſtanhoſo, Nicoláo de Souſa, Alvaro de Lemos, Manoel do Canto, Pero Vaz de Matos, João da Rocha, Mathias de Trinchel, Luiz Mergulhão, Pero Salgado Alferes do Viſo-Rey, e ſeu Veador, Simão Botelho Veador da Fazenda, André de Mendanha Ouvidor Geral, Manoel da Cunha, e outros Fidalgos, e Cavalleiros. Neſta Armada foram tres mil homens, gente mui luſtroſa. O Viſo-Rey deixou dado ordem ás náos que haviam de partir pera o Reyno; e do galeão S. João, que ſe eſtava concertando em Goa, que ficou do anno paſſado, deo a Capitanía a Manoel de Souſa de Sepulveda, pera ſe ir nelle com ſua mulher, e caſa pera o Reyno. E como foi tempo, partíram as náos pera Cochim tomar a carga. O Viſo-Rey foi ſeguindo ſua derrota até Cochim, onde de paſſagem deo deſpacho a algumas couſas; e partindo dalli, dobrou o cabo do Çamorim, e atraveſſou a Ceilão, aonde chegou em breves dias.

## CAPITULO XVII.

*De como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha desembarcou em Columbo, e se vio com o Rey da Cota: e do concerto que ambos fizeram contra o Madune: e de como o desbaratáram, e tomáram a Cidade de Ceitavaca.*

SUrto o Viso-Rey com toda sua Armada no porto de Columbo, ao outro dia desembarcou, e ElRey, e Gaspar de Azevedo Alcaide mór lhe fizeram hum muito grande recebimento; porque por alguns navios de remo que foram diante, tiveram aviso de sua vinda, e logo o foram esperar a Columbo, levando ElRey comsigo seu pai, e os principaes de sua Corte. O Viso-Rey se aposentou na feitoria, e logo despedio seu filho D. Fernando de Menezes com quinhentos homens pera se ir metter na Cidade da Cota, pera que tomasse os passos della, porque ninguem sahisse pera fóra; o que D. Fernando fez, pondo hum Capitão com cem homens em guarda das casas de ElRey, pera que se não bulisse em cousa alguma, fazendo-se estas prevenções, que escandalizáram a muitos; porque parecia que hiam mais a conquistar Rey amigo, que a inimigo. O Viso-Rey depois que em Columbo deo

deo ordem a algumas coufas, fe partio pera a Cota com todo o poder, e depois de fe apofentar, lançou mão dos Modeliares principaes, e dos criados, e mais antigos da cafa de ElRey, fem elle lhe poder ir á mão, e começou a inquirir dos thefouros dos antigos Reys, porque fe prefumia que eram muito grandes; e porque não pode tirar coufa alguma delles, mandou metter alguns Modeliares a tormento, e não fabemos com que direito, e juftiça; e foi nifto tão demafiado, e levou ifto por tão ruins termos, que efcandalizados todos dos tormentos que víram dar a alguns, começáram-fe a defpejar poucos, e poucos, e naquelles dias fe paffáram ao Madune mais de feiscentos dos principaes. Vendo o Vifo-Rey que lhe não defcubriam coufa alguma, mandou bufcar as cafas de ElRey, devaçando-lhe feu recolhimento, e lhe tomou todo o dinheiro de ouro, em que entravam quinhentos e feffenta Portuguezes de ouro velho, prata, joias, pedraria, e fó o dinheiro montava mais de cem mil pardáos; o que tudo fe carregou fobre Simão Botelho, Veador da Fazenda, em hum livro feparado, que anda nos Contos da Fazenda de Goa, onde vimos eftas coufas. Depois de tomarem a efte pobre Rey tudo o que lhe acháram, tratou o Vifo-Rey com elle, e com feu Pay Tribuly Pandar fo-

ſobre os negocios do Madune, e ſe concertáram deſta maneira.

» Que o Viſo-Rey, e elles ambos iriam » contra o Madune, e que ſe não alevanta- » riam de ſobre elle até o haver ás mãos, e » o deſtruirem de todo, porque mais lhe não » pudeſſe dar trabalho, e que lhe dariam du- » zentos mil pardáos pera as deſpezas da- » quella jornada, cento logo, e outros cen- » to depois, » de que ſe paſſou hum Conhecimento, que ſe encarregou ſobre o Feitor da Armada Manoel Colaço, e depois ſobre o Feitor de Cochim, e delle por entrega ao Recebor dos reſtes, onde o nós fomos ver, e não declara a divida de que he, e não dizer ſómente devellos, ſem declarar o tempo em que era obrigado aos pagar, o que devia de eſtar no proprio que não achamos. Aſſim mais ſe concertou o Viſo-Rey com o Rey da Cota, que todas as prezas que ſe tomaſſem em Ceitavaca ſe partiriam pelo meio, ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o da Cota.

Feitos, e aſſinados eſtes concertos, ſe começáram a preparar pera a jornada contra o Madune, dando ElRey da Cota logo ao Viſo-Rey oitenta mil pardáos á conta dos cem mil que era obrigado a lhe dar logo; que ainda pera lhe dar eſtes, vendeo joias, e outras couſas do ſerviço de ſua peſſoa, e

ca-

casa, que comsigo trazia, e por isso os salvou. E logo se puzeram em campo ElRey, e seu pai com quatro mil homens, e o Viso-Rey com perto de tres mil Portuguezes. Antes que partisse chegou D. Diogo de Almeida, filho do Contador mór, com sincoenta soldados, que o Viso-Rey recebeo muito bem.

Este Fidalgo, como dissemos no Capitulo passado, partio aquelle anno do Reyno por Capitão da náo Espadarte, da companhia de Diogo Lopes de Sousa; e tendo ruim tempo, passou por fóra da Ilha de São Lourenço, e com muitos trabalhos, e riscos foi tomar Cochim, de quinze de Outubro por diante; e sabendo ser o Viso-Rey em Ceilão, fretou logo huma fusta, e ajuntou sincoenta soldados da sua náo, e se partio em sua busca, e achou-o na Cota já no campo.

Prestes todas as cousas pera a jornada, o Viso-Rey começou a marchar em muita boa ordem, levando a dianteira D. Fernando de Menezes seu filho, com todos os Fidalgos mancebos, que logo se passáram pera elle. O Madune tanto que teve aviso da chegada do Viso-Rey, fortificou suas tranqueiras, e guarneceo-as de muita gente, e munições, e elle ficou de fóra com tres mil homens escolhidos pera acudir onde fosse necessario.

Os

Os nossos chegáram á primeira tranqueira, commettendo-a por todas as partes; e posto que acháram muito grande resistencia, foi entrada com mortes de muitos dos inimigos; e passando adiante, tomáram as outras duas tranqueiras, que foram defendidas muito bem, mas entradas dos nossos com muito grande valor. E passando pera a Cidade de Ceitavaca, foram os da dianteira tendo alguns recontros com o Madune, em que o desbaratáram de todo, e elle com cem homens foi fugindo pera humas serras muito fortes, chamadas Darnagale. O Viso-Rey entrou na Cidade de Ceitavaca sem resistencia, e se aposentou nos Paços do Madune, e ElRey da Cota junto ao Pagode, e mandou logo pôr guardas nas entradas da Cidade, que foi logo saqueada, assim dos nossos, como dos de ElRey da Cota, e se acháram nella muitas prezas. O Viso-Rey mandou cavar os Paços de ElRey todos, pera ver se achava os thesouros, que não achou, e o mesmo fez ao Pagode grande que alli estava, em que se acháram muitos idolos de ouro, e prata, grandes, e pequenos, candieiros, bategas, campainhas, e outras cousas, todas de ouro do serviço do Pagode, e algumas peças de pedraria, que tudo se carregou sobre o Veador da Fazenda Simão Botelho, e todas estas peças vam por addições

sem

ſem avaliações, e por iſto não eſtimamos o que valeriam. Tudo iſto o Viſo-Rey recolheo, ſem dar ametade ao Rey da Cota, como eſtava contratado, a fóra o que ſe ſonegou, e eſcondeo, que ſó Deos ſabe o que ſería.

ElRey da Cota mandou lançar eſpias ao Madune; e ſabendo que ſe recolhêra ás ſerras de Darnagale com poucos, pedio ao Viſo-Rey quinhentos homens pera irem com Tribuly Pandar ſeu pai dar nelle, e havello ás máos; porque ſe diſſimulaſſe com aquelle, em virando as coſtas logo ſe havia de tornar a refazer, e dar novos trabalhos áquella Ilha, e ao Eſtado da India. O Viſo-Rey lhe diſſe que lhe parecia bem, e com iſſo lhe pedio os vinte mil pardáos, que lhe ficára devendo do reſto dos cem mil. E como ElRey eſtava pobre, e pera os oitenta mil que deo, vendeo ainda couſas do ſerviço de ſua peſſoa, como atrás diſſemos, não pode ajuntar o dinheiro, nem teve donde, e diſſimulando o Viſo-Rey com aquelle negocio, diſſe: Que era já tarde, e que » lhe era neceſſario ir deſpachar as náos que » haviam de ir pera o Reyno; » e deixando Ceitavaca, ſe foi pera Columbo, pera dar ordem a algumas couſas daquella Ilha primeiro que ſe partiſſe.

## CAPITULO XVIII.

*De como D. Antão de Noronha veio de Ormuz, e foi por Capitão mór ao Malavar, e do que lhe aconteceo: e das cousas em que o Viso-Rey proveo em Ceilão: e de como foi a Cochim, e deo no Chembe: e do que alli lhe succedeo.*

NO Cap. XV. do IX. Livro deixámos D. Antão de Noronha invernando em Ormuz, depois daquelle successo de Catifa, e Barém. E porque levava por regimento, que se fosse logo pera Goa tanto que entrasse o verão, o fez assim, e em Setembro se embarcou, e foi tomar Mascate, onde se deteve alguns dias. Fazendo-se dalli á véla, não achando contrastes no caminho, foi tomar Goa quasi no fim de Outubro. Surgindo na barra, foi o Veador da Fazenda ter com elle, e lhe deo hum regimento, que alli deixou o Viso-Rey, em que lhe mandava, que tanto que chegasse de Ormuz, se partisse logo com a mesma Armada pera o Malavar, por não ficar aquella costa desamparada, em quanto elle estivesse em Ceilão.

Com este regimento se fez D. Antão de Noronha prestes, e provendo-lhe o Veador da Fazenda a Armada, deixando os galeões, se passou a huma galé, e com todas as cara-

ra-

ravelas de sua companhia, que eram ou quatro, e os navios de remo, se go á véla pera o Malavar, e foi surgir com toda a Armada na barra de Calecut pera defender a navegação aos Mouros. Dalli fez toda a guerra que pode ao Çamorim, mandando-lhe dar em muitas povoações que lhe os nossos abrazáram, e queimáram. E deixallo-hemos assim agora por tornarmos a continuar com o Viso-Rey, que já deixámos em Columbo.

Alli deo ordem ás cousas daquella Ilha, assentando deixar quatrocentos homens de guarnição na Cidade da Cota pera segurança della, e nomeou por Capitão mór daquella Ilha, e da Armada que alli deixava, a D. João Henriques, e lhe ordenou dez navios de remo, de que eram Capitães Dom Duarte Deça, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Miranda Henriques, Fernão de Castanhoso, Antonio de Noronha, Ruy de B to, Nicoláo de Sousa, João Coelho de gueiró, e Manoel Colaço por Feitor da mada. Deixou por regimento a D. João H riques, que residisse na Cidade da Cota, n meando-lhe por Ouvidor pera correr com justiça a Rafael Corvinel, e o cargo de Alcaide mór da Ilha proveo em Fernão de Carvalho, que havia de residir na Cidade de Columbo, assentado por conselho de todos

pitães, que ſe cercaſſe toda á roda o
depreſſa que pudeſſe ſer, deixando lo-
go pera iſſo officiaes. E aſſim tanto que o
Viſo-Rey ſe embarcou, ſe puzeram logo as
mãos á obra, e ſe começou a cercar de tai-
pas, de que ainda hoje a mór parte eſtá em
pé. O Viſo-Rey foi dando preſſa a eſtas cou-
ſas pera ſe embarcar, e parece que deter-
minava de levar comſigo Tribuly Pandar pai
de ElRey, do que elle foi aviſado; e fur-
tando-lhe logo o corpo, ſe recolheo pera
huns matos, que eſtam huma legua da Co-
ta, de que o Viſo-Rey ficou muito enfada-
do, mas diſſimulou, e apertou com ElRey
que ſe fizeſſe Chriſtão por algumas vezes,
de que ſe elle eſcuſou com lhe dizer » que
» por então lhe não convinha mudar lei, por-
» que como havia pouco que reinava, e ſeu
» tio o Madune trazia o penſamento occu-
» pado em lhe tomar o Reyno, ſer-lhe-hia
m mui grande alvitre, pera induzir a
us vaſſallos, que ſe foſſem pera elle, o
e ſería cauſa de ſe perder aquelle Rey-
; mas que lhe daria hum Principe ſeu
rimo com irmão pera o levar pera Goa,
e que lá o fizeſſe Chriſtão, » e logo lho en-
tregou, que o Viſo-Rey mandou agazalhar
no ſeu galeão, e em Goa o fez Chriſtão
com grande ſolemnidade; e quando ſe foi
pera o Reyno, o levou comſigo, e ElRey o

mandou entregar aos Padres da Com pera o doutrinarem, dando-lhe seis mil reis pera despeza de sua casa.

Andou este Principe (que se chamava Dom João) na Corte muitos annos, e ElRey lhe fazia honras, e lhe dava cadeira como aos Condes, quando com elle fallava. Depois o mandou pera a India com os mesmos seiscentos mil reis de tença, e na Cidade de Goa casou com huma mulher Portugueza, filha de hum Cavalleiro honrado, que ainda vive, e o Principe de Ceilão (que assim se intitulou sempre) falecco, e jaz enterrado em S. Francisco de Goa. Démos conta brevemente deste Principe, pelo não fazermos depois por pedaços.

E tornando a nosso fio: o Viso-Rey não se queria ir dalli sem lhe darem os vinte mil pardáos que lhe ficáram devendo, com reclamar o Tribuly Pandar, que nada lhe devia, porque lhe não cumprio os contratos com elle fizera, de perseguir o Madune o matarem, ou haverem ás mãos. E v o Tribuly fugido, prendeo o Camareiro de ElRey, que era todo o seu governo o mandou pera hum galeão da Armada, d zendo-lhe, » que o não havia de soltar at » lhe pagar os vinte mil pardáos. » Vendo-se o Camareiro mór tão apertado, mandou pedir dinheiro a amigos, e parentes; mas

não

hou quem lho empreſtaſſe, e mandou …er hum cinto de ouro que trazia, e algumas peças ſuas, que montáram ſinco mil pardáos, que mandou ao Viſo-Rey com hum Conhecimento, em que ſe obrigava a pagar os quinze mil por todo aquelle anno. Com iſto o mandou ſoltar o Viſo-Rey, e ſe embarcou, deixando o Conhecimento do Camareiro mór a D. João Henriques pera arrecadar delle aquelles quinze mil pardáos. E aſſim antre algumas couſas que lhe deixou por regimento, a que mais lhe encareceo foi, lhe prendeſſe o Tribuly Pandar, e lho mandaſſe pera Goa.

Deſpedido de todos deo á véla pera Cochim, adiantando-ſe ſeu filho D. Fernando de Menezes em navios ligeiros, porque hia mal diſpoſto, porque em poucos dias chegou a Cochim. Eſtas novas chegáram logo a D. Antão de Noronha, que eſtava ſobre …cut; e ainda lhe affirmáram que hia ag…ado do pai, com tenção de ſe embar… pera o Reyno. Iſto ſentio D. Antão de …onha tanto, que logo ſe embarcou em …n Catur muito ligeiro, pera ir remediar aquellas couſas, deixando a Armada toda entregue a Manoel de Vaſconcellos, e no navio levou comſigo Chriſtovão de Miranda, irmão de Martim Affonſo de Miranda, e Pedro Alvares de Nobrega, por eſtarem

muito doentes, pera se curarem em C
Chegou D. Antão de Noronha a C
aquelle dia, e achou a D. Fernando de M
nezes doente de camaras, e esteve com elle
aquella noite toda; o que passáram antre ambos não se soube, e logo pela manhã se despedio delle pera se tornar. Sahindo pela barra fóra, houve vista da Armada do Viso-Rey, que vinha demandando a barra, e foi-o demandar, e com elle tornou pera Cochim. O Visó-Rey o deteve, porque tinha necessidade de seu conselho pera certas cousas.

Desembarcado o Viso-Rey, achou as náos do Reyno tomando a carga muito devagar, sendo já perto do Natal, porque não corria pimenta, que o Principe do Chembe, que logo se tornou a alevantar com o soccorro do Çamorim, lha impedia, e trazia por aquelles rios muitas manchuas, que faziam grandes damnos, e guerras nas terras de ElRey de Cochim, e defendiam a n
gação aos mercadores, que traziam pi
ta pera o pezo. E tomando parecer so
que faria, se assentou que era necessario
rem hum grande castigo áquelle Principe
destruillo de todo, porque de outra man
ra ficaria tão soberbo, que não poderia
Estado com elle. Com esta determinação se embarcou o Viso-Rey, levando comsigo o Capitão de Cochim com todos os casados,

e

a mais gente que eſtava pera ſe ir pe-
Reyno, (que era muita,) e foram em
ua companhia, além dos Fidalgos, e Ca-
pitães que nomeámos de ſua Armada, Diogo
Lopes de Souſa, Capitão mór das náos do
Reyno; D. Antão de Noronha; Manoel de
Souſa de Sepulveda; D. Diogo de Almeida,
filho do Contador mór; Francisco Lopes de
Souſa; e Lopo de Souſa. Embarcou-ſe o Vi-
ſo-Rey em todos os navios de remo, e a
gente que não coube nelles, foram em tones,
e em outras embarcações pequenas. Hiam
neſta jornada perto de quatro mil homens
Portuguezes, a fóra os Chriſtãos de Cochim.

Chegado o Viſo-Rey a Chembe, orde-
nou a ſua gente, e repartio-a por bandeiras,
e huma madrugada deſembarcou em terra
com todo o poder. Os Principes Malavares
da conjuração eſtavam com mais de trinta
mil homens em campo, e deitáram alguns
itães pera defenderem a deſembarcação
noſſos, que logo foram desbaratados da
teira. Poſtos os noſſos em terra, foram
chando pera a Cidade; e ſahindo-lhes os
ncipes, traváram com os noſſos huma
uito arriſcada, e muito cruel batalha. E
porque as particularidades, que os Portugue-
zes fizeram nella foram muitas, não he poſ-
ſivel poder contar o que cada hum fez em
particular, o deixaremos; ſómente em ſom-
ma

ma diremos, que foi esta batalha mu gosa, em que os nossos Portuguezes tráram bem seu valor, e esforço; porqu com os grandes estragos que fizeram nos ini migos, os desbaratáram de feição, que os fizeram voltar, mas não sem grande custo dos nossos; porque na força da briga deram huma espingardada a D. Antão de Noronha em huma perna por sima do artelho, que lha quebrou toda, de que cahio logo no chão; mas foi levantado, e recolhido por homens de sua obrigação, que o assentáram sobre huma rodela, e aos hombros o tiráram da batalha. Matáram dos primeiros Dom Antonio Pereira, irmão de D. Martinho Pereira, (que sendo Veador da Fazenda, governou Portugal em tempo de ElRey Dom Sebastião,) Manoel da Cunha, irmão de Tristão da Cunha o segundo, João da Silva de Menezes, filho de Pero da Silva de Evora, e hum filho de Manoel Mergulhão, m cebo bom cavalleiro, a fóra perto de t ta sem nome.

Desbaratados os inimigos, foram os n sos seguindo-os, assolando, e destruindo-l todas as povoações, e Pagodes, e cortan do-lhes todos os palmares, e fazendas, não deixando cousa em pé: foi tal o castigo, que se houve o Viso-Rey por satisfeito. E deixando nos rios alguns navios pera guar-

da

lles, e pera fazerem correr a pimen- e recolheo a Cochim, e começou a eſ- rever pera o Reyno, e dar muita preſſa ás náos da carreira, que pela pouca pimenta que houve, não pudéram levar mais que ametade da carga ordinaria; mas de todas as mais fazendas muita quantidade.

O Viſo-Rey mandou D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rey D. Garcia de Noronha, que foſſe tomar poſſe da Armada de D. Antão de Noronha, por elle ficar muito mal da ſua perna, de que ficou aleijado. Depois de eſcrever pera o Reyno, e dar deſpacho a todas as náos, (tirando o galeão S. João, em que Manoel de Souſa de Sepulveda hia por Capitão, por eſtar carregando em Coulão,) as fez á véla por todo Janeiro deſte anno de 1552 em que entramos, e elle ſe embarcou, e ſe foi pera Goa. O Galeão S. João chegou de Coulão m quatro mil quintaes de pimenta, e no rto de Cochim tomou mais tres mil, por o haver mais, carregando doze mil; mas vou tantas fazendas outras, que ſe affirma, que depois que a India ſe deſcubrio até então, não partio náo tão rica; e ſe fez á véla a tres de Fevereiro, levando perto de duzentos Portuguezes, e mais de trezentos eſcravos. Hiam embarcados neſte galeão muitos Fidalgos, e Cavalleiros, de que adiante

te diremos os nomes, quando contar desastrada perdição, e desaventura desta nada.

## CAPITULO XIX.

*De como D. Fernando de Menezes filho do Viso-Rey foi invernar a Cochim: e de como Francisco Lopes de Sousa foi entrar na Capitanía de Maluco: e das cousas que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha ordenou ácerca do cravo: e do que succedeo em Ceilão.*

CHegado o Viso-Rey a Goa, começou logo a entender em muitas cousas, e mui necessarias, principalmente sobre as da guerra do Rei da Pimenta, que ficava em aberto, a que lhe era necessario acudir, porque pera o anno seguinte não faltasse pimenta pera a carga das náos. E assentou-se em conselho, que mandasse invernar a Cochim seu filho D. Fernando de Menezes com q nhentos homens, e vinte navios pera an rem por aquelles rios. A isto começou o sо-Rey a pôr as mãos, mandando nego os navios, e pagar a gente, e no fim Março despedio seu filho D. Fernando de Menezes, a quem deo os seus poderes, e largo regimento do que havia de fazer. E mandou a D. Antonio de Noronha, que estava por Capitão mór do Malavar, que se re-

recolheſſe a invernar a Goa, como fez. Dom Fernando de Menezes chegou a Cochim, e ſe paſſou logo aos rios da pimenta, por onde andou todo o inverno, fazendo guerra aos Reys da liga, e favorecendo aos mercadores que traziam a pimenta a Cochim.

E porque eſta jornada toda foi de aſſaltos mui amiudados, e de pouca ſubſtancia, paſſaremos por elles, porque temos outras muitas couſas mais importantes de que dar razão. O Viſo-Rey depois de deſpedir ſeu filho, deſpachou Franciſco Lopes de Souſa pera ir entrar na fortaleza de Maluco, e a Diogo de Souſa, que era provído daquella viagem, a quem deo hum galeão muito formoſo, aonde tambem ſe havia de embarcar Franciſco Lopes de Souſa. E porque tinha por regimento de ElRey, que removeſſe os contratos que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha tinha feitos ſobre o cravo, fez com Diogo de Souſa outros de novo. E porque não démos em outra parte razão deſtes contratos em que fallamos, o faremos aqui.

Depois que Antonio de Brito deſcubrio as Ilhas de Maluco, (como nas Decadas de João de Barros ſe diz, e nós o tornámos a referir,) mandou ElRey D. Manoel, e ſeu filho D. João depois, que nenhuma peſſoa pudeſſe comprar cravo em todas aquellas Ilhas, ſenão ſeus Feitores; reſervando, co-

mo

mo minas, pera ſi aquelle contrato, e commercio. E porque a Ilha de Ternate, onde eſtava a noſſa fortaleza, era já povoada de Portuguezes caſados, que ſenão tiveſſem algum quinhão no commercio do cravo, não tinham pera que viver naquellas Ilhas, eſcrevêram ſempre aos Governadores paſſados, que uſaſſem com elles de alguma equidade, ſenão que ſe iriam viver onde tiveſſem mais remedio. Tanto puxáram por iſto, até que o Viſo-Rey D. Garcia de Noronha fez com elles o contrato ſeguinte.

» Que toda a peſſoa pudeſſe comprar, e
» tratar livremente naquellas Ilhas de Malu-
» co todo o cravo que quizeſſe, e que o pu-
» deſſe embarcar pera a India nos galeões da
» carreira; com condição, que de todo o
» que embarcaſſem, dariam a ElRey a ter-
» ça parte, poſto debaixo da verga ſem que-
» bras; e que por cada bar lhe pagaria El-
» Rey tres pardáos, que era o preço
» que o elle coſtumava a comprar; e
» de frete (a que chamam Choques) pagar
» de dez bares, tres,» como mais decl
damente nas outras Decadas temos dito.

Eſte contrato aſſim pera ElRey, com pera os homens era então bom; mas como a cubiça nunca ſe farta, vindo a goſtar todos do proveito que do cravo tinham, não ſe contentando com o que direitamente lhe

vi-

vinha, inventou a malicia humana hum ardil, pera elles ficarem com tudo, e ElRey com nada, fazendo muitas despezas com aquella fortaleza, e com os galeões, que todos os annos mandava a ella com provimentos; e foi este.

Que o cravo que os Capitães, e Officiaes, e mais pessoas embarcavam em seus gazalhados, sem ser carregado no livro da náo, por ser forro (pelas liberdades, e licenças) este era todo limpo, e de cabeça muito escolhido antre todo; e o outro que se mettia debaixo das cubertas, carregado no livro da náo, de que ElRey havia a terça parte, era o çujo, todo madre, e bastão, que valia as tres partes menos. No que ElRey começou a sentir tamanho engano, e tantas perdas, que deo por regimento ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha, que nenhuma pessoa embarcasse, nem comprasse Maluco cravo algum, senão limpo, e cabeça; e que se désse aos mercadores is a sinco pardáos por bar, além do que a elle vinha de seus terços, pela quea que em o alimpar tinham. Sobre o que o Viso-Rey passou hum Alvará pera se pregoar em Maluco, que mandou por D. Garcia de Menezes, (que o anno atrás passado despachou com a Capitanía daquella fortaleza, e por morrer na guerra de Malaca, ficou

cou a Gemez Barreto, Capitão da sua caravela.) E porque ainda com tudo isto não faltavam modos de furtarem a ElRey, (a quem nunca luzia aquelle commercio, e por antre as mãos se lhe sumia quasi tudo,) querendo o Viso-Rey que todavia houvesse ElRey os proveitos daquellas Ilhas, pois as despezas eram todas suas, contratou-se com Diogo de Sousa por esta maneira: » Que pe» los terços, e choques que pertenciam a » ElRey de todo o cravo que trouxesse no » seu galeão, désse quatrocentos e sincoenta » bares, s. duzentos e sincoenta bares liqui» dos pera ElRey, e os duzentos pera as » pessoas que tivessem liberdades por Provi» sões do Viso-Rey; e que na dita conta não » entrariam os bares que viessem nos gaza» lhados delle Capitão, e dos Officiaes do » galeão, nem do Patrão mór, e outros que » elles tirariam forros.» Nesta companhia despachou o Viso-Rey a D. Alvaro de Ta[íde] da Gama, filho do Conde Almirante, [que] descubrio a India, por Capitão mór do m[ar] de Malaca, e de todas aquellas partes c[om] grandes poderes; porque como elle entra[va] na Capitanía de Malaca após D. Pedro d[a] Silva da Gama seu irmão, que lá estava, quiz ir diante hum anno que ainda lhe faltava, por se tirar de gastos, e despezas. Despachados estes Capitães, deram á véla em

Abril,

Abril, e foram ſeguindo ſeu caminho, em que os deixaremos até ſeu tempo, por contarmos o que neſte ſuccedeo em Ceilão, por não fazermos Capitulo per ſi.

Partido o Viſo-Rey de Ceilão, tratou D. João Henriques de prender Tribuly Pandar, pai de ElRey, como lhe deixou por regimento o Viſo-Rey; o que ſabido por ElRey, metteo a mão niſſo, e pedio-lhe, » que não buliſſe com ſeu pai, que diſſimu- » laſſe com elle por então, porque era ne- » ceſſario tornarem-ſe a ajuntar pera contra » o Madune, que eſtava já em Ceitavaca re- » formado, e com grande poder. » Pareceo-lhe a D. João bem o que lhe ElRey pedia, e lhe deo ſeguro pera o pai ſe vir pera a Cota, pera ſe concertarem ſobre a guerra, que ſe havia de fazer ao Madune. ElRey o eſcreveo ao pai, e o mandou chamar. Eſteve o Tribuly nas ſete Corlas, onde reina- hum ſeu primo com irmão, com que ti- a concertado caſar ElRey ſeu filho com ma irmã do primo, pera aſſim ficarem to- s liados contra o Madune. Sabendo iſto Capitão D. João Henriques, eſtimou-o muito, e concertou-ſe com o Tribuly Pandar, que partiſſe elle com o Principe das Corlas, com todo o poder contra o Madune, e que elle com ElRey ſeu filho, e o ſeu Camareiro mór iriam pela via de Calane, e que aſ-

assim lhes não poderia escapar. Feitos estes concertos, começando-se a preparar pera a jornada huns, e outros, adoeceo D. João Henriques de huma enfermidade grave de que faleceo ao primeiro de Maio. Succedeo-lhe Diogo de Mello Coutinho, ou por regimento que se achou, ou por eleição, que isto não pudemos averiguar bem, que ficou continuando com suas obrigações, fazendo ao Madune toda a guerra que pode, não tratando da liga que estava feita contra elle com o Tribuly Pandar, e o Principe das Corlas; antes determinou de prender Tribuly Pandar, como o Viso-Rey tinha deixado por regimento, e assim o prendeo como adiante se verá.

## CAPITULO XX.

*De como Bernaldim de Sousa foi contra El-Rey de Tidore, e lhe fez derribar a fortaleza: e das desavenças que teve com D. Rodrigo de Menezes: e das cousas que mais succedêram até se embarcar pera a India.*

DEpois de Bernaldim de Sousa dar fim ás cousas de Geilolo, como temos dito no Cap. XIII. do IX. Liv. quiz tambem fazello ás de Tidore, porque estava muito pejado com a fortaleza que aquelle Rey tinha

nha feito, pelo que determinou de lha ir derribar, tanto que convalecesse, e o tempo lhe offerecesse alguma boa occasião pera isso, que lhe não tardou muito, que foi partir-se aquelle Rey com a sua Armada pera as Ilhas dos Cellebes ás prezas, deixando a sua Ilha encommendada a ElRey de Ternate seu genro, e cunhado. Tanto que o Capitão foi avisado de sua ida, mandou chamar ElRey, tendo comsigo todos os Capitães, e Cavalleiros principaes que havia naquella Ilha, e lhe disse: » Que pera El-
» Rey de Portugal ser de todo servido era
» muito necessario desmanchar-se a fortaleza
» de Tidore, porque se ficava em pé, indo-
» se elle daquella terra, ficava a vitoria que
» tinham havido de Geilolo imperfeita; por-
» que estava muito entendido, que aquelle
» Rey tratava com aquella fortaleza alguma
» novidade; porque se elle era amigo do Es-
» tado, e do serviço de ElRey de Portugal,
» não tinha de que se recear, nem pera que
» se *fortificar*; e se *pelo contrario*, não era
» razão que se lhe dissimulasse com aquelle
» negocio, porque depois quando se lhe qui-
» zesse acudir, poderia ser que não pudes-
» se. E que agora que aquelle Rey era fóra
» se poderia aquillo fazer muito bem; que
» lhe pedia lhe déssem nisto seus pareceres. »
A isto tomou a mão ElRey, e lhe disse,

» que

» que não parecia couſa licita entrar nin-
» guem na caſa alheia, em quanto o dono
» da pouſada não eſtava nella, irem-lha de-
» vaſſar, que aquelle Rey era ſervidor de
» ElRey de Portugal, e que faria o que
» cumpriſſe a ſeu ſerviço; que o deixaſſem
» tornar, que elle lhe faria derribar a for-
» taleza, ſem ſe metter outro cabedal.» Vendo o Capitão ElRey tão arrezoado, penhorou-o pela palavra, dando-lhe a entender, que pelo ſervir eſperava até elle vir.

Vindo dahi a alguns dias o Rey de Tidore da ſua jornada, ſe embarcou logo Bernaldim de Souſa em corocoras, e levou comſigo ElRey, e D. Rodrigo de Menezes, e D. João Coutinho, e outros Capitães em corocoras, e nos batéis dos galeões, e foi ſurgir ſobre o porto de Tidore. Vendo ElRey aquella Armada, e ſabendo eſtar alli o Capitão, o mandou logo viſitar por dous irmãos ſeus bem acompanhados, e a dar-lhe os parabens de ſua vinda, e que ſe mandaſſe delle alguma couſa, que eſtava preſtes para fazer tudo, como ſervidor que era de ElRey de Portugal. Bernaldim de Souſa lhe mandou dizer » que não vinha a mais que
» a viſitallo, e ſaber delle ſe mandava em
» que o ſerviſſe. E que pois elle ſe moſtrá-
» ra ſempre tanto ſervidor de ElRey de Por-
» tugal, que lhe pedia, que mandaſſe derri-

» bar

» barem aquella fortaleza que tinha feito, pera » mostrar que o que dizia não era fingido; » que se se temia de alguem, que os Capi- » tães que ElRey tinha na fortaleza de Ter- » nate o defenderiam de todo o Mundo, » como o seu Rey lhes mandava; que aquil- » lo era mostrar desconfianças da amizade, » e fidelidade dos Portuguezes. » ElRey de Tidore tornou a mandar dizer ao Capitão, » que elle estava prestes pera fazer tudo o » que fosse serviço de ElRey de Portugal; » mas que aquella fortaleza não havia que » lhe prejudicava em cousa alguma, porque » elle a não fizera senão por amor dos Reys » seus visinhos, se alguma hora tivesse con- » tendas com elles; e que por sima de tudo » estava prestes pera fazer o que fosse justo.»

O Capitão não ficou contente da resposta, e pedio a ElRey de Ternate que se fosse ver com ElRey seu genro, e que o persuadisse a derribar a fortaleza, pois sobre sua palavra esperára pera ter com elle aquelles cumprimentos. ElRey assim o fez, e em tres dias que duráram estas dilações, foi a terra algumas vezes, e se vio com aquelle Rey, persuadindo-o a fazer o que lhe pedia o Capitão, dando-lhe muitas razões pera isso. E por fim de todas as práticas lhe disse o Rey de Tidore » que elle » tinha vontade de o satisfazer; mas que dei-

» xava de o fazer, por receios que tinha de
» dous ſobrinhos ſeus, filhos de ſeu irmão
» Cachil Rade, que eram de contrario pa-
» recer, e que lhe tinham dito que tal não
» haviam de conſentir, porque aquella for-
» taleza fora feita por ſeu pai, e que elles
» a queriam ſuſtentar; que ſe lançaſſe elle de
» fóra de aquelle negocio. E que além diſ-
» ſo, sería muito grande affronta entregarem-
» na ſem primeiro pelejarem, como fizeram
» os Geilolos. »

Eſta reſpoſta deo ElRey ao Capitão, que o tornou a mandar perſuadir a derribar aquella fortaleza: que ſe não regeſſe pelos ſobrinhos naquelle negocio, porque aquillo cheirava a tyrannia, e que parecia pertenderem alevantarem-ſe contra elle, e por iſſo queriam ter aquella força em pé pera ſeu recolhimento. E a voltas deſtas razões, e outras lhe mandou fazer requerimentos, e ameaças, e logo mandou lançar pregão, que nenhuma peſſoa ſahiſſe a terra ſob pena de morte, porque até então hiam os ſoldados á Cidade, e ElRey de Tidore ſe mandára queixar de alguns deſmanchos que elles faziam. Ao que lhe mandou dizer » que ſe os
» lá achaſſe que os mataſſe, e que tambem
» defendeſſe aos Tidores, que não vieſſem
» á praia, por não travarem deſgoſtos com
» os Portuguezes, porque ſe os viſſe nella,

tam-

» também os havia de mandar matar. » Isto foi ardil de Bernaldim de Sousa, porque os poços donde bebiam os da Cidade estavam na praia, e por aquella maneira lhe queria defender a agua, porque outros poços que na Ilha havia, estavam mui longe. Sobre estes pregões não deixáram de sahir a terra alguns soldados. E dizendo ao Capitão que andavam alguns na praia, se metteo em huma embarcação pequena com grande paixão; e chegando á praia, vio nella D. Rodrigo de Menezes, e chegando perto delle, lhe disse alto:

» Ah senhor D. Rodrigo de Menezes,
» contra o meu pregão sahis em terra, ten-
» do mais obrigação de o guardar que to-
» dos, pera exemplo? Embarcai-vos logo. »
D. Rodrigo de Menezes como não andava muito gostoso delle, lhe respondeo » que
» logo se embarcaria: accrescentando mais,
» como? Os homens não hão de fazer seus
» feitos? » Bernaldim de Sousa que se hia já affastando, ouvindo-o, lhe respondeo: Fazei-os, e seja pera vós. Ouvindo isto Dom Rodrigo, respondeo com o consoante. E encontrando o Capitão ao Ouvidor lhe disse,
» que se fosse tomar a menagem a D. Ro-
» drigo de Menezes, pera que não sahisse
» da sua embarcação, » que D. Rodrigo lhe não quiz dar, nem deixar assinar no Termo,

que o Ouvidor disso fez, a Christovão de Sousa, e Antonio de Lacerda, que estavam presentes. Isto foi dizer o Ouvidor ao Capitão, que voltou logo, tomando huma espada, e huma rodela que lhe levava hum pagem, e chegou a Christovão de Sousa, e Antonio de Lacerda, e lhes fez assinar o Termo, e se foi á corocora de D. Rodrigo pera o prender, e elle se lhe poz armado a bordo, dizendo-lhe » que não entrasse no seu navio, que era tão bom Fidalgo como elle, e que o não quizesse enxovalhar; » mas todavia remettendo Bernaldim de Sousa, lhe disse hum Affonso Figueira que com elle hia: » Tende-vos, Senhor, ide-vos armar, e fazei o que vos cumpre, e não vos aconteça hum desastre. » Bernaldim de Sousa se tornou á sua corocora a armar, e disse a Gabriel Rabello, que estava nella, que se fosse com huma corocora pôr em huma calheta do arrecife, e a Balthazar Veloso em outra, pera que D. Rodrigo se não pudesse sahir pera fóra.

D. Rodrigo de Menezes tanto que Bernaldim de Sousa voltou pera a sua corocora, se metteo em hum paráo, e se foi sahindo do arrecife, e disse aos seus soldados que o seguissem na corocora. Balthazar Veloso vendo ir assim D. Rodrigo, brádou pela lingua aos marinheiros, que se lançassem

ao mar, como fizeram, ficando D. Rodrigo de Menezes só no paráo. No mesmo tempo á revolta que havia, perguntou ElRey de Ternate que era? e dizendo-lhe que Dom Rodrigo de Menezes não queria obedecer ao Capitão, lançou-se a huma corocora, e poz ao remo filhos, e parentes, e foi remando com grande furia pera onde hia Dom Rodrigo de Menezes, dizendo: » Contra o » Capitão de ElRey meu Senhor? » e vendo que D. Rodrigo endireitava pera a terra, lhe brádou: » Ah Senhor D. Rodrigo, » mettei-vos aqui comigo, » e foi-lhe tomando a dianteira; porque receou que se se fosse a terra, se passasse ao Rey de Tidore, e desmanchasse tudo o que estava feito, (porque tinha aquella tarde assentado com elle, que derribasse a fortaleza, do que Bernaldim de Sousa não tinha ainda recado.) Dom Rodrigo de Menezes vendo ElRey perto, mandou chegar a corocora, e se metteo com elle, e ao mesmo tempo chegou o Capitão; e receando alguma desaventura, lhe brádou ElRey que não chegasse, que elle tomava D. Rodrigo sobre si. Bernaldim de Sousa se deteve, e tornou a voltar, e D. Rodrigo se foi metter na sua embarcação, sem sahir mais a terra.

ElRey de Ternate se tornou pera terra, e acabou com ElRey seu genro que se vis-

se

se na praia com Bernaldim de Sousa, como fez a mesma tarde, indo com o Capitão, D. João Coutinho, e outros dous, ou tres Capitães. E chegando a terra o abraçou ElRey, e lhe prometteo de derribar a fortaleza, pois elle tinha nella pejo: o Capitão lhe fez grandes cumprimentos, e foi logo indireitando pera a fortaleza, o que ElRey quiz estorvar, porque receava que houvesse alguma revolta antre os sobrinhos, contra cuja vontade consentia no que o Capitão queria; e assim o disse a Bernaldim de Sousa: mas elle parecendo-lhe que com aquella confiança os obrigaria, e seguraria, foi seu caminho sempre no meio de ambos os Reys, e subio assima da fortaleza, e a vio, e notou, e logo se tornou a sahir, e com os Reys se assentou fóra, e alli concluíram as pazes de novo, e assentáram que ao outro dia fosse Balthazar Veloso derribar algumas pedras, em começo do concerto, e que ElRey a derribaria depois toda: com isto se despedíram com grandes cortezias, e cumprimentos.

Ao outro dia desembarcou o Capitão com ElRey de Ternate, e ElRey de Tidore os esperou na praia, e todos se assentáram á sombra de humas arvores. Dalli despedíram Cachil Munerai, irmão de ElRey de Tidore, e com elle Francisco Carvalho, e Manoel

noel Carvalho, mercadores que residiam em Tidore, pera que fossem dizer aos que estavam na fortaleza, que se não alvoraçassem com cousa alguma; e apôs elles mandou Balthazar Veloso com huma somma de pedreiros pera irem derribar algumas pedras da fortaleza. Cachil Munerai subio assima só, e tornou a descer mui apressado, dizendo, » que em sima estavam todos postos em ar» mas, e que ameaçavam a quantos lá su» bissem. » Com isto voltáram todos, e encontrando Balthazar Vesoloso lhe deram conta daquillo; e tornando-se pera o Capitão, lhe disseram o que víra Cachil Munerai. O Capitão enfadado, disse a Balthazar Veloso: » Se quer vós, credes isso? ora tornai lá, » e mantem-vos. » Balthazar Veloso virou com muito animo, e entrou na fortaleza, que achou despejada, (porque tudo eram invenções de Cachil Munerai, pera ver se podia impedir aquelle negocio,) e pondo as mãos á obra, derribou do alto dos muros algumas pedras, e tornou-se pera o Capitão.

Feito isto, despedio-se Bernaldim de Sousa de ElRey, e se tornou pera Ternate, muito amigo com o Rey de Tidore, e Dom Rodrigo de Menezes se passou pera Talangame, por ser avisado que tratava o Capitão de o prender. Ao outro dia soube Ber-

nal-

naldim de Sousa que era ido, e por esta razão se embarcou em algumas corocoras, e se foi a Talangame, e do mar mandou o Ouvidor que fosse prender D. Rodrigo de Menezes; mas elle como se temia, vendo chegar aquellas corocoras, logo entendeo o que era, e se começou a pôr em armas com determinação de se defender, o que os amigos que com elle estavam lhe estorváram, dizendo-lhe, » que se perderia de todo; an» tes se sahisse de casa pera hum mato que » alli estava perto, e que furtasse o corpo á » paixão do Capitão, porque pela ventura » logo lhe passaria. » Elle o fez assim, sahindo-se de casa á vista do Ouvidor, e de Balthazar Veloso, que dissimuláram. E chegando a sua casa, e não o achando se tornáram ao Capitão, que desembarcou, e se foi assentar á sua porta, e lhe mandou fazer inventario da fazenda que se lhe achou, e fez recolher os aparelhos da caravela, que alli se estava concertando, porque determinava de lha tirar. D. Rodrigo de Menezes foi avisado que o Capitão lhe devassava a sua casa; e havendo-o por grande affronta, quiz ir dar nelle, mas foi impedido pelos mesmos amigos, dizendo-lhe que tinha varada a sua caravela, e que não tinha onde se recolher, fazendo algum desarranjo; com o que sobreesteve. Bernaldim de Sousa de-

pois

pois que fez o inventario, e depositou o que achou, em mão de pessoa abonada, se tornou pera a fortaleza, e no caminho encontrou ElRey, que acudia por não haver algum desastre, e voltou com o Capitão, que logo procedeo judicialmente com Dom Rodrigo de Menezes, e á sua reveria o sentenceou em alguns annos de degredo, o que fez apressadamente, porque esperava por Capitão.

E vindo a monção de se repartirem os galeões pera a India, se embarcou D. João Coutinho na entrada do mez de Fevereiro passado, e com elle D. Rodrigo de Menezes, e juntamente se fizeram á véla; e a náo de que era Capitão Christovão de Sousa, Capitão daquellas viagens, que havia dous annos que estava alli esperando pela monção de cravo; e assim a caravela, de que era Capitão Manoel Boto, que todos foram carregados, porque foi a novidade do cravo grande. Ficou Bernaldim de Sousa muito enfadado de lhe tardar recado da India, e despedio duas corocoras, em que hia Rafael Carvalho, pera que fosse a Banda a saber se havia algum recado da India, e elle ficou entendendo em derribar a fortaleza de Tidore, o que acabou com muito trabalho. Rafael Carvalho chegou a Amboino, e achou naquelle porto Gemez Barreto na caravela

de

de Dom Garcia de Menezes, que D. Pedro da Silva da Gama, Capitão de Malaca, tinha despedido com provimentos, como atrás dissemos no Cap. IX. do Liv. IX., e voltou em companhia de Gemez Barreto.

Chegados a Ternate, festejou Bernaldim de Sousa muito as novas da vitoria, que D. Pedro da Silva da Gama houve dos inimigos; e vendo as cartas do Viso-Rey, soube por ellas como ElRey lhe tinha feito mercê da Capitanía de Ormuz, em que logo entrava, escrevendo-lhe que se fosse, e entregasse a fortaleza a D. Garcia de Menezes; e vendo que faltava D. Garcia de Menezes, e que sem dúvida acharia em Malaca Francisco Lópes de Sousa seu primo, (que já o anno passado ficára no Reyno despachado com aquella Capitanía pera se embarcar,) não quiz mais esperar alli, e entregou a fortaleza a Balthazar Veloso, velho de setenta annos, e casado com huma meia irmã de ElRey, e despedindo-se delle se embarcou em algumas corocoras, e se foi a Amboino, aonde ainda estavam os navios de Dom João Coutinho, e os mais que tinham partido de Ternate, e embarcou-se na caravela com Manoel Boto, onde esteve até ser monção, sem desembarcar em terra, por se não encontrar com D. Rodrigo de Menezes, porque se ficou temendo delle. Vindo a monção,

ção, e partíram todos pera Malaca, onde Bernaldim de Sousa achou já seu primo Francisco Lopes de Sousa, que hia entrar na Capitanía de Maluco, que elle festejou muito, e em Malaca ficáram até a monção.

## CAPITULO XXI.

*Do que aconteceo ás náos que partíram pera o Reyno: e da desaventurada perdição do galeão S. João na costa da Cáfraria.*

PArtidas as náos de Cochim, foram seguindo sua viagem; e as quatro dellas posto que acháram temporaes, foram a Portugal: das outras duas, S. Jeronymo, de que era Capitão Lopo de Sousa, desappareceo no caminho, sem se saber, nem se suspeitar até hoje aonde. O galeão S. João, de que era Capitão Manoel de Sousa de Sepulveda, foi haver vista da terra do Cabo de Boa Esperança, em trinta e dous gráos, com vento bonança, e do longo delle foi correndo até o cabo das Agulhas, tão chegados á costa, que sempre foram com o prumo na mão. Aos doze dias de Março se acháram Nordeste Sudueste, com o Cabo de Boa Esperança, vinte e sinco leguas ao mar delle. O dia que elles cuidavam que passariam o Cabo á outra banda, se lhe mudou

o vento a Oeſte, e a Oeſnoroeſte, e começou-ſe a toldar o Ceo com tamanhas carrancas, e fuzís, que logo moſtráram ſinaes da ira de Deos. E como era perto da noite, e o vento vinha já carregando, foram arribando, porque não tinham mais vélas, que as que levavam envergadas, e ainda eſſas tão velhas, que iſſo foi cauſa de ſua perdição; porque em as remediar, e cozer (pelas muitas vezes que ſe lhe rompêram) gaſtáram muito tempo, e perdêram muito caminho; e aſſim foram arribando com pouca véla, e tornáram a deſandar cento e trinta leguas, até que o vento tornou a Nordeſte tão furioſo, que os fez outra vez voltar pera o Sul, com os mares que vinham do Ponente, e com os que o Levante vinha alevantando, ficáram tão cruzados, e ſoberbos, que o galeão com ſer o maior navio que andava na carreira, os não podia ſoffrer, e pelos bordos ambos ſe hia alagando; e aſſim quaſi perdidos, e com as bombas nas mãos foram correndo tres dias, vendo-ſe cada hora de todo perdidos, e alagados. No cabo do quarto lhe encalmou o vento, e ficou o mar tão groſſo, e trabalhou o galeão tanto, que lhe quebráram tres machos do leme, em que entravam dous do pollegar, que são os mais neceſſarios, e que mais ſuſtentam o leme; o que ninguem

soube senão o carpinteiro, que por ordem do Mestre (que era hum Christovão Fernandes, velho muito honrado) o não disse a pessoa alguma, por não desacoraçoarem os homens.

Estando com este trabalho, tornou a saltar o vento a Leste, e tornando-lhe a virar a poppa, lançando-lhe o leme á banda, não lhe acudio a náo, antes foi aguçando de ló, e como o vento era rijo, levou-lhe o papafigo da verga grande, com o que acudíram os Officiaes tomar o da prôa, porque o não perdessem, e antes quizeram ficar de mar em través, que sem alguma véla. E em a tomando se atravessou o galeão, a que deram tres mares tão grossos, que com os balanços rebentáram todos os aparelhos, e costeiras do mastro grande da banda de bombordo, ficando-lhe só tres. E porque o mar os comia tropeava tanto, que não havia homem que se pudesse ter em pé pera acudir ás cousas necessarias; assentáram que se cortasse o mastro, porque lhe abria o galeão, e assim o começáram a fazer, e em lhe dando as primeiras machadadas o víram arrebentar por sima das polés das coroas; e como se fora huma cousa muito leve, deo o vento com elle ao mar com todo aquelle pezo da gavea, e mastareo, e acudindo á ensarcia lha cortáram, porque com as panca-

cadas lhe não abrisse o galeão. Vendo-se sem mastro, no pedaço que ficou, armáram hum mastereo de huma entena, com suas arreataduras, e guarnecêram huma verga, e da véla velha com alguns pedaços de outras fizeram huma que envergáram, e deram a ella, mas o galeão por falta dos machos do leme não lhe quiz governar, e acudíram ás escotas, com que se ajudavam, e foram assim piedosamente correndo. O vento foi crescendo, e a náo foi mettendo de ló, até se pôr toda á corda, e o vento lhe tornou a levar a véla grande, e a da gavea, ficando-lhe o galeão todo atravessado, com tamanhos balanços, que perdeo de todo o leme, ficando-lhes os machos mettidos nas femeas. E não bastando estes trabalhos, (porque parecia que estava tudo conjurado contra elles,) começou o galeão a abrir algumas aguas com o que o porão se começou a encher.

E porque de todo se não perdessem, acudíram ao mastro grande pera o cortarem, porque os não abrisse; mas tirou-os desse trabalho hum mar que lhe deo, que foi tal, que lho cortou pelos amboretes, como hum pepino, e deo com elle ao mar pela prôa; e da pancada que deo no goroupés, lho lançou fóra da carlinga, e lho metteo por dentro na náo quasi todo; e assim ficáram sem le-

leme, sem mastro, e sem vélas, e o galeão lançado no bordo da terra, de que poderiam estar quinze até vinte leguas; e acudindo os Officiaes, e todos os mais com muita diligencia, repartidas as cousas começáram a fazer hum leme, e guarnecer huma entena pera mastro grande, e a fazer vélas das roupas dos mercadores, que levavam na náo, no que gastáram dez dias; e depois de tudo acabado mettêram o leme, e dando as vélas não quiz a náo governar, porque lhe ficou o leme estreito, e curto.

A este tempo houveram vista da terra, (porque naquelle dia que estiveram atravessados, os foram as correntes, e os ventos rolando pera ella;) era isto a dezoito de Junho. Vendo-se Manoel de Sousa de Sepulveda tão perto da terra, tomou parecer com os Officiaes sobre o que fariam, e assentáram que já não havia outro remedio senão vararem, e tratar de salvar as vidas, e que fossem assim até dez braças, onde surgiriam, e no batél se poria toda a gente em terra. Determinado isto, lançáram huma manchua ao mar, em que mandáram alguns marinheiros de recado, pera irem ver a terra, e notarem onde haveria bom desembarcadouro, o que elles fizeram, e a náo foi rolando pera a terra com quinze palmos de agua no porão. E indo assim menos de legua de ter-

ra,

ra, tornou a manchua, e disseram os marinheiros, que defronte tinham huma formosa praia, onde só podiam desembarcar, porque tudo o mais eram rochas, e penedias asperissimas, e que não havia materia alguma de salvação. E como deixáram a praia marcada pela agulha, foram governando o melhor que pudéram pera ella, e chegáram até sete braças de fundo, onde surgíram, e logo botáram o batél ao mar, e botáram outra ancora a terra já com o vento mais bonança, e estariam della dous tiros de bésta. Manoel de Sousa de Sepulveda tomou conselho com todos sobre o que seria melhor, e assentáram que se puzessem em terra, e que se fortificassem, e que das cousas da náo fizessem hum caravelão, em que se pudessem ir pera Çofala, ou Moçambique, ou mandarem recado pera os virem buscar; e que se puzesse cobro nas armas, e alguma roupa preta, que era o com que haviam de resgatar o que houvessem mister.

Assentado isto, puzeram em sima as armas, e todos os mantimentos, polvora, e roupas, e logo se embarcou Manoel de Sousa no batél com sua mulher, e filhos, e perto de trinta pessoas principaes, em que entravam Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Amador de Sousa, Diogo Mendes Dourado de Setuval, Balthazar de Siqueira, e outros

tros, e com algumas eſpingardas, e armas ſe puzeram em terra, e tornou o batel a deſembarcar os mais, e o meſmo fez a manchua; e aſſim fizeram tres, ou quatro caminhos, e em hum delles ſe alagou a manchua, e ſe affogáram alguns homens, em que entrou hum filho de Bernardo Rodrigues. O Meſtre, e Piloto eſtiveram ſempre na náo até ſe deſembarcar tudo, e acertou de quebrar a amarra do mar, havendo já tres dias que eſtavam ſurtos, pelo que ſe embarcáram no batel já com tanto trabalho, por vir creſcendo o vento, que chegou a terra feito pedaços, ficando na náo perto de quinhentas peſſoas, em que entravam duzentos Portuguezes com o Contrameſtre, e Guardião.

Vendo-ſe os da náo ſem batel, largáram a amarra do mar, e foram alando pela da terra, até aſſentar a náo no fundo; e como deo nelle, logo ſe abrio em duas partes, e dahi a menos de huma hora ſe abrio toda, vindo toda a caixaria aſſima. Os da náo ſe lançáram ás caixas, e taboas, e das pancadas, e affogados morrêram quarenta Portuguezes, e ſetenta eſcravos, e todos os mais foram a terra com muitas feridas dos páos, e prégos, e a náo em menos de duas horas ſe desfez toda de feição, que não foi a terra ter taboa, nem páo, que paſſaſſe de huma braça.

## CAPITULO XXII.

*Do que fez Manoel de Sousa de Sepulveda depois de estar em terra : e do que lhe aconteceo no caminho : e da muita piedosa, e lastimosa morte de sua mulher, e filhos : e de como elle se metteo pelo mato, onde desappareceo.*

POstos todos em terra, vendo Manoel de Sousa perdidas as esperanças de poder fazer o caravelão, por não haver de que, porque o mar destroçou a náo, como dissemos, assentou por conselho de todos irem buscar o rio de Lourenço Marques, onde todos os annos vinham navios de Moçambique ao resgate do marfim. E porque havia muitos feridos, e doentes, entranqueirou-se pera esperar até todos sararem, porque alli tinham agua, e mantimentos que da náo salváram. E havendo tres dias que alli estavam, lhes apparecêram nove Cafres em sima de hum monte, onde estiveram duas horas; e se tornáram sem poderem haver falla delles. E parecendo bem a Manoel de Sousa, se fosse descubrir se havia alguma povoação perto, e se achavam alguns mantimentos, despedio a isso hum mulato marinheiro com hum Cafre pera fallar a lingua. Estes andáram pela terra dous dias, e sem

ſem acharem mais que humas caſas palhaças deſpovoadas, porque parece que os moradores dellas fugíram de medo dos noſſos.

Depois diſto lhes apparecêram ſete Cafres ſobre aquelloutro, que traziam huma vacca preza; e acenando os noſſos, deſcêram abaixo, e Manoel de Souſa ſe apartou com quatro homens pera lhes ir fallar, e para os ſegurar, como fez, de feição, que os trouxe até o arraial; e moſtrando-lhes prégos, folgáram de os ver; e pondo-ſe a preço com a vacca, apparecêram no outro outros ſinco Cafres, que falláram a eſtes pela lingua; e em os eſtes ouvindo, largando tudo, e tomando a ſua vacca, ſe foram recolhendo.

Manoel de Souſa de Sepulveda, poſto que tinha neceſſidade, a deixou levar, porque os não quiz eſcandalizar. Alli eſtiveram dez dias, em que a gente convaleceo; e vendo-os Manoel de Souſa ſãos, e em eſtado que podiam caminhar, lhes fez huma breve exhortação, em que os animou aos trabalhos, lembrando-lhes a mercê que Deos lhes fizera em os não affogar no mar, e que elle que os puzera em terra, teria cuidado delles; pedindo-lhes muito a todos que o não deſamparaſſem, nem deixaſſem ſó, poſto que elle não pudeſſe caminhar tanto por cauſa de ſua mulher, e filhos: o que todos lhe promettêram, e aſſentáram, que cami-

 nhaſ-

nhassem sempre de longo da praia, porque era melhor caminho; e assim se começáram a pôr na ordem seguinte.

Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e oitenta Portuguezes, e cem escravos na vanguarda, e na dianteira delle o Mestre, e Piloto, com todos os homens do mar, com huma bandeira, e hum Crucifixo erguido. Na retaguarda Pantaleão de Sá, com todos os mais Portuguezes, e escravos, que seriam perto de duzentas pessoas. Nesta ordem se apartáram daquelle lugar em que deram, que estava em trinta e hum gráos do Sul aos sete dias de Julho. E começáram a caminhar, indo D. Leonor em hum andor ás costas dos Cafres, e andáram todo aquelle mez com muito trabalho, que em todos aquelles dias não comêram mais que arroz, e algumas frutas do mato, sem acharem cousas que resgatar, e hiam tão fracos, que de não poderem andar ficáram por esses matos dez, ou doze pessoas; e no fim deste mez não tinham andado pela costa mais que trinta leguas, (passando de cento as que rodeáram, por causa dos rios, e de outros inconvenientes.) Este dia deram rebate a Manoel de Sousa de Sepulveda, que lhe ficava atrás perto de meia legua hum filho seu bastardo, de idade de dez annos, que caminhava ás costas de hum Cafre, que assim el-

le, como o menino cahíram no chão de fracos da fome. Manoel de Sousa de Sepulveda se deteve, e prometteo quinhentos cruzados a quem lho fosse buscar, o que ninguem quiz fazer por ser já noite, e haverem medo das alimárias bravas, que por todo aquelle caminho acháram. Isto sentio aquelle Fidalgo tanto, que esteve pera endoudecer; e encommendando-o a Deos, foi seguindo seu caminho, aonde tambem lhe ficou Antonio de Sampaio, sobrinho de Lopo Vaz de Sampaio, e sinco, ou seis Portuguezes outros, e alguns escravos; e assim todos os dias daqui por diante lhe ficavam duas, e tres pessoas de não poderem comsigo, que logo eram comidas dos tigres; e pera ficar se apartavam dos que caminhavam com tão grandes lastimas, que não havia coração, que se não internecesse, e que não sentisse mais aquillo, que os trabalhos em que todos se viam, que eram bem grandes.

Neste caminho pelejáram algumas vezes com Cafres, que sahíram aos saltear, a quem sempre fizeram affastar bem escandalizados; e em hum assalto que foi apertado, matáram com huma azagaia Diogo Mendes Dourado, que sempre nas brigas se apresentava diante de todos, fazendo maravilhas. E como a fortuna nunca começa por pouco, não faltou genero de tormento que estes perdidos

não

não paſſaſſem; porque quando achavam frutas nos matos, ou caranguejos, e peixe nas praias que o mar lançava fóra, que elles comiam por banquete, faltava-lhes a agua, que he mal ſem repairo; e aconteceo vender-ſe hum quartilho della por dez cruzados. E porque a cubiça dos homens até no extremo não deixa de fazer ſeu officio, não faltáram alguns que ſe mettiam pelo certão arriſcados a todo o perigo a buſcar agua pera venderem, e aſſim em hum caldeirão, que levaria quatro canadas, (porque não levavam outra vazilha maior,) faziam cem cruzados; e Manoel de Souſa de Sepulveda lho comprava, e por ſua mão repartia a agua igualmente, não tomando pera ſi mais, antes da ſua ração partia com dous filhinhos de peito, que lhes levavam eſcravos, e eſcravas.

E porque nunca faltaſſem aventureiros que foſſem buſcar eſta agua, não lhes punha preço, ſenão o que elles queriam. Deſta maneira, e com eſtes trabalhos, e outros (que noſſa hiſtoria não ſoffre particularizar) caminháram dous mezes e meio, até ſe metterem pelo certão, porque totalmente pelo caminho da praia lhes hia faltando tudo; e chegou o extremo a comerem alimarias que achavam mortas pelos matos, e houve peſſoas que ſe ſuſtentáram com pós de oſſos torrados, de que faziam algum bolo, e al-

gumas papas. E chegou a cousa a se comprar huma pelle de cabra seca por quinze cruzados, que se lançou de molho, e se comeo.

No cabo de tres mezes chegáram á terra de hum Rey, chamado Oinhaca, que vivia já perto do rio do Espirito Santo, que era hum homem grande, bem assombrado, velho, com huma veneranda barba toda branca, e por ter algum parecer com o Governador Garcia de Sá, lhe puzeram o seu nome Lourenço Marques, e Antonio Caldeira, que foram os primeiros Portuguezes que por aquella paragem andáram; e assim era homem de muita boa condição, e amigo dos Portuguezes. Este Rey sabendo dos que vinham perdidos, os foi buscar, e agazalhou na sua povoação; e sabendo a determinação de Manoel de Sousa de Sepulveda, que era passar ávante, lhe pedio que o não fizesse, e se deixasse ficar até vir o navio do resgate de Moçambique, onde se poderia ir, e que entre tanto lhe daria tudo o que na sua terra houvesse, e que não tratasse doutra cousa, porque se passasse dalli, havia de ser roubado, e maltratado de hum Rey que vivia adiante, chamado Ofumo, que era máo homem. Manoel de Sousa lhe agradeceo o conselho; mas disse-lhe, que forçado havia de passar, porque se não atrevia a esperar alli hum anno.

Ven-

Vendo ElRey sua determinação, lhe pedio se detivesse alli alguns dias, e que lhe désse alguma gente pera irem com alguns Capitães seus a darem em hum visinho que lhe fazia guerra. Manoel de Sousa de Sepulveda lhe disse, que o faria pelo servir, e pedio a Pantaleão de Sá que fosse naquella jornada, e lhe deo vinte homens. Foram estes longe em companhia dos Cafres, e deram na povoação do inimigo, e lha queimáram, e destruíram, e tomáram todo o gado, com que se recolhêram. Isto estimou muito aquelle Rey, e partio com os nossos das prezas: nisto se detiveram sinco dias; e passados elles, se despedíram do Rey, que os foi acompanhando, e foram caminhando com determinação de rodearem a barra de Lourenço Marques, e passarem os rios por sima, o que foi sua perdição. Aquelle dia chegáram a hum rio, que se chamava Belygane, que entra na barra de Lourenço Marques, aonde entram outros tres chamados Anzate, Ofumo, e Manhiça, como melhor se verá na descripção que fazemos de toda esta Cafraria na decima Decada.

Chegados os nossos áquelle rio, pedíram a ElRey que lhes mandasse dar algumas almadías que alli havia, o que elle fez, e Manoel de Sousa lhe pedio que se fosse, e que os deixasse passar á sua vontade. Os nossos

pas-

passáram á outra banda, e foram caminhando sinco dias, em que andáram vinte leguas, até chegarem ao rio de Anzate já de noite, e se agazalháram em hum areal, onde não havia agua, e aquella noite se houverão de perder de sede, ao que acudio Manoel de Sousa de Sepulveda, e mandou buscar agua que lhe ficava atrás hum bom espaço, e por caldeirão della que lhe trouxeram deo cem cruzados. Ao outro dia lhe chegáram tres almadías que vinham da outra banda, e os negros dellas disseram, que havia poucos dias que dalli partíra o navio de resgate pera Moçambique. Nestas almadías passáram os nossos pera a outra banda, e já Manoel de Sousa hia tão maltratado do miolo, das vigias, e trabalhos, que indo na almadía com sua mulher, e filhos, lhe deo huma manía, e arrancou pera os Cafres que remavam, dizendo: » Ah perros, aonde me le» vais? » Os negros com o medo se lançáram ao mar, e Dona Leonor se lançou com elle, dizendo-lhe: » Tá, Senhor, que he is» to? este he o vosso siso, e prudencia? » Manoel de Sousa de Sepulveda tornou sobre si, e quietou-se.

He muito pera considerar, que não sei que espirito lhe dizia, que o levavam a parte, em que havia de ver morrer sua mulher, e filhos ao desamparo, e que esperava por el-

elle o mais desaventurado, e miseravel genero de morte que se podia imaginar. Passados á outra banda, achou-se Manoel de Sousa de Sepulveda muito mal do miolo, e da cabeça, a que lhe acudíram com toalhas quentes, que sua mulher lhe punha com muitas lagrimas; porque mais a cortou ver seu marido daquella maneira, que todos os trabalhos que até então tinha passado.

Póstos da outra banda, foram caminhando guiados de alguns Cafres da terra, que se offerecêram aos levar onde estava o seu Rey. Já neste tempo não havia mais de cento e vinte pessoas, e Dona Leonor tão formosa, tão mimosa, e delicada, caminhava a pé descalça, ajudando a levar os filhos, ora ella, ora algumas escravas que ainda lhe ficáram, com tanto soffrimento, e com tanta prudencia, que ella era a que consolava, e animava a todos, sendo com elles igual nos trabalhos das fomes, das sedes, e dos cansaços. Desta maneira chegáram á terra do Rey, que se chamava Ofumo; e antes de entrarem na sua povoação acháram hum recado seu, em que lhes mandava » que se » agazalhassem fóra ao pé de humas arvores » que lhes mostráram, e que alli lhes dariam » tudo o de que tivessem necessidade, » e assim se agazalháram todos naquelle lugar, aonde lhes começáram a correr mantimentos,

tos, que lhes resgatavam por pregos; e alli se detiveram sinco dias: e como Manoel de Sousa hia com melancolias, e quasi alienado, já se não governavam por elle, sem embargo de sempre lhe darem razão de tudo. Elle, a quem já os trabalhos levavam em estado, que não estava pera mais, determinou de não passar dalli, e esperar até vir o navio do trato; e pera isso se foi ver com o Rey, e lhe pedio » lhes mandasse » dar casas pera se aposentarem na sua po» voação: » ElRey lhes disse que sim, » mas » que toda aquella gente não podia estar al» li junta, por causa dos poucos mantimen» tos que havia na terra; que ficasse elle na » aldêa com as pessoas que quizesse, e que » todos os mais se partissem pelos lugares » vizinhos, aonde lhes mandaria dar casas, » e mantimentos; mas que era necessario (pe» ra os seus se fiarem delles, onde quer que » estivessem, pera que não cuidassem que » eram ladrões) mandar-lhe entregar todas » as armas, e que elle as mandaria guardar » em huma casa pera lhas tornarem a entre» gar, quando viesse o navio de Moçambi» que. » Manoel de Sousa lhe respondeo que o faria, (porque o tinha por amigo dos Portuguezes, pois com elles tinha commercio;) e ajuntando os seus, lhes disse:

» Que elle já não podia continuar mais

» os

» os trabalhos do caminho, por causa de
» sua mulher, e filhos, que pois elle estava
» em parte aonde todos os annos vinha na-
» vio de Moçambique, mais seguro lhe era
» esperar alli por elle, que tornar a novos
» trabalhos, pera que já sua mulher não es-
» tava; que elle estava resoluto em se dei-
» xar ficar alli; e se Deos fosse servido, e
» tivesse determinado que acabasse alli com
» toda sua familia, que elle era muito con-
» tente: e que os que quizessem passar adian-
» te, o podiam fazer; e que lhes pedia, que
» se Deos os levasse a terra de Portuguezes,
» trabalhassem porque lhe mandassem logo al-
» guma embarcação em que se fosse; e que
» os que quizessem ficar com elle, o podiam
» fazer; mas que era necessario entregarem
» as armas a ElRey pera se segurar delles;
» porque já que se mettiam em seu poder,
» era necessario mostrarem-lhe confiança, ao
» menos pera que os seus não cuidassem que
» lhe podiam fazer mal os nossos, e que as-
» sim remediavam tanta desaventura, quan-
» ta lhes estava pela prôa, se quizessem pas-
» sar dalli. »

Alguns foram de parecer que se entregassem as armas, mas outros não, e destes foi Dona Leonor, que disse a seu marido, » que nas armas estava todo o seu remedio, » que lhe pedia por amor de Deos que tal

não

» não fizesse. » Mas como Manoel de Sousa de Sepulveda não hia já em si, tomou as armas, em que entravam quatro espingardas, e as entregou ao Rey, do que elle teve pouca culpa, porque já não sabia o que fazia, e toda foi dos que lhe consentíram entregallas. Repartio ElRey os Portuguezes pelos seus Ancoses, que são como Capitães das povoações, pera que os levassem comsigo, ficando Manoel de Sousa de Sepulveda com sua mulher, e filhos, e perto de vinte pessoas na povoação do Rey. Os Ancoses tanto que lhes entregáram os Portuguezes sem armas, antes de chegarem a suas povoações, os despíram, e roubáram sem lhes deixarem cousa alguma, e sobre isso lhes deram muita infinita pancada, e os lançáram fóra das aldêas. Tanto que os mais Portuguezes se apartáram, logo o Rey fez o mesmo a Manoel de Sousa de Sepulveda, (porque esta foi sua tenção de lhe tirar as armas,) e lhes tomou tudo o que levavam: que se affirma, que só naquella companhia havia mais de cem mil cruzados de pedraria, e joias; e não lhes tocando nas pessoas, lhes disse: » Que se fossem logo fóra de sua po» voação, que lhes não queria fazer mais » mal. » (Isto acabou de endoudecer Manoel de Sousa de Sepulveda, em que sua mulher trazia os olhos;) e tomando-o pela mão, lhe dis-

disse » que se fosse logo fóra da sua povoa- » ção, porque aquillo eram castigos de Deos, » e que fosse elle louvado com tudo; » e tomando hum dos filhinhos no collo, dando o outro ás escravas, começou a caminhar pera fóra, levando o marido pela mão, com tanto soffrimento, e paciencia que espantou a todos. Hia com elle Duarte Fernandes, Contramestre do galeão, com os mais que com elle ficáram na aldêa, e o Piloto André Vaz, que nunca os quiz deixar. Os outros roubados, e espancados, em que entrava Pantaleão de Sá, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, depois de lançados fóra das aldêas, tornáram-se a ajuntar a paragens, e assim fizeram hum corpo de noventa pessoas; mas como hiam sem armas, e sem cousa alguma, com que pudessem resgatar o que haviam de comer, e sobre tudo já tão fracos, e debilitados do caminho, que escassamente podiam comsigo; aborrecidos da vida, se foram mettendo por esses matos, tomando desvairados caminhos, comendo das frutas bravas, e raizes das hervas, fazendo conta com Deos, e com suas almas, como homens que hiam em estado, que cada dia ficavam por esses caminhos mortos de fome.

Manoel de Sousa de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio de Manheça, com determinação de se

se deixarem ficar nelle, se aquelle Rey lho consentisse; e indo assim, tornáram os Cafres dar nelles, e isso que ficou sobre os corpos foi roubado, deixando-os nús; e Dona Leonor, quando os Cafres a quizeram despir, o não quiz consentir, antes ás bofetadas, e ás dentadas como leoa magoada se defendia, porque antes queria que a matassem, que despirem-na. Manoel de Sousa Sepulveda vendo sua amada esposa naquelle estado, e os filhinhos no chão chorando, parece que a mágoa, e dor lhe resuscitou o entendimento, (como acontece á candea que se quer apagar, dar antes disso maior claridade,) e tornando sobre si mais algum tanto, se chegou á mulher; e tomando-a sobre seus braços, lhe disse: » Senho-» ra, deixai-vos despir, e lembre-vos que to-» dos nascemos nús; e pois disto he Deos » servido, sede vós contente, que elle have-» rá por bem, que seja isto em penitencia » de nossos peccados; » com isto se deixou despir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa alguma com que se pudesse cubrir. Vendo-se ella núa, assentou-se no chão, e espalhou os seus formosissimos, e compridos cabellos por diante, com o rosto todo baixo, porque a pudessem cubrir, e assim com as mãos fez huma cova na arêa, onde se meteo até á cinta, sem mais se quererer

rer alevantar dalli. Os homens da companhia vendo Dona Leonor, foram-se affastando de mágoa, e vergonha. Vendo ella a André Vaz o Piloto que virava as costas pera se ir, chamou por elle, e lhe disse:

» Bem vedes, Piloto, como estamos, e que » já não podemos passar daqui, onde pare- » ce tem Deos ordenado que eu, e meus fi- » lhos acabemos por meus peccados, hi-v » muito embora, fazei por vos salvar, e » commendai-nos a Deos; e se fordes á In- » dia, e a Portugal em algum tempo, di- » zei como nos deixastes a Manoel de Sou- » sa, e a mim com meus filhos. » André Vaz internecido de mágoa daquelle piedoso espectaculo, virou as costas, sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando seu caminho após os outros, que hiam já diante. Manoel de Sousa com todos aquelles infortunios, e mágoas não se esqueceo da necessidade da mulher, e dos tenros meninos que estavam chorando com fome; foi-se aos matos a buscar alguma cousa pera lhes dar, e quando tornou com algumas frutas bravas, achou já hum dos meninos morto, e Dona Leonor como pasmada com os olhos nelle, e com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos nella, e no menino morto, ficou assim hum pequeno espaço sem fallar cousa alguma: pas-

sa-

fazão elle fez huma cova na arêa, e por sua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

Feito isto, tornou-se ao mato a buscar mais frutas pera a mulher, e pera o outro menino, e quando tornou achou ambos falecidos, e sinco escravas suas sobre os corpos com grandes gritos, e prantos: vendo Manoel de Sousa de Sepulveda aquella desventura, apartou dalli as escravas, e assentou-se perto da mulher, com o rosto sobre huma mão, e os olhos nella, e assim esteve espaço de meia hora, sem chorar, nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se, e começou a fazer huma cova com ajuda das escravas, (sempre sem fallar cousa alguma,) e tomando a mulher nos braços, chegando o seu rosto ao della hum pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cubrir, sem dizer cousa alguma ás moças, se tornou a metter pelo mato, onde desappareceo, sem mais se saber delle, e sempre se presumio que os tigres o comêram.

As escravas tanto que se elle apartou, tomáram seu caminho com grande pressa até encontrarem a outra companhia do Piloto, e destas passáram á India tres, que contáram a morte de Dona Leonor, e filhos, porque só ellas a víram. Era isto no mez de

Agosto, em que havia seis mezes que haviam partido. Os da companhia que hiam diante com Pantaleão de Sá, e da de Manoel de Sousa de Sepulveda, que seguíram o Piloto André Vaz, se foram mettendo por esse certão, por onde morrêram de fome, e com tantos trabalhos, que só oito Portuguezes escapáram, em que entravam Pantaleão de Sá, Tristão de Sousa, Balthazar de Siqueira, Manoel de Castro, feitor da náo, e o Piloto André Vaz, e quatorze escravos, que deram com os Cafres mais domesticos, que lhes davam alguma pouquidade, principalmente a Pantaleão de Sá, que se fingio chocarreiro, e chegava ás portas dos Cafres balhando, e fazendo momos, e todos lhe davam por isso algum milho. E andando espalhados pelas aldêas, sem esperança de poderem ir á India, quiz Deos que fosse hum pangaio, (em que hia hum parente de Diogo de Mesquita, que estava por Capitão em Moçambique) ao cabo das correntes ao rio de Juhambane a resgatar marfim, e dos Cafres que vinham do certão ao resgate, souberam como pela terra dentro andavam Portuguezes perdidos; pelo que o Capitão do pangaio mandou algumas pessoas de recado com contas, e outras cousas pera os ir resgatar se estivessem cativos.

Estes homens foram dar com elles, e foi

foi o ſeu alvoroço tamanho, de verem homens conhecidos, e de ſaberem que tinham navio perto, que de prazer perdêram a memoria de todos os trabalhos paſſados, e aſſim ſe foram pera onde eſtava o pangaio, reſgatando pelos caminhos todas as couſas de que tinham neceſſidade abaſtadamente. Chegando a Juhambane foram muito feſtejados do Capitão do pangaio, (que nos parece que era hum João Salgado,) que os agazalhou, veſtio, e curou muito bem, dandolhes tudo o de que tinham neceſſidade: dalli os levou a Moçambique, aonde chegáram a vinte e ſinco de Maio de ſincoenta e tres.

O Capitão Diogo de Meſquita os foi buſcar á praia, e levou comſigo Pantaleão de Sá, e Triſtão de Souſa; e os mais repartio por caſas de caſados ricos, onde lhes deram todo o neceſſario, e Dona Luiza mulher de Diogo de Meſquita curou muito bem os ſeus hoſpedes, como ſe foram ſeus irmãos; e dando-lhes Diogo de Meſquita todo o dinheiro que quizeram, ſe partíram pera a India. Depois correo o tempo de feição, que por morte de Diogo de Meſquita veio Pantaleão de Sá a caſar com ſua mulher, e aſſim eſteve duas vezes por Capitão de Moçambique.

# DECADA SEXTA.

# LIVRO X.

## Da Hiſtoria da India.

### CAPITULO I.

*De como o Turco mandou huma Armada de vinte e ſinco galés, de que era General Pirbec, pera Baçorá: e do que aconteceo a algumas galés com os noſſos navios naquelle Eſtreito.*

TANTO que o Turco ſoube que a Armada Portugueza, em que D. Antão de Noronha foi, (como diſſemos no Cap. IV. do IX. Liv.) entrou naquelle Eſtreito de Baçorá, pera favorecer os Arabios, e Gizares, e que ſem dúvida lhe tomára aquella Cidade, ſe não fora o ardil de que o Baxá uſou, receando-ſe que vieſſe a perder aquella fortaleza, e que os Portuguezes metteſſem pé nella, o que ſería em deſcredito,

e detrimento de ſeu Eſtado, e ſobre tudo ficaria perdendo as eſperanças de ſe fazer Senhor de todo aquelle Eſtreito Perſico, porque lhe ficariam fechando aquella garganta do rio Eufrates, por onde ſuas Armadas forçado haviam de ſahir pera fóra,) determinou de prover niſſo, e ſegurar aquella fortaleza, e mandou com muita preſſa negoçar vinte e ſinco galés das que eſtavam em Suez, e elegeo pera Capitão, e General deſta jornada Pirbec, hum grande coſſairo, homem muito determinado, e lhe deo por regimento, que fizeſſe em Alexandria, e outros portos mil e duzentos homens, e que ſe metteſſe nas galés, e ſe foſſe a Baçorá, onde acharia regimento do que havia de fazer; e que por nenhum caſo tomaſſe Maſcate, nem Ormuz, nem tocaſſe em couſa alguma dos Portuguezes, e que trabalhaſſe muito por paſſar a Baçorá, ſem ſer viſto delles.

Deſpedido Pirbec ſe paſſou a Suez, e gaſtou todo eſte inverno paſſado em reformar as galés, e em as apparelhar. O Turco tanto que o deſpedio, mandou huma inſtrucção ao Baxá de Baçorá, em que lhe mandava, que tiveſſe preſtes quinze mil homens, e muitas terradas, e em outras embarcações, e que como Pirbec chegaſſe com as galés, foſſe pôr cerco á fortaleza de Ormuz,

muz, e não se alevantasse della sem a tomar. Pirbec tanto que teve as galés negociadas as poz no mar pera partir em Julho. Estas novas corrêram logo pelo Estreito, e chegáram a Ormuz já em Maio, tempo em que não podiam avisar o Viso-Rey, nem se sabia mais certeza, que aquillo que andava geralmente na boca dos estrangeiros. Pelo que querendo-se D. Alvaro de Noronha, Capitão daquella fortaleza, certificar da verdade, despedio hum navio ligeiro, de que fez Capitão Fernão Dias Cesar, soldado velho, e muito bom cavalleiro, (que já andava em trajos de mercador, e tinha de seu perto de vinte mil cruzados,) e deo-lhe por regimento, que se fosse á costa de Xael, e que esperasse os navios que haviam de vir de Meca pera Caxém, Camphar, e todos os mais portos, e que soubesse a certeza das galés, e quantas eram, e se sábiam pera onde se negociavam.

Partido Fernão Dias Cesar, foi-se pôr naquella paragem, e houve falla de algumas embarcações, e lhe affirmáram ficarem vinte e finco galés em Suez já no mar, e que corria fama geralmente que se hiam metter em Baçorá. Com estas novas se recolheo em Julho, e as deo a D. Alvaro de Noronha. E sabendo a certeza, mandou logo recolher todos os mantimentos, agua, le-

lenha, madeira, taboado, e outras muitas cousas pera dentro da fortaleza. E despedio logo dous navios ligeiros, em que mandou Simão da Costa, e Miguel Colaço, e lhes deo por regimento, que se fossem pôr no cabo de Rosalgate, até que se acabasse o mez de Agosto, que era a monção em que vem de Meca pera aquelle Estreito; e que havendo vista das galés, sendo mais de vinte, Simão da Costa se fizesse na volta da India, e fosse dar as novas ao Viso-Rey, e que Miguel Colaço voltasse pera Ormuz, e fosse dando aviso a todas aquellas povoações de Coriate, Calayate, Mascate, e outras pera estarem negociadas, e sobre aviso.

Partidos estes navios, se foram pôr no cabo de Rosalgate, aonde se deixáram estar com grande vigia. E sendo na entrada de Agosto, houveram vista de sinco galés, que Pirbec tinha mandado diante, em que vinha hum seu filho, que vinha descubrindo se havia na boca do Estreito alguns navios Portuguezes. Simão da Costa tanto que vio as vélas, e se affirmou serem galés, se foi sahindo pera o mar, pera descubrir se havia mais que aquellas; e não vendo mais, tornou-se pera dentro, porque não pode soffrer o vento Ponente, que era muito rijo. Miguel Colaço tanto que vio as galés, voltou

tou de longo da costa, e foi dando aviso a todas as povoações.

Estava em Mascate por Capitão hum João de Lisboa, que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha tinha mandado alli fazer hum forte, por lho mandar ElRey assim no seu regimento, por segurar os Portuguezes, que sempre estavam naquella povoação. Este João de Lisboa tinha começado este forte na cabeça da serra de Bacalá, que fica sobre a barra, e havia tres mezes que trabalhava nelle, e o tinha ainda imperfeito. Tanto que lhe deram as novas das galés, logo embarcou sua mulher em huma terrada, e outras de Portuguezes que alli havia, e mandou com ellas Bartholomeu Dias de Moraes, e Apollinario Mendes por velhos, pera que se fossem pera Ormuz; e João de Lisboa com sessenta Portuguezes que alli havia, se recolheo assima ao forte, e metteo dentro todos os mantimentos, lenha, agua, e munições que tinha, e fortificou-se o melhor que pode. O filho de Pirbec no tempo que Simão da Costa voltou pera a terra, houve vista delle; e mettendo o bastardo, o foi seguindo; e como o vento era rijo, e os mares grandes, e a fusta pequena, hia-se affogando de feição, que chegou a galé do filho de Pirbec a ella, e por desejar de tomar a todos vivos, não quiz metter a fusta

no fundo, e ſe foi deſviando de maneira, que lhe ficou debaixo dos remos. E havendo-ſe todos por perdidos, o bombardeiro, e hum ſoldado que hiam de prôa, lançáram as mãos aos remos pera ſe ſalvarem na galé, porque antes queriam ficar cativos que affogarem-ſe. Simão da Coſta, que era homem muito eſperto, não deſcoroçoou, antes encommendando-ſe a noſſa Senhora do Roſario, vendo que a galé ſe hia deſviando da fuſta, e que lhe hia ficando a gilavento, esforçando os marinheiros, foi preparando a véla, que lhe ficou abatida, e mettendo de ló tudo o que pode, foi deixando a galé a balravento, ficando-lhe dependurados nos remos o ſoldado, e o bombardeiro, que os Turcos recolhêram.

Vendo o filho de Pirbec que por ſeu deſcuido ſe lhe hia aquella fuſta, que bolinava mais que elle, a foi ſeguindo, atirando-lhe bombardadas. Simão da Coſta foi animando os marinheiros, deitando-lhes dinheiro na coxia pera mais os obrigar, e foi forçando a véla da fuſta tudo o que pode, tirando pera balravento, de feição, que conhecidamente lhe ficava já a galé, que ſempre o perſeguio até anoitecer, que perdeo a fuſta da viſta. Simão da Coſta vendo-ſe deſapreſſado, tanto que eſcureceo, mudou o rumo, e ſe foi paſſando á coſta de Perſia,

e

e de longo della foi tomar Ormuz, onde deo as novas das ſinco galés, que cauſáram tamanho alvoroço em todos, que ſe começou a deſpejar a Cidade: a gente miuda pera a banda do Magoſtão, e a principal, e mais rica pera a Ilha de Queixome, que eſtá perto de Ormuz. ElRey, e Guazil ſe recolhêram pera a fortaleza com ſuas mulheres, e riquezas, e D. Alvaro de Noronha Capitão della ſe recolheo dentro com todos os Portuguezes, e ſe começou a fortificar o melhor que pode. E fazendo alardo de toda a gente, achou perto de novecentos homens, porque eſtavam mais de trezentos da náo Caranja do Reyno, de que era Capitão Ayres Moniz, que foi tomar Ormuz por não ter tempo pera paſſar á India, como temos dito atrás no Cap. XVI. do IX. Liv. Antre toda eſta gente tinha D. Alvaro de Noronha na fortaleza mais de mil eſpingardas, e muitas munições, e armas.

## CAPITULO II.

*De como Pirbec paſſou pera Maſcate: e como o Feitor de Calayate partio com recado pera Goa: e de como os Turcos deſembarcáram em Maſcate: e do cerco que puzeram á fortaleza: e de como os de dentro ſe lhe entregáram a partido.*

TAnto que o filho de Pirbec perdeo Simão da Coſta de viſta, tornou a voltar, e quando amanheceo achou-ſe á viſta da outra coſta de Arabia avante de Maſcate; pelo que lhe foi forçado tornar em buſca do pai, como fez. E quiz a deſaventura, que tanto ávante como o lugar de Alfação, encontraſſe a terrada em que vinham as mulheres de João de Lisboa, e as outras, e tomando-as comſigo, a Bartholomeu Dias, e a Apollinario Mendes, mandou metter a banco da ſua galé, e com eſta preza chegou a Maſcate, onde já achou ſeu pai; porque Pirbec como vinha muito atrás com a Armada toda, quando entrou o Eſtreito não achou novas das galés em que tinha mandado o filho, nem ſabia o que lhe tinha acontecido com as noſſas fuſtas; e parecendo-lhe que o acharia em Maſcate, foi de longo da coſta pera o buſcar, e paſſando por Calayate, onde eſtava hum Eſtevão Gomes por Feitor,

tor, tanto que vio paſſar as galés, como era muito determinado, e valente homem; ſe metteo em hum tarranquim muito pequeno, e deo á véla pera ir aviſar ao Viſo-Rey, e de ſua jornada adiante daremos razão.

Pirbec tanto que achou o filho, alvoroçado com a preza, entrou pela barra de Maſcate dentro; e ſem embargo de ſaber como os Portuguezes eſtavam fortificados, deſembarcou em terra ſem achar reſiſtencia, e ſaqueou a povoação, que eſtava deſpejada, aonde ainda achou muitas fazendas, que ſe não pudéram recolher. E deſejoſo de levar os Portuguezes ao Turco de preſente, tratou de os cercar, e haver ás mãos, pera o que mandou deſembarcar algumas peças de artilheria, e querendo-as paſſar aſſima, não pudéram levar mais que hum cão, por ſer o caminho tão ingreme, que com muito trabalho ſubiam por elle os homens. Subida eſta peça aſſima, ſe poz elle com todos os Turcos em ſima de hum tezo, que ficava padraſto ao forte, e alli ſe fortificou, e plantou ſeus beſtiães, e ſe cercou de vallos, e tranqueiras muito fortes. Dalli começou a dar ſua bateria, e accommetter os noſſos por muitos aſſaltos; e como o forte ficava muito deſcuberto ás ſuas eſtancias, mettiam-lhes dentro todos os pelouros, com que lhe feriam muitos; mas tambem os noſſos os eſ-

can-

candalizavam mui bem. Durou isto dezoito dias continuos, em que os Portuguezes se defendêram com muito valor; mas como não estavam muito provídos, nem cuidáram que os Turcos se detivessem alli tanto tempo, começou-lhes a faltar a agua, e mantimentos, e esses poucos que havia se hiam repartindo com grande provisão, porque lhes abrangesse mais alguns dias. O Pirbec vendo os Portuguezes tão determinados, desenganado de os entrar por força, e que o tempo se lhe hia gastando, determinou de os apalpar com os partidos que quizessem, e assim lhes mandou bradar por hum João da Barca Portuguez arrenegado, que trazia comsigo. E vindo á falla com os de dentro, lhes disse: » Que Pirbec mandava dizer ao » Capitão, que se lhe désse licença manda- » ria fallar com elle hum homem sobre cou- » sas que importavam muito. » O João de Lisboa tomando parecer com todos sobre o que faria, assentou-se que se ouvisse; e dando-lhe recado, foi o mesmo João da Barca, e disse ao Capitão: » Que o Baxá lhe pedia » que não quizesse ir por diante com sua tei- » ma, que bem sabia as necessidades em que » estavam; que se entregassem a elle, que » lhes daria as vidas a todos, e embarca- » ções pera se passarem á India. » Com isto lhe disse mais o arrenegado João da Barca mui-

muitas cousas das grandezas, e liberalidades de Pirbec, affirmando-lhe que lhe havia de cumprir o que lhe promettia, e que se não quizesse acceitar seus partidos, soubesse em certo, que se não havia de alevantar de sobre aquelle forte sem o entrar, e que não havia de dar a vida a hum só.

Depois do Capitão o ouvir o mandou deter, e poz em conselho aquelle negocio; apontando as difficuldades que havia, e a falta de tudo. E debatido antre todos, assentáram » que fosse o Capitão João de Lis» boa com hum Padre da Companhia que » alli estava a se verem com Pirbec, e a con» cluir com elle os partidos; e que o que » elles concluissem, elles o haviam por feito.» Com isto se foram ambos em companhia do arrenegado João da Barca ao Baxá, que os recebeo mui bem. E assentados todos, mostrando-lhes o Baxá grande benevolencia, lhes disse: » Que elle não queria naquelle nego» cio maior honra, que saber o Turco to» mar elle huma fortaleza aos Portuguezes: » que ás pessoas de todos os que dentro es» tavam lhes segurava as vidas, e liberda» des, pera que se pudessem ir pera onde » quizessem.» Nisto se espraiou tanto, que acceitou João de Lisboa os partidos, e o Baxá lhe passou hum largo salvo conduto em nome do Turco, com que João de Lis-

boa

boa mandou dizer a todos os que eſtavam no forte, que ſe foſſem logo pera elle, como fizeram. E como o Baxá os teve comſigo, quebrando-lhes a palavra, (como todos os Turcos fazem,) os metteo a todos a banco nas galés, e mandou embarcar a artilheria do forte, e toda a fazenda que dentro tinham recolhida, que era muita. Feito iſto ſe embarcou, deixando o forte vazio.

As peſſoas principaes, que alli foram cativos com João de Lisboa, foram André, e Diogo Feyo, ambos irmãos naturaes da Ilha da Madeira, que depois foram caſados, e Cidadãos de Goa, Baſtião Criado de Abreu, que depois foi Capitão de Tarapór, e Maym, Manoel Caſtellão, Antonio Lopes de Oliveira, Diogo Luiz, Manoel Dias, Antonio Pinto, e outros caſados, e Cavalleiros nobres, e honrados.

## CAPITULO III.

*De como a Armada dos Turcos chegou a Ormuz: e do cerco que puzeram á fortaleza: e do que aconteceo em todo o diſcurſo delle.*

PArtido o Baxá Pirbec de Maſcate, em poucos dias foi ter a Ormuz, e appareceo a Armada hum dia de grande cerração, e

e foi demandar da outra banda de Chaurú, onde poz logo toda a gente em terra. O Capitão D. Alvaro de Noronha, poſto que andava doente de quartans, ſahio fóra da fortaleza com ſeiscentos homens, deixando os mais em guarda della, e poſto em muito boa ordem foi eſperar os Turcos no campo, e chegou até á Cruz de fóra da Cidade, donde mandou eſpiar os inimigos, e ſoube eſtarem todos póſtos em terra. E tomando parecer ſobre o que faria, aſſentáram, que ſe recolheſſem pera a fortaleza, até verem o que determinavam os inimigos, como logo fizeram. D. Alvaro de Noronha todo aquelle dia, e noite paſſou com grandes vigias ſobre os Turcos, e proveo nas náos que eſtavam no porto, que eram quarenta, porque lhas não tomaſſem, e com muita brevidade as mandou deſpejar, e atracar á fortaleza debaixo do baluarte, as mais dellas deſemmaſtreadas, e a náo Caranja do Reyno, que era muito grande, mandou que a chegaſſem tudo o que pudeſſem, como os Officiaes fizeram, lançando-lhe por baixo do leme groſſos viradouros, e amarrados á fortaleza, porque a não pudeſſem levar, e dentro nella mandou Ayres Moniz Barreto (que era ſeu Capitão) metter o ſeu Meſtre (que era o Rachachona) affamado em ſeu officio, e com elle todos os Grumetes, e o Con-

deſ-

deſtrabre com os bombardeiros, pera terem a artilheria ſempre preparada.

D. Alvaro de Noronha depois de prover nas náos, o fez tambem na defensão da fortaleza, por eſta maneira. No baluarte Santo André poz por Capitão D. Franciſco de Almeida, filho de D. Pedro de Almeida de Evora, e lhe deo duzentos e quarenta homens. No baluarte Sant-Iago, que cahe ſobre o jogo da bola, poz Gonçalo Guedes de Reboredo, cavalleiro muito esforçado, com cento e trinta ſoldados. O baluarte da varanda tomou o Capitão pera ſi com cem homens de ſua obrigação. E no muro que corre deſte baluarte pera o de Santo André, poz Ayres Moniz Barreto com ſincoenta homens. E no outro panno, que corre pera o de Sant-Iago, poz Manoel de Souſa, de alcunha o Fino macho, irmão de Fernão de Souſa de Caſtello-branco, com trinta homens. Da banda do mar poz Antonio Corrêa, cavalleiro honrado, caſado, rico, (que caſou ſua filha com D. Antonio de Noronha, que depois foi Capitão de Cochim, em quem muitas vezes havemos de fallar,) e lhe deo ſeſſenta homens. No baluarte do meio eſtava o Alcaide mór, que era hum João Homem da obrigação do Conde de Vimioſo, com quarenta homens. No meio da torre da menagem ſobre os armazens eſtava

ElRey com ſua mulher, e filhos, e o Guazil, e Miraberús, Juſtiça mór do Reyno, com ſuas familias. A outra ſoldadeſca que não coube nas eſtancias, ficou de fóra com alguns ſobre roldas, que o Capitão ordenou pera acudirem aonde foſſe neceſſario. O Pirbec dormio aquella noite em terra, e ao outro dia mandou deſembarcar a artilheria com que determinava bater a fortaleza, e aquella foi marchando até ſe pôr á viſta della, aſſentando o exercito naquella parte onde eſteve a Alfandega velha, e ſe começou logo a fortificar com muita madeira, que acháram na Cidade, pedra, e terra, que tudo acháram á mão. Ao outro dia plantáram ſeus beſtiães, e trincheiras na fórma ſeguinte.

Na ponta da Alfandega velha puzeram hum beſtião com tres peças groſſas, de quarenta arrateis de pelouro de ferro coado. Deſta eſtancia corria huma tranqueira forte atraveſſando o terreiro da fortaleza, e defronte das caſas do Capitão fizeram outro beſtião, em que puzeram outras ſinco peças groſſas, humas de pelouros de ferro, outros de pedra. Daqui foi correndo a tranqueira até á fronteria da fortaleza, em que fizeram hum angulo mui forte, por cauſa da bateria, e dalli foi correndo a tranqueira até o mar com tres beſtiães mais, com ſinco peças groſſas cada hum, ficando a frontaria da

for-

fortaleza cercada de mar a mar; e em ſima dos terrados das caſas de ElRey ſe puzeram duas peças groſſas, porque ſe deſcubria dahi a fortaleza toda mui bem. Plantadas eſtas eſtancias na fórma que diſſemos, começáram os Turcos a bater a fortaleza de todas as partes, com muita furia, e braveza, e com a meſma lhe reſpondêram della; e como os muros eram de gueche, os pelouros de pedra das peças groſſas ficavam mettidos no muro, e encaixados de maneira, (meios dentro, e meios fóra,) que ainda que os puzeram de induſtria, não ſe fizera a mór compaſſo, e alli ficavam, onde até hoje eſtam.

O Capitão deſejou de aviſar o Viſo-Rey, e mandou negociar huma fuſta, que eſtava varada ao pé da fortaleza, e deſpedio nella Pero Fernandes de Carvalho, que á noite dos quatro dias do cerco ſe affaſtou da fortaleza, e ſe foi a remo, até ſe pôr da outra banda do Magoſtão, e dalli foi correndo a coſta até o Cabo de Jaſques, donde tomou o caminho ordinario. E porque eſta fuſta poderia correr algum perigo, dahi a outros dous dias deſpedio outra, em que mandou hum morador de Ormuz, chamado Coſmo Alvares, que tomou a meſma derrota. Os Turcos foram continuando ſua bateria, ſem fazerem damno algum á for-

taleza, recebendo elles della muitos; porque o Condestrabre, que era natural de Navarra, era tão grande official, que muitas vezes lhe mettia os pelouros pelas bocas das suas bombardas, com que lhas fazia arrebentar, e muitas lhes matáram muita gente, e lhes desfez os bestiães, que elles logo reformáram, mas com muito trabalho. Os soldados Portuguezes, que na India são muito soltos, e affoutos, enfadados de estarem encurralados, bradavam publicamente por batalha, requerendo ao Capitão que lhes mandasse abrir as portas, que elles queriam ir ganhar as estancias dos inimigos, e tomarlhes toda sua artilheria. O Capitão os moderou com muita brandura, affirmando-lhes » que como fosse tempo o faria, mas que » por então não lhes convinha, porque não » tinha informação alguma da cópia dos ini» migos; porque se se haviam de julgar pe» lo número das galés, o menos haviam de » ser mais de tres mil homens; que se quie» tassem, porque tratava de ver se podia ha» ver alguma espia ás mãos; e que como se » certificasse da verdade, elle lhes faria a to» dos a vontade.» Disto se não satisfizeram os soldados, e andavam quasi como amotinados, e ainda os azedavam mais os Turcos, porque tanto que se acabava a bateria, de noite lhes diziam do arraial muitas

cou-

couſas, que lhes ſoavam mal, chamando-lhes » cocorins, que quer dizer gallinhas, e que » não preſtavam pera couſa alguma; que eſ- » tavam em expoeirados » com outras couſas a eſte ſom; mas os ſoldados ſe deſempulhavão, dizendo-lhes, » que fallavam el- » les, porque o ſeu Capitão lhes não dava » licença pera os irem lá buſcar, porque ſe » lha a elles deram, houveram de achar leões, » e não gallinhas; mas que tempo viria, em » que lho moſtrariam. » Com iſto, e por eſta cauſa murmuravam do Capitão publicamente; mas D. Alvaro de Noronha, como aquella fortaleza era a mais importante de todas as da India, porque com ella tinham os Reys de Portugal poſto hum grande freio á inſolencia do Turco, queria-ſe ſegurar, porque não tinha certeza do que hia no exercito; e como andava de quartans, entriſtecião-no aquellas couſas, e melancolizavão-no mais.

Gonçalo Guedes de Reboredo, Capitão do baluarte Sant-Iago, vendo quanto o Capitão deſejava haver ás mãos huma eſpia, ſe lhe offereceo pera lha ir tomar, e elle lhe acceitou o offerecimento, e mandou fazer preſtes pera de noite com cem homens. Pera eſta ſahida ſe lhe offerecêram todos os Fidalgos, e Cavalleiros honrados, que na fortaleza havia, a que o Capitão não quiz

dar

dar licença. Preſtes todos no quarto da modorra, eſtando já o poſtigo da fortaleza aberto pera ſahirem pera fóra; ou que receaſſe D. Alvaro de Noronha algum deſaſtre, ou que ſuſpeitaſſe que eram ſentidos, tornou a mandar recolher Gonçalo Guedes; do que todos os que com elle hiam ficáram muito triſtes.

A bateria ſe foi continuando; mas vendo Pirbec o pouco damno que fazia á fortaleza, determinou de ſe levantar; e primeiro que o fizeſſe, virou a artilheria pera as náos, e todo hum dia as bateo, deſcarregando nellas aquella tempeſtade, e trovoada de pelouros, de que os mais embaçáram na náo do Reyno, que lhe ficava mais em bateria; mas della tambem o viſitáram com huma formoſa ſalva, com que lhe matáram alguns, trabalhando o ſeu Meſtre com todos os marinheiros muito bem, porque com muita preſteza acudíram a tapar alguns rombos que lhe fizeram.

CA-

## CAPITULO IV.

*De como os Turcos alevantáram o cerco: e dos recados que passáram antre Pirbec, e o Capitão: e de como os inimigos saqueáram a Ilha de Queixome.*

AO outro dia depois que isto passou, mandou Pirbec embarcar a artilheria, e aquella noite que se havia de recolher, chegou á falla com os da fortaleza hum foão Balieiro, bombardeiro de Mascate, que tambem foi cativo, e disse, » que dissessem ao » Capitão, que bem podia mandar resgatar » toda a gente de Mascate, que alli estava » cativa, porque Pirbec lhe queria fazer esse » serviço; » dizendo-lhes a voltas disto muitos louvores do Baxá, engrandecendo-o muito com palavras, que lhe faziam dizer. O Capitão então soube o successo de Mascate, porque até então não tivera novas algumas, do que ficou muito triste. E porque não sabia o que era passado naquelle negocio, nem o modo de como cativáram os de Mascate, não quiz que se respondesse cousa alguma ao Balieiro. Vendo o Baxá que lhe não fallavam a proposito, mandou salvar a fortaleza pera se embarcar, e della lhe respondêram com outra tamanha, que espantou aos inimigos, porque durou mais de duas ho-

horas ſem ceſſar, porque nunca os Turcos cuidáram que dentro naquella fortaleza havia tanto cabedal; e logo ſe começáram a embarcar, havendo vinte dias que tinham cercados os noſſos, e ao recolher ſe mettêram pela Cidade a roubar com tamanha deſordem, que quaeſquer trezentos homens que nelles deram os desbaratáram de todo.

Depois dos Turcos deſtruirem, e arrazarem a Cidade ſe embarcáram, e ſe affaſtáram de largo. Dalli deſpedio o Pirbec huma bateria de huma galé, que chegou perto da fortaleza, e capeou com huma bandeira branca; e chegados á falla com os do baluarte de ſobre o jogo da bola, diſſeram della, » que traziam *hum recado do Baxá* » pera o Capitão; » *elle lhe mandou abrir*, e deſembarcou hum Comitre Italiano, e com elle Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e Apollinario Mendes, e a mulher de João de Lisboa, e o ſoldado, e o bombardeiro da fuſta de Simão da Coſta, (como diſſemos, que ficáram dependurados nos remos da galé do filho de Pirbec,) e levados todos ao Capitão, lhe diſſe o Comitre, » que » o Baxá lhe fazia ſerviço daquelles homens, » e mulher, e de hum rico arco, e coldre » que levava na mão; e que ſe quizeſſem » reſgatar toda a gente de Maſcate, que el» le eſperaria por iſſo. » O Capitão depois

que

que ouvio o Comitre o mandou metter no tronco, com todas as pessoas que com elle vinham, até os marinheiros da barquinha, e alli os teve dous dias; ao terceiro os mandou levar diante de si, e os vestio de escarlata a todos, e disse ao Comitre, » que tornasse a levar a mulher de João de Lisboa, » e Bartholomeu Rodrigues de Moraes, e » Apollinario Mendes, e que dissesse ao Ba» xá, que elle não resgatava homens Portu» guezes tão fracos, que assim se entregá» ram, sem primeiro serem espedaçados, e » que aquella mulher a tornassem a entregar » a seu marido, porque até nella queria exe» cutar a culpa delle. E que o soldado, e » bombardeiro da fusta de Simão da Costa » tomava, porque não tinham culpa, por » cujo resgate lhe mandava aquellas peças, » dando-lhe logo huma formosa bacia, e » jarro de prata dourados de bestiães, e com » isso tambem hum rico arcabuz, e huma » formosa espada, e rodela; e que dissesse » ao Baxá, que aquelles eram os presentes » com que os Capitães de ElRey de Portu» gal agazalhavam os vassallos do Turco. » Com isto os mandou embarcar, sem lhe dar cousa alguma dos prantos, e lagrimas daquella pobre mulher, e dos dous velhos.

Chegados á galé, e dado o recado ao Baxá, mandou, tanto que foi noite, lançar na

Ilha

Ilha pelo meſmo Comitre a mulher de João de Lisboa, e os dous velhos; e levando-ſe, prepaſſou por huma náo de hum Portuguez, que ficou da outra banda deſpejada, e dando-lhe toa, a levou comſigo, e ſe paſſou á Ilha de Queixome; porque foi aviſado que todo o recheio da Cidade de Ormuz eſtava nella. E deſembarcando ſem reſiſtencia alguma, a entrou, e ſaqueou, e encheo as galés de riquezas, porque havia nella mais de trinta mercadores, de quarenta, trinta, e vinte mil cruzados, em que entrava hum Judéo Heſpanhol, chamado Salamão, que tinha de ſeu oitenta mil cruzados em ouro, perolas, pedraria, e outras fazendas, que tudo lhe tomáram, e o cativáram com ſua mulher, e familia. E da gente que eſtava na Ilha, que eram perto de vinte mil peſſoas, cativáram os Turcos as que quizeram, fazendo grandes cruezas, e deshumanidades.

Eſtá eſta Ilha de Queixome affaſtada da de Ormuz pera a coſta de Arabia duas leguas; ſerá de trinta de comprido, e de duas, e em partes de tres de largo: começa em hum lugar chamado Laphta, e acaba em outro que ſe chama Cirimião, que he a ponta mais de dentro. Os Turcos andáram nella muitos dias, porque a corrêram toda, e depois de fartos, e cheios ſe embarcáram, e ſe foram pera Baçorá. A mulher de João de

de Lisboa, e os dous velhos foram ter á fortaleza. O Capitão tinha mandado alguns terranquins ligeiros a vigiar os Turcos; e trazendo-lhe novas que já eram recolhidos pera Baçorá, se foi ElRey, e o Guazil pera a Cidade, que acháram destruida, e assolada, e logo começou a correr a gente que estava da outra banda, e se tornou a povoar, e reformar.

## CAPITULO V.

*Do recado que chegou a Goa das galés: e de como D. Diogo de Noronha o Corcôs, e D. Antonio de Noronha partíram pera Ormuz em duas fustas: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se preparou pera ir em pessoa ao soccorro: e da falla que fez na Camara de Goa, pedindo-lhes ajuda, e emprestimo.*

EStevão Gomes, Feitor de Calayate, que atrás deixámos partido pera Goa em o terranquim, foi atravessando aquelle grande Golfo até haver vista da terra de Baçaim, e entrando dentro, deo recado á Cidade; e depois de tomar agua, e mantimentos, partio pera Goa. Causou em Baçaim grande alvoroço a nova dos Turcos, e se começáram a fazer algumas pessoas prestes pera irem de soccorro a Ormuz; e primeiro que todos

dos foi Antonio de Sá o Rume, (hum Fidalgo, em que muitas vezes temos fallado nestas nossas Decadas.) Este se embarcou em hum catur ligeiro com vinte soldados, e ao outro dia se fez á véla, ferrolhando no mar todos os marinheiros em cadeias, que logo pera isso levou em segredo; porque determinava de passar por antre as galés dos Rumes, e não queria que com o medo se lançassem ao mar. E tanta pressa se deo no caminho, que em vinte dias foi tomar Ormuz, andando ainda os Turcos na Ilha de Queixome, e o Capitão o recebeo com muitas honras. Estevão Gomes chegou a Goa por fim de Agosto, cousa que foi espantosa aos homens, em huma tão pequena embarcação atravessar em tempo tão forte hum tão grande, e perigoso golfão.

Chegado este homem a Goa se foi ver com o Viso-Rey, e lhe deo as novas da Armada dos Turcos, e de quantas galés eram, porque as contou elle muito de vagar. O Viso-Rey posto que lhe causou aquillo alguma alteração, todavia logo determinou de acudir áquelle negocio em pessoa, e mandou chamar os Fidalgos, e Capitães do conselho, a quem deo conta do que passava, e lhes declarou, que sua tenção era embarcar-se logo, pedindo-lhes que se fizessem prestes pera o acompanharem. Todos lho louváram

muito, e se lhes offerecêram com muito gosto.

Sahidos dalli, logo D. Diogo de Noronha o Corcôs, e seu primo D. Antonio de Noronha, irmão de D. Alvaro de Noronha, Capitão de Ormuz, foram tomar cada hum seu navio de remo, e ajuntando parentes, e amigos, embarcando-se cada hum com sincoenta soldados, e ao outro dia se fizeram á véla pera Ormuz, e foram seguindo seu caminho, em que os deixaremos até tornar a elles.

As novas se espalháram logo pela Cidade, a que acudíram todos, velhos, e moços a se offerecerem ao Viso-Rey, sendo dos primeiros os Cidadãos, que sempre nas semelhantes necessidades servíram ElRey com as fazendas, e pessoas. O Viso-Rey se foi á ribeira das Armadas, e com muita pressa mandou preparar os galeões, caravelas, galés, e fustas; e como na ribeira havia ainda mais de quinhentos homens do mar, repartindo-se por todas as embarcações, as foram preparando sem confusão, nem estorvo de huns, e outros, pela boa ordem que naquelle negocio houve.

A primeira cousa que o Viso-Rey fez, foi despedir dous navios ligeiros, hum pera ir pelas fortalezas do Norte com cartas ás Cidades, e a pessoas particulares, em que

lhes

lhes representava a necessidade presente, pedindo-lhes ajuda de gente, e navios. O outro navio, de que era Capitão Fernão Farto, bom cavalleiro, e grande homem do mar pera ir a Ormuz com cartas pera o Capitão, em que lhe affirmava ficar no mar pera o ir soccorrer, e que apôs este chegaria. O Viso-Rey ficou dando pressa ás cousas, mandando ajuntar mantimentos, e ordenar munições, e todas as mais cousas necessarias pera a jornada. E porque o Estado estava falto de dinheiro, se quiz valer da Cidade, como sempre os Governadores, e Viso-Reys fizeram; e estando os Vereadores em Camara, se foi a ella, acompanhado dos Capitães, e Fidalgos velhos, e assentado em seu lugar lhes fez esta falla:

» A natureza universal mãi de todas as » cousas tem posto os homens em tanta obri» gação, que por ella, e pela conservar » muitas vezes se offerecêram a grandes pe» rigos, e acabáram cousas, que quasi pare» ciam impossiveis pera se poderem commet» ter. E ainda por esta razão chamamos ge» ralmente á terra onde nascemos nossa na» tureza, porque parece que alli nos obri» gou a ser mais inclinados com particular » affeição; e da creação que nella recebe» mos, vem muitas vezes alcançarmos sau» de em nossas enfermidades, por proprio

be-

» beneficio da natureza; mas eu verdadeira-
» mente tenho por muito certo ſer a pro-
» pria natureza dos Portuguezes, moſtrarem
» ſua opinião, e lealdade no ſerviço do ſeu
» Rey, e Senhor; como muitas vezes ſe
» vio por experiencia dos mui grandes fei-
» tos que nos Reynos de Portugal, e nas
» partes de Africa, e neſtas da India, com
» muito valor, e esforço fizeram, e acabá-
» ram, havendo muitas, e mui aſſinaladas
» vitorias com muito menos gente, e deſi-
» gual poder dos inimigos. E por iſſo pra-
» ticando os Caſtelhanos no damno que re-
» cebêram na batalha real com grande eſ-
» panto, pela deſigualdade dos poderes, e
» gente, diſſe ElRey de Caſtella que não ſe
» eſpantaſſem, que impoſſivel era deſbara-
» tar-ſe hum pai de dez mil filhos, que tal
» era ElRey de Portugal dos Portuguezes,
» e elles do ſeu Rey. E que ElRey meu Se-
» nhor mais propriamente tenha eſte nome de
» pai de ſeus vaſſallos, claro parece pelas
» muitas honras, e grandes mercês que con-
» tinuamente delle recebemos, e pelo amor,
» e boa vontade com que nos trata. E por
» eſta razão, pela confiança que ſei que el-
» le tem de vós, e eu em ſeu nome ſempre
» depois que a eſta terra vim, tenho por
» mui certo que todos eſtais alegres, e uſa-
» nos de em noſſo tempo ſuccederem cou-
» ſas,

» ſas, em que fazendo grandes, e aſſinala-
» dos ſerviços a Deos, e S. A. poſſais moſ-
» trar o amor, e lealdade, a que voſſa na-
» tureza vos inclina, e traz obrigados; e
» que na India ſejam feitos muitos ſerviços
» de grande qualidade, e merecimento, ne-
» nhum ſe póde igualar a eſte pela qualidade
» do negocio, e da parte em que eſpero em
» noſſo Senhor ſe faça. Porque Dio, e ou-
» tras fortalezas podem-ſe chamar membros
» particulares da India; mas Ormuz (a que
» he neceſſario ſoccorrer, por eſtar em peri-
» go, ſegundo tenho ſabido, e com Arma-
» da de Turcos ſobre elle) he corpo de que
» todos os membros recebem ſubſtancia, e
» ſe ſuſtem; porque além da renda que S. A.
» nelle tem, a mór parte da deſta Cidade e
» della lhe vem; nem a India ſe pudéra ſuſ-
» tentar ſem a contratação de Ormuz.

» Donde ſe infere, que o Eſtado da In-
» dia todo pende da defensão, e ſegurança
» daquella fortaleza; e por os Turcos terem
» ſabido por experiencia não poderem por
» outra parte fazer damno na India, (pelo
» muito que recebêram, quando a ella vie-
» ram,) determinam pôr todas ſuas forças
» na tomada, e deſtruição de Ormuz, a que
» com grande preſteza, e muito poder he
» neceſſario acudir, e ſoccorrer. E pois eſ-
» ta Cidade, e os moradores della tão bem

» tem

» tem ſervido, e moſtrado ſua lealdade em
» todos os perigos, e neceſſidades paſſadas;
» neſta que he mui differente, e de muito
» maior qualidade, e obrigação, não ſe eſ-
» pera que o façam menos, nem com me-
» nos vontade, e mais tendo-me por voſſo
» Capitão, que tão obrigado ſou, aſſim por
» mim, como pelos de que deſcendo, a
» morrer pelo ſerviço de meu Rey, e Se-
» nhor, e principalmente pelo de S. A. de
» quem tantas honras, e mercês tenho rece-
» bido, o que aſſim meſmo farei por ſeus
» vaſſallos, e particularmente pelos deſta Ci-
» dade, pela vontade, e amor que delles
» tenho conhecido.

» Pelo que além de vos notificar as no-
» vas que tenho, (que he como digo eſta-
» rem os Turcos ſobre Ormuz com groſſa
» Armada, e os perigos que diſſo podem
» recreſcer,) vos peço que pera ſeu ſoccor-
» ro me queirais ajudar com empreſtar a S.
» A. ſincoenta mil pardáos pera me fazer
» preſtes, e os repartais antre todos de ma-
» neira, que ſe poſſam haver ſem eſcanda-
» lo, e cada hum folgue de empreſtar aquil-
» lo, que boamente lhe couber á ſua parte,
» pois he pera tanto ſerviço de Deos, e de
» S. A., e pera ſegurança deſta terra, e de
» voſſas mulheres, e filhos: pera o que eſ-
» pero que vos não falte o favor, e ajuda

» de noſſo Senhor, em quem todos cremos,
» e devemos confiar, que nos dará vitoria
» pera gloria, e louvor de ſeu ſanto Nome.
» E o dinheiro vos ſerá tornado por Diogo
» Soares, contratador das terras firmes, que
» diſſo fará obrigação; e nos quarteis deſte
» anno de ſeu arrendamento, que ora en-
» tra, vo-los irá pagando; e eu darei pera
» iſſo as Proviſões que vos forem neceſſa-
» rias, pera que com effeito ſejais pagos.
» Além diſſo o ſaberá S. A. por minhas car-
» tas, pera que com honras, e mercês vos
» ſatisfaça; e eu em ſeu nome ficarei na meſ-
» ma obrigação pera ſempre. »

Acabada a falla alevantou-ſe o Vereador mais velho, e em nome de todos lhe reſpondeo: » Que bem viam quão neceſſa-
» rio era acudir-ſe áquella neceſſidade, por-
» que a fortaleza de Ormuz era a chave de
» toda a India, e cabeça daquelle commer-
» cio da Perſia, e Arabia, titulo de que os
» Reys de Portugal tanto ſe jactavam: que
» toda a Cidade em geral, e cada hum dos
» ſeus Cidadãos por ſi eſtavam muito preſ-
» tes pera ſervirem o ſeu Rey com ſuas peſ-
» ſoas, fazendas, navios, fuſtas, dinheiro,
» e com tudo o mais que pudeſſem; porque
» poſto que em todas as neceſſidades paſſa-
» das ſempre aſſim o fizeram, que na pre-
» ſente, que era ſobre todas, e mais em ne-

» go-

» gocio de Turcos, inimigos do nome Chri» stão, não havia quem se pudesse escusar; » antes agora com dobradas forças, e dese» jos se offereciam com tudo o que a fortu» na lhes deo, e que estavam pezarosos de » não ser a posse conforme aos desejos que » todos tinham.» O Viso-Rey lhe deo os agradecimentos, assim da parte de ElRey, como da sua. Os Vereadores começáram logo a tirar pelo povo, e não sem alguma desordem, e ajuntáram vinte mil pardáos, que leváram ao Viso-Rey, com que se começou a negociar, e lançar a Armada ao mar.

## CAPITULO VI.

*Da Armada que este anno de sincoenta e dous partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha se embarcou pera Ormuz: e das novas que no caminho teve das galés serem recolhidas: e de como despedio D. Antão de Noronha com huma grossa Armada pera aquella fortaleza: e de como mandou Francisco Barreto com poderes de Governador a Cochim a fazer a carga das náos do Reyno.*

ANdando o Viso-Rey dando pressa á sua embarcação, sendo oito de Setembro, chegáram á barra de Goa tres náos, de seis

que este Abril passado de sincoenta e dous tinham partido do Reyno, de que era Capitão mór Fernão Soares de Albergaria, que vinha na náo S. Boaventura. Os outros Capitães que com elle chegáram, foram, Francisco da Cunha, na náo S. Pedro; Braz da Silva de Santarem em S. Filippe. As tres náos que faltavam eram a Barrileira, de que era Capitão D. Jorge de Menezes Baroche; e Sant-Iago, em que vinha Antonio Dias de Figueiredo, que ambos ficaram invernando em Moçambique. Da outra náo, que era o Zambuco, vinha por Capitão Antonio Moniz Barreto, despachado com a fortaleza de Baçaim; e vindo demandar a costa da India, foi varar no rio de Seitapór, vinta leguas de Goa, e a gente toda se salvou em terra com a mór parte da fazenda. Estas náos trouxeram novas como o Principe D. João ficava casado com a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., que era sua prima com irmã, sendo elle de idade de dezeseis annos. Estas novas festejou o Viso-Rey muito.

Com a chegada destas náos se começou o Viso-Rey a embarcar, dando despacho a muitos negocios, porque hia arriscado a não poder tornar senão em Março. E porque lhe tinham chegado novas da morte de D. João Henriques, Capitão de Ceilão, despa-

pachou pera aquella fortaleza D. Duarte Deça; e assim o fez tambem ás náos de Malaca, em que mandou o Licenciado Francisco Alvares pera ir tomar residencia a Dom Pedro da Silva da Gama, e pera fazer outras cousas que convinham ao serviço de El-Rey.

Nestas náos se embarcou o Padre Mestre Francisco, da Companhia de Jesus, que hia pera passar á Provincia da China, a cujo Rey levava hum rico presente, que ElRey de Portugal lhe mandava, pera por meio delle ver se se podia dilatar naquella grande região a Fé de Christo; e aquelle anno lhe tinham vindo Breves, que o Summo Pontifice lhe mandava de Nuncio Apostolico da India.

Despachadas estas cousas, se embarcou o Viso-Rey no fim de Outubro, e deo á véla com huma Armada de mais de oitenta navios, em que havia mais de trinta grossos. Os Fidalgos, e Capitães que nesta jornada o acompanháram, são os seguintes: D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey, D. Antão de Noronha seu sobrinho, D. Diogo de Sousa, Gonçalo Pereira Marramaque, D. João de Almeida, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, Heytor de Mello Pereira, D. Martinho da Cunha, e Dom Lopo da Cunha, ambos irmãos de D. Pe-

dro

dro da Cunha, Capitão mór das galés do Reyno, Pero de Taíde Inferno, Fernão de Caſtanhoſo, Fidalgo Caſtelhano, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago, Diogo Alvares Telles, Baſtião de Sá, Affonſo Pereira de Lacerda, Miguel Rodrigues Coutinho, de alcunha Fios ſeccos, Franciſco de Mello Pereira, Jorge de Mendoça, Antonio Moniz Barreto, Martim Affonſo de Miranda, Pero Barreto Rolim, Antonio Peſſoa, Vaſco da Cunha, Antonio de Souſa Coutinho o coxo, D. Pedro de Souſa, João Fernandes de Vaſconcellos, D. Filippe de Caſtro, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros, que logo adiante nomearemos.

Dada á véla foram ſua derrota com ventos Levantes proſperos, e em poucos dias foram tomar Dio. Alli achou o Viſo-Rey hum navio ligeiro, que vinha de Ormuz, com cartas de D. Alvaro de Noronha, em que lhe fazia a ſaber ſerem as galés recolhidas pera Baçorá, e lhe dava muito miuda conta de todas as couſas acontecidas, aſſim em Maſcate, como em Ormuz. O Viſo-Rey ſentio muito o negocio de Maſcate. Logo ſe eſpalháram as novas das galés ſerem idas, o que todos ſentíram muito, porque hiam alvoroçados pera provarem a mão com elles. O Viſo-Rey mandou chamar os Capitães velhos, e lhes moſtrou a carta, e poz

poz em conſelho o que faria naquelle negocio. Viſtas por todos aquellas couſas, aſſentáram, que pois os Turcos eram recolhidos, que mandaſſe huma boa Armada pera andar no Eſtreito de Ormuz, e pera no inverno ſe recolher áquella fortaleza pela ſegurar, e que o Viſo-Rey ſe tornaſſe pera Goa.

Com eſta reſolução deſpedio o Viſo-Rey logo ſeu ſobrinho D. Antão de Noronha, com doze navios groſſos, e vinte ligeiros. Dos grandes eram Capitães (a fóra D. Antão de Noronha, que hia no Galeão S. Lourenço) Gonçalo Pereira Marramaque no galeão Camorim, Fernão de Caſtanhoſo em S. Pedro, Belchior Botelho no de S. Thomé, D. João de Almeida no de Santa Cruz, Franciſco da Coſta, Alvaro de Mendoça, Pero Botelho, D. Manoel Maſcarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e D. Jeronymo de Caſtello-branco em caravelas. Nas fuſtas hiam D. Diogo de Taíde, Jorge Pereira Coutinho, Diogo de Mendoça, João de Mello de Brito, Duarte Paym de Mello, Vicente de França, Gil de Goes, João Alvares Pereira, João de Siqueira, Gomes Ferreira, e Pero Ferreira ſeu irmão, Vicente de Souſa, Antonio de Betancor, Diogo Pereira, Gonçalo de Moraes de Souſa, João Serrão, Martim Barbu-

budo, Ruy Lopes, Antão de Seixas, Ruy Fernandes, e outros. O Viso-Rey deo por regimento a D. Antão, que andasse no Estreito até Abril, e que se recolhesse a Ormuz, e que tomasse entrega da fortaleza, porque acabava D. Alvaro de Noronha seu tempo, e que entregasse a Armada a Dom Diogo de Noronha, que lá estava pera andar nella até Outubro, e que se recolhesse a Goa.

Despedida esta Armada, voltou o Viso-Rey pera Baçaim, aonde lhe chegáram novas de Cochim, que os Reys de Diampe, e Pimenta continuavam na guerra contra o de Cochim, e que deixava de correr a pimenta pera as náos.

Vendo o Viso-Rey quão necessario era acudir áquellas cousas, elegeo a Francisco Barreto, que acabára de ser Capitão de Baçaim, (a quem succedeo Francisco de Sá de Menezes, dos oculos,) e lhe deo todos os seus poderes, assim na Justiça, como na Fazenda, com titulo de Governador, pera em quanto estivesse em Cochim correndo com a carga das náos. Francisco Barreto se partio logo, e levou vinte navios ligeiros, e de sua jornada adiante daremos razão. Esta eleição foi muito estranhada de alguns Fidalgos, que fallláram nella em público, principalmente D. Diogo de Almeida, filho do

Con-

Contador mór, e Francisco de Sá, dos oculos, e outros, que cuidavam merecer melhor aquelle lugar. O Viso-Rey ficou em Baçaim dando despacho a muitas cousas, e esperando pelas segundas novas de Ormuz. E havendo perto de hum mez que alli estava, vieram novas de Pero Lopes de Sousa, Capitão de Dio, que era falecido, que o Viso-Rey tinha deixado enfermo; e por não haver provídos, commetteo o Viso-Rey com ella a D. Diogo de Almeida, que a acceitou, dizendo » que agora que o serviço de » ElRey tinha delle necessidade, acceitava » a serventia da fortaleza, de que elle enjei- » tára seis annos; porque soubesse ElRey » que o não fazia por cubiçoso, que bem se » via que hia a servir, e não a fazer pro- » veito.

## CAPITULO VII.

*De como Diogo de Mello, Capitão de Ceilão, prendeo Tribuly Pandar pai de ElRey: e das cousas que neste tempo acontecêram em Malaca no principio da Capitanía de D. Alvaro de Taíde.*

SUccedêram tantas cousas juntas neste mesmo tempo, que não foi possivel poder continuar com ellas por sua ordem, porque as mais importantes, e substanciaes lhes occupáram o lugar; e assim daremos a estas

hum

hum pequeno de vago, pera continuarmos com as que succedêram na entrada deste verão, assim em Ceilão, como em Malaca; e por isso continuaremos com ellas juntas, cousa de que sempre fugimos, porque trabalhámos muito pelas separar, e contar per si pera se acharem divididas quando se buscarem. Mas aqui não guardaremos agora esta ordem, porque he assim necessario. E continuando com as cousas de Ceilão, falecido D. João Henriques, depois de estarem concertados com Tribuly Pandar, e com [illegible] seu filho pera irem contra o Madune, succedeo Diogo de Mello Coutinho, (como atrás fica dito no Capitulo XIX. do Liv. IX. desta sexta Decada,) que tanto que tomou posse da fortaleza, achando nas instrucções que o Viso-Rey deixou a D. João Henriques, que prendesse o Tribuly, tratou de o fazer, sem dar conta a pessoa alguma. E vendo-se com ElRey, lhe pedio, e requereo » que mandasse vir seu pai a Cota, porque » tinha que fallar com elles ambos cousas » que cumpriam ao serviço de ElRey de Portugal. » ElRey havendo que Diogo de Mello não bulliria com elle, mandou chamar o pai, que veio logo a Cota. Diogo de Mello tanto que soube ser chegado, estando em Columbo, se foi lá, e em casa de ElRey o prendeo, sem ElRey bullir comsigo, e o le-

levou pera Columbo, e o metteo em huma torre, que ſervia de guardar a polvora, e lhe lançou huma forte adoba de ferro.

A mulher de Tribuly, mãi de ElRey, tanto que vio o marido prezo ſolicitou a mór parte da gente da Cota, e ſe ſahio della, e ſe foi pera o lugar de Reigão, donde tratou de ſua ſoltura; e havendo tres dias que iſto tinha ſuccedido, chegou D. Duarte Deça, que hia por Capitão, e logo tomou poſſe de Columbo. ElRey ſe foi ver com [illegible] lhe pedio que ſoltaſſe ſeu pai, o que [illegible] não quiz fazer, antes lhe eſtreitou a prizão: e aſſim o deixaremos até ſeu tempo, por continuarmos com as couſas de Malaca.

O Abril paſſado, como fica dito no Cap. XIX. do IX. Liv., deixámos embarcado pera aquella fortaleza D. Alvaro de Taíde, porque nella ſuccedia a ſeu irmão D. Pedro da Silva, que tinha ainda hum anno por ſervir, e quiz D. Alvaro de Taíde anciparſe tanto, e ir eſperar lá aquelle tempo, por ſe tirar das deſpezas de Goa, e o Viſo-Rey lhe paſſou Proviſões de Capitão mór do mar de Malaca, e de todas aquellas partes; e ſegundo nos parece, que o iſentou nas couſas da Armada da jurdição de ſeu irmão.

Chegado elle áquella fortaleza foi bem recebido do irmão, e dos moradores, que logo no Julho ſeguinte dia da Viſitação o ele-

elegêram por Provedor da Misericordia. E como D. Pedro da Silva estava mal quisto de todos, e D. Alvaro de Taíde lhe hia succeder, começáram os moradores a continuar com elle, e grangeallo. Tomado D. Pedro da Silva disto, e de outras cousas que com isso succedêram, quebrou com o irmão, e chegáram a se desordenarem, e a descomporem hum com o outro; e D. Pedro da Silva clamava, e dizia » que seu irmão com » capa de misericordia lhe hia roubar a sua » fortaleza. » Assim, que estando na mór altura que podia ser, em fim de Outubro chegáram as náos da India, em que hia o Licenciado Francisco Alvares tomar a residencia de D. Pedro da Silva, com que logo começou a correr.

O Padre Mestre Francisco, da Companhia, estava concertado com Diogo Pereira para vir da Sunda, aonde estava a o tomar áquella Cidade pera o levar á China. Diogo Pereira como foi tempo veio esperar seu recado ao Estreito de Sincapura, onde o Padre lhe escreveo que esperava por elle. Com este recado se foi a Malaca, e surgio naquelle porto, e o Padre começou a embarcar o seu fato pera se partirem. D. Alvaro de Taíde, ou porque tivesse algum escandalo de Diogo Pereira, ou porque quizesse dar os proveitos daquella viagem a hum ho-

homem de sua obrigação, mandou-lhe dizer, que não havia de ir na sua náo áquella viagem, porque cumpria assim ao serviço de ElRey. Diogo Pereira como a náo era sua, e viera alli só a tomar o Padre Mestre Francisco, allegou de seu direito, sem lhe valer cousa alguma, nem lhe poder ser bom o Licenciado Francisco Alvares, porque aquellas cousas eram no mar, aonde D. Alvaro de Taíde tinha toda a jurdição. A isto acudio o Padre Mestre Fran-[illegible] e Bernaldim de Sousa, e outras pes-[illegible]as; mas todas não puderam acabar cousa alguma, sem poderem tirar D. Alvaro de sua teima; antes metteo na náo hum homem de sua obrigação, chamado Affonso de Rojes, que foi na náo, e Diogo Pereira ficou em terra. Tão escandalizado ficou deste negocio o Padre Mestre Francisco, que ao embarcar no caes sacudio os çapatos, dizendo: » que nem o pó de tão má terra » queria levar comsigo. »

D. Pedro da Silva sentio tanto aquelle negocio, por ser feito a hum Religioso daquella sorte, que largou a fortaleza, e a entregou nas mãos do Licenciado Francisco Alvares, dizendo, que não queria mais ser Capitão. E assim ficou Francisco Alvares servindo alguns mezes que lhe faltavam, e depois entregou a Capitanía a D. Alvaro de

de Taíde. Tanto que este Fidalgo tomou posse da fortaleza, logo mandou tomar os lemes a todas as náos que havia no porto, assim de ElRey, como de partes, dizendo que tinha novas do Achém, sobre o que teve algumas razões com Bernaldim de Sousa, porque lhe não quiz dar o da sua caravela, ficando quebrados, sendo d'antes grandes amigos. Estava alli huma náo que hia pera a Sunda, de que era Capitão Gonçalo Vaz de Carvalho, a quem o Viso-Rey deo aquellas viagens. D. Alvaro de [illegible] lhe disse, que eram suas, que o Viso-Rey lhas não podia dar, e que os Capitães de Malaca estavam de posse de as mandar fazer por sua conta; que cumpria ao serviço de ElRey ficar naquella fortaleza, porque esperava por Achens; e mandou metter na náo hum criado seu, chamado João Pedrosa, e disse a Gonçalo Vaz de Carvalho, que bem podia mandar trazer por sua conta certos bares de pimenta. Gonçalo Vaz vendo aquella semrazão dissimulou; e sendo tempo em que a náo se havia de partir, mandou metter em segredo dez, ou doze soldados nella, que se escondêram em huma camara, e o dia que se havia de fazer á véla pedio licença a D. Alvaro de Taíde pera ir a ella, e mandar recolher as suas ancoras, e as amarras. D. Alvaro lha deo,

el-

elle se foi á náo, e levada a ancora, e soltas as vélas sahíram os soldados da camara; e tomáram o criado de D. Alvaro nos braços, e deram com elle em hum balão, e o mandáram pera Malaca. D. Alvaro como soube o caso ficou tão apaixonado, que esteve pera ir até a Sunda apôs a náo; mas Gonçalo Vaz de Carvalho foi fazer sua viagem. Bernaldim de Sousa, como D. Alvaro tinha tomados os lemes a todas as embarcações, e estavam quebrados o Capitão, e elle mandou dissimuladamente embarcar o seu fato; e o dia em que esperava de se fazer á véla, tendo prestes de noite huma embarcação ligeira, se embarcou nella, e passando pela praia, onde os lemes estavam, dando cabo ao seu, deo com elle no mar, e o levou á caravela, e mettendo-o em seu lugar, deo logo á véla.

Ao outro dia pela manhã deram logo rebate a D. Alvaro, que foi sua paixão tanta, que se foi ao caes, e se embarcou em huma fusta, e foi apôs Bernaldim de Sousa, e chegando a elle, lhe brádou que amainasse. Bernaldim de Sousa lhe disse, » que » se recolhesse, e se fosse pera a sua forta» leza, que aquelles feitos eram de mance» bo. » Em fim passadas algumas razões, Dom Alvaro se recolheo a Malaca, e mandou fazer hum Termo, em que houve Bernaldim

de

de Sousa, e todos os que com elle hiam por alevantados; e toda a fazenda que lhe ficou, que era muita, e vinha repartida pelos galeões de Maluco, tomou, e a julgou por perdida, e a carregou pera ElRey, e a mandou entregue a pessoas abonadas pera na India a darem ao Viso-Rey. D. Pedro da Silva se embarcou poucos dias depois no galeão Sant-Iago, em que tinha ido ao soccorro de Malaca João Henriques, e D. João Coutinho no seu galeão, e todas as mais náos. E o Licenciado Francisco Alvares tambem se embarcou nesta companhia com a residencia de D. Pedro da Silva, e com huma devassa que tirou das cousas de D. Alvaro de Taíde.

D. Pedro da Silva se encontrou no mar com Bernaldim de Sousa, que cuidou que se tomasse do que elle tinha passado com seu irmão; mas elle hia muito longe disso, por lhe parecerem muito mal aquellas cousas, e salvando-se foram juntos até Ceilão, e desembarcáram em Gale, e dalli foram por terra a Columbo, onde se detiveram alguns dias, indo visitar á prizão Tribuly Pandar, e o consoláram, e se lhe offerecêram pera fallarem ao Viso-Rey em seus negocios; e depois de tomarem algumas cousas necessarias, se embarcáram, e partíram pera Cochim. E porque nos esqueceo de conti-

tinuar com D. Rodrigo de Menezes que veio de Maluco, e teve aquellas differenças com Bernaldim de Sousa, o faremos aqui.

Chegados elle, e Bernaldim de Sousa a Malaca, sempre se ficou Bernaldim de Sousa temendo delle, porque se houve elle por muito affrontado do modo com que procedeo com elle. E ficando assim em Malaca, sem se encontrarem, veio D. Rodrigo a adoecer de humas febres, e o dia que tomou a purga, foi ella tal, que começou a arder por dentro, e a gritar por agua, dizendo que se lhe abrazavam as entranhas, e com esta angustia morreo logo. Não deixou de suspeitar que Bernaldim de Sousa peitára o Boticario pera lhe dar peçonha, e não faltou quem o escrevesse ao Viso-Rey. Foi este D. Rodrigo filho de D. Antão de Almada, Capitão da Cidade de Lisboa, e estava despachado com a Capitanía de Dio; era bom Fidalgo, e de muito grande opinião, e bom cavalleiro.

## CAPITULO VIII.

*Das cousas, que acontecêram a Francisco Barreto em Cochim: e de como D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Sousa chegáram a Goa: e do que o Viso-Rey Dom Affonso de Noronha fez.*

DEixámos atrás no Cap. VI. deste decimo Livro Francisco Barreto partido de Baçaim; e seguindo sua jornada, tomou Goa, onde se deteve pouco, e passou adiante até Cochim, onde começou a tratar da carga das náos, pera que faltava pimenta; porque aquelles Principes Malavares do Chembe, e Bardela lhe impediam a passagem, e traziam nos rios suas manchuas, de que andava por Capitão mór hum Malavar, Christão nascido em Cochim, chamado Vasco. Este por saber muito bem aquelles esteiros, como quem se creou nelles, dava-nos mór trabalho, que se fora huma Armada muito poderosa; porque elle só bastou pera pôr toda a Cidade em revolta, e ainda a Armada de Francisco Barreto, (porque pela falta da pimenta lhe foi necessario acudir aos rios com toda a Armada.) Vasco andava em huma manchua muito ligeira de dous lemes; e como aquellas Ilhas são muito retalhadas de esteiros, estreitos, e intrincados, elle só sal-

tea-

teava os mercadores que vinham com pimenta, e mettia toda a Armada cada hora em affrontas, porque andava no meio della, de esteiro em eſtreiro, de Ilha em Ilha, ſem lhe poderem fazer damno algum. E quando os noſſos eſtavam mais deſcuidados, dava de ſupito nos navios, e paſſava por elles, e lhes deitava muitas panelas de polvora; com que os abrazava, e tratava mal; porque por ſua muita ligeireza chegava quando queria, e recolhia-ſe quando lhe era neceſſario, ſem haver quem lhe pudeſſe chegar, porque tanto remava pera trás, como pera diante; e como era tão ligeiro, e não dava volta pera fugir por ter dous lemes, não havia couſa que o pudeſſe alcançar.

Niſto ſe gaſtou todo o mez de Dezembro, e Franciſco Barreto ſe recolheo a Cochim, deixando nos rios João Peixoto, Cavalleiro muito honrado, natural de Guimarães, por Capitão mór de dez, ou doze navios, pera ficar favorecendo alguma pimenta, que ainda corria. As náos foram-ſe carregando com trabalho pela falta que havia de carga; e ſendo já alguns dias de Janeiro andados, chegáram os galeões de D. Pedro da Silva, e de Bernaldim de Souſa; e porque faltavam drogas pera a carga, comprou Franciſco Barreto a Bernaldim de Souſa pera ElRey, quatrocentos e dezeſeis quin-

taes de cravo a treze xerafins o quintal, çujo de páo, e bastão. E tambem tomou a outras pessoas o cravo que lhe pareceo, que se lhes pagou muito bem. Tomada a carga, deram as náos á véla pera Portugal, e tiveram todas muito boa viagem.

Francisco Barreto mandou recolher os navios que trazia nos rios, e se partio pera a costa do Malavar, onde andou todo o resto do verão, e em Março se foi invernar a Goa. O Viso-Rey depois que no Norte deo ordem a muitas cousas, assim em Baçaim, como em Chaul, e que teve as segundas novas de Ormuz, deo á véla pera Goa, aonde chegou no fim de Fevereiro. Poucos dias depois delle chegáram os navios com D. Pedro da Silva, e Bernaldim de Sousa, e o Licenciado Francisco Alvares; e apresentando a residencia de D. Pedro da Silva, se lhe acháram culpas obrigatorias ao prenderem, e o mandáram livrar, e foi condemnado em alguma cousa.

O Viso-Rey despedio em Fevereiro Pero de Taíde Inferno com hum galeão, e dez navios de remo, com regimento, que fosse ao Estreito de Meca esperar algumas náos do Achém, e que se fosse invernar a Ormuz, e que entregasse a Armada a D. Diogo de Noronha, que lá acharia. Bernaldim de Sousa achou em Goa cartas de ElRey, mui-

muito honrosas, e com ellas huma Patente, em que lhe fazia mercê da Capitanía de Ormuz, em que entraria logo, porque não havia provído algum diante delle: com a Patente foi logo requerer a posse ao Viso-Rey, que lhe elle não quiz dar, porque tinha por dar residencia; e além disto lhe tinham mandado culpas de Malaca, em que o culpavam na morte de D. Rodrigo de Menezes; e o Viso-Rey lhe disse, » que não » podia entrar na fortaleza sem primeiro dar » residencia, que nas náos que haviam de » partir lha mandaria tirar, e que então o » despacharia. » Não faltáram induzidores que lhe disseram, que o Viso-Rey o entretinha por não mandar tirar daquella fortaleza seu sobrinho D. Antão de Noronha, com outras cousas que bastáram pera quebrar com Viso-Rey, se tivera menos prudencia; mas elle dissimulou tudo, e não se quiz dar por aggravado do Viso-Rey, antes sempre o acompanhou; e assim o Viso-Rey foi tão grande seu amigo, que todos os negocios de importancia praticava primeiro com elle que com os outros Fidalgos, e lhe fazia tudo o que lhe pedia, e dava cargos, e despachos a muitas pessoas por sua ordem.

Era Bernaldim de Sousa muito avisado, facil, e de grande conversação. E tanto, que os mais dos dias Santos, e Domingos

ajun-

ajuntava quinze, e vinte de cavallo ſeus vizinhos, e amigos, caſados todos, (porque geralmente era muito bem quiſto,) e elle com elles veſtido de loba azul de chamalote, cingido pela cinta, com hum barrete vermelho na cabeça; (porque os Fidalgos daquelle tempo não punham ſua vaidade em capotes, e calças, ſenão em muitos ſoldados recolhidos em ſuas caſas,) e com todos de cavallo ſahia ao terreiro do Paço, e tanto que o Viſo-Rey chegava á janella, acenava-lhe com a mão, e lhe dizia: » Ah » Senhor, ſahi cá pera fóra, no campo de » S. Lazaro vos eſpero; » e voltava com ſua companhia pera elle. O Viſo-Rey mandava tocar a cavalgar, e com todos os Fidalgos ſe hia ao campo, e lá lhe ſahia Bernaldim de Souſa com os companheiros de emboſcadas, e eſcaramuçavam, e folgavam; e como cançavam, deitavam-ſe na relva, e converſavam com diſcurſos graves, praticando ſobre os negocios da India, e dalli ſe recolhiam. E eſta facilidade dos Viſo-Reys daquelle tempo obrigava aos homens a muitas couſas.

Era tão pontual, que andando paſſeando em hum cavallo, que tinha muito formoſo, paſſou por elle hum caſado, rico, e grande ſeu amigo, e lhe diſſe » ſe que» ria vender aquelle cavallo, que lhe faria

» dar

» dar muito dinheiro por elle. » Elle lhe respondeo, que não. E virando-se pera outro Fidalgo, que andava com elle, disse: » Má terra he a India, parece-vos que em » Portugal me perguntára ninguem, se que» ria vender o meu cavallo em que andasse? » Trouxemos isto, porque vimos este primor tão trocado, que os mesmos Fidalgos andavam pelas ruas convidando com os seus cavallos pera lhos comprarem.

O Viso-Rey começou a entrar no despacho das cousas de Malaca, e Maluco, e mandou o Licenciado Gaspar Jorge, que era Desembargador, pera ir a Malaca devassar do caso da morte de D. Rodrigo de Menezes, (porque a residencia de Bernaldim de Sousa das cousas de Maluco já lá era encommendada ao Ouvidor,) e pera tirar devassa dos casos de D. Alvaro de Taíde. E despachou D. Jorge Deça, que era provído da Capitanía da carreira de Maluco, e lhe deo hum galeão com muitos provimentos pera aquella fortaleza. E assim despedio alguns Capitães com soldados pera irem invernar a Cochim, e a Cranganor. Depois destes navios partidos pera fóra se cerrou o inverno.

## CAPITULO IX.

*De huma Armada de Malavares, que foi á costa da Pescaria, e dos damnos que por ella andou fazendo: e de como Gil Fernandes de Carvalho armou alguns navios á sua custa, e a foi buscar, e de como encontrou esta Armada, e pelejou com ella, e a desbaratou, e tomou.*

DEpois de Francisco Barreto ser partido da costa do Malavar pera Goa, que foi em Março, offereceo-se hum Rume, que vivia a soldo do Çamorim, a ir esperar as náos de Bengala, e saquear toda a costa da Pescaria, e as Cidades de Negapatão, e São Thomé, promettendo-lhe humas muito grandes prezas. E como o Çamorim neste negocio do mar nunca entra com cabedal algum, mais que com licença pera quem quizer armar navios o poder fazer, a deo facilmente a este, a quem logo se lhe offerecêram pera esta jornada muitos, e se começáram a negociar de navios, artilheria, munições, e soldados; e em poucos dias se ajuntáram de differentes portos quatorze navios mui formosos, e mui bem petrechados, e com todos se fez o Rume á véla, indo elle em huma galeota latina grande, e possante; e fazendo-se na volta do Sul, passáram o ca-

bo

bo do Çamorim, e correndo a costa da outra banda, chegáram ao porto de Ponicale, aonde estava por Capitão Manoel Rodrigues Coutinho, Fidalgo honrado, que alli tinha sua mulher, e familia, e pera sua guarda tinha hum forte de taipa, que cercava a povoação, que era de Christãos; e assim elle era Capitão de toda aquella costa da Pescaria.

Está esta povoação de Ponicale em huma ponta da terra, que se cortou por huma parte, e ficou em Ilha, (porque era toda cercada de agua.) Chegada esta Armada, lançou logo o Rume em terra perto de quinhentos homens pera irem commetter a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho acudio á praia com setenta Portuguezes que alli havia, em que entravam alguns Cavalleiros muito honrados; e com os Christãos da povoação, que acudíram com suas armas, remettêram com os inimigos, e traváram com elles huma formosa batalha, em que os nossos peleijáram mui bem, assinalando-se antre todos hum Antonio Franco de Gusmão, que levava a bandeira, ou guião; porque pondo-se diante de todos, como hum leão endireitou com hum Abexim, que trazia a bandeira do Rume; e liando-se com elle, o tomou, e deo com elle no chão, e o matou ás punhaladas, e tomando-lhe a bandeira, remetteo de novo com

os

os inimigos, ſeguindo-o todos os Portugueзes, e de feição apertáram com elles, que os fizeram lançar ao mar. O Rume que eſtava na prôa da ſua galeota, vendo o eſtrago dos ſeus, e a ſua bandeira perdida, e o pequeno número dos noſſos, começou a brádar com os ſeus, affrontando-os, e eſpancando-os, fazendo-os lançar outra vez ao mar; e elle com toda a mais gente, que ſeriam perto de mil e quinhentos por todos, ſe poz em terra. Os noſſos vendo a multidão dos inimigos, deſampparáram os mais delles ao Capitão, e foram-ſe recolhendo pera a povoação. Manoel Rodrigues Coutinho ficou com ſó dezeſete companheiros, em que entravam Nuno Pita, Antonio Camelo ſeu irmão, Eſtevão de Lemos, e Antonio Franco; mas com eſtes tão poucos fez roſto aos inimigos, porque a honra não lhes dava lugar pera lhes virarem as coſtas. Vendo todavia Nuno Pita que aquillo parecia mais temeridade que esforço, chegou-ſe a elle, e tomando-o por hum braço, lhe diſſe: » Que » determinais, Senhor? não vedes quão pou- » cos ſomos? pera que he perdermo-nos em » couſa que não ganhamos honra? recolha- » mo-nos, e ponhamos em cobro voſſa mu- » lher, e filhos, que he o que mais impor- » ta. » Manoel Rodrigues Coutinho ouvindo aquillo, foi virando com os companheiros,

ros, que nunca o deixáram, e de quando em quando fazendo roſto aos inimigos com as eſpingardas, com que derribáram alguns, e quiz a deſaventura que deſſem huma eſpingardada a Manoel Rodrigues Coutinho, de que cahio logo; mas os companheiros o leváram nos braços, e o recolhéram pera a povoação, que acháram já deſpejada; porque como víram ir os primeiros em desbarato, logo todos ſe paſſáram da outra banda do Eſtreito, que eram terras de Biſme Naique, hum vaſſallo do Rey de Canará. Manoel Rodrigues Coutinho mandou tambem paſſar ſua mulher, e filhos, e elle com os que o ſeguíram tambem o fizeram.

Os Mouros entráram na povoação, e a roubáram, e eſcaláram, tomando toda a fazenda que Manoel Rodrigues Coutinho, e os mais Portuguezes alli tinham, porque não ſalváram mais que o que leváram ſobre ſi. Os Malavares depois que eſcaláram, e roubáram tudo, ſe tornáram a embarcar, e ſe foram pela coſta adiante.

O Biſne Naique da outra banda, tanto que teve rebate daquelle negocio, acudio com ſete, ou oito mil homens; e achando todos os Portuguezes nas ſuas terras, dando-lhes a cubiça de hum grande reſgate, lançou mão de todos, e os prendeo. Manoel Rodrigues Coutinho deſpedio recados mui apreſ-

apreſſados a Cochim, tratando de ſeu reſgate com o Naique, (que porque ſe reſgataſſem mais depreſſa, e melhor, os tratou muito mal, e lhes eſtreitou as prizões.) Os recados que partíram pera Cochim, foram em poucos dias na Cidade, e ſe deram ao Capitão.

Eſtava então naquella Cidade de Cochim Gil Fernandes de Carvalho, que havia pouco era chegado, depois daquelle honroſo, e esforçado feito que fez em Malaca em tempo de D. Pedro da Silva, Capitão daquella fortaleza; e havida aquella grande vitoria, (como diſſemos atrás no Cap. IX. do Liv. IX.,) ſe tornou pera Quedá a fazer ſeu negocio; e depois de carregar de pimenta, ſe foi a Bengala, onde a vendeo, e carregou de outras fazendas com que era chegado.

Correndo as novas por Cochim da Armada Malavar, e do negocio de Ponicale, poz toda aquella Cidade em revoltas, porque bem entendêram que não havia alli de parar o mal. Gil Fernandes de Carvalho ſe foi logo á Camara, onde eſtavam os Vereadores, e Capitão, e lhes diſſe, » que elle » eſtava muito preſtes pera acudir áquelle ne» gocio, porque pera o ſerviço de Deos, e » de ElRey tinha muito dinheiro, e muita » obrigação, e vontade; que lhe déſſem na-

» vios, e artilheria, que elle não tinha; que » todos os ſoldados, e mantimentos elle os » embarcaria á ſua cuſta, porque pera aquel» las, e outras ſemelhantes neceſſidades que» ria o que tinha. » A Cidade lhe agradeceo muito aquelle ſerviço, que queria fazer a Deos, e a ElRey, e lhe diſſe: » que » lhe dariam quatro navios, e artilheria pe» ra elles. » Gil Fernandes de Carvalho lhos acceitou, e logo ſe foi pôr na praça, onde ſe fazem os leilões, armando meza, e mandando lançar pregões, offerecendo de ſua caſa dez pardáos a cada ſoldado, que com elle ſe quizeſſe embarcar: e aſſim começou a pagar a todos os que acudíram, que foram cento e ſetenta; e por outra parte mandou comprar todos os mantimentos, e couſas neceſſarias, que ſe embarcáram logo nos quatro navios, que a Cidade lhe mandou pôr no caes. Gil Fernandes de Carvalho mandou negociar pera ſua peſſoa huma formoſa galeota, o que tudo ſe fez em tres dias, e ſe embarcou no fim de Abril.

Dada á véla, foi ſeguindo ſua derrota até dobrar o cabo do Çamorim, e de longo da coſta foi na demanda dos parós, e chegou a Calecare, onde os inimigos eſtavam, e como hia com vento eſcaço, não pode dobrar a reſtinga, em que ſe perdeo Manoel de Macedo, (como na quarta Decada no

Cap.

Cap. XI. do Liv. VII. temos dito.) Hum Capitão de hum navio da sua companhia, que se chamava Lourenço Coelho, natural de Tangere, que hia diante, foi desatentadamente varar por sima da ponta da restinga, onde ficou em secco. O Rume Capitão mór dos Malavares, que estava da outra banda, vendo varar aquelle navio, mandou sinco, ou seis a elle pera o tomarem. Chegáram estes navios, e acháram os nossos mettidos no seu, sem nunca o quererem largar, e abalroando-o por todas as partes, tiveram com elle huma formosa batalha á vista de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode soccorrer por ser o vento contrario, e muito rijo. Lourenço Coelho com seus companheiros, posto que estavam em secco com o navio, quando se víram abalroados, puzeram-se em defensão, e fizeram tudo o que o valor Portuguez lhes pedia, sustentando-se em damno dos inimigos muitas horas. Mas como onúmero era tão desigual, e elles não se quizeram render, foram todos mortos á espada, ficando só hum muito atassalhado, que se metteo debaixo do jugo da fusta.

Vencida a batalha por elles, deram os inimigos cabo ao nosso navio, e o tiráram pera fóra, e o leváram á vista de Gil Fernandes de Carvalho, que lhe não pode fa-

ler. Gil Fernandes de Carvalho voltou pera a Ilha das Lebres, que era perto, onde achou hum navio de Portuguezes; e tomando-o comsigo ao outro dia, quiz nosso Senhor (por ser vespera do seu Triunfo da Ascensão, que foi aos quatorze dias do mez de Maio) que se mudasse o tempo, e lhe ficasse prospero, e dando á véla foi em busca dos inimigos. E ao outro dia pela manhã, que era de sua gloriosa Ascensão, houve vista da Armada inimiga junto do lugar de Calecare, e pondo-se em armas, a foi demandar, e accommetteo com grande determinação, pondo elle a prôa na galeota do Rume, dando-lhe aquella primeira surriada com que lhe matáram muitos, e lançando-se dentro com os seus, teve huma muito arriscada batalha, porque o Rume era muito cavalleiro, e levava perto de duzentos homens na sua galeota. Os outros quatro navios da nossa companhia tambem abalroáram cada hum com o seu, e depois de grandes refertas os rendêram, e investíram outros. Gil Fernandes de Carvalho depois de muitas horas, e de ter feito grande estrago nos inimigos, deo com os mais ao mar, onde tambem se salvou o Rume, e se foi pera a terra que era perto.

Rendida aquella galeota, que era a mais importante, se foi metter no meio das outras,

tras, e ás falcoadas desapparelhou duas, e envestio com outras, que logo se lhe despejáram, ficando-lhe os navios nas mãos. Em fim, quando foi sobre a tarde toda a Armada era rendida, e os navios ficáram em poder dos nossos, sem escapar hum só, que até a fusta de Lourenço Coelho foi tomada com o soldado ainda vivo, que se tinha escondido debaixo do jugo.

Alcançada tão grande vitoria, foi-se Gil Fernandes de Carvalho pera a costa de Negapatão, pera onde levou todos os navios, e invernou naquella Cidade. Estas novas corrêram logo a Cochim, e dahi a Goa, e foram tão estimadas, e festejadas, que lhe fizeram logo cantigas, que se cantavam nas folías, (que então havia muitas, porque tudo o daquelle tempo era alegria, e boas venturas,) e dizia huma: » Gil Fernandes » de Carvalho tomou os parós a quinze de » Maio. »

O Bisme Naique, tanto que soube da grande vitoria que a nossa Armada houve dos Malavares, logo se concertou com Manoel Rodrigues Coutinho no resgate das pessoas de todos, e os largou, ficando-lhe em refens do preço o Padre Henrique Henriques da Companhia, e depois de serem em Punicale, ajuntáram o dinheiro, e o mandáram. Os Paravás (que são os Pescadores do

aljofar daquelle lugar) vendo que Manoel Rodrigues Coutinho ficavà muito pobre, lhe deram de serviço hum dia de pescaria, que foram fazer á sua conta; e foi sua ventura tal, que lhe rendeo sete, ou oito mil pardáos. Gil Fernandes de Carvalho tomou nos parós toda a fazenda de Manoel Rodrigues Coutinho, e dos mais Portuguezes, e o que pode salvar das mãos dos soldados, que foram os vestidos, e joias de sua mulher, e algumas peças, que tudo lhe mandou.

## CAPITULO X.

*Do que aconteceo a D. Antão de Noronha na jornada até Ormuz: e do que fez Pirbec tanto que chegou a Baçorá: e do que mais passou D. Antão de Noronha, até entregar a Armada a D. Diogo de Noronha.*

PArtido D. Antão de Noronha com a Armada pera Ormuz, (como atrás dissemos no Cap. VI. deste X. Liv.) cursando-lhe sempre bons tempos, chegou áquella fortaleza no fim de Novembro, aonde já havia mais de hum mez que D. Diogo, e D. Antonio de Noronha eram chegados. O Capitão D. Alvaro de Noronha lhe fez grande recebimento, e o povo todo, que ainda estava assombrado das galés. D. Antão de

Noronha deſpedio logo Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar (dous grandes Catureiros) pera irem até dentro de Baçorá vigiar as galés, dando-lhes por regimento, que hum lhe trouxeſſe novas do que achaſſe, e o outro ſe deixaſſe ficar lá até ſeu recado, ficando D. Antão negociando, e provendo a ſua Armada de novo.

Aqui ſe conta delle huma couſa, que ſe lhe notou a grande prudencia, e artificio, como elle realmente tinha; e foi eſta. Coſtumavam os Reys de Ormuz, quando chegava algum Capitão mór áquella fortaleza, mandallo viſitar com preſentes de brincos, e curioſidades, conforme á peſſoa, e á Armada que leva; e porque D. Antão de Noronha por ambas aquellas couſas havia que eſtava no ſegundo lugar da India, querendo que todos o eſtimaſſem niſſo, ſabendo que ElRey o havia de mandar viſitar com hum preſente, quiz que foſſe maior que todos os que até então mandára aos Capitães que alli tinham vindo; e pera iſſo ſe fiou de hum Letrado que alli eſtava por Veador da Fazenda, que era de ſua obrigação, e grande amigo de ElRey. Eſte eſtando hum dia praticando com ElRey, lhe deo elle conta do preſente que queria mandar a D. Antão de Noronha. O Bacharel lhe diſſe » que lhe
» mandaſſe o maior, e o mais rico que ou-

» deſ-

» desse que elle faria com D. Antão que
» lho tornasse depois, porque não queria
» mais que acreditar-se com os homens; e
» que pera segurança disso lhe daria hum as-
» signado do mesmo D. Antão, e outro seu. »
ElRey o fez assim; e estando hum dia Dom Antão de Noronha com D. Diogo de Noronha, D. Antonio, e todos, ou os mais dos Fidalgos, e Cavalleiros de sua Armada, chegou a visitação de ElRey, e o presente, que valia dez, ou doze mil cruzados, porque era hum fio de perolas riquissimo, algumas peças de ouro, e prata curiosas, alcatifas grandes, e pequenas, mui finas, e outras cousas. Acceitado o presente em público, tanto que foi noite o tornou a mandar a ElRey pelo Bacharel, que recolheo os assignados, que disto lhe tinha passado. Contamos isto, porque he necessario pera outras cousas que adiante havemos de tocar, e agora os deixaremos por hum pouco, porque he necessario continuar com o Pirbec.

Partido este Turco de Ormuz com o recheio que dissemos, foi ter a Baçorá, onde se deixou ficar. O Baxá de Baçorá tanto que soube que elle desembarcára em Mascate, e Ormuz contra o regimento do Turco, despedio logo pela posta recado disso a Constantinopla. Disto foi avisado o Pirbec; e co-

mo era sagaz, e prudente, tomou todo o recheio de Mascate, e de Ormuz, e Lareca, que montaria mais de hum milhão de ouro, e embarcou tudo em tres galés ligeiras, e ferrolhou nellas todos os Portuguezes que cativou em Mascate, e partio-se de Baçorá com tenção de se ir a Constantinopla deitar aos pés do Turco com todas aquellas riquezas, pera com isso o abrandar; porque estava certo que se esperasse recado seu em Baçorá, que lhe havia de mandar cortar a cabeça.

Partido de Baçorá, tomou a derrota de longo da costa de Arabia; e tanto ávante como Catifa, de noite deo huma das galés em huma restinga, onde se desfez, e espedaçou; como isto era de noite, e os Portuguezes que hiam afferrolhados não sabiam a terra, receando de se affogarem, se deixáram ficar na galé já desafferrolhados. Pirbec que hia diante achando logo a galé menos, tornou a voltar atrás; e chegando á restinga, achou a galé quebrada, e toda a gente nella, e deitando barquinhas fóra, mandou recolher todos, e os Portuguezes que foram tão mofinos, que podendo-se salvar em terra, que era perto, se deixáram ficar. Os Turcos recolhêram as mais das cousas da galé, e foram seguindo sua derrota.

Os nossos navios, que andavam vigiando

as

as galés, tanto que sahíram de Baçorá, logo houveram vista dellas, e deixou-se ficar o Siqueira vigiando-as, indo sempre á sua vista; e o Luiz de Aguiar se foi com recado a Ormuz com a mór pressa que pode; e chegando áquella fortaleza, deo rebate a Dom Antão de Noronha, que logo se embarcou com muita pressa, e com elle D. Diogo, e D. Antonio de Noronha; e ao partir de Ormuz chegou a elles o Siqueira, e lhes disse, que as galés hiam de longo da costa de Arabia pera fóra. D. Antão tornou a voltar apôs ellas; e indo os galeões a meia boroa, e a Armada de remo de longo da costa, e diante de todos o Siqueira, e Aguiar, pera descubrirem todas as enceadas, porque lhe não ficassem atrás. Era isto no mez de Fevereiro, em que cursão os ventos Xamais, que são os Noroestes, que dentro naquelle Estreito são mui tormentosos; e assim teve a Armada tanto trabalho, que esteve perdida com huma tormenta desfeita que lhe deo, com que corrêram com vélas pequenas até defronte de Mascate; e sendo vista a Armada da terra, lhe sahio Fernão Dias Cesar em hum terranquim, e disse a D. Antão de Noronha, que o dia d'antes passáram as duas galés á vista da terra. D. Antão mandou dar as vélas, e as foi seguindo, mandando diante os navios de remo pera as embara-

craçarem, se as achassem, e chegou até o cabo de Resolgate sem haver vista dellas. Alli tomou parecer sobre o que faria, e se as seguiria até o Estreito de Meca, e assentouse, que já não era monção, porque ventavam os Ponentes, e que a Armada não hia apercebida pera isso, mas que fosse esperar as náos de Judá na ribeira de Teve, e as recolhesse, e se fosse com ellas pera Ormuz; e assim o fez, que logo voltou pera aquella ribeira, aonde esteve até todo Abril, e ainda alguns dias de Maio, e recolheo todos os navios. Alli foi ter Pero de Taíde Inferno com toda sua Armada, estando Dom Antão de Noronha pera dar á véla.

Este Fidalgo tanto que partio de Goa, foi demandar as portas do Estreito, onde esteve até áquelle tempo, sem lhe acontecer cousa notavel, nem haver vista do Pirbec, porque parece que passou de noite por elle. D. Antão de Noronha tanto que vio a sua Armada, teve com elle cumprimento sobre as bandeiras; e todavia Pero de Taíde tirou a sua, e o foi seguindo até Ormuz, aonde D. Antão de Noronha tomou posse da fortaleza, e entregou a Armada a D. Diogo de Noronha o Corcôs. Pero de Taíde Inferno achou hum regimento do Viso-Rey, em que lhe mandava entregasse a sua Armada a D. Diogo de Noronha

Cor-

Corcôs, como logo fez, e ſe embarcou com elle por ſeu ſoldado no galeão S. Lourenço. D. Diogo tanto que tomou poſſe da Armada a mandou negociar, e reformar, e D. Antão de Noronha lhe fez paga aos ſoldados, e lhes ordenou mezas, que ſe lhes deram todo o tempo que alli eſtiveram. Dom Diogo de Noronha deſpedio alguns navios ligeiros pera andarem de Ormuz até Baçorá em paragens, pera haverem falla das galés, e lhe mandarem cada dous dias recado do que ſe lá paſſava.

## CAPITULO XI.

*De como Franciſco Lopes de Souſa chegou a Maluco, e das couſas que fez: e de como faleceo: e das differenças que houve ſobre quem ſuccederia naquella Capitania: e das couſas que ſobre iſſo fez o Rey.*

DEixámos Franciſco Lopes de Souſa o anno paſſado partido de Malaca pera Maluco; e tendo boa viagem, chegou á fortaleza em Dezembro paſſado, e Balthazar Veloſo lhe entregou a fortaleza, com cujas obrigações começou a correr; e a primeira couſa que fez foi apreſentar a ElRey a Proviſão do Viſo-Rey, que tambem levou, em que mandava, que nenhuma peſſoa vendeſ-

desse cravo, nem o comprasse, senão de cabeça, e limpo de páo, e bafão, pelos inconvenientes que atrás dissemos. Este Rey como desejava de se mostrar muito leal a todos os mandados dos Viso-Reys, e Governadores, mandou apregoar a Provisão por todas suas Ilhas; o que tomáram muito mal todos seus vassallos, assim pela muita perda que recebiam, como pelo muito grande trabalho que se lhes offerecia no alimpar do cravo; mas ElRey trabalhou tanto nisso, que os quietou, e fez com elles que obedecessem aos mandados do Viso-Rey; e assim começáram logo a vender o cravo limpo, e a carregar-se no galeão da carreira. Succedeo mais em sua entrada dizerem-lhe os Padres da Companhia, » que era serviço » de Deos mandarem com elles alguns Por- » tuguezes ao lugar de Camafo (que era de » ElRey de Tidore) dividir, e apartar os » Christãos, que alli viviam, dos Mouros, e » Gentios, porque viviam todos misturados, » e muitos Christãos casados com Mouras, » e Gentias, e muitas mulheres Christans pe- » la mesma maneira; o que era contra a Lei » de Deos, e grande perturbação daquella » Christandade. » Isto praticou o Capitão com ElRey, e lhe pedio algumas coroocoras pera mandar áquelle negocio com os Padres. ElRey lhe disse » que aquella obra era a-

» manha, que se ambos se não achassem em » pessoa delle, não se poderia fazer cousa » alguma, porque receava grandes altera» ções, e movimentos; e que elle estava » prestes pera isso.» O Capitão lhe agradeceo aquelle conselho, e lançou mão dos cumprimentos, pedindo-lhe que se fizesse prestes, o que elle logo fez; e ambos se embarcáram em suas corocoras, levando o Capitão cem Portuguezes, e deixou a fortaleza entregue a Gabriel Rabello.

Chegados ao lugar do Toloco, duas leguas de Camafo, deixáram-se ficar ElRey, e o Capitão, e mandáram hum Padre da Companhia, e com elle Bastião Veloso, e Pero de Ramos com alguns Portuguezes pera irem fazer aquella diligencia. Chegados estes homens a Camafo, começou o Padre a dividir, e apartar os Gentios, e Mouros dos Christãos, as mulheres dos maridos, e elles dellas; pais de filhos, e filhos de pais, de maneira, que tal ordem tiveram, que ficáram os Christãos todos sobre si, e os mais em bairros, que pera isso lhes ordenáram; e os que se não quizeram apartar das mulheres Christans, e assim mesmo as Gentias, ou Mouras, que quizeram viver com seus maridos, recebêram a agua do santo Bautismo.

Feita esta obra sem alteração alguma, se tor-

tornáram pera o Toloco, onde Eſtava El-Rey, e o Capitão. Vendo ElRey aquelle negocio, que elle tinha por muito duvidoſo, e difficultoſo, movido de ſua boa inclinação, e natureza, diſſe ao Padre: » Ora » já que vós, Padre, vieſtes a fazer huma » obra tão ſanta, como foi apartar os Chri- » ſtãos dos Mouros, eu tambem quero que » ſe faça em mim juſtiça, pois eu vos favo- » reci pera as fazerdes nos outros. Eu tra- » go ha muitos annos huma mulher Chriſtã » por manceba, nunca Deos queira que eu » fique com ella; » e mandando-a vir, logo lha entregou. O Capitão, e o Padre paſmáram daquella obra, e lha louváram, e engrandecêram muito, e logo ordenáram caſar a mulher, como fizeram, ajudando-a todos com ſeu quinhão.

ElRey de Tidore como nunca foi amigo dos Portuguezes, e deſejava vellos acabados, e fóra daquellas Ilhas, ſabendo que eſtava o Capitão no Toloco em poder de ElRey de Ternate, deſpedio huma corocora muito ligeira com huma carta pera El-Rey, em que lhe dizia: » Que pois tinha » em ſua mão o Capitão, e os Portuguezes, » que lhe ſería muito facil matallos, e que » depois tomariam a fortaleza, e ficariam li- » vres de ſua ſujeição. » ElRey como era bom homem, tornou a deſpedir a coroco-

ra,

ta, e respondeo a ElRey » que o não acon-
» selhava bem naquelle negocio; que antes
» tinham todos obrigação de pouparem as
» vidas dos Portuguezes, porque depois que
» elles entráram naquellas Ilhas, foram to-
» dos os dellas ricos, honrados, e politicos,
» sendo d'antes pobres, e barbaros. » E posto que ElRey quiz encubrir isto por não homiziar aquelle Rey com o Capitão, pelos parentescos que com elle tinha, elle o veio a saber, e dissimulou com o negocio. Acabado tudo ao que foram, se recolhêram pera Ternate, onde o Capitão adoeceo logo de humas febres mortaes, de que ao seteno dia faleceo com grande mágoa de todos, porque era muito bom Fidalgo. E abrindo-se seu testamento, achou-se nelle nomeado por Capitão Christovão de Sá, que de Malaca se tornou com elle. Filippe de Aguiar, que era Alcaide mór, acudio a requerer a Capitanía, conforme ao regimento, e trazia já comsigo alguns soldados, e quiz lançar mão das chaves da fortaleza com união, estando Francisco Lopes de Sousa ainda arquejando. A isto acudio ElRey, e o Ouvidor; e vendo a cousa revolta, tomou a menagem ao Alcaide mór, e o mandou para a torre; e lendo o testamento do Capitão, entregou a fortaleza a Christovão de Sá. Feito isto, tratáram de enterrar o Ca-

pi-

pitão, como logo se fez, e lhe fizeram seus Officios com muita solemnidade, a que ElRey com ser Mouro se achou vestido de dó á Portugueza.

Passado o Officio se assentou ElRey á porta da fortaleza, onde se ajuntou todo o povo, e mandou soltar o Alcaide mór a seu requerimento pera o ouvir de sua justiça, e elle lhe requereo a posse daquella fortaleza, porque lhe pertencia, conforme á Ordenação do Livro vinte, titulo dos Alcaides móres; e com isto apresentou hum regimento do Governador Nuno da Cunha, em que mandava » que por morte dos Capitães suc» cedessem os Alcaides móres. » Christovão de Sá acudio, dizendo: » Que elle estava já de » posse da Capitanía por virtude da verba » do testamento; e que além disso viera da » India provído da Capitanía daquella for» taleza por huma Provisão do Governa» dor Garcia de Sá. » Sobre isto debatêram ambos, e começou a haver alvoroço, a que ElRey acudio, e os apazigou, e por fim de todas as pertenções se louváram ambos em ElRey, do que o Ouvidor fez hum Termo assignado por elles. Acabado isto, fez ElRey a todos os Portuguezes esta breve falla.

» Ninguem vos póde negar, valorosos » Portuguezes, que antes que viesseis a estas » Ilhas, eramos todos barbaros, e sem po-

» licia, nem ordem alguma boa de governo, e que todo o bom que hoje temos, de vós o tomámos, e aprendemos, porque vos governais por razão, e justiça, por homens doutos, e letrados, que endireitam as cousas tortas; pelo que o vosso governo, e ordem das cousas he tudo santo, e bom, e he razão que todos o sigamos, e imitemos. E pois assim he, peço-vos que me digais a qual destes direitos, que estes dous pertençores allegão por si, hei de obedecer, pera que ElRey de Portugal meu Senhor seja bem servido, porque vos hei de lançar a culpa do erro, se o houver, e a elle dareis conta de tudo, porque eu desejo de acertar em seu serviço.

Acabada a falla, estiveram todos calados por hum espaço, e depois sahio de antre todos huma voz que dizia: » Eu obedeço a Christovão de Sá, que está já de posse; » a isto disseram todos o mesmo. Vendo ElRey aquillo, deo a sentença por elle, e lhe tornou de novo a dar posse da fortaleza. Do que tudo o Ouvidor fez hum auto assignado por ElRey, e por todos, e com isto se quietáram os tumultos.

CA-

## CAPITULO XII.

*Dus cousas que este anno acontecêram em Ceilão: e de como Tribuly Pandar, que estava prezo, se fez Christão, e fugio da prizão: e dos damnos que fez, e de outras cousas.*

DEixámos as cousas de Ceilão com a prizão de Tribuly Pandar, pai de ElRey da Cota, e com a chegada de D. Duarte Deça; agora continuaremos com as cousas que este verão succedêram. Entregue Dom Duarte da Capitanía de Ceilão, tratou ElRey com elle sobre a soltura de seu pai, fazendo-lhe muito grandes partidos, e dando-lhe todas as seguranças que quizesse, sem o poder acabar com elle. Corriam com este Principe os Padres de S. Francisco, a quem rogou que o fizessem Christão, porque estava affeiçoado ás cousas da nossa Fé, e porque em ninguem achára humanidade, e caridade senão nelles. Os Padres estimáram aquillo muito, e o catequizáram, e bautizáram, sem darem conta disso ao Capitão, porque receavam de lho impedirem; mas depois de feito, lho fizeram a saber. D. Duarte sentio-o tanto, por se fazer aquillo sem lho communicarem, que logo mandou lançar a Tribuly hum façanhoso grilhão, e fechando

a huma corrente, e tirar-lhe a communicação dos Frades, por cujo meio elle cuidava tivesse algum remedio, e todas as outras consolações que hum prezo podia ter, com o que poz aquelle atribulado Principe em grande desesperação. A mulher, mãi de ElRey, (que, como dissemos, escandalizada da prizão do marido, se tinha passado pera o lugar de Reigão,) como era mulher prudente, e varonil, sendo avisada do máo tratamento que se fazia ao marido, tratou de o tirar dalli por industria, já que não podia ser por força; e tendo prática com algumas pessoas de que se fiou, Portuguezes, que tambem estavam escandalizados daquelles excessos, peitou tanto, e deo tanto, que ordenáram huma mina no quintal dos Padres, onde a prizão respondia, que foi dar no lugar em que Tribuly estava, e por ella o tiráram huma noite, e foi lançado fóra da fortaleza. Ao outro dia, que deram rebate ao Capitão daquelle negocio, acudio a fazer suas diligencias, e prendeo algumas pessoas, contra quem se não provou cousa alguma, e despedio logo recado ao Viso-Rey do que era passado. O Tribuly tanto que se vio fóra da prizão, como levava no coração a mágoa do máo tratamento que lhe fizeram, ajuntando muita gente, que a mulher lhe tinha mandado, se foi pera a banda de Ga-

le,

le, e todas as Igrejas, e Christãos que achou foi pondo a ferro, e a fogo, sem perdoar a cousa alguma; e chegando a Gale, fez o mesmo, e queimou huma formosa náo que alli estava já acabada, e no estaleiro, que era de hum Miguel Fernandes; e passando a Reigão, tomou a mulher, e se foi pera o lugar de Pelande, que sería da Cota oito leguas, com tenção de fazer aos Portuguezes toda a guerra que pudesse.

ElRey seu filho tanto que teve aviso de sua fugida, e soube os damnos que fora fazendo, pezou-lhe muito, e lhe mandou pedir » que não quizesse proseguir mais na» quelle negocio, nem lembrar-se do aggra» vo que lhe fizeram; mas que puzesse os » olhos no Madune seu inimigo, que fora » causa de todos aquelles trabalhos; e que » se ajuntassem todos em seu damno, por» que de outra maneira perder-se-hia aquel» le Reyno; » e isto mesmo praticou com o Capitão, e lhe pedio » que esquecidas as » cousas passadas, tratassem das presentes, e » que se armassem todos contra o Madune, » que estava poderoso, e alterado com aquel» las desavenças; e que soubesse de certo, » que se senão acudia a isto muito de pro» posito, que se havia de perder toda aquel» la Ilha, e ficar em poder do Rey imi» go; e que ElRey de Portugal era o que

»un-

» nisso mais perdia, pois era Senhor daquel-
» le Reyno da Cota, e o commercio da-
» quella canela lhe importava muito. »

D. Duarte Deça considerando todas aquellas cousas, se concertou com ElRey contra o Madune, mettendo na liga o Tribuly Pandar, pera que fosse do lugar de Pelande, onde estava, com a sua gente contra Ceitavaca; e que ElRey mandasse o Camereiro mór com todo o poder, e sincoenta Portuguezes que lhe daria. Estes concertos jurou o Capitão de cumprir sobre hum Missal, e ElRey lhe deo logo mil cruzados pera ajuda dos gastos dos sincoenta soldados, e começou a negociar as cousas pera a jornada, pondo no campo o Camereiro mór perto de tres mil homens; e quando esperava pelos Portuguezes, que D. Duarte Deça ficou de lhe mandar, faltou-lhe com todos, mandando-lhe dizer: » Que os solda-
» dos não queriam servir sem paga, que lhe
» mandasse mais dinheiro pera isso. » ElRey como estava roubado, e despezo, não teve que lhe mandar; mas o Camereiro mór tirou huma arelhana de ouro, que valeria quinhentos cruzados, e lha mandou, pera que pagasse os sincoenta soldados. D. Duarte recebeo a arelhana, e lhe respondeo com vinte soldados que lhe mandou, e por Capitão delles João Coelho. ElRey sentio mui-

to faltar-lhe assim D. Duarte Deça contra o que tinha jurado; e não deixou de mandar proseguir na empreza, e despedio o Camereiro mór com ordem, que se fosse ver com o Principe das Corlas pera o metter na liga. Partido o Camereiro mór, chegou ao lugar de Madabe, aonde se vio com aquelle Principe, e concertou com elle, que o ajudasse contra o Madune por aquella banda, e lhe deixou quatrocentos homens pera ajuntar com a sua gente. Feito isto, commetteo o Camereiro mór com os Portuguezes as terras do Madune por huma parte, o Principe das Corlas pela outra, e o Tribuly Pandar pela outra de Pelande. Pela parte por onde o Camereiro mór entrou, lhe sahio ao encontro o Capitão geral do Madune, com quem tiveram os nossos alguns recontros, em que o desbaratáram. D. Duarte Deça, (ou que o Madune o mandasse peitar em segredo,) sabendo esta conjuração, pera que não favorecesse o Rey da Cota, ou que elle por cubiça do que delle esperava se lhe offerecesse, ou como quer que fosse, elles trouxeram antre si intelligencias, que não foram tão secretas, que o Tribuly Pandar as não viesse a saber, e avisou disso logo ao filho.

Vendo ElRey tamanha maldade, como era muito amigo dos Portuguezes, recean-do-se de alguma traição, mandou recolher

todos com o Camereiro mór. O Tribuly vendo aquella injustiça do Capitão, e como por sima do que jurára se carteava com o Madune, quiz tambem remediar-se, e sanear-se com elle, e assim entráram em concertos, que se vieram a concluir por esta maneira.

» Que o Tribuly Pandar casasse com hu» ma filha do Madune, já viuva, que tinha » huma filha, e que esta casasse com seu fi» lho segundo irmão de ElRey; » e disto fizeram seus assentos, que logo se publicáram. ElRey tanto que o soube, sentio-o muito, porque entendeo da malicia do Madune, que todos aquelles concertos eram pera segurar o Tribuly seu pai, pera vir a lhe tomar o Reyno, que era o que elle pertendia. A Rainha velha avó de ElRey, e do Madune, (que era huma Senhora muito grave, e de grande prudencia,) vendo ElRey da Cota desamparado até de seu proprio pai, tomou comsigo o Camereiro mór, e se foi ao lugar de Reigão, onde o Tribuly estava; e vendo-se com elle, lhe fez sobre este negocio huma falla muito honrosa, que teve tanta força, que lhe fez remover todos os partidos, que tinha feito com o Madune, tornando a pôr as cousas de seu filho em melhores esperanças; e quiz Deos que acudisse esta Senhora primeiro, que se consum-

massem os Matrimonios com o Tribuly; porque se assim não fora, tudo se perdêra.

Declaradas estas cousas, foi D. Duarte Deça desapossado, e em seu lugar succedeo Fernão Carvalho, Alcaide mór de Columbo. ElRey, o Tribuly Pandar seu pai, e o Principe das Corlas (que por ordem da Rainha velha tornáram a jurar nova liga) se fizeram prestes pera proseguirem na guerra, pedindo ajuda de sincoenta soldados a Fernão Carvalho, que lhos offereceo, e elles lhe deram logo quinhentos cruzados pera suas despezas. Postos todos em campo, quando ElRey mandou pedir os soldados ao Capitão, mandou-se-lhe escusar, com dizer, que andavam pela costa de Columbo alguns navios Malavares, e que hia acudir, por lhes não saquearem a terra; e assim se foi sem lhes mandar soldados, nem dinheiro. Vendo ElRey quanto de mal em peior lhe hia com aquelles Capitães, não desistio da empreza, e mandou proseguir nella. Os conjurados entráram pelas terras do Madune, e lhes desbaratáram seus Capitães muitas vezes, e o chegáram a estado, que mandou pedir misericordia ao irmão, que como era bom homem, a teve delle, e fizeram novas pazes, com se effeituarem os casamentos, que estavam concertados. Neste estado deixamos estas cousas.

CA-

## CAPITULO XIII.

*De como o Turco teve o recado do Baxá de Baçorá, das cousas que Pirbec fez em Mascate, e Ormuz: e de como mandou Moradobec, que lhe tornasse quinze galés ao porto de Moçá: e de como Pirbec chegou á Corte, e o Turco lhe mandou cortar a cabeça: e de como D. Diogo de Noronha se encontrou com Moradobec: e da muito notavel batalha que as galés tiveram com o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque.*

TAnto que Pirbec chegou a Baçorá, (como atrás dissemos no Cap. X. deste X. Liv.,) logo o Baxá avisou pela posta o Grão Turco das cousas que fizera em Mascate, e Ormuz, e de como era partido com tres galés; e que ficava na fortaleza de Ormuz huma poderosa Armada de Portuguezes, que acudio a seu soccorro. Com estas cartas lhe chegou tambem recado, que nas portas do Estreito de Meca ficava outra Armada (que era a de Pero de Taíde Inferno.) E receando-se o Turco que lhe entrasse até a casa do seu falso Profeta, e que lha destruisse de todo, (porque ficava aquelle Estreito desamparado,) assentou mandar levar quinze galés, das que Pirbec passou a Baço-

çorá, pera o Estreito de Meca, pera sua guarda, e defensão.

Isto soube Moradobec, Capitão que foi de Catifa, que andava na Corte muito desconfiado de largar tão depressa aquella fortaleza a D. Antão de Noronha, como atrás dissemos no Cap. XIV. do Liv. IX. E querendo remediar a quebra que por elle passára, metteo suas valias, pera que lhe déssem aquella jornada, e assim lha concedeo o Turco, e o despedio logo pela posta, dando-lhe por regimento, que se fosse a Baçorá, e que das galés que lá levára Pirbec tomasse quinze, e com ellas se fosse pera o Estreito de Meca, e andasse em guarda delle; e que as mais galés ficassem em Baçorá fazendo guerra aos Gizares.

Partido este Moradobec, a menos de hum mez chegou Pirbec a Constantinopla; porque chegando a Suez com as galés as varou, e tomou todos os thesouros, e Portuguezes cativos em camellos, e se passou a Alexandria, e dalli por mar a Constantinopla, aonde chegou muito confiado nas riquezas que levava, e com tudo se apresentou aos pés do Turco. Mas como este Senhor, ainda que barbaro, não consente corromper suas leis, nem seus mandados com thesouros, ou privanças, alli logo mandou cortar a cabeça a Pirbec por quebrantador de seus

regimentos, e os Portuguezes mandou metter nas galés a banco, donde a mór parte depois se resgatáram, e vieram á India.

E tornando a Moradobec, deo-se tanta pressa, que chegou a Baçorá no fim de Julho; e negociando quinze galés que lhe melhor parecêram, mettendo-lhe a melhor artilheria, e os melhores soldados de todas ellas, se sahio pera fóra em Agosto. Dom Diogo de Noronha tambem na entrada deste mez se tinha partido de Ormuz com toda a sua Armada, e se foi pôr no cabo de Moçandão; e dalli despedio Gomes de Siqueira, e Luiz de Aguiar com regimento, que fossem até Baçorá a tomar falla das galés, e que hum as ficasse vigiando, e outro lhe trouxesse recado do que achasse dellas.

Chegados estes navios á boca do rio Eufrates, tomáram hum terranquim com alguns Mouros, que lhes disseram como Moradobec ficava no mar com as galés pera sahir pera fóra. Com este recado se partio hum dos navios, e o outro ficou vigiando. Chegado este recado a D. Diogo de Noronha, preparou a sua Armada muito bem, e tornou a mandar o navio pera se ajuntar com o outro, pera lhe trazerem recado como fossem sahidas, e elle se deixou andar do cabo de Moçandão até á Ilha de Angão, aonde as galés forçado haviam de vir de-

man-

mandar. E sendo já fim de Agosto, chegáram as fustas a D. Diogo de Noronha, e lhe disseram, que alli atrás vinham quinze galés; e apôs este recado começáram de apparecer todos á véla de longo da costa de Persia com vento Ponente. D. Diogo de Noronha estava surto com toda a Armada da banda de Arabia; e em lhe dando o recado, mandou levar ancora, e dar á véla, e foi atravessando á costa de Persia; e chegando a tiro de bombarda das galés, se poz com ellas ás bombardadas, porque não ousou de se chegar mais á terra pera onde as galés hiam mettendo de ló tudo o que podiam, e desparando tambem sua artilheria; e quiz a desaventura que acertasse hum tiro da coxia no galeão do Capitão mór ao lume da agua, pela banda de gilavento, que o varou dentro, e começou a fazer tanta agua, que se hia ao fundo. Os Officiaes acudindo abaixo, víram o galeão que se hia alagando, e requerêram ao Capitão mór que voltasse em outro bordo, porque se perdiam. D. Diogo de Noronha o consentio, ainda que contra sua vontade, e os Officiaes viráram no outro bordo, e foram deitando rombos com muita pressa. Era isto ás dez horas do dia, em que o vento começou a calmar, e os galeões ficáram anhojos por esse mar, sem governarem, divididos, e apar-

apartados de feição, que o galeão de Gonçalo Pereira Marramaque ficou da banda de Persia, affastado de toda a mais Armada hum tiro de espera. Moradobec vendo os favores do tempo, tomou as vélas, e foi com todas as galés demandar o galeão de Gonçalo Pereira; e chegando a elle, o rodeáram por todas as partes, e o começáram a bater furiosamente, descarregando nelle huma prolixa tempestade de pelouros; e depois que despendiam todas as cargas, tornavam-se a affastar, e a carregar de novo, e a dar sua bateria por esta ordem. Gonçalo Pereira Marramaque tinha no seu galeão cento e vinte homens, em que entravam muitos Fidalgos, e Cavalleiros muito nobres, e esforçados; e vendo que as galés o demandavam, puzeram-se em armas, e guarnecêram o galeão de suas arrombadas, tomando os Fidalgos a artilheria á sua conta com os bombardeiros; e assim com grande determinação esperáram os inimigos, em quem desparáram tambem sua artilheria, que se empregou de feição, que lhes desaparelháram as mais das galés. Mas como o galeão pelejava a pé quedo (como lá dizem) sem se mover de hum lugar, e as galés por causa do remo se chegavam, e recolhiam cada vez que queriam, puzeram o galeão em estado, que lhe não ficou cousa em que pôr os

os olhos; porque todas as obras de sima estavam desfeitas em muitas rachas, que feríram todos os do galeão, a mezena toda quebrada, os maſtros ambos rachados por muitas partes, e as vergas com as vélas por eſſe mar. Mas aſſim eſtava o piedoſo galeão no meio de todas as galés, como hum formoſo, e forte baluarte, deitando chammas de fogo, e coriſcos por todas as partes; e todos os ſoldados, ainda que feridos de muitas feridas, tão esforçados, e animoſos, que deſejavam que as galés os commetteſſem de bordo a bordo, pera ſatisfazerem nos Turcos o furor com que todos andavam. Gonçalo Pereira Marramaque moſtrou eſte dia os quilates de ſeu ſangue, e esforço, apreſentando-ſe ſempre nos lugares mais perigoſos, ainda que alli não havia algum que o não foſſe, e eſtiveſſe, e em tudo era companheiro de todos, aſſim nos trabalhos, como nas feridas, porque tambem trazia tres muito crueis fréchadas por ſeu corpo.

D. Diogo de Noronha vendo aquella braveza, e que não podia ſoccorrer o ſeu galeão, esbravejava como homem ſem ſiſo, queïxando-ſe de S. Lourenço, porque lhe não dava vento pera o ſoccorrer, dizendo-lhe » que era hum mancebo, e que lhe » roubava ſua honra; » e com eſta paixão mandou eſquipar todos os bateis dos galeões, e

e dar-lhes toas, pera ver ſe podiam chegar alguma couſa, mas tudo era em vão; e deſpedio todos os navios de remo, pera que foſſem favorecer o galeão, no que ſeus Capitães trabalháram bem, chegando alguns muito perto das galés; mas como ellas tinham rodeado o galeão, não foi poſſivel poderem chegar a elle. Gonçalo Pereira não lhe ficava couſa alguma por fazer, porque tudo corria, e tudo via com os olhos, fazendo bem o officio de Capitão muito animoſo, e prudente. O Meſtre, e o Piloto, que eſte dia trabalháram como Elefantes, não ſe reſguardando dos perigos, foram mortos de eſpingardadas, porque de todas as partes choviam pelouros, e fogo, e nuvens de fréchas ſobre o galeão, de que todos os noſſos andavam empenados por muitas partes. Em fim, todos pelejáram tanto, que não houve algum que não tiveſſe inveja aos companheiros que tinha apar de ſi.

Franciſco da Cunha, homem Fidalgo, peleijou ſempre com hum falcão com muito valor, e deſtreza, fazendo tiros tão certos, como ſe toda a vida uſára aquelle officio. E poſto que eſta batalha era merecedôra de ſe engrandecer com mais alto eſtilo, e com muitas mais palavras, nós o deixámos de fazer, porque nos falta pera iſſo tudo; baſta que a briga durou até horas de

de vespera, em que a viração começou a ventar, e os galeões se foram chegando. Moradebec tanto que vio ventar o vento, achando-se com todas as galés destroçadas, houve por melhor conselho tornar-se pera Baçorá; e tomando o remo em punho, se encostou á costa de Persia, e de longo della tornou a voltar pera dentro, ficando-lhe a náo, que era de João Nunes Homem, que he a que Pirbec tomou em Ormuz, que levavam carregada de artilheria, munições, e mantimentos pera provimento da Armada.

D. Diogo de Noronha chegou ao galeão de Gonçalo Pereira Marramaque, que se não via delle mais que o casco; e mettendo-se no batel, foi a elle. Gonçalo Pereira o esperou a bordo com todos os seus soldados, banhados em seu proprio sangue, e cheios de polvora, e suor, e empenados de muitas fréchas por todas as partes. Subindo D. Diogo de Noronha assima, foi Gonçalo Pereira Marramaque pera o abraçar, e elle lhe disse: » Affastai-vos, Senhor, pera lá, » que a vós não quero eu abraçar; nada se » vòs deve, porque o que vós fizestes, vos» so sangue, e honra vos obrigou a isso, e » do ventre de vossa mãi trouxestes essas obri» gações; a estes soldados sim, » e abraçou a todos hum e hum, enchendo-se de seu san-

ſangue, e de ſeu ſuor, dizendo a todos palavras de muitos, e grandes louvores.

As peſſoas principaes que aqui ſe acháram com Gonçalo Pereira Marramaque, são as ſeguintes: D. Affonſo Henriques, Luiz Freire de Andrade, que foi Capitão de Chaul, e ſuſtentou o famoſo cerco que o Zamaluco poz áquella fortaleza o anno de ſetenta e hum, Jorge de Souſa ſeu tio, André Pereira de Berredo, D. Leoniz Pereira, filho do Conde da Feira, Dom Luiz Pereira, Manoel Furtado Machado, Sebaſtião Machado, Diogo Nunes Pedroſo, Vaſco de Reboredo, Leonel Pereira, Franciſco da Cunha, Chriſtovão de Araujo Evangelho, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros. Dom Diogo de Noronha deixou algumas fuſtas com Gonçalo Pereira pera o levarem a Ormuz; e elle com a mais Armada foi após as galés, que hiam cozidas com a terra. Os noſſos navios ligeiros foram demandar a náo, que lhes hia fugindo, até a vararem na Ilha de Quexome, onde os Turcos ſe lançáram ao mar pera ſe ſalvarem em terra; mas a mór parte delles perecêram á eſpada, ficando a náo com todo ſeu recheio em poder dos noſſos. D. Diogo de Noronha foi ſeguindo as galés, que ſe foram mettendo por antre as Ilhas, e a terra firme, aonde os noſſos galeões não podiam chegar, e aſſim foram

ram até entrarem pela boca do Estreito de Baçorá, e rio Eufrates dentro, seguindo-as a nossa Armada sete dias continuos até as ensacar. D. Diogo de Noronha tanto que as vio recolhidas, não tendo alli mais que fazer, voltou pera Moçandão, aonde se deixou andar, em quanto duráram os Ponentes; e como se acabáram, se foi pera Ormuz negociar-se pera se partir pera a India, como tinha por regimento.

## CAPITULO XIV.

*Da Armada que este anno de sincoenta e tres partio do Reyno, de que era Capitão mór Fernão de Alvares Cabral: e das cousas em que ElRey mandou prover: e de como o Viso-Rey D. Affonso de Noronha partio pera Cochim.*

ENtrando o verão, sendo poucos dias de Setembro, chegáram á barra de Goa duas náos do Reyno: huma de que era Capitão D. Jorge de Menezes o Baroche, da companhia de Fernão Soares de Albergaria, que ficou o anno passado invernando em Moçambique; e a outra era a náo S. Bento, em que vinha Fernão de Alvares Cabral, que o Março atrás passado de sincoenta e dous tinha partido do Reyno por Capitão mór de quatro náos, e dellas só esta chegou á Goa.

Das

Das que faltavam eram Capitães, Belchior de Sousa da náo Santa Cruz, que com tempo arribou ao Reyno. D. Paio de Noronha da náo Rosario, que ficou invernando em Moçambique. E Ruy Pereira da Camara, que foi em Novembro tomar Cochim, como adiante diremos. O Viso-Rey recebeo muito bem o Capitão mór, que lhe entregou o saco das vias, onde achou algumas instrucções de cousas, em que ElRey mandava prover logo, e de algumas daremos razão, porque convem assim á historia.

Achou o Viso-Rey hum Alvará, em que lhe mandava ElRey » que logo, tanto que » aquelle visse, tornasse a ElRey de Ceilão » todo o dinheiro, e joias que lhe tomára; » e que sendo algumas vendidas, se lhe pa» gassem pela avaliação; » porque se houve ElRey por muito desservido das cousas que o Viso-Rey usou com aquelle Rey, de que o reprehendeo por cartas. O Viso-Rey começou logo a dar execução ao Alvará, e despedio o galeão da carreira de Ceilão, aonde mandou embarcar Affonso Pereira de Lacerda, que proveo da Capitanía daquella Ilha, mandando vir D. Duarte Deça, e por elle mandou áquelle Rey todas as joias, que ainda estavam por vender; e dos mais, que poderiam ser perto de duzentos mil pardáos, ficou feita declaração na receita de Belchior

chior Botelho (ſobre quem tudo eſtava carregado) pera ſe lhe ir pagando pouco e pouco; mas de tudo não logrou o pobre Rey vinte mil pardáos, por pedaços, e por peças que lhe mandáram, porque tudo o mais ſe lhe deſcontou, parte nas pareas, e a mór quantidade em dadivas, e mercês que fez a Capitães, Alcaides móres, Secretarios, Fidalgos, Officiaes, e criados dos Viſo-Reys, e Governadores. E neſtas dadivas ſe cumprio bem aquelle adajo velho, que diz: » Mouro que não podes haver, dá-o por tua » alma. » Aſſim eſte Rey vendo que não podia arrancar das mãos dos Governadores, que depois ſuccedêram até Mathias de Alboquerque, o que ſe lhe devia, fazia mercês largas aos que lhas pediam, que ſe pagavam por intelligencias, que pera iſſo todos tinham; injuſtiça muito grande, e muito uſada na India, não ſe pagar aos homens o dinheiro, a fuſta, o mantimento, o cairo, e tudo o mais que ſe toma pera as Armadas, e pagar-ſe a outros com quem ſe elles concertão pela terça parte. E deixando eſta materia, e outras em que vimos pouca ſatisfação, e menos emenda, tornemos a noſſo fio. Ficou eſte Rey puxando pelos Governadores, e Viſo-Reys pela ſua divida, ſem nunca lha poder arrancar das mãos, até o anno de ſincoenta e oito, que ſendo Go-

ver-

vernador Francisco Barreto, vendo quanto aquelle Rey apertava com elle, poz aquelle negocio em Relação, depois do Procurador de ElRey vir com hum Libello contra aquelle Rey: pelos Desembargadores foi sentenciado, que não estava ElRey obrigado a lhe pagar cousa alguma, porque muito mais tinha despendido o Estado em Armadas, que lhe mandava de soccorro.

Esta sentença parece que não houve por boa ElRey D. Filippe, depois que succedeo nos Reynos de Portugal, porque no anno de oitenta e sinco passou hum Alvará, assignado pelo Cardial Alberto, Regente do Reyno, em que mandava, » que não se fi» zesse mais pagamento ás pessoas, a quem a» quelle Rey da Cota désse suas dividas; e » que á conta dellas lhe déssem cada anno » o que lhe costumavam a dar de entretimen» to, que eram mil pardáos; » como melhor, e mais largamente declararemos na nossa decima Decada, porque aqui não fazemos mais que referillo, por irem estas cousas todas juntas.

Mandou ElRey tambem outro Alvará, em que mandava, » que prendessem Bernal» dim de Sousa, e que lhe tomassem toda » sua fazenda, porque fora metter ElRey » Aeiro de posse do Reyno de Maluco; » e segundo nos disseram, que o mandava El-

Rey levar prezo pera o Reyno ; mas eſtes papeis nem os vimos, nem os achámos. E pera fazer eſta execução, mandou ElRey na náo com Fernão de Alvares Cabral o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa, porque a não quiz fiar de Pero Soares, irmão de André Soares, que na India ſervia de Procurador da Coroa; porque tinha obrigações á caſa do Governador de Lisboa, irmão de Bernaldim de Souſa. Eſta execução aſſim crua mandava ElRey fazer, porque lhe eſcreveo Jordão de Freitas de Maluco, que fora muito contra ſeu ſerviço levar Bernaldim de Souſa ElRey Aeiro a Maluco, e mettello de poſſe daquelle Reyno; porque como todos os deſgoſtos paſſados antre ElRey D. João, e o Imperador Carlos V. ſeu cunhado, foram ſobre o direito das Ilhas de Maluco, cujas differenças ceſſáram pelo empenho, de que na quarta Decada no Cap. I. do Liv. VII. fizemos menção, que tanto que os Reys Catholicos tornaſſem os trezentos e ſincoenta mil cruzados, logo ſe tornaria a contender ſobre o meſmo direito, como os póvos de Heſpanha muitas vezes lhe requerêram. O que não poderia fazer, ſe Bernaldim de Souſa não mettêra de poſſe ElRey Aeiro, tendo-a elle Jordão de Freitas tomado por ElRey D. João de Portugal, por virtude do teſtamento de ElRey D. Manoel,

que

que morreo em Malaca, porque se ficavam acabando as contendas todas; porque já ElRey de Portugal, além do direito que allegava da posse, e propriedade, ficava-lhe agora muito melhor pela herança, como verdadeiro herdeiro de ElRey D. Manoel de Maluco, que o constituio por esse, por não ter filhos, nem irmãos legitimos. E como isto importava tanto, e ElRey não tinha outra informação mais que a que lhe mandou Jordão de Freitas, mandava fazer aquella execução em Bernaldim de Sousa, estando elle sem culpa, pois fora por mandado do seu Governador, sobre sentença dada na Relação de Goa, porque julgáram ElRey Aeiro por Rey de Maluco; e pera o metterem de posse delle, mandou o Governador Dom João de Castro a Bernaldim de Sousa, como no principio desta sexta Decada no Cap. IV. do Liv. I. fica dito.

O Visó-Rey como estava informado daquelle negocio, e sabia a pouca, ou nenhuma culpa, que Bernaldim de Sousa tinha, o mandou prender, e escrever-lhe a fazenda pera melhor se poder livrar. E vendo que lhe era necessario acudir ás cousas de Cochim, pela guerra que o Rey da Pimenta lhe fazia, começou a se preparar, e a fazer pagamento aos soldados, e a pôr a Armada no mar. E dando despacho a muitas

cousas apressadamente, entregando o governo aos Deputados, se embarcou no fim de Novembro, e deo logo á véla com toda a Armada, que era de mais de cem vélas. Os Capitães que o acompanháram nesta jornada, dos que pudemos saber os nomes, são os seguintes.

Seu filho D. Fernando de Menezes, Bastião de Sá, Vasco da Cunha, D. Antonio de Noronha, Francisco de Mello Pereira, e Francisco de Sousa em galés. D. Pedro da Silva da Gama, Antonio Moniz Barreto, Francisco Barreto, D. João de Almeida, filho do Contador mór, e Pero de Taíde Inferno em galeotas latinas. Gil Fernandes de Carvalho, Fernão de Castanhoso, e Belchior Botelho em galeões. Pero Botelho, Alvaro de Mendoça, Manoel Mascarenhas, Luiz Alvares da Cunha, Diogo de Mello da Cunha, e Affonso Basto em caravelas. O Veador da Fazenda Simão Botelho, Gomes da Silva, Duarte Paes de Mello, Jorge Pereira Coutinho, D. Diogo de Taíde, D. Jeronymo de Castello-branco, Gil de Goes, Gomes Furtado, e outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros em fustas. O Viso-Rey hia embarcado na galé Reliquias, e com elle Bernaldim de Sousa, que já estava solto pera se livrar, e lhe tinha recebido sua contrariedade, e D. Alvaro de Noronha, filho do

Vi-

Viso-Rey. D. Garcia, que tinha já chegado de Ormuz de ser Capitão, e outros muitos Fidalgos velhos, e dada á véla, foram seguindo sua derrota.

## CAPITULO XV.

*De algumas cousas que acontecêram ao Viso-Rey D. Affonso de Noronha até chegar a Cochim: e dos conselhos que tomou sobre dar no Chembe: e de como se assentou darem nas Ilhas alagadas, e de como as destruiram.*

CHegando o Viso-Rey a Cananor, chegou a elle huma fusta que vinha de Cochim, que trazia as vias da náo, de que era Capitão Ruy Pereira da Camara, que havia poucos dias que era chegado áquella Cidade. O Viso-Rey as abrio, e achou nellas hum Alvará, em que lhe mandava « que se » não servisse em cousa alguma de D. Dio- » go de Almeida, filho do Contador mór, » porque o tinha riscado de seus livros, » pelas razões que atrás dissemos no Cap. XVI. do Liv. IX. O Viso-Rey sentio aquillo muito por ser amigo daquelle Fidalgo, e porque tinha elle partes pera puxarem por elle todos os Viso-Reys, e Governadores. E porque não podia remediar aquelle negocio, por lhe não deixar ElRey lugar algum aberto

to pera isso, tratou logo de o mandar tirar da fortaleza de Dio em que estava, porque soubesse ElRey pelas náos o como cumpria seus mandados; e pera isso commetteo alguns Fidalgos pera irem tomar posse daquella fortaleza, pera se D. Diogo vir pera elle; mas nenhum a quiz acceitar, assim por não irem desapossar D. Diogo de Almeida, como por não se embaraçarem por dous, ou tres mezes naquelle negocio; porque tinha aquelle anno vindo do Reyno aquella Capitanía a D. Diogo de Noronha o Corcôs, que como chegasse de Ormuz, forçado havia de ir entrar nella. Só D. Jorge de Menezes Baroche a acceitou, o que lhe todos estranháram, porque diziam, » que aquella diligencia havia o Viso-Rey de mandar fazer por hum Desembargador; que » aquillo era mais profissão de hum Bacharel, que de hum Fidalgo tão honrado, » e sobre isso lhe fizeram muitas trovas; mas elle por sima de tudo se partio logo em huma fusta muito ligeira, e foi seu caminho em que o deixaremos.

D. Diogo de Noronha o Corcôs chegou a Goa com toda a sua Armada, poucos dias depois do Viso-Rey ser partido; e tomando mantimentos, e agua, deo logo á véla após elle, e o foi tomar na barra de Cochim, porque foi o Viso-Rey fazendo de-

tença em Çananor, e Chalé. O Viso-Rey o recebeo bem, e a todos os seus Capitães, principalmente a Gonçalo Pereira Marramaque, pela grande vitoria que houve das galés. O Viso-Rey deixando fóra todos os galeões, e caravelas, entrou pela barra dentro nas galés, e em todos os navios de remo; e passando pela Cidade, que o salvou soberbissimamente, foi aquella noite surgir no castello de sima, aonde foi visitado dos Vereadores, e principaes da Cidade.

*Alli* teve hum conselho geral, em que se assentou, que desembarcasse no Chembe, e destruisse aquelle Reyno. Com esta resolução foi surgir com toda a Armada defronte do Chembe. Alli teve outro conselho, em que os principaes de Cochim tornáram a revogar o passado, dizendo, » que não era » bem que déssem no Chembe, porque ti» nham espias, que estava aquelle Rey mui» to fortificado, e com grande poder, e que » se arriscaria a muito, mas que déssem no » Pagode de Baiqueta, que he na mesma » Ilha, e que o destruissem, e assolassem, » porque era a mór affronta, e damno que » se podia fazer áquelle Rey. »

Com este parecer foi o Viso-Rey surgir com toda a Armada defronte deste Pagode; e ordenando a desembarcação em terra, se deteve nisso por espaço de tres dias. No cabo

bo delles tornou a haver outro conselho, em que se assentou, « que fossem dar nas » Ilhas alagadas, que eram daquelle Rey, » por ser o mais importante rendimento de » seu Reyno, e de que ElRey se sustentava, » por serem de palmares fertilissimos, que » era toda sua substancia. » Com esta ultima resolução se levou o Viso-Rey, e foi surgir no mar largo defronte de Tecancute, e alli ordenou a desembarcação no modo que havia de ser, que foi por esta maneira.

Que o Viso-Rey com os Capitães, e gente de sua Armada desembarcassem pela banda do Sul; João da Fonseca, Capitão de Cochim, com todos os casados, e gente de ElRey de Cochim pela banda do Norte; pera o que se ordenáram muitos tones, e embarcações pequenas pera entrarem por aquelles esteiros.

Assentado isto, mandou o Viso-Rey a Francisco Barreto, e a Bernaldim de Sousa que fossem cada hum em seu navio ligeiro ver, e notar a parte por onde elle havia de desembarcar; pera verem se tinha algum impedimento. Estes Fidalgos se embarcáram em os navios, e foram ambos juntos demandar o rio; e antes de chegarem a elle algum espaço, acháram o Siqueira Malavar, que era o homem que melhor sabia todas aquellas entradas que todos; e sabendo ao que

hiam,

hiam, chegou-se a Bernaldim de Sousa, e lhe disse, « que não hiam bem, porque se » entrasse o rio, que nenhum delles havia » de tornar, porque estava atravessado de es» tacadas grossas, e que era tão estreito, que » não podiam voltar nelle; e que os inimi» gos de sima das barranceiras os haviam de » matar hum, e hum ás fréchadas, e espin» gardadas. » Bernaldim de Sousa lhe respondeo « que fosse elle dizer aquillo ao Viso» Rey, porque elles não haviam de deixar » de ir seu caminho. » O Siqueira voltou pera a galé, e disse ao Viso-Rey « que pera » que arriscava aquelles Fidalgos? que os » mandasse recolher, porque hiam perdidos; » que quem havia de entrar o rio, havia de » passar ávante, porque não podia tornar a » voltar; que devia de entrar com todo o » poder, e ir desembarcar na Cidade, e » que perigasse quem perigasse, porque for» çado na entrada havia de haver damno. » O Viso-Rey mandou logo capear as fustas pera que se tornassem. Bernaldim de Sousa, depois que se apartou delle, chegou-se a Francisco Barreto, e lhe perguntou se hia confessado? e com isso lhe contou tudo o que passára com o Siqueira. Ouvindo Francisco Barreto aquillo, lhe perguntou o que fariam? Já não ha que tomar conselho, lhe respondeo Bernaldim de Sousa, senão pas-

sar

ſar ávante, e encommendar a Deos; e foi remando. Em quanto eſtiveram neſtas práticas, vio hum pagem de Bernaldim de Souſa capear, e lho diſſe, e Bernaldim de Souſa pelejou com elle, e lhe diſſe que ſe calaſſe. E paſſando ávante, lhe atiráram huma bombardada, e apôs ella deſpedio o Viſo-Rey a ſua manchua apôs elles. A' bombardada diſſe Franciſco Barreto a Bernaldim de Souſa, que aquillo era chamallos; Bernaldim de Souſa lhe reſpondeo, que bem podia ſer que foſſe outra couſa; e foi remando, até que a manchua chegou a elles, e lhes diſſe que o Viſo-Rey os chamava. Com iſto voltáram ambos de melhor vontade do que hiam; o que não fizeram ao primeiro ſinal por pura deſconfiança.

Recolhidos á galé, mandou o Viſo-Rey negociar as fuſtas todas, e fazer arrombadas pera o outro dia deſembarcar. E tanto que rompeo a manhã, abalou o Viſo-Rey com todos os navios ligeiros, e ſeu filho D. Fernando de Menezes, e Franciſco Barreto na dianteira, e diante delles o Siqueira, e os mais Capitães Malavares; e chegando ás eſtacadas, as arrancáram com muito trabalho, e riſco, porque os inimigos de ſima dos vallos deſcarregáram ſobre elles nuvens de fréchas, com que feríram muitos dos noſſos. Tirado eſte impedimento,

entráram os navios todos [a] [r]io até chegarem ás Ilhas, em que haviam de desembarcar, onde saltáram D. Fernando de Menezes, e Francisco Barreto com suas bandeiras, o que fizeram a poder de bombardadas, e espingardadas.

Franqueada a desembarcação, chegou o Viso-Rey a terra, e desembarcou com todo o poder, e começou a assolar, e destruir, e pôr a ferro, e a fogo todas aquellas Ilhas daquella parte, matando, e cativando muita gente; e depois de não haver cousa alguma em pé, se tornou a embarcar, e se foi pera a Armada. João da Fonseca, Capitão de Cochim, com a gente de sua companhia desembarcáram pela parte do Norte, e entráram naquelles esteiros, que estavam tambem entupidos com estacadas; e depois de as desfazerem, e arrancarem, saltáram em terra, e mettêram tudo a ferro, e a fogo, matando, e cativando muita gente. Depois que João da Fonseca fez a mór destruição que podia ser, mandou seu filho Antonio de Siqueira com recado ao Viso-Rey do que era passado, que elle estimou muito a vitoria que tinha havido, por não perder naquella jornada mais que hum homem; e logo o despedio, mandando dizer a João da Fonseca, que se recolhesse pera elle, como fez.

O

O Viso-Rey vendo que tinha bem castigado aquelle Rey, e que era necessario acudir á carga das náos, se partio pera Cochim, deixando por aquelles rios Gomes da Silva com doze, ou quinze embarcações ligeiras pera ir continuando na guerra. Neste estado os deixaremos hum pouco, porque he necessario continuarmos com o que neste tempo succedeo em Cambaya.

## CAPITULO XVI.

*Das revoltas que houve no Reyno de Cambaya por morte de Soltão Mahamude: e como D. Diogo de Almeida deo na Cidade de Dio, e a destruio.*

SOltão Mahamude, Rey de Cambaya, era tão máo, e tão cruel, que aborrecia a todos os vassallos. E de muitas brutalidades, que delle se contam, só duas diremos pera prova bastante de sua maldade. Huma dellas he: tinha este barbaro trezentas mulheres de suas portas adentro, de que usava; destas, toda a que emprenhava delle, (porque de outrem não podia ser pelo grande resguardo com que as tinha,) tanto que era de tempo, lhe mandava abrir a barriga, e tirar-lhe o filho, ainda palpitando, recreando-se naquella deshumanidade. A outra he: costumava elle ir muitas vezes

a huns Paços de prazer que tinha fóra da Cidade, em que estava o mais rico, e curioso jardim de quantos lemos de todos os Imperadores do Mundo; porque deixando aguas, fontes, esguichos, tanques, boninas, e hervas fresquissimas, e suaves: todas as arvores de todas as sortes das do Oriente que alli tinha, que eram muitas, todos os seus troncos, dos pés do chão até á rama eram forrados de veludos de cores, de borcados riquissimos, e de outras sedas muito curiosas, que todos os verões as renovavam, porque nos invernos apodreciam a mór parte. Havia neste jardim todas as aves bravas, e domesticas, que se podiam imaginar, e todas as alimarias, porcos, veados, gazellas, e todas as mais que elle costumava amontear. Andando este barbaro hum dia neste jardim á caça com suas mulheres, correndo apôs hum veado, cahio do cavallo, e ficou dependurado por hum pé, levando-o o cavallo a rasto hum espaço. Huma daquellas mulheres, que ficou mais perto delle, teve tal acordo, que arrancou de hum alfange, e cortando o loro do estribo, ficou ElRey no chão estirado hum pouco, e maltratado, e o cavallo passou por diante. Levantando-se ElRey, em lugar de pagar á pobre mulher a vida que lhe deo, (porque sem dúvida o cavallo o espedaçára, se ella o não li-

livrára,) chegando-se a ella, a matou, dizendo, que mulher de tamanho animo, e determinação tambem o poderia hum dia matar.

Deste barbaro cruel se affirmava, que de moço se começou a crear com peçonha; e assim como veio a ser Rey, logo começou a usar de espantosas cruezas, e a temer-se de tudo, e de todos, não se fiando de cousa alguma, (que este he o mór trabalho que todos os tyrannos tem, e a mór vingança que se lhes póde desejar; como se lê de Dionysio de Sicilia, que fallava ás partes de sima de hum eirado, e que nunca fazia a barba, por não entregar a garganta nas mãos de algum barbeiro; e affirmão os Escritores, que elle mesmo a fazia com tições de fogo.) Assim este tyranno Soltão Mahamude não se fiava de pessoa alguma, mais que de hum pagem que lhe tinha a chave da sua agua, que elle creou de menino sempre dentro na sua camara, donde lhe nunca sahia, que se chamava Borandim. Este ou que fosse induzido de alguns, ou que o demonio lhe mettesse em cabeça que podia ser Rey, estando o Mahamude dormindo huma noite, o matou ás punhaladas, e metteo em segredo no Paço alguns Capitães de sua valía. Morto ElRey, mandou Borandim logo recado a todos os Capitães principaes, que

que na Corte havia, a chamallos da parte de ElRey; e assim como chegavam, os recolhia pera dentro, e lá os matava, e isto fez a dezesete. Só dous, chamados Mostafá Carman, e Bearcan Abexim, deixou vivos recolhidos em huma camara, porque eram grandes seus amigos, e tratou de os grangear, pera que elles consentissem em sua tyrannia, e o sustentassem nella.

Antre os Capitães que chamáram, foi hum Aimiticão, Gentio de nação, que se tinha feito Mouro. Este como era muito prudente, e prevenido, dando-lhe o recado da parte de ElRey a deshoras, cousa não costumada, parecendo-lhe mal aquelle negocio, se sahio logo fóra da Cidade, e foi-se metter em huma Mesquita. Borandim tanto que amanheceo tomou as insignias reaes, e se poz na cadeira, e mandou chamar Mostafá Carman, e Bearcan, e lhes fez grandes promessas, pera que lhe fizessem a veneração como a seu Rey, o que fez Bearcan Abexim; mas Mostafá Carman dissimulando com o negocio, sahindo-se pera fóra, se poz em hum cavallo muito ligeiro, e se partio pela posta pera Baroche a dar rebate a Madre Maluco, genro de Coge Çofar, que era hum dos Regedores do Reyno.

A morte de ElRey divulgou-se logo pela Cidade, e acudíram todos ao Paço a saberem

rem o que aquillo era. Antre todos eſtes foi Xavaſcan, Guzarate de nação, Capitão muito animoſo, e de grande poſſe; e entrando na caſa em que Borandim eſtava, que o vio com as inſignias de Rey, ficou embaraçado. Borandim lhe diſſe, » que lhe fizeſſe a veneração como a ſeu Rey, que elle lhe faria muitas honras, e mercês. » O Xavaſcan, que era homem muito determinado; entendendo que o Rey era morto, embebeo hum arco, e deo com huma ſetta pelos peitos a Borandim, dizendo, » que elle não » fazia veneração a hum eſcravo de ElRey » Borandim cahio logo morto; e indo-ſe o Xavaſcan recolhendo, as mulheres de ElRey que eſtavam nas janellas, que cahiam ſobre a caſa em que iſto paſſou, vendo cahir o Borandim, embebeo huma dellas hum arco, e atreveſſou o Xavaſcan por huma eſpadoa com huma ſetta, dando com elle logo morto no chão.

Os criados da caſa de ElRey acudíram ao Paço, e achando-o morto, o enterráram com pompa real em huma meſquita muito rica, e formoſa, que pera iſſo tinha feita; e o meſmo fizeram os criados dos Capitães, que Borandim tinha mortos, e ao meſmo Borandim, ficando aſſim a couſa aquelle dia, e o outro, ſem ſaberem determinar o que haviam de fazer.

Mostafá Carman, que partio pela posta pera Baroche, deo-se tanta pressa, que chegou áquella noite; e dando as novas a Madre Maluco do que passava, logo ao outro dia ajuntando dez, ou doze mil homens, partíram pela posta pera a Corte; e o mesmo fez Itimitican, que se tinha acolhido pera huma Villa sua pera dalli se pôr em cobro. E assim acudio outro Capitão, chamado Cide Mombareque, que tambem era de grande posse; e cada hum destes tinha dez, ou doze mil homens de sua obrigação.

Estes todos chegáram á Corte juntamente; e entrando nos Paços, souberam tudo o que era passado; e vendo-se sem Rey, compuzeram-se entre si de feição, que repartíram todos os thesouros reaes irmãmente, ficando todos tres de posse dos Paços, e o Madre Maluco levantou hum arco com hum coldre de fréchas, sobre hum alto do throno Real, e lhe fizeram todos a veneração como a Rey, até se mandar trazer hum moço, que Madre Maluco dizia que era filho do Rey morto, e que se creára em huma aldeia com muito segredo; porque a mãi tanto que se sentio prenhe, temendo-se que ElRey a matasse, como fazia a todas, soube-se encubrir de maneira, que nunca se sentio seu parto, nem emprenhidão; e parin-

do o menino, teve modo com que o deo a quem o levou escondidamente sem se saber, e só Madre Maluco dizia que sabia delle; mas outros affirmavam que tal não era, e que o fingia o Madre Maluco filho de ElRey, pera com aquella capa ficar tyrannizando o Reyno.

Em fim como quer que fosse, elle mandou trazer o moço, que se chamava Hamedoxá, que sería de sete, ou oito annos, que foi havido por filho de ElRey; e assentado na sua cadeira, e alli venerado por tal de todos os Capitães, ficando em poder de Madre Maluco, como Regedor, e pessoa principal pera o crear como seu Ayo; não tendo o moço eleição de querer em nenhuma cousa, porque tudo governava, e mandava o Ayo absolutamente, sem lhe ninguem ir á mão pela muita posse que tinha.

Divulgadas estas novas por todas as Provincias do Reyno, logo os Governadores dellas lançáram mão de tudo o que tinham, entendendo que o Madre Maluco tratava de tyrannizar o Reyno. Os Capitães que se levantáram, são os seguintes.

Cide Mombareque com as Cidades de Cambayete, Mamadabá, Deolcá, e outras.

Alucan com a Cidade de Damão, e com todas as suas Tanadarias, desde Bolcar até o rio de Agaçaim. Abixcan Abexim com as

terras de Dio, des da serra de Uná até a de Junager, e fez sua residencia na Villa de Novanager, duas leguas de Dio, de cuja Cidade tambem lançou mão, e mandou metter nella hum Capitão Abexim, chamado Cide Elal, e mandou Embaixadores a D. Diogo de Almeida, Capitão daquella fortaleza, a lhe pedir pazes com as condições, que estavam feitas; e que ficasse a Alfandega correndo ametade pera ElRey de Portugal, e a outra pera o Cide Elal, e que teriam ambos seus Officiaes nella, como estava assentado pelo contrato das pazes, que fez D. Garcia de Noronha, e depois Dom Estevão da Gama.

Tartacan se alevantou com a serra de Junager, que era cousa inexpugnavilissima, e com toda a sua Comarca, que se estendia até o Pagode de Jaquete, e mais de vinte leguas pelo certão dentro. Passado Cide Elal á Cidade de Dio, poz logo Officiaes na Alfandega, e renovou a fortaleza velha, que estava sobre hum tezo fóra da Cidade, que foi a antiga de Melique As, e se metteo nella com trezentos homens de guarnição. E como todos os Mouros são por natureza soberbos, e entendêram no seu Capitão inclinação contra os nossos, tanto que se encontravam na sua Cidade, aonde os nossos soldados Portuguezes hiam comprar as cousas

que haviam mister, faziam-lhes affrontas, vexações, e desprezos grandes, que elles soffriam, porque lho tinha assim encommendado o Capitão. Em fim chegou a cousa a tanto, que mandou D. Diogo de Almeida recado ao Cide Elal » pera que provesse na» quillo, e castigasse os seus soldados, por» que não viessem a rompimento com os Por» tuguezes; porque se lhes tinham soffrido » muitas cousas, era por lho elle assim ter » mandado, porque desejava de conservar » com elle a amizade, e vizinhança; e que » senão provesse naquillo, que o faria elle » com dar licença aos seus pera se satisfa» zerem de quem os aggravasse. » O Abexim respondeo-lhe bem, e com grandes cumprimentos; mas todavia os seus não se emendáram, nem deixáram de usar sua soberba. Encontrando os nossos, como os achavam na sua Cidade, de má feição, trocendo-lhes os bigodes, e outras roncas semelhantes.

D. Diogo de Almeida, a quem os soldados fizeram queixume, vendo que todo o mais soffrimento ficava em descredito, determinou de castigar os Mouros; e ajuntando os Portuguezes que havia na fortaleza, que seriam perto de quinhentos, deixando o Alcaide mór em guarda da fortaleza com alguns, deo huma madrugada na Cidade, e commettendo as casas dos Mouros, que

eram

eram conhecidas, (porque nos naturaes não quizeram tocar,) e entrando-as, matáram todos os que acháram ſem perdoarem a algum, aſſolando-lhes, e deſtruindo-lhes as caſas, e roubando-lhes as fazendas, fazendo-lhes tamanhas deshumanidades, que foi eſpanto. E como vio que eſtava ſatisfeito, ſe recolheo a ſeu ſalvo, ſem o Capitão Abexim lhe ſahir, nem ouſar a bullir comſigo; antes mandou recado a D. Diogo de Almeida, pedindo-lhe perdão do paſſado, e que tornaſſem a correr em amizades. E deſta maneira ficáram os Mouros tão domeſticos, que aonde viam hum Portuguez ſe deſviavam. Poucos dias depois diſto paſſado, chegou a Dio D. Jorge Baroche com as Proviſões do Viſo-Rey, pera lhe D. Diogo de Almeida entregar a fortaleza, o que elle logo fez, e ſe embarcou no meſmo navio em que Dom Jorge foi, e com os Noroeſtes rijos veio em oito dias a Cochim, e tomou ainda o Viſo-Rey ſobre o Chembe.

CA-

## CAPITULO XVII.

*Das pazes que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha fez com o Rey de Chembe: e das náos que partíram pera o Reyno: e de como se perdeo a náo S. Bento na costa da Cafraria.*

RECOLHIDO o Viso-Rey em Cochim, começou a dar pressa ás náos do Reyno; e como não eram mais que duas, bastou pera a carga dellas huma pouca de pimenta que havia feita, e outra que veio de Coulão, e com as mais drogas as acabou de encher, e carregar. Gomes da Silva, que o Viso-Rey deixou entre aquellas Ilhas, andou por ellas fazendo tanta guerra, cortando, e destruindo seus palmares, e fazendas, e cativando-lhe tanta gente, que poz aquelle Rey em necessidade de mandar pedir pazes ao Viso-Rey; e pera isto lhe despedio seus Embaixadores, que o Viso-Rey ouvio, e começáram a tratar de pazes, que se assentáram na fórma seguinte.

» Que aquelle Rey deixaria correr por » seus rios pimenta pera as náos, e torna» riam a ficar fixas as perfilhações que tinha » feito com ElRey de Cochim. E que o Vi» so-Rey lhe largaria as Ilhas alagadas, que » tinha tomadas. E lhe soltaria todos os Ca» pitães que na guerra foram prezos. »

Af-

Assentado isto, mandou o Viso-Rey recolher Gomes da Silva, e largou logo a gente que estava cativa, e deixou ordem a João da Fonseca, Capitão daquella Cidade, pera ir metter aquelle Rey de posse das Ilhas que lhe tinha tomado, o que elle depois no inverno mandou fazer por seu filho Antonio de Siqueira. O Viso-Rey, porque era já cabo do verão, se recolheo pera Goa, ficando aquelle Rey da pimenta correndo com as pazes com as cautelas, e invenções, com que o costumam fazer todos aquelles Reys Gentios.

As náos do Reyno partíram até quinze de Janeiro deste anno de sincoenta e quatro, e na náo Capitania com Fernão de Álvares Cabral se embarcou D. Alvaro de Noronha, filho do Viso-Rey D. Garcia de Noronha, que tinha acabado de servir a Capitanía de Ormuz. Esta náo se foi perder na costa da Cafraria, antes da aguada de S. Braz, salvando-se a gente della em algumas jangadas, que foram ter a terra; mas a em que hia Fernão de Alvares Cabral, e D. Alvaro de Noronha se virou, e elle com toda a gente de sua obrigação se affogáram. A mais gente que chegou a terra se fez em hum esquadrão, e foram caminhando por ella, e alguns chegáram depois a Moçambique. Contamos esta viagem assim em soma,

ma, porque não soubemos as particularidades della.

## CAPITULO XVIII.

*Das cousas, em que o Viso-Rey D. Affonso de Noronha proveo: e de como mandou seu filho D. Fernando de Menezes com huma Armada ao Estreito: e da sentença que se deo contra D. Alvaro de Taíde, Capitão de Malaca: e dos Capitães que foram entrar em suas fortalezas: e do que aconteceo na jornada a D. Francisco de Menezes até chegar a Ormuz.*

CHegado o Viso-Rey D. Affonso de Noronha a Goa, a primeira cousa em que entendeo, foi em ordenar huma Armada pera seu filho D. Fernando ir ao Estreito de Meca, e de lá ir invernar a Ormuz pera esperar as galés se sahissem de Baçorá em Agosto, e mandou pagar mil e duzentos homens pera esta jornada; e tanta pressa lhe deo, que no fim de Fevereiro a teve toda prestes pera dar á véla. Bernaldim de Sousa, que estava despachado pera ir entrar na Capitanía de Ormuz, andava pejado de Dom Fernando ir invernar áquella fortaleza, porque por filho do Viso-Rey havia de querer levar poderes sobre tudo; e como era muito seu amigo, tratou de se desviar de desgo-

gostos. E vendo-se com elle, lhe disse » que » se elle hia a Ormuz com poderes sobre tu- » do, que lho dissesse, que se deixaria fi- » car, pera ir entrar naquella fortaleza em » Outubro, porque era seu servidor, e não » queria que houvesse antre elles algum des- » gosto sobre jurdição. » D. Fernando lhe respondeo: » que elle não levava poderes al- » guns na fortaleza, aonde elle era Capitão, » mais que os que lhe elle lá désse. » Bernaldim de Sousa ficou com isso desalivado.

Posta a Armada na barra, foi o Viso-Rey fazella á véla, deitando grandes benções a seu filho, e a todos. Era esta Armada de seis galeões, seis caravelas, e vinte e sinco, ou seis fustas mui bem negociadas. Dos galeões eram Capitães D. Fernando de Menezes, filho do Viso-Rey do galeão S. Mattheus; Gomes da Silva, Fidalgo Gallego, do de Santa Cruz; Gonçalo Falcão do de S. Sebastião; D. Alvaro Gonçalves de Taíde do de Sant-Iago; D. Alvaro da Silveira do de S. Lourenço; Balthazar Gomes, Feitor da Armada, do galeão S. Thomé, em que levava muitas munições, mantimentos, e outras cousas pera a Armada. Das caravelas eram Capitães Nuno Alvares de Castro, Antonio de Valadares, D. Manoel Mascarenhas, Jorge de Moura, D. Jeronymo de Castello-branco, e D. Fernando de Monroyo,

royo, Fidalgo Castelhano. Os Capitães das fustas eram D. Duarte de Vasconcellos, Jorge Pereira Coutinho, Francisco de Sousa, Damião de Sousa, Ruy de Castro, Antonio Lopes de Carvalho, João de Mello da Cunha, João Pereira, Diogo de Mendoça de Vasconcellos, João Mendes do Rio, João Teixeira Pinto, Simão da Costa, Simão de Sousa, Alvaro de Castro, Antonio de Almeida, Inofre do Soveral, Gonçalo Guedes, Bastião de Macedo, Antonio de Espindola, Manoel de Siqueira, João Vieira, Belchior Pires, Pedralvares de Cananor, Eytor Nunes, Cosmo Alvares, Francisco Sanches, Gaspar da Barca, e outros. Dada á véla, foram seguindo sua jornada, a que logo tornaremos.

Partida a Armada, entrou logo o Viso-Rey no despacho das cousas que haviam de ir pera fóra, e mandou dar pressa aos feitos que corriam contra Bernaldim de Sousa, pelas culpas que lhe ElRey mandou do Reyno; e contra D. Alvaro de Taíde da Gama, Capitão de Malaca; e depois de correrem seus termos, foram conclusos á Relação, e os Desembargadores pronunciáram, » que Bernaldim de Sousa não tinha culpas » nas cousas que lhe puzeram, porquanto » fora por mandado do Governador D. João » de Castro a metter ElRey Aeiro de pos-

» se

» se do Reyno de Maluco, por huma senten-
» ça que elle disso houvera na mesma Rela-
» ção de Goa, (de que no principio desta De-
» cada, no Cap. IV. do Liv. I. fizemos menção,)
» e que fosse entrar na sua fortaleza, e que
» se lhe tornasse toda a fazenda que lhe es-
» tava sequestada.» E no feito de D. Alvaro de Taíde da Gama, por lhe acharem culpas graves, pronunciáram, » que fosse pre-
» zo pera o Reyno, com os autos de suas
» culpas; e que fosse hum Desembargador
» desapossallo; e que D. Antonio de Noro-
» nha, filho do Viso-Rey D. Garcia de No-
» ronha, fosse entrar na fortaleza de Mala-
» ca, de que era provído.»

Dadas estas sentenças, ordenou logo o Viso-Rey que fosse o Licenciado Antonio Rodrigues de Gamboa a Malaca dar á execução a sentença contra D. Alvaro de Taíde da Gama, e a metter D. Antonio de posse daquella fortaleza; e no mesmo tempo despachou Jorge de Mendoça pera ir entrar na Capitanía de Chaul, e D. Diogo de Noronha na de Dio, e Henrique de Macedo na de Cananor, e D. Duarte Deça na de Maluco, por terem vindo novas da morte de Francisco Lopes de Sousa. E porque todos estes Capitães haviam de dar as menagens de suas fortalezas, ordenou o Viso-Rey, que o fizessem todos juntos em hum dia;

dia; e pera aquelle auto (que quiz que fosse feito com grande solemnidade) mandou armar a salla grande com estrado, e docel, e mandou recado a todos os Officiaes da Fazenda, e Justiça, e a todos os Fidalgos, e Capitães pera se acharem aquelle dia presentes, os mais galantes, e bem tratados que pudessem, como fizeram, indo todos os que haviam de dar as menagens, de plumas, e medalhas, só Bernaldim de Sousa não mudou o trajo ordinario, de que se tomou o Viso-Rey muito, havendo que o fizera em desprezo daquelle auto; e os Fidalgos amigos de Bernaldim de Sousa galanteáram com elle sobre isso, e hum delles lhe disse: » que » havia elle de dar alguma hora sinco dapar » dos páos; » ao que lhe elle respondeo: » Esses Senhores Capitães, que vem dar a me» nagem, he-lhes necessario virem a este au» to com seixinhos na boca, que eu já sou » noivo velho. » Em fim o Viso-Rey fez aquelle auto com grande ceremonia, e tomou as menagens a todos, e os despedio, e logo se começáram a embarcar pera suas fortalezas.

E porque as cousas de Dio estavam arruinadas pelas alterações que atrás contámos no Cap. XVI. deste Liv. X., ordenou o Viso-Rey trezentos homens com seus Capitães pera lhes irem dar mezas, que são os seguin-

guintes. D. João de Almeida, filho do Contador mór; João Lopes Leitão, pagem da lança do Principe D. João; Triſtão Vaz da Veiga; Filippe Carneiro, ſobrinho de Pero de Alçaçova; Fernão de Caſtanhoſo, a fóra outros Fidalgos, que foram invernar áquella fortaleza por amor de D. Diogo de Noronha, e pela guerra que ſe eſperava. O Viſo-Rey encommendou a D. Diogo de Noronha, que trabalhaſſe por tomar a fortaleza aos Mouros, e lançallos fóra da Ilha.

Pera Ormuz pagou o Viſo-Rey quinhentos homens, que repartio por quatro, ou ſinco navios de mercadores de alto bordo, que haviam de ir em companhia de Bernaldim de Souſa, a quem o Viſo-Rey deo hum formoſo galeão, de que era Capitão Ruy de Caſtro, em que hiam embarcados trezentos homens, e lhe deo mais dous navios de remo, com regimento, que como chegaſſe a Ormuz, entregaſſe a gente a D. Fernando de Menezes, e o galeão a D. Antão de Noronha pera ſe vir nelle pera a India. Eſtes Capitães partíram por todo o mez de Março, e logo ſe cerrou o inverno de Goa em que não ha que fazer, e por iſſo continuaremos com D. Fernando de Menezes.

Partida eſta Armada de Goa, foi ſeguindo ſua derrota até monte de Felix, aonde ſe deixou andar eſperando pelas náos do Achém,

e Cambaya, ſobre que teve grandes vigias, e mandou algumas fuſtas ligeiras, que foſſem ás portas do Eſtreito a tomar falla das galés. Eſtes navios tomáram algumas gelvas de mercadores, de quem ſouberam que no porto de Meca não havia mais que as tres, ou quatro galeotas, de que era Capitão Cafar, que foi com quem Luiz Figueira pelejou; e recolhendo-ſe com eſte recado, o deram ao Capitão mór. Era já iſto entrada de Abril, tempo, em que lhe era neceſſario recolherem-ſe a Ormuz, o que fizeram ſem acharem couſa alguma.

Dada á véla, foram correndo a coſta de Arabia; e chegando á fortaleza de Dofar, ſurgio com toda a Armada, porque levava D. Fernando por regimento de ſeu pai, que lançaſſe della os Fartaquins, que ſe tornáram a metter dentro. Ao outro dia ſe paſſou toda a gente da Armada aos navios de remo, e bateis dos galeões, e caravelas, e commettêram a terra, onde os noſſos deſembarcáram com trabalho por cauſa da quebrança dos mares, que alli são muito ſoberbos. Os Fartaquins ſahíram da fortaleza perto de trezentos em cavallos Arabios, e camellos, que pera iſſo trazem enſinados, e ſe começáram a baralhar com os primeiros que ſahíram em terra, mettendo-ſe antre elles como brutos, ſem temor da morte, der-

ri-

ribando; e ferindo daquelle primeiro encontro dez, ou doze dos noſſos, em que entrava João Velho, Capitão de hum navio, Lopo Gonçalves Maracote, e Thomé Figueira, Cavalleiros muito honrados. Os noſſos que hiam deſembarcando devagar por cauſa dos mares, vendo os que eſtavam em terra travados com os inimigos, com aquelle furor ſe lançáram ao mar pera ſe acharem com os companheiros naquella envolta. A noſſa eſpingardaria fez grande eſtrago nos inimigos, e dos primeiros tiros lhes derribáram muitos, huns mortos, e outros feridos, que logo foram recolhidos. Os Fartaquins vendo-ſe apertados da arcabuzaria, ſe recolhêram pera a fortaleza, e tratáram de ſe defenderem nella. D. Fernando de Menezes deſembarcou em terra com toda a gente, e chamando a ſi os Capitães, tomou com elles conſelho ſobre o que faria, e aſſentáram, que ſe não commetteſſe a fortaleza, já que ſe não podia deſembarcar a artilheria pera ſe bater. Com eſta reſolução ſe foram embarcar adiante daquelle poſto hum tiro de eſpera, onde fazia mais remanço pera as embarcações chegarem.

Recolhidos nellas, deram á véla, e foram correndo a coſta de Arabia, Curia, Muria, Matraca, Anuicieira, e os Palheiros, até dobrarem o cabo de Roſalgate. Dalli foram

ram a Mascate, onde a Armada grossa entrou, e D. Fernando a entregou a Manoel de Vasconcellos, (de que fallámos muitas vezes no cerco de Dio, na quinta Decada no Liv. IV. Cap. I. e VI.,) que foi sogro de Diogo de Mesquita, e de Pantaleão de Sá, que era hum Fidalgo velho de muito bom entendimento, que o Viso-Rey mandou embarcado com seu filho pera o aconselhar em tudo; porque havia de ficar alli com ella invernando, e D. Fernando era-lhe necessario passar a Ormuz. E sabendo que Bernaldim de Sousa não era ainda passado ávante, despedio sinco navios de remo a esperallo ao Cabo de Rosalgate, e pera recolherem os navios de mercadores.

Chegados estes navios ao Cabo, veio logo ter com elles Bernaldim de Sousa; e porque o vento era ponteiro, mudou-se aos navios de remo, e foi ter a Mascate, onde achou D. Fernando, que o recebeo bem: dahi a poucos dias chegáram as náos da companhia de Bernaldim de Sousa, e com ellas se partio elle, e D. Fernando pera Ormuz, onde foram muito festejados, e Dom Antão de Noronha entregou a Fortaleza a Bernaldim de Sousa, e tomou posse do seu galeão, que logo mandou pera Mascate a invernar com os outros.

## CAPITULO XIX.

*De como D. Diogo de Noronha, Capitão de Dio, tomou a fortaleza aos Mouros: e da gente que Abiſcan mandou de ſoccorro: e do recontro, que com ella teve Fernão de Caſtanhoſo, em que foi morto com dezeſete ſoldados: e de como D. Diogo de Noronha acudio, e lançou os Mouros fóra da Ilha.*

PArtido D. Diogo de Noronha de Ormuz, chegou a Dio no fim de Abril, e D. Jorge lhe entregou a fortaleza, e ſe embarcou logo pera a outra Coſta. Entregue D. Diogo da fortaleza, tomou informação das couſas da Ilha, e ſoube como o Cide Elal, Abexim, não deixava de uſar de ſua natureza, nem nunca ſería bom vizinho naquella Ilha por ſua ſoberba; porque os ſeus eſquecidos do caſtigo, que lhe deo Dom Diogo de Almeida, como diſſemos no Cap. XVI. deſte Liv. X., não deixavam de aſſoberbar os officiaes Portuguezes, que eſtavam na Alfandega, e de ſe encontrarem com os que hiam á Cidade, fazendo-lhes deſprezos, e affrontas, que elles ſoffriam por lho ter aſſim mandado o Capitão. E querendo uſar do Regimento, que lhe o Viſo-Rey deo ſobre aquelle negocio, determinou de

tirar dalli aquelle vizinho, e desfazer aquella fortaleza; pera o que se fez prestes, e deo recado aos Capitães, que repartíram munições pelos soldados, e mandáram fazer escadas pera commetterem a fortaleza á escala vista. Prestes tudo, sahio o Capitão huma tarde a horas de vesperas da fortaleza, aonde deixou só velhos, e mancos; e mandou que se fechassem as portas, e com seiscentos homens repartidos por suas bandeiras, ao som de muitos tambores, e pifaros atravessou a Cidade, que se lhes despejou toda de medo.

O Cide Elal, tanto que teve rebate de como o Capitão hia, recolheo-se na fortaleza com toda a gente que pode, com determinação de se defender. Os nossos chegáram á fortaleza, e com grandes estrondos, gritas, e determinação accommettêram, arvorando-lhe logo muitas escadas, por onde começáram a subir, e dos primeiros foi Filippe Carneiro, a que deram huma espingardada por huma perna, de que ficou sempre manquejando, e a Alexandre de Sousa huma fréchada na mão, e outros muitos. Vendo D. Diogo de Noronha que pelas escadas se não podia entrar a fortaleza, mandou trazer muita lenha, e palha, para queimar as portas, e em lhes pondo o fogo, mandou gritar aos de sima por Coge Abrahão Judeo, » que se entregassem, e lhes daria as

» vi-

» vidas; e que queria mandar fallar com Abiſ» can; » de ſima lhe reſpondêram, que mandaſſe embora; e lançaram-lhe huma eſcada de cordas pera iſſo. D. Diogo de Noronha mandou ſubir aſſima Coge Abrahão, que ainda hoje vive, e lhe deo o ſeu annel de ſinete pera credito do que diſſeſſe.

Poſto Coge Abraham em ſima, diſſe ao Capitão » que D. Diogo de Noronha lhe » mandava dizer, que lhe entregaſſe a for» taleza, e que deixaria ſahir della todos os » que lá eſtavam, ſalvas ſuas peſſoas; e que » pera penhor de ſua palavra, mandava a» quelle annel de ſuas armas. » O Abexim tomou parecer com os ſeus ſobre o que faria, e aſſentáram, que acceitaſſem os partidos; e em recados, que foram, e vieram ſobre iſto, ſe gaſtou a noite toda, e em amanhecendo abríram as portas, e ſe ſahíram todos da fortaleza ſem levarem mais, que ſuas peſſoas, deixando dentro até as armas, e ſe foram recolhendo livremente pera ſe paſſarem á outra banda.

D. Diogo de Noronha, depois dos ſoldados eſcalarem a fortaleza, a mandou derribar por muitos trabalhadores, e eſcravos, que pera iſſo levava, com muitos picões, e alviões.

E eſtando neſta obra, lhe deram rebate, que pelo paſſo do Callado paſſavam da outra banda muitos Mouros, e que era alli

 che-

chegado Abiſcan com quatro mil homens pera ſoccorrer a fortaleza, porque logo foi aviſado pela poſta. D. Diogo de Noronha deſpedio logo Fernão de Caſtanhoſo, com cento e vinte homens, que partio tão apreſſadamente, que não eſperou por todos os que haviam de ir com elle; e chegando ao campo, deo com mais de trezentos de cavallo, pelo que lhe foi forçado recolher-ſe. Neſta retirada ſe lhe deſmandáram os ſeus, e elle ſe achou com ſó dezeſete, que ſempre o ſeguíram. E vendo que os inimigos o hiam entrando, ſe recolheo a hum tezo todo de huma lagea, onde os cavallos não podiam chegar: alli ſe fizeram os noſſos fortes, e com ſuas eſpingardas ſe defendêram valoroſamente. Os Mouros vendo-os naquelle poſto, deſcendo-ſe dos cavallos, os rodeáram, e commettêram mui determinadamente. Fernão de Caſtanhoſo com os companheiros pondo as coſtas huns nos outros, pelejáram mui animoſamente, derribando muitos dos inimigos; mas como o número era tão deſigual, foram todos mortos ás fréchadas, porque ſe não atrevêram os Mouros commettellos á eſpada, pelas façanhas, e couſas que com ella lhes viam fazer.

Mortos eſtes esforçados Cavalleiros, os inimigos lhes abríram os peitos, e lhes tiráram aquelles grandes, e mui animoſos cora-

ra-

rações, que ainda estavam palpitando, pera os levarem de presente a Abiscan; e de todos os que se aqui acolhêram só dous escapáram, que se recolhêram, e escondêram em huma vasa. D. Diogo de Noronha teve rebate de como os da companhia de Fernão de Castanhoso vinham fugindo; e dando-lhe a paixão, tomou o guião de Christo apar de si, e abalou pera o campo com todo o corpo da gente. Luiz Cabral, que era Feitor de Dio, Cavalleiro mui honrado, e esforçado, vendo ir assim D. Diogo cheio de colora, e tendo informação como o campo estava já cheio de inimigos, chegou-se a elle, e o liou, dizendo, » que lhe reque» ria da parte d'ElRey, que não passasse dal» li, porque a fortaleza d'ElRey ficava só, » e que poderiam os inimigos ir por outra » parte, e tomarem-na; e ainda que não » tentassem isto, se lhe acontecesse hum des» astre, tudo se perderia. » D. Diogo como a paixão o tinha cego, desasindo-se delle, lhe disse: » Como eu morrer, acabe-se tudo.» Esta palavra soou mal a muitos, e pezou-lhes de lha ouvirem; e a nós nos affirmáram algumas pessoas muito graves, que se escreveo a ElRey, e que isso fora causa de não succeder nas vias, por não querer ElRey entregar a India nas mãos de hum homem tão arriscado.

D. Diogo de Noronha foi caminhando pera o campo, e despedio Coge Abrahão em hum cavallo muito formoso, pera que fosse ver onde os inimigos estavam, e o que faziam: o Judeo passou adiante, e chegou ao lugar onde Fernão de Castanhoso estava morto com os companheiros; e passando ávante, descubrio os inimigos, que não seriam mais que aquelles, que pelejáram com Fernão de Castanhoso, que estavam parados, esperando por mais gente, que vinha passando. E voltando, chegou a D. Diogo de Noronha, e lhe disse, que adiante tinha os inimigos. E mandando-lhe que o guiasse, o fez; e como era Judeo, e prudente, o foi desviando do lugar em que Fernão de Castanhoso estava, de quem o Capitão não sabia novas; e dissimulando Coge Abrahão, se chegou a elle á orelha, e lhe disse em segredo o que víra; e D. Diogo lhe disse, » que se calasse, porque os seus se não des» baratassem por si. » E chegando á vista dos inimigos, mandou alguns Capitães que os fossem commetter, o que elles fizeram mui determinadamente; os inimigos não ousando aos esperar, se foram recolhendo pera o passo, até onde os nossos os seguíram, e os apertáram de maneira, que os fizeram lançar á agoa, e se passáram da outra banda.

Abiscan vendo os seus desbaratados, mandou

dou atirar aos noſſos com algumas bombardas, que trazia acarretadas. Como o campo era todo deſcuberto, receando D. Diogo que lhe mataſſem alguns, ſe foi recolhendo pera a Cidade; e paſſando por onde os mortos eſtavam, os mandou recolher á fortaleza, e dar-lhes honroſas ſepulturas; e não ſe quiz apartar da fortaleza, que ſe eſtava derribando, até ſer toda poſta por terra. E como teve aquella obra acabada, ſe recolheo á Cidade, e mandou fechar as portas, e repartio pelo muro (que a cérca de mar a mar) trezentos homens, e poz pelas guaritas algumas peças pequenas de artilheria pera ſua defenſão, porque bem entendeo que Abiſcan havia de commetter a Cidade, como fez ao outro dia; mas foi-lhe tão bem defendida dos noſſos, que o fizeram recolher com muita gente morta.

Paſſado iſto, deſpedio logo D. Diogo de Noronha Coge Abrahão em hum catur ligeiro, e com elle hum Diogo Fernandes, Caſtelhano, e por elle mandou dizer a Madre Maluco, Regedor do Reyno, » que A-
» biſcan ſe alevantára com aquellas terras;
» e que por lhe parecer que ſervia niſſo a
» ElRey de Cambaya, o caſtigára como trai-
» dor, e lhe tomára a fortaleza, e Cidade
» de Dio, com toda a Alfandega, mas que
» tudo era d'ElRey de Cambaya; e que o
» en-

» entregaria a quem elle mandasse. » Este recado estimou muito Madre Maluco, e mandou os agradecimentos a D. Diogo de Noronha, e lhe escreveo » que Abiscan fi-
» caria na Cidade de Novanager, aonde El-
» Rey mandava que residisse, e que não en-
» tendesse mais com os Portuguezes; e que
» lhe deixasse arrecadar a metade da Alfan-
» dega, que lhe ElRey dava, conforme aos
» contratos das pazes; » e sobre isto mandou hum largo formão a Abiscan. D. Diogo de Noronha folgou muito com a resposta de Madre Maluco; e o Abiscan mandou logo visitar, e a tratar de pazes por lho mandar assim Madre Maluco: e concertaramse, que corresse a Alfandega como d'antes, e que não fosse mais o recebedor della Cide Elal, porque fora o alvoroçador de todas as cousas passadas. Abiscan o mandou tirar, e proveo em seu lugar de outro Abexim, chamado Cide Merjão. Neste estado deixamos estas cousas até tornar a ellas.

CA-

## CAPITULO XX.

*De como o Turco mandou outro Capitão, chamado Alechelúby, por lhe levar as galés de Baçorá a Suez: e de como sahio de Baçorá, e se encontrou com a Armada de D. Fernando de Menezes, e lhe tomou seis galés.*

REcolhido Moradobec pera Baçorá com as galés, fugindo a D. Diogo de Noronha, daquella grande batalha que teve com Gonçalo Pereira Marramaque, logo o Turco teve recado por terra do successo, do que ficou mui enfadado. Andava na Corte hum cossairo, que se chamava Alecheluby, que fora thesoureiro do Cairo, homem muito rico, e valído antre os Baxás. Este em chegando as novas do que succedeo a Moradobec, o começou a vituperar diante dos Baxás, dizendo » que homem, que entre» gára a fortaleza de Catifa aos Portugue» zes sem esperar golpe de espada, não se » lhe houvera de entregar aquelle negocio » nas mãos; » offerecendo-se aos Baxás pera elle passar aquellas quinze galés a Suez, como o Turco mandava. Os Baxás porque eram seus amigos lhe houveram a jornada, e elle partio pela posta pera Baçorá; e tomando posse da Armada, começou a negociar

ciar as quinze galés muito bem, para partir na entrada de Agosto.

D. Fernando de Menezes como entrou o mez de Julho, despedio tres navios, de que eram Capitães Gomes de Siqueira, Luiz de Aguiar, e Bastião de Macedo, da obrigação do Conde da Vidigueira, e deo-lhe por regimento, que se fossem pôr na boca do estreito de Baçorá, e vigiassem as galés; e que das novas que achassem o avisassem por hum delles; e que sempre os dous ficariam em vigia até as galés sahirem. Estes Capitães se foram pôr na paragem, que lhes mandavam, onde se deixáram estar; e de algumas terradas que tomáram, souberam como era chegado Alecheluby, e que ficava já com as galés no mar, negociando-as pera sahir pera fóra. Com este aviso partio o Gomes de Siqueira.

Bernaldim de Sousa teve tal maneira, que mandou algumas espias a saber das galés, que se foram em terranquis feitos pescadores, pescando dentro no estreito, e levavam o peixe a vender ás galés, e viam, e notavam tudo sem ninguem se recear delles, e cada dous dias era Bernaldim de Sousa avisado do que se passava.

Alecheluby tendo as galés prestes, sendo já alguns dias de Agosto, sahio com ellas fóra do estreito. Os nossos navios, que

lá

lá andavam , tanto que houveram viſta dellas , voltáram pera Ormuz , e deram as novas a D. Fernando de Menezes , que no meſmo dia ſe embarcou nos navios ligeiros , que tinha preſtes , e partio pera Maſcate a ſe metter na ſua Armada , e ſahir em buſca das galés , e em ſua companhia foi Dom Antão de Noronha em huma galeota com quarenta ſoldados , e Fidalgos. Chegando áquelle porto , tomando depreſſa algumas couſas neceſſarias , ſe embarcou nos galeões , e com toda a Armada tornou a voltar em buſca das galés.

Bernaldim de Souſa , tanto que ſe partio D. Fernando de Menezes , armou hum galeão , que alli eſtava de hum Gomes Farinha , e tres , ou quatro náos de mercadores , e lhes metteo artilheria , e muitas munições , e ſoldados , e ſe embarcou no galeão , com tenção de tanto que as galés paſſaſſem , ir-ſe pôr na boca do eſtreito de Baçorá ; porque ſe as galés vieſſem fugindo da Armada de D. Fernando de Menezes , lhes tiveſſe as portas fechadas , pera ſenão poderem recolher , e aſſim não eſcaparia nenhuma ; e diſto aviſou a D. Fernando por terranquins muito ligeiros , aviſando-o » que ſe as galés lhe fugiſſem pe-» ra dentro , as ſeguiſſe até Baçorá , onde » elle eſtaria , e que aſſim lhe ficariam as ga-

» lés

lés no meio, e se perderiam toda... dis-curso, e ardil de muito grande Capitão.

D. Fernando de Menezes, tanto que sahio de Mascate, foi correndo a costa de Arabia pera dentro em busca das galés, e mandou diante alguns catures ligeiros pera as espiarem: estes chegando ao cabo de Moçandão houveram vista das galés, que eram quinze, e todas vinham em huma ala; e voltando ao Capitão mór, lhe deram recado de como vinham atrás. D. Fernando negociou os seus galeões, e deo ordem no modo de como haviam de commetter as galés; e indo adiante, encontrou-se com ellas, e mandou as fustas, e caravelas por mais ligeiras pera pegarem com ellas, como fizeram, ateando-se antre todos huma formosa batalha de bombardadas.

Alecheluby tanto que vio a nossa Armada, deixou-se ir á véla, e foi arribando pera terra, e despedindo sua artilheria. Dom Antão de Noronha, que hia no seu galeão, metteo-se em huma galeota com muitos Fidalgos, e soldados, e foi demandar o Capitão mór pera se metter com elle, por lhe ter assim escrito o Viso-Rey; e que sem ... lho não fizesse cousa alguma sem elle. O vento hia refrescando, e as galés arribando pera terra, ficando-lhe o galeão de Gomes da Silva muito perto ás bombardadas

com

com ellas, e ſabia D. Antão que levava pouca gente, porque com a preſſa lhe ficáram todos em Ormuz. E receando que lhe aconteceſſe algum deſaſtre, por eſtar hum pouco deſviado da Armada, pedio aos Fidalgos, que com elle hiam, que ſe foſſem metter naquelle galeão, que era aſſim neceſſario ao ſerviço d'ElRey; e tomando o remo, chegou a elle arriſcado as galés o commetterem, e deitando-lhe dentro vinte e tantos homens, voltou pera o galeão do Capitão mór, onde ſe metteo. As galés foram arribando pera terra, e ſe recolhêram na enceada de Lima, aonde os galeões não podiam chegar. D. Fernando de Menezes vendo-ſe atalhado, tomou conſelho ſobre o que faria, porque as galés hiam fazendo ſua derrota cozidas com a terra; e huns diziam huma couſa, outros outra: mas hum Piloto velho, e antigo, que hia na Armada, de quem parece que fallou o Eſpirito Santo, diſſe, » que os ventos eram » Oéſtes, Oes-Sudueſtes pela prôa, e que os » galeões naquelle bordo per nenhum caſo » poderiam ſurdir avante, nem tomar Maſcate: que era de parecer, que ſe fizeſſem » na volta da coſta da Perſia, e que della » na outra volta poderiam tomar Maſcate, » (porque elle o anno paſſado indo em hu» ma náo do Capitão de Ormuz pera Ben-

» ga-

» *gala* naquella mesma monção , tomára a-
» quella derrota , e que pela outra costa achá-
» ra os ventos galernos , e fora correndo á
» vontade ; e que do cabo de Jasques atra-
» vessára , e fora tomar Mascate muito fol-
» gadamente. ) » Parecendo aquillo bem a to-
dos , voltáram no outro bordo , e foram fer-
rar Mascate , deixando o Capitão mór os
navios mais ligeiros pera vigiarem as galés.

Chegada a Armada áquelle porto , sur-
gio na bahia , e mandou o Capitão mór fa-
zer agua , e lenha , e despedio mais navios
ligeiros a espiar as galés. Nestes dias que
aqui esteve se notáram dous casos notaveis.
Hum delles foi : estando a Armada surta na
bahia , entrou hum dia por ella dentro hum
monstro marinho , muito maior que huma
baléa , e da mais estranha feição , que nun-
ca se vio ; e chegando ao galeão de Dom
Fernando de Menezes , o rodeou muito de-
vagar. Os Mouros da terra tendo rebate , se
embarcáram alguns pescadores em hum gran-
de , e formoso terranquim , e tomando be-
tas grossas amarradas humas nas outras , fi-
zeram hum grande laço , e pondo-lhe suas
iscas , foi-as o monstro demandar , e dando
no laço , ficou prezo. Os Mouros tanto que
o sentíram , foram-lhe largando as betas to-
das , dando-lhe fugalaça , porque os não met-
tesse no fundo , levando-os o monstro á toa

pe-

pela barra fóra; porque com a força, que era mui grande, foi dando pancadas, e tirando pela terrada, no que ſe gaſtáram muitas horas. Cançada aquella alimaria, puzeram-ſe os Arabios aos remos, e foram remando pera dentro, levando-a apôs ſi até á enceada de Mocalachina, e lançando os cabos em terra, foram amarrados em parte ſegura; ajuntando-ſe muita gente, alaram por elles, e puzeram o monſtro á borda da agua, onde o desfizeram pelo não poderem trazer a terra.

A outra couſa que ſe notou, foi: huma noite antes de pelejarem com as galés, víram correr pelo Ceo hum Cometa deſſes errantes, muito grande, e fogoſo, e ſe foi desfazer naquella parte, em que depois os noſſos tomáram as galés, que durou muito grande eſpaço. Eſtando a Armada aſſim ſurta, chegáram as fuſtas que as foram eſpiar, e diſſeram ao Capitão mór, que as galés ficavam aos Ilheos de Soar, doze leguas de Maſcate. Com eſtas novas ſe levou, e mandou embandeirar a Armada, e deo á véla em buſca das galés; e aos vinte e ſinco dias do mez de Agoſto, dia de S. Luiz, Confeſſor, ás nove horas do dia houveram viſta dellas.

O Alecheluby vendo os galeões, cuidou que eram náos de mercadores, porque ti-

nha deixado atrás a Armada com tempos tão ruins, que depois que a perdeo de vista até alli, poz quinze dias, e pareceo-lhe que se tinha tornado pera Ormuz. As galés vinham todas a remo de longo da terra a fio com o vento pela prôa; e aos Ilheos, que estam duas leguas de Mascate, se encontráram na mais formosa, e limpa praia, que ha em toda a costa da Arabia. O Capitão mór foi cingindo o mar com toda a sua Armada, porque as galés lhe não pudessem escapar, e as foi demandando com os navios de remo diante, e as caravelas logo apôs elles, e os galeões estendidos pelo mar, todos embandeirados, que era huma formosa cousa de ver. O Alecheluby vendo-se encurralado á terra, e que pera voltar pera trás já o não podia fazer, determinou de passar a remo, cozido com a terra pelas prôas dos nossos navios, e foram forçando o remo pera vingarem huma ponta, que alli lançava ao mar. D. Fernando de Menezes chegou com o seu galeão até dar em oito braças, que mandou lançar ferro, e as caravelas foram arribando a terra sobre as galés. O Alecheluby com nove galés as mais ligeiras, que hia diante, vingou a ponta primeiro, que as nossas caravelas chegassem, e as seis, que ficáram mais atrás, não a puderam passar. As caravelas, que eram navios mais pe-

que-

quenos, e ligeiros, foram-ſe mettendo bem a terra; a de D. Jeronymo de Caſtello-branco, que hia diante de todos, foi prepaſſando pelo galeão do Capitão mór. D. Antonio de Caſtello-branco, irmão de D. Jeronymo, que hia com D. Fernando de Menezes, vendo ir o irmão diante de todos, ſe poz em ſima do capiteo, e bradou pelo irmão, dizendo: » Ah rapaz, vara-me eſſa caravela: » o D. Jeronymo o fez aſſim, porque mettendo de ló tudo o que pode, chegou á terra pela prôa das galés: e quiz Deos que neſte tempo déſſe do galeão do Capitão mór huma bombardada em huma galé, que hia diante, com que a atraveſſou, e as outras foram encalhar nella. Ao meſmo tempo chegou D. Jeronymo de Caſtello-branco, e atraveſſou-ſe antre as galés, pondo a caravela em ſecco no meio de duas dellas, ſobre quem lançou tanto fogo, que as abrazou. D. Manoel Maſcarenhas, que hia logo pegado a D. Jeronymo de Caſtello-branco, chegou ás galés, em que elle eſtava afferrado, e lançou tanto fogo ſobre huma, que a abrazou, e paſſou adiante, e ferrou em outra. D. Jeronymo lançou-ſe com quinze, ou vinte ſoldados em huma das galés em que eſtava encalhado, e á eſpada a axorou matando todos os Turcos.

As outras caravelas foram chegando, e

ferráram cada huma da ſua; Antonio de Valadares, e D. Fernando de Monroy, tanto que puzeram as prôas em as galés, logo ſe baldeáram dentro, e á eſpada, e rodela tiveram huma aſpera batalha com os Turcos; e por fim della matáram muitos, e os mais ſe lançáram ao mar.

D. Manoel Maſcarenhas, depois que axorou huma das galés, das em que D. Jeronymo eſtava encalhado, foi pôr a prôa n'outra, que tambem rendeo.

D. Jeronymo de Caſtello-branco, depois que rendeo as ſuas duas galés, mandou lançar hum virador ao mar, e alando-ſe por elle, ſe tirou do ſecco, e levou as galés comſigo; confeſſando publicamente, que Dom Manoel Maſcarenhas rendêra, e abrazára huma dellas, do que a D. Manoel lhe não deo couſa alguma.

Rendidas as ſeis galés, a gente dellas que ſe lançou ao mar, foi toda morta pela das noſſas fuſtas, (que ſe mettêram antre as galés, e a terra,) ſem darem vida a peſſoa alguma. Alecheluby, que tinha paſſado a ponta com nove galés, foi ſe pôr ao mar da noſſa Armada, e eſteve olhando a briga; e vendo as galés rendidas, deo á véla, e ſe fez na volta da outra coſta, com tenção de ſe paſſar a Cambaya, porque a Conſtantinopla não havia de ir, porque o Turco eſtava

cer-

certo cortar-lhe a cabeça. As noſſas caravelas vendo ir as galés, largáram as vélas, e as foram ſeguindo até a coſta da India.

D. Fernando de Menezes com aquella vitoria ſe recolheo a Maſcate pera ſe curarem alguns feridos que havia, que os Capitães das caravelas paſſáram ás fuſtas; e as ſeis galés mandou reformar, e concertar, e reſgatou a chuſma das mãos dos ſoldados, e as mandou benzer pelos Sacerdotes, e lhes poz a todas nomes pera ſerem conhecidas, e as repartio por Fidalgos Capitães das fuſtas.

A galé Santa Elena, a Baſtião de Macedo; Santa Luzia, a Manoel de Siqueira; a Conceição, a Balthazar Monteiro; a Vitoria, a Gomes de Siqueira; Sant-Iago, a Jorge Pereira; e S. Miguel, a Gonçalo Guedes. Tomaram-ſe neſtas galés quarenta e ſete peças de artilheria de bronze, em que entravam baſiliſcos, eſperas, e canhões forçados de até quarenta arrateis de pelouro, e outros camelos, e aguias.

D. Fernando de Menezes em quanto provía a Armada, deſpedio hum navio ligeiro com as novas da vitoria a ſeu pai; e elle ficou refazendo a Armada. As noſſas caravelas, que hiam ſeguindo as galés, deram-lhe caſſa até á coſta da India; as ſete ſe recolhêram a Surrate, aonde as caravelas de D.

D. Jeronymo de Castello-branco, de Nuno de Castro, e de D. Manoel Mascarenhas as ensacáram, e se deixáram ficar sobre a barra. As outras duas galés fôram seguindo D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, que as acossáram de maneira, que as fizeram varar, huma em Damão, e outra em Danú, aonde se despedaçáram, e elles se passáram a Baçaim. Francisco de Sá de Menezes, Capitão daquella fortaleza, sabendo o que passava, e de como as outras galés estavam recolhidas em Surrate, negociou dez, ou doze navios em que se embarcou, e se foi pôr sobre aquella barra em companhia das caravelas.

Chegando estas novas a Jorge de Mendoça, Capitão de Chaul, armou com muita pressa outros dez, ou doze navios, em que se embarcou, e se foi ajuntar com Francisco de Sá. Era já isto perto de vinte de Setembro, e aos vinte e tres surgio na barra de Goa D. Pedro Mascarenhas, que vinha por Viso-Rey da India. E porque as cousas que mais succedêram entram em seu tempo, as guardaremos pera a setima Decada seguinte, em que com o favor Divino entraremos, dando primeiro fim a esta sexta á gloria, e honra de Deos nosso Senhor, *que vive, e reina* pera sempre. Amen.

FIM.

00141911

Digitized with financial assistance from the
Government of Maharashtra
on 15 June, 2016